



OBLATOS DE
SAO JOSÉ



REFLEXÕES
SAO JOSÉ
SOBRE



publicado in 2020

Na celebração do

OBLATOS DE SÃO JOSÉ

**2019 ANO
DE
SÃO JOSÉ**

**ELE SE LEVANTOU
DURANTE A NOITE,
TOMOU CONSIGO
O MENINO E
SUA MÃE.**

MATEUS 2,13-14



*comemorando
130 anos de **Quamquam Pluries**
e
30 anos de **Redemptoris Custos***



A P R E S E N T A Ç Ã O

Em 23 de janeiro de 2019, referindo-se à Resolução 5 do XVII Capítulo Geral, o Superior Geral anunciou a celebração do Ano São José em nossa Congregação. A abertura oficial foi no dia 19 de março de 2019, na solenidade de São José, esposo da Bem-Aventurada Virgem Maria.

A recorrência de alguns aniversários importantes levou-nos a dar vida a esta iniciativa: o 30º aniversário da Exortação Apostólica Redemptoris Custos de São João Paulo II, o 130º aniversário da Encíclica Quamquam pluries do Papa Leão XIII e os 150 anos do Decreto Quemadmodum Deus com o qual o Papa Pio IX proclamou São José, Padroeiro da Igreja Universal.

Porém o principal motivo do anúncio deste ano especial foi para nos oferecer uma oportunidade de ir às raízes da nossa espiritualidade, à luz da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja. As palavras do Papa Francisco, durante a audiência concedida aos Padres Capitulares em 31 de agosto de 2018, foram estimulantes e encorajadoras para aprofundar o estudo e a reflexão sobre a figura de São José.

Alguns de nós podem pensar que não fomos capazes de comemorar este ano como gostaríamos, devido à pandemia. Talvez seja assim que São José queria porque, pelo menos no que diz respeito as citações do Evangelho, ele aceitou com fé todo o inesperado, entregando seus próprios projetos nas mãos de Deus. A situação global do covid-19 nos deu a oportunidade de nos concentrarmos mais no nosso Padroeiro, estendendo o ano até 8 de dezembro de 2020, data do 150º aniversário do Decreto Quemadmodum Deus com o qual o Papa Pio IX proclamou São José Padroeiro da Igreja universal.

Durante esse tempo pudemos organizar na Congregação diversos programas de renovação como retiros, encontros de formação, simpósios, seminários e reflexões mensais sobre São José. Assim pudemos estar juntos para conseguir um verdadeiro impulso e fortalecimento de nossa vida e missão, como havia sido previsto por nosso Fundador São José Marelló.

Para tornar o Ano de São José memorável mesmo após o seu encerramento, decidimos publicar um e-book, com um grande acervo de reflexões sobre o nosso Padroeiro. Sou grato a todos os nossos confrades e irmãs Oblatas que contribuíram com suas meditações para este fim. Aproveito para agradecer ao Superior Geral que nos encorajou neste projeto. Obviamente, um pensamento de gratidão ao confrades Pe. Ian Yacat, OSJ pelo trabalho editorial e pela apresentação fascinante.

Que o Senhor continue a abençoar a nossa família religiosa, sobretudo com um aumento de vocações autênticas, por meio da poderosa intercessão de Nossa Senhora das Dores, sob a proteção de São José e com a presença inspiradora do nosso Fundador São José Marellano.



Fr. John Attulli, OSJ

Diretor

Centro Internacional Giuseppino Marelliano





OBLATI DI SAN GIUSEPPE
P. JAN PELCZARSKI, OSJ
SUPERIORE GENERALE

Carta de Indicção do Ano de São José

Aos Oblatos de São José

Caros Confrades,

O XVII Capítulo Geral realizado em Roma de 3 a 30 de agosto de 2018 sobre o tema: "Ele os chamou para estarem com Ele e para enviá-los a pregar" (Mc 3,13-14), em uma atmosfera de oração e partilha elaborou algumas resoluções para fomentar nos Oblatos o crescimento espiritual e o zelo pastoral. Em referimento à 5ª resolução, que trata de algumas ocorrências sobre São José, Guardião do Redentor, gostaria de anunciar a celebração do **Ano de São José** em nossa Congregação, a começar oficialmente dia 19 de março de 2019, Solenidade de São José, esposo da Virgem Maria, e a encerrar-se em 19 de março do ano seguinte.

As circunstâncias que sugeriram esta iniciativa podem ser encontradas em diversas datas comemorativas que ocorrem no período 2019-2010: o 30º aniversário da Exortação Apostólica *Redemptoris Custos* (15 de agosto de 1989) de João Paulo II, que, por sua vez, queria comemorar o centenário de promulgação da encíclica *Quamquam pluries* (15 de agosto de 1889) de Leão XIII, sobre a devoção a São José, e os 150 anos do decreto *Quemadmodum Deus* (8 de dezembro de 1870) com o qual Pio IX proclamou São José *Patrono da Igreja Universal*.

Mas a razão mais real e profunda para a nossa iniciativa reside na convicção de que a referência ao nosso Santo Protetor e Padroeiro da Igreja Universal pode ser para nós uma oportunidade providencial para irmos às raízes de nossa espiritualidade, à luz do mais recente ensinamento do Magistério da Igreja; para promovermos uma reflexão mais profunda sobre a herança espiritual que o Guardião do Redentor deixou para a comunidade cristã; e, finalmente, para uma verdadeira renovação e revigoração da missão que estamos realizando.

São José Marelllo foi contemporâneo dos eventos eclesiais que acabamos de mencionar. É sempre útil para nós voltar a ler sua carta ao Pe. José Riccio, onde ele fala sobre a preparação para a proclamação do Patrocínio (L 64) e define São José "modelo de vida pobre e obscura", obre o que irá construir a espiritualidade de sua família religiosa. A este respeito, o Pe. Cortona recorda que o fundador nas conferências que dava aos primeiros Oblatos "amiúde os entretinha sobre a vida interior de São José [...], que nunca se deu totalmente à vida exterior, mas às suas ações unia o espírito de oração" (CORTONA, Giovanni Battista, *Breves memórias, in Studi Marelliani*, (2012), pp. 63 e 64).

A iniciativa de um Ano dedicado ao Guardião do Redentor talvez faça surgir em alguém a questão: é possível que uma figura certamente importante, mas distante no tempo, como a de São José, possa inspirar e transmitir, ainda nos dias de hoje, o compromisso a "servir aos interesses de Jesus" na Igreja?

Ou ainda: vale a pena propor, em nosso tempo, o santo da humildade e do silêncio, como modelo a ser imitado? O que a história dele ainda pode ensinar aos homens do século 21?

Respondo a essas objeções, limitando-me a constatar que é ele, São José, que sempre nos traz de volta ao centro de nossa vocação cristã e religiosa; que nos ajuda a redescobrir os traços da identidade do verdadeiro Oblato; e que propõe à comunidade cristã o seu estilo sempre presente e inconfundível de fidelidade no serviço. Querendo indicar uma palavra que sozinha resuma a missão e a herança espiritual de São

José, basta dizer "Jesus", o nome que nosso Santo foi chamado a pronunciar e a impor no rito da circuncisão (Mt 2, 25); aquele nome do qual São Paulo diz que "está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai" (Fl 2,10).

São José vive profundamente a união com Jesus, contempla-o no mistério da Encarnação e nos mistérios da vida oculta, e, assim, constantemente nos recorda que a vocação à vida consagrada e todas as outras vocações cristãs, consistem sobretudo na relação pessoal com Jesus Cristo. Desta forma, insta-nos a todos para "re-centralizar" a nossa vida em Jesus, que é o único necessário, a partir do qual tudo o resto vem e assume significado e valor. De fato, na escola de São José aprendemos a acolher a Palavra como razão de nossa vida e de nosso apostolado; aprendemos a crescer em fraternidade; aprendemos a fortaleza, condição indispensável para enfrentar os desafios da vida cotidiana do apostolado.

Proponho que, no decorrer deste ano, nos inspirem e acompanhem estas palavras do Evangelho segundo Mateus, para serem aprofundadas na reflexão pessoal e comunitária:

Levanta-te ...

Ele se levantou durante a noite, tomou consigo o menino e sua mãe (Mt 2,13.14).

Levanta-te ... Ele se levantou. O verbo "levantar-se" lembra movimento, vincula-se a uma projeção ascendente e é recorrente na Sagrada Escritura, em diferentes contextos, sempre com sentido positivo: levantar-se, levantar-se depois da queda, levantar os olhos em oração... É um chamado a deixar a postura de sentado ou deitado, para pôr-se em movimento, porque a acomodação não satisfaz as profundas aspirações do coração humano e contrasta com a lógica do Evangelho. Esta palavra pronunciada pelo anjo no sonho, ouvida e bem acolhida, traz uma mudança radical na vida de José. O homem dos "sonhos" está aberto às "surpresas" de Deus e aceita sua vontade, mesmo quando isso perturba sua vida. Três vezes ele sonha e toda vez recebe apenas uma mensagem e uma explicação parcial. Mas, para fazer a vontade de Deus, não é necessário ter uma visão completa da situação, com todas as consequências e possíveis desenvolvimentos. Apenas "luz que baste para o primeiro passo" (H. Newman).

... durante a noite ... Esse adjunto adverbial de tempo evoca o caráter simbólico da noite nas Sagradas Escrituras; destaca e ajuda a entender a espessura do caráter de José, que não recua no momento do desafio. Como pai, ele deve prover à Criança; como cônjuge, ele deve proteger Maria; e isso, não só durante o dia, quando tudo está ensolarado e seguro, mas também à noite, quando os obstáculos parecem ainda mais difíceis de superar.

... tomou consigo o menino e sua mãe ... Em José, admiramos a disponibilidade e a prontidão, virtudes simples e cotidianas que adornam sua figura; mas as palavras do Evangelho revelam que o centro de sua vida e sua missão é Jesus: José obedece à ordem do anjo e esta obediência é indicada a cada vez com uma expressão significativa: "tomou consigo". Tomar consigo mesmo significa guardar, cuidar, compartilhar

o destino das pessoas que estão sob nossa custódia. Quando os membros de uma família ou de uma comunidade consagrada sabem como "tomar consigo" a vida de familiares ou confrades, os relacionamentos pessoais diários adquirem uma nova dimensão e criam um clima de crescimento exponencial.

O Ano de São José oferece-nos, portanto, o convite e a oportunidade de redescobrir a figura do patrono da Igreja universal e de ver nele as características fundamentais da vocação que nos associa ao seu nome como seus Oblatos. Ajuda-nos a reconectar o relacionamento pessoal com ele. Convida-nos a reler e a estudar as publicações dedicadas à sua missão. Torna-se uma oportunidade para compor novos cantos dedicados a ele, em continuidade com a rica tradição musical da Congregação. Compromete-nos a celebrar suas festas com a devida solenidade e talvez organizar e fazer algumas peregrinações aos santuários a ele dedicados. E, finalmente, incita-nos a confiar à sua intercessão os eventos terrenos da Igreja, em confronto com o ambiente hostil do mundo atual. Todas as províncias e delegações, todas as comunidades e todas as obras apostólicas encontrem as modalidades mais oportunas, para que este ano assinale para cada um de nós uma experiência espiritual inesquecível.

O ano de São José é também uma ocasião favorável para expor e ressaltar alguns aspectos e temas fundamentais da vida cristã, ligados à espiritualidade josefina como, por exemplo, a importância da vida interior, o serviço generoso na vida cotidiana, a santidade do matrimônio e da família, e muitos outros.

Exorto, por fim, as Irmãs Oblatas de São José, os Leigos espiritualmente próximos de nós, e todos os Fiéis que frequentam as nossas paróquias e estão envolvidos em nossas atividades pastorais, para que se sintam envolvidos na iniciativa e vivam conosco o Ano de São José, para crescer espiritualmente e responder com generosidade cada vez maior ao chamado do Senhor.

Termino com as palavras do nosso Fundador: "Eamus simul ad Joseph e oremus ad invicem (Vamos juntos a José e rezemos uns pelos outros); e nosso santo Patriarca obtenha de Deus para todos toda a graça oportuna" (L 234, *Epistolario, Opera Omnia*, Editora Impressioni Grafiche, Acqui 2010, p. 586).

**“Diremos, portanto, ao nosso Grande Patriarca:
Eis-nos todos para Ti e Tu sê todo para nós.
Ensina-nos Tu o caminho, sustenta-nos a cada passo,
conduze-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos.
Seja longo ou breve o caminho, plaino ou acidentado,
vejamos ou não com nossos olhos a meta, depressa ou devagar,
contigo estamos seguros de andar sempre bem.”**

Roma, 23 de janeiro de 2019, Festa dos Santos Esposos Maria e José.

Fratelmente,

P. Jas Pelczarski, OSJ



OBLATI DI SAN GIUSEPPE
P. JAN PELCZARSKI, OSJ
SUPERIORE GENERALE

Mensagem de início do Ano de São José

**Aos Oblatos de São José
e a Família Josefino-Marelliana**

Caros Confrades e Colaboradores,

19 de março próximo, celebraremos a solenidade anual de São José, esposo da Virgem Maria. Desta vez, porém, a festa litúrgica assume um significado muito especial para a Família Oblata, porque marca o início do Ano dedicado ao Custódio do Redentor, cujo nome nos orgulhamos de levar.

Nosso santo Fundador escolheu São José como seu Padroeiro e exorta-nos a tê-lo diante dos nossos olhos no caminho da santidade e do serviço ativo à Igreja. No esboço da "Companhia de São José", ele nos dá esta preciosa indicação: "Cada um toma suas próprias inspirações do seu Modelo, São José, que foi o primeiro na terra a cuidar dos interesses de Jesus, que no-lo manteve quando criança, protegeu-o quando menino e fez-lhe o papel de pai nos primeiros trinta anos de sua vida aqui na terra" (Carta 83).

A celebração do dia 19 de março e especialmente a do Ano de São José, como se explica na carta de convocação, oferece-nos a oportunidade de redescobrir a figura do Patrono universal da Igreja, e de ver nele as principais características da vocação que nos associa ao seu nome como seus Oblatos.

O Custódio do Redentor, modelo de vida interior, é uma recordação do essencial e da importância a dar a certos valores que talvez tenham sido obscurecidos ou esquecidos nos últimos tempos.

Um dos maiores desafios do nosso tempo é a integração da vida interior (oração e contemplação) com a missão (apostolado e ministério). Há sempre o risco de permanecer fechados numa espiritualidade isolada da realidade, ou de abandonar-se ao frenesi e à superficialidade das coisas. O Guardião do Redentor ensina-nos que a intensa e profunda vida interior e a proximidade espiritual cheia de amor a Jesus e a Maria são fonte de motivação, dedicação e zelo no serviço.

São José apresenta-se como um homem capaz de harmonizar a vida quotidiana de um operário com a consciência de viver na presença do Filho de Deus. Seu trabalho cotidiano está em sintonia com a contemplação do mistério "escondido há séculos", que "fixou residência" em sua casa (cf. Redemptoris Custos n. 25).

Estamos certos de que a intercessão de São José em favor da Igreja universal é também ajuda e apoio para cada um de nós, no caminho de santidade específico do estado de vida abraçado. Esta mesma ajuda e apoio invocamos também para todos os leigos que colaboram fielmente conosco nas actividades do ministério espiritual e do serviço humano e social, para que também eles possam experimentar, em sua vida cotidiana, a veces permeada de sofrimentos e provações, a alegria de viver na presença de Deus e de servir aos seus irmãos e irmãs como nosso padroeiro São José.

Conceda Deus que o Ano de São José, com a redescoberta da vida de oração e de silêncio e a realização de muitas e variadas iniciativas (litúrgicas, pastorais, culturais e de serviço), traga novo entusiasmo à nossa vida cristã e dê novo impulso ao trabalho pastoral das nossas comunidades paroquiais.

Feliz Festa e Feliz Ano de São José

19 de março de 2019, Solenidade de São José, Esposo da Virgem Maria.

Fraternalmente,

P. Jas Pelczarski, OSJ



OBLATI DI SAN GIUSEPPE
P. JAN PELCZARSKI, OSJ
SUPERIORE GENERALE

Carta para a solenidade de São José Marelo

May 30, 2019

São José - contemplativo não só na ação

Aos Oblatos de São José

Caros confrades,

Há dois anos, participei de um debate na Bolívia sobre a situação atual e o futuro da vida consagrada. Foi interessante diagnosticar o momento presente com o destaque dos vários sintomas positivos e negativos, que são bastante conhecidos pela experiência ou pela leitura das publicações dedicadas ao tema. Afinal, no mundo globalizado, os desafios enfrentados pelos religiosos não são muito diferentes de um continente para outro. No lado negativo, destacou-se também a falta de entusiasmo e a fadiga existencial de alguns religiosos, a falta de vocações e os desafios ligados à vida nas comunidades internacionais.

Não menos envolvente foi a tentativa de encontrar e indicar possíveis caminhos para revigorar a missão das pessoas consagradas, formar comunidades com intensa espiritualidade, suscitar dinamismo missionário e estimular o florescimento de novas vocações. Na busca de receitas úteis, espera-se uma reforma organizacional e estrutural, menciona-se a necessidade de um estilo de vida mais evangélico, mais próximo dos pobres, e enfatiza-se a urgência da missão de fronteira.

Certamente todas as propostas são válidas e têm uma certa relevância, mas, para dizer a verdade, chamou-me à atenção uma intervenção que, evocando a linguagem do Papa Francisco, nomeou a "anemia contemplativa" das pessoas consagradas como um dos fatores da atual crise. Segundo o autor do discurso, a "anemia contemplativa" é o resultado de uma pobre prática de recolhimento, silêncio, oração e meditação sobre a Palavra de Deus. Esta falta traduz-se numa falta de paixão por Jesus Cristo e pela humanidade e numa frágil convicção do valor e da beleza da vida consagrada; e, conseqüentemente, leva a várias frustrações que um certo número de religiosos experimenta hoje. Neste momento histórico, corremos o risco de nos reduzirmos a uma única dimensão e de nos deixarmos dominar pelo ativismo, que não significa necessariamente "tempo dedicado à missão

evangelizadora". Sem os momentos reservados exclusivamente ao estar com o Senhor, as pessoas consagradas tornam-se pouco a pouco como os ramos desprendidos da videira e pouco a pouco o sal da vocação religiosa perde seu sabor.

São José – carpinteiro ocupado e contemplativo

Inspirando-me nas afirmações feitas e aproveitando o Ano de São José que, entre outras coisas, nos convida a reler a *Exortação Apostólica Redemptoris Custos* 30 anos após a sua publicação, gostaria de chamar a atenção para um aspecto do retrato de São José pintado nas páginas deste documento. E a finalidade da minha carta é estimular a reflexão e o estudo sobre a necessidade de uma maior harmonia entre o nosso ser cartuxos e apóstolos, ou seja, entre o amor contemplativo e o amor de serviço que devemos unificar na vida e na missão.

Durante muitos séculos, acreditou-se amplamente que a contemplação era uma atividade reservada a monges e religiosos por causa de sua suposta incompatibilidade com a atividade secular vista como um obstáculo intransponível. Para tornar-se contemplativos teria sido necessário, portanto, deslocar-se para lugares solitários.

No entanto, o *Guardião do Redentor* nos oferece uma interessante lição sobre o tema que estamos focalizando, porque à primeira vista ele não atende à exigência mencionada. Vivendo no mundo, São José foi obrigado a cuidar das tarefas diárias e a manter constantemente uma rede de contatos sociais e profissionais. Além do tempo passado nas ruas da Palestina, suas atividades não parecem ser as mais favoráveis para manter a tranqüilidade, considerada como outra condição para contemplar: como esposo, conhece o sabor da crise matrimonial e passa o tempo em discernimento (cf. Mt 1,18-24); como pai em aflição, procura seu Filho por três dias, e não consegue compreender a ação do adolescente de 12 anos que, sem explicação, se afasta (cf. Lc 2,50); como trabalhador, certamente terá experimentado a precariedade de sua profissão. De resto, como refugiado, é obrigado a deixar o seu país com a família para escapar à ira de um tirano obcecado pelo poder (cf. Mt 2, 14.15).

No entanto, a história da espiritualidade associa o nosso Santo Carpinteiro, envolvido nas tarefas diárias, ao homem contemplativo. A exortação apostólica *Redemptoris Custos* afirma que só aparentemente os Evangelhos privilegiam a sua vida ativa falando exclusivamente do que José "fez", mas nos permitem descobrir em suas "ações", envoltas em silêncio, um clima de profunda contemplação. José estava em contacto diário com o mistério "escondido há séculos", que "fixou residência" debaixo do teto da sua casa". (RC 25). "Ao seu trabalho de carpinteiro na casa de Nazaré estende-se o mesmo clima de silêncio" (ivi).

José, homem justo, esperava a vinda do Messias, escutando e meditando as promessas messiânicas dos profetas. Seu primeiro encontro com Jesus aconteceu quando ele ainda estava escondido no ventre de Maria. Depois, avança pelo caminho da contemplação, testemunhando a adoração dos pastores que chegaram ao lugar do nascimento (cf. Lc 2, 15-16); o seu coração enche-se de admiração ao presenciar a homenagem dos Magos vindos do Oriente (cf. Mt 2, 11); e, depois, na circuncisão, cumprindo as disposições da Lei mosaica, ele tem o privilégio de pronunciar e impor ao menino o nome de Jesus, que lhe tinha sido revelado no momento da sua "anunciação": "E tu o chamarás Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" (Mt 1, 21).

José contempla seu Filho nos lugares ordinários da vida cotidiana: casa, oficina, pátio, rua e assume a atitude de admiração e de maravilha típica das pessoas que encontraram em Jesus a razão de suas vidas.

"...aquela feliz síntese que o Marelo deixou a vocês..."

O título deste parágrafo vem do discurso do Papa Francisco aos participantes do nosso último Capítulo Geral, no qual delineou o retrato ideal do Oblato de São José: "Portanto, encorajo-vos a continuar a viver e a trabalhar na Igreja e no mundo com as virtudes simples e essenciais do Esposo da Virgem Maria: humildade, que atrai a benevolência do Pai; intimidade com o Senhor, que santifica toda a obra cristã; silêncio e escondimento, unidos ao zelo e à laboriosidade em favor da vontade do Senhor, no espírito daquela feliz síntese que Marelo deixou a vocês como lema e programa: "Sede cartuxos em casa e apóstolos fóra de casa". Esse ensinamento, que está sempre vivo na lembrança, empenha a todos vocês, queridos irmãos, a conservar nas casas religiosas um clima de recolhimento e de oração, favorecido pelo silêncio e por oportunos encontros comunitários. O espírito de família cimenta a união das comunidades e de toda a Congregação" (Aos Oblatos de São José, 31.8.2018).

Sem querer entrar nos problemas relativos às diferentes formas de contemplação, limitamo-nos a dizer que este termo deriva do latim *contemplum* ou plataforma que existia diante dos templos pagãos, de onde os sacerdotes podiam examinar e investigar o firmamento – as estrelas e os astros – para adivinhar os designios das divindades pagãs, para então formular os presságios.

Pelo contrário, no sentido teológico, contemplar significa ter "o olhar voltado para o Senhor" (CIC 2709) para adquirir o "conhecimento interior do Senhor" e poder amá-lo mais (CIC 2515). A contemplação ajuda a centralizar a vida em Cristo, conduz à familiaridade com Ele, e favorece o conhecimento íntimo da sua pessoa.

Por outro lado, pode-se falar da dimensão contemplativa da existência, que consiste na atitude de reflexão e de pausa meditativa para tentar integrar experiências e não se deixar dominar pelo vórtice da atividade.

A tarefa de sintonizar e harmonizar o nosso ser cartuxos (vida interior, contemplação, estudo, oração, recolhimento, tempo de reflexão) com a atividade externa (apostolado, gestão do fluxo de informações, rede de contatos sociais virtuais e reais) é um dos nossos desafios. Trata-se, fundamentalmente, de encontrar o equilíbrio entre a oração e o apostolado, entre o anúncio da Palavra de Deus e o tempo dedicado à meditação.

Infelizmente, acontece muitas vezes que a dimensão contemplativa é a primeira vítima de tantos compromissos diários. A cultura atual não ajuda a alimentar uma atitude contemplativa. Imersos em tantos estímulos, corre-se o risco de viver na busca contínua de satisfazer necessidades imediatas, e na ansiedade do ativismo.

Mas, ao mesmo tempo, a dimensão contemplativa é um dos segredos da renovação da vida pessoal e da vida consagrada, porque conduz ao conhecimento experimental de Cristo. Só quem O ouviu, viu com os próprios olhos, contemplou e tocou com as próprias mãos, pode dar um verdadeiro testemunho d'Ele (cf. 1Jo 1,1). Acrescente-se que esta atitude interior não isola a pessoa da história

e da Igreja, mas ajuda a ver a realidade sob uma nova luz e permite tirar daí a força e o apoio para o apostolado.

O nosso Fundador admirava precisamente esta dimensão profunda do *Guardião do Redentor*: "Mas o ponto da vida de São José sobre o qual mais entretinha os seus filhos amados era a vida escondida desse grande Patriarca com o seu amado Jesus. A sua vida estava toda escondida com Jesus em Deus. Aqui estão todas as suas grandezas e todos os seus méritos, tal é a sua verdadeira vida. É nisso que Deus o propõe como modelo para toda a Igreja. Mas mais amiúde o Fundador repetia que, assim como na Igreja havia Congregações religiosas que tinham como finalidade particular meditar sobre as dores de Maria Santíssima, como os Servos de Maria, e outras para meditar sobre a Paixão de Jesus, como Passionistas, assim os Oblatos de São José deviam esforçar-se para imitar o mais de perto possível a vida escondida de São José: 'et vita vestra abscondita cum Christo in Deo'. Felizes aqueles, dizia ele, que compreendem o projeto da vida escondida: certamente darão grande glória a Deus" (G.B. CORTONA, *Brevi memorie*, in *Studi Marelliani*, 1-2 (2012), 63 e 64).

Feliz Festa.

Fraternalmente,

P. Jas Pelczarski, OSJ



OBLATI DI SAN GIUSEPPE
P. JAN PELCZARSKI, OSJ
SUPERIORE GENERALE

ITE AD IOSEPH

O Ano de S. José continua até 8 de Dezembro de 2020

Carta para a Solenidade do Esposo da Virgem Maria

Para a Família Josefino-Marelliana

Caros confrades e amigos,

Tendo em conta os tempos atuais marcados pela agitação causada pela propagação do coronavírus e a fragilidade a que as famílias estão expostas, em resposta à solicitude dos confrades, decidi prolongar a celebração do Ano de São José até 8 de dezembro de 2020. Esta data marcará o cesquicentenário do decreto *Quemadmodum Deus* (8.12.1870) com o qual o papa Pio IX proclamou São José Patrono da Igreja Universal.

A esperança é que, através do nosso empenho e da intercessão do Patrono da Igreja Universal, o espírito de fé seja renovado e o mundo volte a encontrar a paz.

Para o programa destes meses basta consultar as indicações da carta de proclamação do Ano de São José.

O Ano continua

São José, "o mestre silencioso, fascina, atrai e ensina não com palavras, mas com o testemunho brilhante de suas virtudes e de sua firme simplicidade" (Documento de Aparecida, 274). A sua vocação esconde-se à luz do mistério do Verbo encarnado e entre as poucas linhas do Evangelho que, de passagem, traçam a sua figura. Esposo de Maria e pai de Jesus a título único, ele participa estreitamente da obra da redenção, e através dele Jesus é introduzido entre os descendentes do rei Davi e torna-se herdeiro das promessas messiânicas.

No cumprimento da nossa missão, inspiremo-nos no "léxico josefino" que aparece nos Evangelhos e desenha um retrato vívido do nosso Santo. A releitura existencial deste vocabulário rico em essencialidade, inspire-nos no crescimento espiritual e estimule nosso apostolado:

- "Despertar do sono" (Mt 1,24; 2,14) hábito e abrir os olhos para o essencial da nossa vocação e missão.
- "Levantar-se" (Mt, 2,13; 20) da mediocridade ou da queda significa reerguer-se para empreender um caminho que é impossível de realizar sentado ou deitado.
- "Não temer" (Mt 1,20), mas confiar em Deus, mesmo quando Ele nos convida a dar passos que parecem grandes demais para nós.
- "Crescer em idade, sabedoria e graça" (Lc 2,40), abandonando a zona de conforto e vivendo a nossa vocação com gratidão e consistência.
- "Fazer" mais do que falar, seguindo o exemplo daquele que sem digressão e sem virar o nariz "fez" como lhe ordenara o anjo (Mt 1,24; 2,24).
- Dizer "sim" a Deus sempre também "de noite" (Mt 2,14) e não só às vezes e principalmente "durante o dia", ou seja, quando é conveniente.

- "Tornar-se justo" (Mt 1,19), ajustando a existência dia após dia à Palavra de Deus.
- "Para guardar" (Mt 2,14) o próximo e a criação, sem esquecer o coração, a vida interior e o silêncio contemplativo.
- "Procurar Jesus" (Lc 2,44) na Escritura, nos pobres, na história e ter um compromisso fixo para encontrá-lo todos os dias no templo (cf. Lc 2,47).
- "Chamar Jesus" (Mt 1,21) significa invocar o seu santo nome e rezar ad invicem, isto é, uns pelos outros.
- "Ir" (Mt 2,20; 2,23) para anunciar o evangelho pelo caminho da vida e pela palavra e "zelar pelos interesses de Jesus".
- "Receber conosco" (Mt 1,24; 2,13.14) a vida dos outros, partilhando o seu destino e ajudando-os a crescer "em sabedoria e graça" (Lc 2,40).

Ite ad Joseph

Neste tempo de desafios que a igreja e o mundo enfrentam, vale a pena repropor uma famosa e bem conhecida frase bíblica *Ite ad Joseph* (ide a José). Em primeiro lugar, estas palavras recordam a história do Patriarca José do Antigo Testamento, aquele que no tempo da angústia salvou o povo da fome e da morte: "Então a fome espalhou-se por toda a terra do Egito, e o povo clamou ao Faraó por pão. E o Faraó disse a todos os egípcios: "Ide a José, e fazei o que ele vos disser" (Gn 41,55; Sl 105,16-20).

Em vez disso, na plenitude dos tempos, outro José, esposo da Virgem Maria, alimenta, guarda e protege o Filho de Deus; e isto não só durante o dia, quando tudo está ensolarado e seguro, mas também "à noite" (Mt 2,14), quando os obstáculos parecem difíceis de ultrapassar. A missão que Deus lhe confia é a de ser o custodio, o guardião de Maria e Jesus. E esta custódia estende-se então à Igreja (cf. João Paulo II, *Redemptoris Custos*, 1).

Com toda a Igreja imploramos a proteção e a intercessão de São José, e recomendamos-lhe as nossas preocupações, também pelas ameaças que pairam sobre a família humana.

A vós, São José,
*recorremos em nossa tribulação e cheios de confiança solicitamos o vosso patrocínio
 junto com o de Vossa Santíssima Esposa.
 Por esse laço sagrado de caridade que vos uniu à Virgem Imaculada Mãe de Deus,
 e pelo amor paternal que tivestes ao Menino Jesus, ardentemente Vos suplicamos
 que lanceis um olhar benigno
 sobre a herança que Jesus Cristo conquistou com seu sangue,
 e nos socorrais em nossas necessidades com o Vosso auxílio e poder.
 Protegei, ó Guarda providente da Divina Família, o povo eleito de Jesus Cristo.
 Afastai para longe de nós, ó Pai amantíssimo,
 a peste do erro e do vício que amorba o mundo.
 Assisti-nos do alto do céu, ó nosso fortíssimo sustentáculo,
 na luta contra o poder das trevas;
 e como outrora salvastes da morte a vida ameaçada do Menino Jesus,
 assim defendei agora a Santa Igreja de Deus das ciladas de seus inimigos e de toda adversidade.
 Amparai a cada um de nós com o vosso constante patrocínio
 a fim de que, a vosso exemplo e sustentados por vosso auxílio,
 possamos viver virtuosamente, morrer piedosamente e
 obter no céu a eterna bem-aventurança. Amém.*

"Que São José obtenha para a Igreja e para o mundo,
 como para cada um de nós, a bênção do Pai e do Filho e do Espírito Santo"
 (*Redemptoris Custos*, 32).

Roma, 14 de março de 2020.

Com uma saudação fraterna,

P. Jas Pelczarski, OSJ



OBLATI DI SAN GIUSEPPE
P. JAN PELCZARSKI, OSJ
SUPERIORE GENERALE

Carta para o encerramento do Ano de São José

A vós, São José, recorreremos

À Família josefino-marelliana

Caros confrades e amigos,

Em tempos difíceis para os crentes, a 8 de dezembro de 1870, o Papa Pio IX confiava a Igreja à proteção especial de São José declarando-o "Patrono da Igreja Católica". Os fiéis eram exortados a invocar o patrocínio daquele que, no seu tempo, com amor paterno soubera acompanhar Jesus que "crescia em idade, sabedoria e graça perante Deus e os homens" (Lc 2,52). E fora também capaz de cuidar dele e de o defender "dos muitos perigos que ameaçavam a Santa Família". No cumprimento da sua missão, José também sofreu perseguição e exílio, e a sua única recompensa foi poder amar Jesus e sentir-se amado por ele.

"Eu gosto de São José".

O jovem padre José Marelllo testemunhou a proclamação do patrocínio e, numa carta dirigida a um amigo sacerdote, mencionava os preparativos para o evento (cf. Carta 64). Na sua pregação às freiras do Instituto Milliavacca, ele insistia na presente missão do Guardião do Redentor, "que já não precisa de nada para si, mas pede e recebe por nós, que somos os seus devotos afetuosos". (Domingo, 22 de abril de 1888).

150 anos após a proclamação do seu patrocínio, a Igreja, enfrentando os muitos desafios do momento presente, continua a invocar o seu Protetor com as palavras da oração *A vós, São José*, habitualmente proferidas após a recitação do Rosário. Na verdade, pedimos-lhe que nos proteja de erros e vícios, e nos apoie na nossa luta contra o poder das trevas e nos ajude a superar as adversidades.

Há dois anos o papa Francisco, no discurso de abertura dirigido aos nossos capitulares, fez esta confidência: "Eu gosto de São José, ele tem tanto 'poder'! Há mais de quarenta anos, recito a oração que encontrei num antigo missal francês, que diz sobre São José "... dont la puissance sait rendre possible les choses impossibles" (cujo poder sabe como tornar possível as coisas impossíveis). O poder de São José! Nunca, nunca ele disse não. Temos de tomar coragem a partir disto" (30 de agosto de 2018).

Por sua vez, a exortação apostólica *Redemptoris Custos* convida a Igreja a recorrer ao Santo de Nazaré: "também e sobretudo como um conforto ao seu renovado compromisso de evangelização no mundo e de

reevangelização nos países e nações onde a religião e a vida cristã foram outrora tão florescentes, e que estão agora a ser postos à prova. Trazer a primeira proclamação de Cristo ou trazê-lo de volta onde ele é negligenciado ou esquecido" (29).

Um ano para recordar

Ao chegarmos ao fim do *Ano de São José*, é nosso dever, antes de mais, agradecer ao Senhor como São Paulo recomenda: "Alegrai-vos sempre, rezai incessantemente, em todas as coisas agradecei; pois esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco". (1Ts 5,16-18). Foi um acontecimento que nos permitiu redescobrir e repropor a figura do Custódio do Redentor, nosso modelo e inspirador (cf. *Constituições*, art. 3).

Com esta iniciativa quisemos recordar alguns aniversários mas, como foi afirmado na carta de convocação, na origem da iniciativa estava a convicção de que o apelo ao nosso santo Protetor pode constituir para nós uma ocasião providencial para irmos às raízes da nossa espiritualidade e trazer uma verdadeira renovação e revigoração à missão que estamos a levar a cabo.

O apelo *Ite ad Joseph*, feito há mais de um ano, foi acolhido muito favoravelmente pela Família de José Marelló e pelos fiéis que frequentam as nossas paróquias e obras.

E por isto, a todos vós vai o reconhecimento mais sincero.

Desde o início, foram planejadas várias celebrações e promovidos eventos que realçaram o amor e a devoção pelo santo do silêncio operoso. Neste contexto, houve dias de estudo e conferências para destacar alguns dos temas relacionados com a espiritualidade Josefina: exercícios espirituais baseados na teologia de São José, encontros de oração e reflexão, peregrinações e celebrações litúrgicas apropriadas. Foram promovidas iniciativas a favor dos pobres.

Se é difícil fazer um balanço do ano passado, e enumerar todos os eventos que tiveram lugar nas Províncias, entre os eventos significativos celebrados está o centenário da presença dos *Oblatos de São José* no Brasil. Todos nos associamos à ação de graça da Província Nossa Senhora do Rocio recordando o testemunho dos confrades e as obras do apostolado.

O Simpósio Internacional sobre São José e o V Congresso Internacional dos Leigos Josefinos Marellianos celebrado em Curitiba e, mais tarde, a publicação da Carta de Comunhão, reforçaram os laços da nossa família carismática.

Além disso, a entrada em vigor das *Constituições* e do *Regulamento Geral* na Festa dos Santos Esposos pôs em evidência a estreita relação entre São José e a nossa vocação, que nos pede para reproduzir na vida e no apostolado o ideal de serviço tal como ele o viveu (cf. *Constituições*, art. 3). E isto envolve um profundo amor pessoal por Jesus Cristo e pela sua Igreja, o acompanhamento dos jovens, a capacidade de perceber a presença de Deus na história e o estilo de serviço marcado pela simplicidade e pela fortaleza face aos desafios da vida.

Finalmente, com vista ao futuro programa, o III Simpósio Internacional sobre o tema: São José Marelló e a espiritualidade de comunhão.

A missão continua: Ite cum Joseph

É importante considerar o Ano de São José não como um episódio ou um acontecimento fechado em si mesmo, mas sim como uma etapa destinada a despertar o nosso amor pelo grande Patriarca. Não aconteça que, uma vez celebrada a missa de encerramento, viremos a página arquivando tudo e declarando que já foi feito o suficiente. Nosso Fundador confia-nos uma missão precisa e constante: a de vivermos como São José "numa relação íntima com o Verbo Divino" (Carta 37), aprendendo com ele "a cuidar dos interesses de Jesus" (Carta 83) na Igreja. Além disso, com ele somos chamados a realizar "as coisas que a Divina Providência indicar de dia para dia" (*Regras* 1892), "abertos aos sinais dos tempos com especial atenção às várias formas de pobreza, tanto nas pessoas como nos lugares mais carentes" (*Constituições*, art. 4).

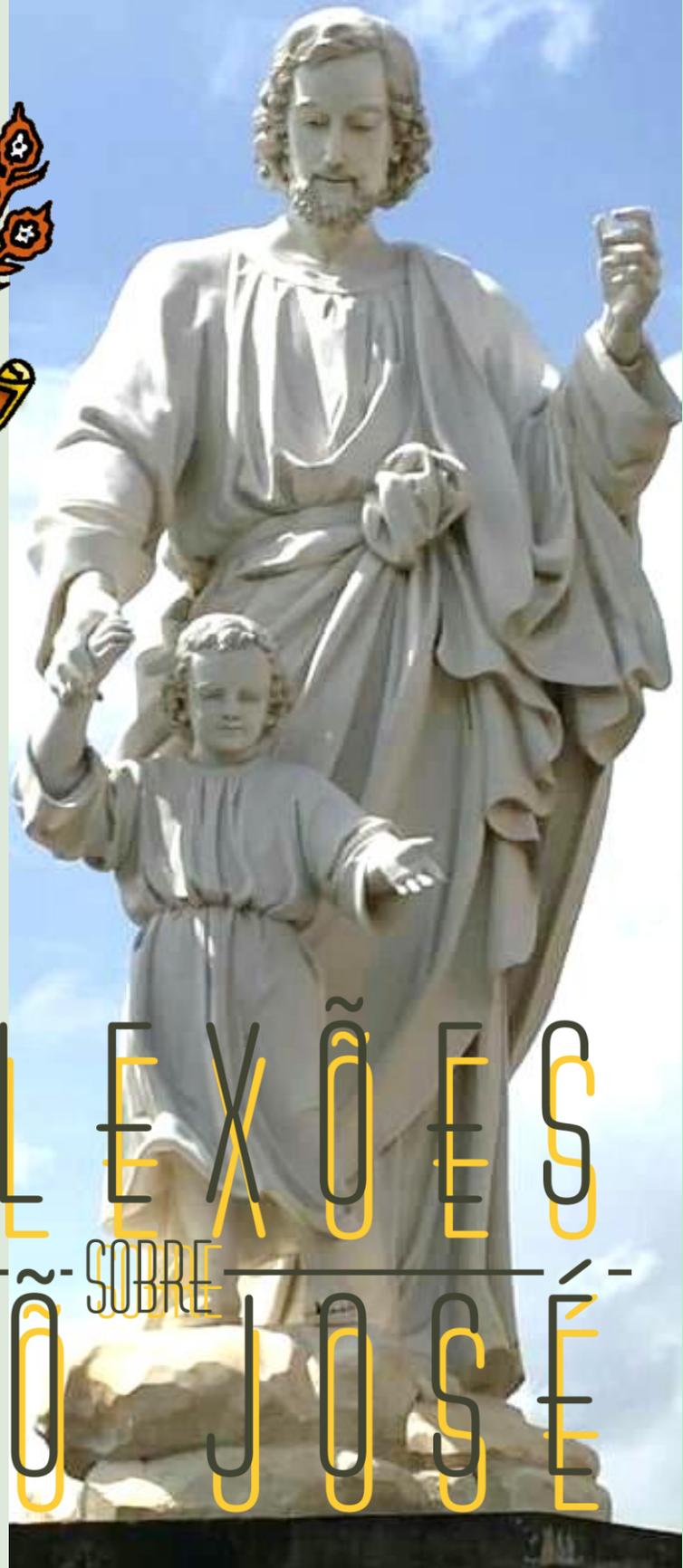
Para recordarmos o Ano que dedicamos ao Patrono da Igreja universal, foi preparado e está à disposição de todos o e-book que recolhe as reflexões dos retiros mensais. Ao retomar e reler estes textos, poderemos encontrar inspiração para nossa viagem.

No mundo pós-Covid-19, no cumprimento da nossa missão, acolhemos com confiança a exortação do nosso Pai e Fundador. Estas são, de fato, as suas últimas palavras dirigidas aos seus filhos: "Estai todos de bom ânimo sob o manto paterno de São José, lugar de refúgio seguro nas tribulações e angústias" (Carta 321). E que Ele "nos apoie em cada passo e nos leve aonde a Divina Providência quer que cheguemos", porque com Ele "temos a certeza de ir sempre bem".

Roma, 8 de dezembro de 2020.
Solenidade da Imaculada.

Fraternalmente,

P. Jas Pelczarski, OSJ



REFLEXÕES

SOBRE

SÃO JOSÉ

Um Tempo de Ouvir. . . JOSÉ DE NAZARÉ no sussurro de DEUS

Pe. Michele Fiore, OSJ



O que aconteceu? Onde viemos parar? Por que tudo isto? Deus, onde está? Talvez estas sejam as perguntas que instintivamente nos temos feito nos últimos tempos. A pandemia reacendeu em nós o sentido do limite, do inesperado, do imprevisível... O perigo de cair nas presas do medo e da angústia não terá certamente sido pouco. Provavelmente ainda temos nos nossos olhos as cenas quase surreais destes acontecimentos recentes. A emergência sanitária da pandemia pode mesmo merecer o nome de apocalipse, no seu significado bíblico mais autêntico. *Foi levantado um véu e foi feita uma revelação sobre a própria igreja, sobre a sua fé, sobre a sua liturgia. E quando o fim da pandemia chegar, será necessário questionar-se e fazer uma grande operação de discernimento evangélico, sem o qual é inútil convidar à conversão. De fato, não basta dizer: "Convertei-vos!" mas, como faziam os profetas e Jesus, é necessário apontar e desmascarar os ídolos que impedem a verdadeira adoração do Deus vivo e, portanto, o seu testemunho à humanidade.*



FUNDAMENTO PARA A ESPERANÇA

Nesta simples reflexão tentaremos questionar-nos sobre o profundo valor, que este tempo de emergência deu de uma forma muito especial a cada crente. Fá-lo-emos na companhia de São José. Quem mais do que ele, especialista no imprevisível e no inesperado, pode abrir ao nosso horizonte uma réstia de esperança?

O momento preciso na sua história em que convido cada leitor a entrar é a vida no Egito. Nascido Jesus, José num sonho receberá a ordem para salvar a vida da criança e de sua mãe, indo para a terra do Egito. Não sabemos exatamente por quanto tempo estiveram naquela terra, mas seríamos levados a pensar che, após os inesperados e imprevistos, José terá começado a experimentar, momentos de estabilidade, paz e tranquilidade. Sabemos muito bem, no entanto, que as coisas não foram bem assim. "Quando Herodes morreu, um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José no Egito e disse-lhe: 'Levanta-te, toma contigo a criança e sua mãe, volta para a terra de Israel, porque aqueles que ameaçavam a vida do menino já morreram'. E levantou-se, levou consigo o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel" (Mt 2,19-21). A passagem continua então com uma anotação tão clara que dissipa mais uma vez qualquer possível dúvida ou má interpretação sobre o protagonismo ativo de José nesta obra divina: "Tendo sabido, porém, que Arquelau era rei da Judeia no lugar do seu pai Herodes, teve medo de lá ir. Depois, avisado num sonho, retirou-se para as regiões da Galileia" (Mt 2, 22-23).

Mais uma vez podemos dizer muito pouco sobre os acontecimentos destas notas evangélicas; mas sabemos que o que pode parecer silêncio, vazio, ausência, na vida de José, esconde em vez os valores mais profundos do coração humano. De fato, sempre que nos deparamos com a sua pessoa, o convite é para reconhecer que ele é um guardião silencioso de tesouros a defender. Para guardar a obra de Deus, para que nenhuma coisa humana manche a sua santidade.

O imperativo tornar-se-á claro para o crente, agora mais do que nunca: ouvir. Pôr-se na escuta da Palavra de Deus a fim de ser iluminados por ela. É a própria Palavra, a Carta aos Hebreus (4,12) no-lo diz, que: "é viva e eficaz, mais afiada que qualquer outra espada de dois gumes; penetra até à divisão da alma e do espírito, das articulações e medula, e examina os sentimentos e pensamentos do coração. É Deus quem primeiro fala ao homem e que por isso pede para ser ouvido, bem acolhido. Pode acontecer esquecermos que a oração cristã é, antes de mais nada, uma escuta. Preferindo dizer a Deus: "Ouvi, Senhor, porque o vosso servo fala convosco", em vez de dizer: "Falai, Senhor, que o vosso servo escuta" (1Sam 3,9).

DO MEDO À CORAGEM

José é o homem da escuta, ou melhor: o sábio, aquele que reconhece em Deus a certeza de um aliado de confiança. Em que pode José de Nazaré iluminar-nos neste tempo de pandemia? O documento do Concílio *Gaudium et Spes* neste sentido parece abrir o caminho para a nossa reflexão, como se fosse um preâmbulo das cenas evangélicas acima mencionadas. É assim que começa o proêmio da Constituição (Nº 1): "As alegrias e as

esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história". Nestes meses de pandemia, todos nos interrogamos sobre o significado de uma experiência tão imprevisível e trágica. A imagem que emergiu delineia toda a fragilidade humana cujas consequências na maior probabilidade acompanharão o futuro. Sofrimentos profundos, como a morte de entes queridos, especialmente idosos; a ausência da proximidade familiar essencial em momentos de medo, consternação e desconcerto; o sentimento de impotência de médicos, enfermeiros e todos os trabalhadores institucionais; dúvidas e crises de fé; perda de trabalho; limitação das relações sociais. A pandemia terá certamente despertado aqueles que pensavam poder dormir em segurança no leito da injustiça e da violência, da fome e da pobreza, da guerra e da doença: desastres causados em grande parte por um sistema econômico-financeiro baseado no lucro que não integra a fraternidade nas relações sociais e na custódia da criação. O Coronavírus abalou a superficialidade e a despreocupação, denunciando outra pandemia, não menos grave: a da indiferença.

Sabemos, contudo, que o cristão é chamado a reconhecer e interpretar os sinais dos tempos, invocando o dom do discernimento. A partir disto é possível tentar mudar de perspectiva, não se fixando em causas e efeitos, mas na possibilidade que nos é dada de sermos guardiões da vida.

O coronavírus, mesmo com todo o drama que nos dominou, devolveu a todos alguma possibilidade... O mais evidente aos olhos do cristão terá sido certamente a de recuperar uma realidade fundamental: o agir de Deus.



A questão vem de si: o que está a acontecer pode ser considerado obra de Deus? Uma questão legítima, que se abre aos nossos olhos, horizontes de esperança; diversamente, talvez, da instintiva súplica para libertar-nos deste evento pandémico, que nos encerraria no desespero e no medo cego, à espera de algum sinal do céu.

Pedir a Deus o dom da Sabedoria para entrar, mesmo na tragédia deste evento, naquilo que é de qualquer modo o seu conduzir e acompanhar a história; de modo a colher o momento de salvação.

OPERADORES DE ESPERANÇA

Toda a experiência bíblica tanto do Antigo como do Novo Testamento demonstra uma experiência constante capaz de reconectar cada acontecimento: entrar no plano de Deus, aderir à vontade de Deus; entrar, para compreender com Deus o seu significado. Disto Jesus Cristo será o seu anunciador singular como Filho, na busca contínua da vontade do Pai a que se deve conformar.

Talvez seja precisamente este o lugar onde amadurece a verdade profunda da relação de cada um com Deus. Reconhecer que existe um plano, uma vontade, a de Deus, que fala e questiona. Compreende-se ainda melhor a exortação da Primeira Carta de Pedro (3,15): "Mas adorai o Senhor Cristo nos vossos corações, sempre prontos a responder a quem vos perguntar a razão da esperança que há em vós". Como é que nós cristãos temos sido operadores desse essencial testemunho de salvação na história? A pandemia tem chamado seriamente cada cristão a reconhecer-se como um operador desta esperança. Como ouvimos na parábola (Mt 13,33) do fermento, que escondido e silencioso é capaz de fermentar a massa; ou do convite para ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13).

Temos de reconhecer que ajudamos no relançamento de interpretações teológicas desviantes sobre as origens da pandemia, apresentada como castigo ou flagelo de Deus pelos pecados dos homens. Interpretações de tons moralizantes que têm, embora talvez na sua razoabilidade, o perigo de mercantilizar a misericórdia de Deus no *do ut des*: abundantemente e, em todo caso, derramada na história. Mesmo "a tentação do milagre" apareceu como a única oração a dirigir ao coração de Deus, como se fosse o mágico de serviço, que ao som de uma varinha de condão faria desaparecer o vírus. Tudo isto tem a ver com sagas fantásticas; ao contrário do que o *Temor de Deus* convida como atitude.

A capacidade madura de se dirigir a Ele como a um Pai, reconhecendo-O como Todo-Poderoso no amor.

JOSÉ: ARTESÃO DE PERSPECTIVAS

José de Nazaré também neste tempo se mostra como um mestre de vida, lembrando-nos que: há um plano de Deus no qual entrar e não uma realidade a evitar. A passagem de referência bíblica Mt 2,19-23 apresenta os dois últimos sonhos de José. O pedido é mais uma vez claro. José deve levar Maria e o Menino e regressar à terra de Israel. O que poderia

ter parecido uma trégua para José após a sua fuga para o Egito (Mt 2,13-18) acabará de fato por ser um momento de espera para que a história prossiga de acordo com o coração e a sabedoria divina.

A chamada de José para guardar e salvar as vidas tanto de Jesus como de Maria significava entrar num testamento, num plano preciso, o de Deus. A estabilidade e serenidade certamente alcançadas por este pai e marido serão mais uma vez postas em causa.

Pontualmente, o Anjo voltará para reorganizar os planos, provavelmente os planos de José para o seu futuro. No fundo, aquele homem não está em busca de serenidade, da estabilidade de uma casa, da segurança de um emprego, da felicidade da família. Mais uma vez para José a estrada mostrará dois caminhos: entrar ou não entrar na obra de Deus. O que fará José?

Muito pouco do que planejamos na vida segue uma realização clara, certa ou completa. Há sempre algo que compromete a realização de planos pessoais; encontrar-se, na maioria das vezes, na encruzilhada da escolha de entrar ou não no que parece inesperado e diferente. Entrar ou não entrar nas coisas como Deus quer e não como nós as veríamos. Isto, sim, que é um desafio! E nos altos e baixos de seguir em frente não nos deve surpreender que surjam crises. O que fortalece a maturidade e realiza a estatura de um homem sábio na vida é a capacidade de compreender como lidar com estas crises.

Toda a história de José mostra o inesperado, o diferente, o oposto do que foi imaginado e até o paradoxo do que nunca se teria sonhado. Realista é o momento em que ele será chamado a ter consigo Maria grávida de Jesus; e que não quisesse denunciá-la, declara toda a vontade ativa deste homem. José está a receber um papel, para ser pai e marido; por conseguinte, é chamado a decidir se recusa ou se se dispõe ao sim. Cada vez mais ele compreenderá que o seu sim será moldado pela poderosa mão de Deus e que nada lhe estava a acontecer por acaso.

O momento de crise de José, constante nos quatro sonhos, era para ser continuamente confrontado com uma decisão a ser tomada; chamado a reconhecer se os acontecimentos eram simplesmente fatos humanos, ou situações em que Deus podia operar. O mistério do imprevisível e do inesperado ou gera rebeldia, rejeição, egoísmo; ou torna-se a sussurrada escuta de uma voz que chama à confiança, ao reconhecimento de uma vontade que acompanha e salva.

Acreditar na possibilidade de que ainda hoje a história, as nossas histórias, mesmo com todas as mudanças catastróficas que temos diante dos nossos olhos, estão grávidas de Jesus Cristo: este é o verdadeiro desafio do homem na sua relação com Deus.

José aceitará mais uma vez a ordem do Anjo de deixar tudo, a terra confortável e segura do Egito, os seus hábitos, todo o seu mundo construído, para recomeçar e reconstruir tudo. Algo humanamente não simples; a contínua preocupação de reconhecer nos sussurros do Anjo a obra de Deus ou não, e por esta razão ligar-se a ela. José é o homem da vida interior. Ele é o homem da intimidade. Sonhos, pensamentos, sussurros, ações, todos

momentos de profundidade interior. José nunca será deixado sozinho nesta história, sempre e pontualmente receberá o sussurro de uma Palavra, que guardará em segurança; sabendo que a sua história não poderia ser um erro: mantém esta mulher... Dá o nome... Fuge para o Egito... Volta do Egito... Vai para a Galileia... José será chamado a cada vez para entrar na sua missão: aquela que Deus lhe estava dando.

É aqui que está em jogo a possível evolução, crescimento, maturação de cada um deles. Ou a vida está na fronteira entre o visível e o invisível, embora se encontre no meio de uma pandemia entre a consternação e o medo, mas na consciência de que Deus está por detrás das coisas; ou a história é uma simples concatenação de coisas causa/efeito que reconduzem ao inescapável.

José não será um esposo e pai por si mesmo, sê-lo-á segundo Deus. De acordo com a pedagogia de Deus. Entrando a cada vez no plano de Deus.

Estamos no mundo, mas não somos do mundo, porque somos de Deus. A sua experiência convida-nos a reconhecer a vida cristã não como algo barato, de bons deveres e bons sentimentos, o que em certo sentido nos coloca a salvo num suposto *status quo*; desligados da tragédia da realidade. Reconhecer, redescobrir o sentido profundo da vida significa, na maioria das vezes, passar por essa mesma tragédia, para abrir a semente da salvação. O cristão não recebe uma chamada à normalidade. São José torna-se um pai e um esposo de uma forma bem longe do normal. Nada é o mesmo se vivermos como um filho de Deus. A história deve ser olhada através do invisível, caso contrário, permanecerá sempre na horizontal. O xeque-mate jogará sempre entre permanecer na mediocridade ou entrar na grandeza. E para isso será importante permanecer na fronteira entre o humano e o divino.

A instabilidade causada pela pandemia a todos os níveis sociais e de uma forma ainda mais marcante a experiência do confinamento, devolveu em todos a consciência da sensação de impotência. Algo certamente triste, trágico, mas que não deve ser subestimado e descartado. A experiência de não ser o mestre do tempo e da história colocou claramente cada homem perante a possibilidade de discernir a melhor forma de viver o momento histórico; o presente que lhe é dado continuamente como um presente. Ou seja, a possibilidade de acolher, enfrentar e viver a realidade, o próprio mal-estar, o problema, partindo: ou de chorar por si próprio, ou de entrar nesta experiência e vivê-la como uma possibilidade de encontro com Deus.

Se não se abre o coração, estas coisas não são vistas. "Faça-se em mim segundo a vossa Palavra" (Lc 1,38). "Despertado do sono, fez como o anjo lhe tinha dito" (Mt 1,24). De alguma forma a obra de Deus passa por nós. A possibilidade é sempre dupla: ou permanecer fechado, inermes, presos no próprio horizonte, na própria angústia; ou permitir a Deus, através dos acontecimentos, realizar a sua obra. A cada um deles é dada a possibilidade contínua de dizer *sim* ou *não*.

O perigo que o cristão de hoje poderia correr é de considerar a oração, a fé, a relação pessoal com Deus como uma forma de "seguro" contra acidentes. A experiência de José de Nazaré acompanha-nos desta forma para reformular a nossa oração: não, *livrai-nos da*

pandemia... porque no vosso poder, que é o poder do amor, Senhor, tudo podeis; mas infundi em nós o Espírito de Sabedoria para entrarmos no mistério desta história ... História imbuída do "mysterium iniquitatis" que nunca pode ser compreendido sem referência ao mistério da redenção, o "mysterium paschale" de Jesus Cristo.

Entrar no plano de Deus significa recuperar a história na sua totalidade, nessa riqueza de bem que infelizmente é afetada e ferida pelo mal, restaurando tudo como uma possibilidade de vida, mesmo que por vezes perturbada e mais difícil. "Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa, com efeito, toda a história humana; começou no princípio do mundo e, segundo a palavra do Senhor (8), durará até ao último dia. Inserido nesta luta, o homem deve combater constantemente, se quer ser fiel ao bem; e só com grandes esforços e a ajuda da graça de Deus conseguirá realizar a sua própria unidade." (*Gaudium et Spes*, 37).

NO CORAÇÃO DE TODAS AS COISAS: RECONHECER-SE SALVO

A viagem que José fará a cada vez com Maria e Jesus mostrará o coração da experiência dos salvos, ou seja, reconhecer que o objetivo nunca será unicamente a preocupação de se salvar. A salvação pessoal não basta, não é suficiente. A verdade profunda está em reconhecermo-nos como instrumentos de salvação, de esperança... Cada um de nós será então ou o caminho da graça ou um obstáculo da graça. José será um canal de graça. Ele terá necessariamente de acreditar na grandeza da sua história. Para superar a sua própria individualidade, os seus próprios projetos, a ideia de estabilidade e conforto obtida no Egito, para entrar numa vontade, a de Deus.

Ou acreditaremos na grandeza da nossa missão/história, ou seremos medíocres e teremos traído o nosso batismo; ou acreditaremos na importância de certos sofrimentos, acontecimentos históricos catastróficos mesmo com toda a carga de dor e sofrimento que envolvem, como possibilidade, um lugar onde podemos encontrar Deus de uma forma espantosa; ou tudo parecerá tão inelutável que nos sentiremos escravos e esmagados pelo engano do mal. "A Sagrada Escritura, confirmada pela experiência dos séculos, ensina à família humana que o progresso humano, tão grande bem para o homem, traz consigo também uma grande tentação: perturbada a ordem de valores e misturado o bem com o mal, os homens e os grupos consideram apenas o que é seu, esquecendo o dos outros. Deixa assim o mundo de ser um lugar de verdadeira fraternidade, enquanto que o crescimento dos homens ameaça já destruir o próprio gênero humano." (*Gaudium et Spes*, 37). José de Nazaré é o homem sábio capaz de aceitar a situação, o problema, os desafios contínuos, que virão perante ele como a obra de Deus nele. A arte de compreender positivamente para se deixar transformar por problemas na procura contínua de esperança. É o profundo domínio daqueles que aprendem a amar de uma forma genuína e altruísta, atingindo níveis profundos e belos e a consciência do seu próprio coração.

Viver na escola de José é acreditar na grandeza da obra de Deus, na obra do Espírito Santo, dando a Deus permissão para trabalhar. Neste sentido, a experiência de José em acolher Maria e Jesus torna-se singular para nós. O corpo de Jesus é moldado no corpo de Maria, mas é alimentado pelo pão de José. Esta é a grande dignidade das nossas obras: que através

delas possa surgir a ação de Deus. Aqui a fé está em jogo. A fé tem a ver com o acolhimento, este é o primeiro verdadeiro dado a ser reconhecido como nosso. Para acolher, para seguir a obra de Deus. Segui-lo, ir após ele. Acolher a Deus significa permitir que a Sua obra opere em nós; surpreender-nos com graças que nunca teríamos pensado. Chamados a viver, sabendo que há sempre uma obra de Deus a satisfazer. Tomar, guardar, nutrir, esse trabalho. As nossas tribulações são as ocasiões em que nos mostramos crianças.

Dizer sim a Deus é uma graça para pedir incessantemente. É muito difícil, mas possível. É precisamente quando deixamos de nos opor, de rejeitar coisas, pessoas, situações, que vivemos na eternidade, no céu. Dizer sim ao amor de Deus é permitir que a eternidade se abra dentro de nós.

Em suma, o que é que Jesus, José e Maria têm em comum? Isto oferece-nos o estatuto da grandeza do Reino de Deus. Maria: ao acolher o anúncio do anjo. José: em toda a sua atividade como esposo e pai. Jesus: no Getsêmani, como Filho, rende-se à vontade do Pai. "Faça-se em mim segundo a vossa palavra" (Lc 1,38), "Ele fez como o anjo lhe ordenara" (Mt 1,24) e "Não se faça a minha vontade, mas faça-se a vossa vontade" (Lc 22,46). Expressões que dizem a mesma coisa: confiança em Deus. Deste lado, a aventura que conduzirá à redenção. No Getsêmani, a grandeza da nossa luta manifesta-se mostrando à nossa humanidade a capacidade de confiar em Deus.

Voltar a viver na consciência de serem filhos de Deus chamados à confiança é o maior dos desafios dados ao coração do homem. E certamente, esta pandemia tem oferecido esta possibilidade. Em última análise, como homens de fé, cristãos, conscientes da nossa filiação divina em virtude do batismo, reconhecemos que há sempre uma vontade de entrar.

Para além de qualquer discurso razoável, reflexão, consideração, leitura sociológica, econômica, cultural... O cristão é aquele que, chamado a fermentar a história, se reconhece numa história de salvação feita de oportunidades inesperadas; jamais pesada na balança do gosto ou não gosto; sofro mais ou sofro menos. Uma viagem, como o imprevisível e o inesperado, que nos chama sempre à confiança e por isso nos convida ao discernimento profundo do coração à luz da razão.

Mais do que escrutinar a realidade, o crente é chamado a caminhar na história da salvação, que para nós é consumada hoje, agora; bem no meio de uma pandemia, que, embora perturbando todas as nossas realidades estabelecidas, é também um apelo a reconsiderar a verdade íntima e profunda dos acontecimentos: cada história de salvação é um caminho de redenção. O Deus do amor, da ternura, não faz mais do que operar isto.

É-nos sempre devolvida a responsabilidade da escolha, da perspectiva. A capacidade de saber como trabalhar e viver sabiamente nas coisas da vida.

Aprender a cada vez a arte de penetrar nos meandros do Mistério, que, apesar da sua imprevisibilidade e inacessibilidade, se torna uma possibilidade constante de se reconhecer amado e, por isso, capaz e capaz de amar. José de Nazaré era apenas isto.

FÉ

A Fundação do Espírito de Família

Pe. Gregory Finn, OSJ



Se tudo faz parte do plano de Deus, isso só pode ser conhecido e vivido plenamente por nós por meio da vivência da fé (ou seja, no relacionamento com Ele).

Consideremos: É a vontade de Deus que funda toda a criação, que ordena a salvação pela Encarnação, Paixão e Ressurreição de Seu Filho. É Sua vontade que em Seus filhos a santificação deles seja operada pelo Espírito. É pela vontade de Deus que nascemos e que estabelecemos uma relação de graça com Ele a partir do nosso Batismo. Ele elabora a vida terrena para nós como



uma viagem, como uma transformação e realização progressiva daquela santificação, que nos levará à vida no céu. Tudo isso nós sabemos apenas pela fé.

Além disso: segundo a mesma visão de Deus, é Sua vontade que as diferentes famílias religiosas se constituam para favorecer a obra de santificação. Sendo ele a inspiração que inicia este processo misterioso, é também ele quem escolhe o Fundador de cada família religiosa, a quem então é confiada a tarefa divina. É Deus quem faz essa comunidade de fé crescer e continua a convidar outros a se juntarem a ela. Constitui o próprio carisma, que traça um caminho de santidade e define uma forma de servir a favor do Reino de Deus, o torna fecundo para todos os membros da comunidade, para que possam entrar no Reino e conduzir muitos outros.

O convite que Deus faz a cada um de nós é pessoal e único e, conseqüentemente, cada um o percebe de uma forma particular. Algumas pessoas recebem um convite específico para fazer parte de uma família religiosa específica. Visto que o chamado é acompanhado pela graça e pelos dons necessários, espera-se que aqueles que receberam o convite colaborem com Aquele que os chama. Não se trata apenas de pertencer, é também de acolher. A vocação tem caráter familiar, na medida em que cada membro acolhe como irmãos todos os demais membros da família. O chamado aos indivíduos, bem como a sua resposta, se fortalecem e se sustentam mutuamente: este é o desígnio de Deus. O cumprimento do desígnio para os indivíduos e também para a família religiosa caminha sempre junto, o que então conduzirá a um comunhão para ser desfrutada para sempre. Tudo isso pode ser conhecido, abraçado e vivido apenas pela fé.

Nossa fé pessoal é o que nos permite perceber a plenitude da realidade em que vivemos e que vai além de nossos sentidos. Permite-nos chegar a Deus, Senhor de tudo o que acontece, e conhecê-lo profundamente. É a nossa fé que nos mostra o papel que cabe a cada um em tudo o que Deus planeja e dispõe.

Nossa fé pessoal leva ao entendimento: encontrar significados de amor, bondade e realizações providenciais (no contexto da relação pessoal com Deus). Da mesma forma, entendemos como Ele atua nas experiências de pecado, graça, misericórdia, redenção em que estamos imersos, por isso conhecemos nosso papel em tudo, como por que estamos aqui, o que devemos fazer, como devemos fazer e para onde vamos.

Nossa fé pessoal nos leva a responder ao que percebemos e entendemos. Ouvimos e escutamos o que Deus nos mostra e nos diz. Nós abraçamos Seu chamado, então nos tornamos membros de uma família, ou seja, os Oblatos de São José. Temos o compromisso de ser servos do único Senhor e membros ativos desta família religiosa. Com perseverança nos dedicamos a cumprir o que Deus nos pede para fazer. Ao fazer isso, cumprimos nossas tarefas terrenas e, ao mesmo tempo, como indivíduos e como comunidade, nos aproximamos de nossa meta eterna.

Não é isso que está no centro daquela "vida escondida" de São José? Um homem cuja fé, despercebida, mas real e poderosa, no fundo de sua alma, vê e compreende, e que então se compromete com o que o grande e invisível Deus, que ele amou, lhe pede que faça? Só pela fé podemos começar a entrar no mistério da pessoa que Deus, através (da figura e) da inspiração

do nosso Santo Fundador, nos oferece como modelo da nossa vida. É com sua própria fé profunda, comprovada e constante que José é um ouvinte pronto do chamado divino e um cumpridor comprometido da missão de levar Jesus a todos.

Nosso sentido de família como Oblatos de São José depende de Deus que a atualiza, dirige e sustém em nossas comunidades. Ao mesmo tempo, depende de ouvirmos o chamado e do envolver-se de cada um de nós para sermos um membro disponível e eficaz da família dos Oblatos. Além disso, depende de uma perspectiva que dê sentido a tudo o que fazemos parte e que nos sentimos atraídos a fazer, perspectiva essa que só é concedida pela fé.

Perguntas:

1. Pode-se dizer que vivo pela fé? Como eu sei? Como isso aparece na minha vida?
2. Testemunho a mão operante do Senhor em meu chamado e em tudo o que a ele ligado?
3. Vejo claramente a mão condutora do Senhor quanto à fundação da Congregação OSJ, bem como até que ponto seus superiores e membros são guiados? Eu vejo meu lugar e missão nele, o chamado de outros para estarmos lá, a direção que o Senhor deseja que sigamos?
4. Tenho certeza de que Deus me conduzirá como membro desta família religiosa?
5. Reflito sobre a fé de São José (e) o invoco para me ajudar a crescer na fé?
6. Como posso crescer na fé para me tornar um membro mais idôneo da Congregação OSJ?

Estímulos para a comunidade:

1. Nós Oblatos como comunidade: somos vistos como tal, uma família, movidos e reunidos por Deus?
2. Nós Oblatos como indivíduos: somos vistos como homens de fé, membros de uma (comunidade de fé)?
3. Nossa comunidade inspira outras pessoas a buscar sua fé e viver por ela?





JOSÉ UM DE NOS

Pe. Alberto Barbaro, OSJ

Enquanto pensava no que escrever e que contribuição dar à nossa reflexão sobre São José, percebi que estava em uma grande problema. A razão é que não temos muito material sobre este santo. O que sabemos sobre José de Nazaré? Além do nome e de alguns eventos relacionados à infância de Jesus, não temos outras notícias significativas. Ele não diz uma palavra. No episódio da perda e do encontro de Jesus no templo entre os doutores (cf. Lc 2,41-59), é a Mãe que chama o filho, não o Pai: “Filho, por que nos fizeste isto? Eis que teu pai e eu te procuramos angustiados”. Ele fala pouco, na verdade não diz nada e sua linguagem é o silêncio. Por outro lado, ele é um bom ouvinte. Ele está atento à voz do anjo que fala com ele durante o sono.

Ele também prova ser um excelente executor de ordens sempre que o Pai Eterno lhe pede algo. Por fim, realiza trabalhos manuais expressos nas formas mais modestas e extenuantes, aquelas que valeram a Jesus o título de “filho do carpinteiro” (cf. Mt 13,55). O problema é que a vida deste homem, a de um simples artesão, carece de qualquer nota relevante. De alguma forma, pareço reviver o espanto dos habitantes de Nazaré ao ouvir Jesus, eles questionam a sabedoria desse personagem extraordinário, sabendo que ele era filho do carpinteiro. Como se quisesse dizer que de uma vida normal é quase impossível conseguir algo útil e bom. Porém, esta figura tão próxima de Jesus e de Maria, inserida na genealogia messiânica, se examinada com atenção, revela-se tão rica em elementos e significados, que só os simples e humildes sabem reconhecer, apreciar e fazer seus. Acima de tudo, são os simples, e entre eles está José, que nos diz que existem duas formas de compreender e viver a vida que nos foi dada de presente. Um é pensar que nada é um milagre, o outro é estar convencido de que tudo é um milagre. Para pertencer àqueles que estão convencidos de que tudo é um milagre, é preciso compreender a diferença entre viver e existir.

José pertence àqueles que acreditam que tudo é um milagre porque ele viveu uma vida boa. Oscar Wilde era de opinião que viver é a coisa mais rara na face da terra. A maioria das pessoas hoje só existe. Nós, apesar de não termos escolhido viver, devemos aprender a viver. Se existir é um fato, viver é uma arte. Quem vive e acredita que tudo é um milagre não é visionário ou sonhador “de olhos fechados”, pertence à categoria de quem não quer perder o encontro com a normalidade. Na

verdade, hoje, o verdadeiro problema é este: corremos o risco de nos desligarmos definitiva e irreparavelmente da vida quotidiana e, por isso, os sonhos não se realizam. A existência de José, além de ser "ordinário", é uma constante e contínua lembrança da normalidade. Se queremos ser felizes por um dia, basta dar uma festa. Se quisermos que essa felicidade dure cerca de duas semanas, basta fazer um cruzeiro. E se quisermos que dure um ano, temos que herdar uma fortuna. Se nosso desejo é que dure uma vida inteira, então é necessário dar à nossa vida um propósito digno disso. José deu o propósito de sua vida, confiando completamente no Senhor. Obedecendo à vontade divina, nosso carpinteiro de Nazaré nos ensina antes de tudo a viver com sabedoria e profundidade. O seu exemplo permite-nos compreender que uma vida plena consiste, por exemplo, em aliviar o sofrimento das pessoas que encontramos e despertar a confiança nas pessoas a quem nos aproximamos. Para um pai e uma mãe, como o foram José e Maria, significa não apenas olhar para os filhos, mas contemplá-los porque são a expressão de uma inocência e uma pureza que pede para renascer também em nós que a perdemos. José ensina que ter um lugar para ficar, uma casa que seja, é importante; ter alguém para amar é imprescindível, porque isso significa família. No final das contas, ter um lar e uma família é uma bênção.

São José não é um homem diferente e distante de nós. Mesmo que os Evangelhos pareçam sugerir o contrário devido à sua proximidade especial com o Filho de Deus, a Esposa de Maria é uma pessoa próxima e muito semelhante a nós. O pouco que a Sagrada Escritura diz sobre ele certamente o torna um personagem extraordinário, mas não por estes anos -luz de distância de nós. Vamos tentar entender como é possível que um homem tão profundamente amado por Deus possa facilmente ser considerado um de nós.

Estou convencido de que essa proximidade não é apenas para uma vida que oscilava, como vimos, entre a família, a carpintaria e a sinagoga. Como aconteceu com José, pai putativo de Jesus, também para nós nada da vida, da nossa história diz respeito apenas a nós. Frequentemente, temos a ilusão de que tudo está encerrado e estabelecido no que podemos pensar, dizer e fazer. Na realidade, este não é o caso. A história terrena desse homem manso e justo fala de uma ligação entre a terra e o céu. Provavelmente nunca percebemos a presença de um anjo em um sonho. Quantas vezes, porém,



sentimos dentro de nós um pensamento, uma palavra, um sentimento que não vinha de nós. Alguma experiência ou pessoa que nos lembrou que nem tudo se passa no plano horizontal das coisas humanas e que na vida, para quem sabe agarrar e olhar profundamente, existem muitos pontos de encontro com o céu. Não procedemos apenas horizontalmente. Pense na "grade geográfica" formada por paralelos e meridianos: quantos pontos de encontro. Nossa vida como a de José não é só nossa. O vínculo com os outros, um encontro e uma experiência de vida significativa, o desejo de ser melhor, a percepção dos nossos limites, das nossas fragilidades, são alguns dos pontos de encontro entre o céu e a terra; eles são, em certo sentido, nossos "paralelos" que se cruzam com os "meridianos" do céu.

A vida de Joseph sugere que a experiência de cada homem e mulher é um confronto contínuo com o céu. A Venerável Anne Marie Medeleine Delbrêl, mística e poetisa francesa escreveu que "cada pequena ação é um evento imenso no qual nos é dado o paraíso, no qual podemos dar o paraíso. O que importa o que temos que fazer. Tudo o que fazemos não é senão a casca da esplêndida realidade, o encontro da alma com Deus, renovado a cada minuto, cada minuto aumentado em graça, cada vez mais belo para o seu Deus ". Para esta mulher do nosso tempo, até os compromissos e os inconvenientes são ocasiões em que Deus e os homens se encontram: "Eles brincam? Logo vamos abrir: é Deus quem vem nos amar. Uma informação? Aqui está: é Deus quem vem para nos amar. É hora de sentar à mesa? Vamos lá: é Deus quem vem para nos amar. Deixemos fazer ". É uma característica que o aproxima de muitos buscadores incansáveis da "vida plena".

Outro motivo que faz com que este "gigante da fé" não esteja longe de todos os seres humanos nos é sugerido pelas histórias da infância de Jesus. O Filho de Deus nasceu em um contexto difícil e complicado, assim como a existência de tantos homens, comparável a um pêndulo oscilando entre momentos felizes e tristes. As dores e alegrias de São José lembram esta alternância de alegrias e sofrimentos. Eu me pergunto como devem ter sido os pensamentos de José nos dias em que Deus decidiu se tornar um homem entre os homens. Certamente não muito longe da nossa quando fazemos de tudo para não perder a fé diante de situações cada vez maiores, capazes de desmontar certezas e convicções sem misericórdia, como a morte de um ente querido, a perda do emprego ou a insurgência de uma doença grave. José constantemente cruza o caminho de Deus porque ele escolheu deixar a vida falar. Sempre que os acontecimentos narrados pelos Evangelhos parecem negar o que o anjo em sonho havia comunicado ao nosso carpinteiro de Nazaré, especialmente que "não temas", Deus intervém. Como na vida de José, também pela nossa talvez possamos falar de um Deus oculto, talvez silencioso, mas certamente não ausente: devemos poder interceptá-lo. Não é uma tarefa fácil, mas não impossível, contanto que você olhe cada vez mais fundo sem parar na superfície dos eventos.

Ele é um Deus escondido, mas não ausente talvez porque o Todo-Poderoso gosta de pedir a si mesmo, não de se impor. Este também é um aspecto que aproxima este homem manso daqueles que lutam, apesar das adversidades da vida, para manter a fé e continuar a acreditar e a ter esperar.

José deixou-se conduzir pelo Senhor. O carpinteiro de Nazaré nos encaminha para uma santidade anônima e não ostentosa, não feita de atos heróicos mas que se expressa no pequeno, no cotidiano, no usual: "se o pecado é a banalidade do mal, a santidade é a normalidade do bem " Quanto mais nos aproximamos de Nazaré, mais Deus cresce no mundo. A fé tem a ver com a experiência diária de cada pessoa e família. A nós que vemos como a vida quotidiana é exaustiva e que muitas vezes lutamos para ligar a fé à vida quotidiana, José ensina que cada realidade humana pode tornar-se um sinal da presença de Deus, em cada acção, a cada momento pode brilhar o reflexo de uma realidade mais. ótimo. Por isso **José continua sendo um de nós.**

JOSÉ

SERVUM SERVORUM DEI

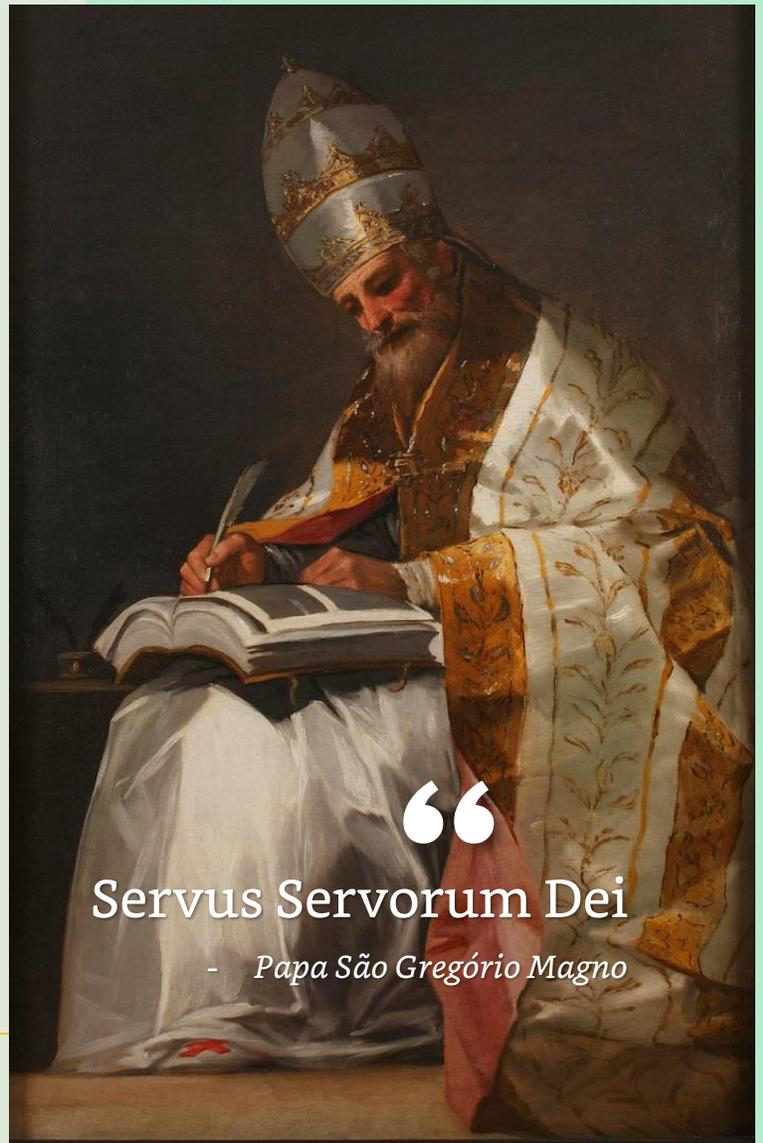
Um Modelo de Vida Sacerdotal & Consagrada & de Serviço

Pe. Michael Odubela, OSJ



O título *Servus Servorum Dei* foi introduzido pelo Papa Gregório I, popularmente conhecido como Papa Gregório Magno (590-604), como forma de representar um caminho de humildade para o Papa, bem como para equilibrar o exaltado título de "Patriarca Ecumênico" concedido ao então Arcebispo de Constantinopla pelo Imperador Bizantino, e desde então o título tem sido reservado ao Pontífice Romano. Sem prejuízo, porém, do uso reservado do título, convido fortemente a refletir sobre ele de uma forma mais ampla, especialmente porque se aplica a nós na vida sacerdotal/consagrada, como Oblatos de São José chamados a servir no amor e, além disso, porque nos convida a refletir sobre a imitação de São José, que sem dúvida viveu o título como um ofício por toda a sua vida (cf. *Redemptoris Custos* 8).

O título *Servus servorum Dei* está enraizado no Evangelho, como se pode facilmente deduzir da passagem em que Jesus indicou que aquele que quer ser grande entre os seus discípulos deve estar pronto para ser um servo (cf. Mt 20,25-27). O "guia do servo" era o estilo de Cristo Senhor que diz de si mesmo:



“
Servus Servorum Dei

- Papa São Gregório Magno

“Eu estou entre vós como aquele que serve” (Lc 22,27). Jesus com este ditado contrapõe a posição do chefe-de-serviço à do “chefe-patrão” que se senta à mesa e espera para ser servido. É muito claro que aquilo a que o Senhor se refere aqui é a disposição do chefe para além da posição ocupada. Um chefe com a justa disposição humilha-se para ser um modelo de serviço àqueles que estão sob os seus cuidados. Ele não os domina e não ostenta autoridade sobre eles (cf. Mt 20,25). Os chefes que se sentem superiores aos outros são facilmente notados pela sua atitude e pelo seu enfoque das coisas e das situações da vida em geral. Sentem-se únicos e especiais, desejando que cada um se curve a seus pés e os cumprimente a cada momento (cf. Lc 20,46). Sentem-se incomparáveis mesmo entre pares, atribuindo a sua posição à sua inteligência e capacidade. Vêm-se como pessoas de sucesso, chamadas a serem servidas e não a servir.

Muito antes de Jesus ter feito do caminho da autoridade como serviço um modelo para os seus discípulos, São José, seu pai legal, viveu e mostrou-lhe o exemplo de um líder que serve. Embora as Escrituras não nos falem das ações de José a este respeito, pode-se, contudo, deduzir do seu estilo de vida que José não era um "chefe autoritário" da família de Nazaré. O seu silêncio é a primeira pista para testemunhar que ele não era um autoritário e não era aquele que procurava ganhar popularidade, sendo o homem sob cujos cuidados o Messias há muito esperado finalmente se manifestava. O silêncio de José, tornado ainda mais forte pela sua humildade, não se devia à ignorância sobre quem era o menino Jesus. Ele sabia com antecedência que a criança a nascer era o Emanuel, o Filho de Deus que gerações há muito esperavam. O encontro com o Anjo Gabriel já lho havia revelado (cf. Mt 1,20); o nascimento do Menino o testemunhava (cf. Lc 2,7-20); a visita dos Magos o proclamava (cf. Mt 2,1-12) e a apresentação do Menino no Templo o selava (cf. Lc 2,22-40).

Não foi por falta de conhecimento ou informações que José não divulgou a sua personalidade nem fez declarações ridículas sobre a sua pessoa em relação ao Filho de Deus, mas foi pelo testemunho consistente de uma vida virtuosa que ele percorreu o caminho da simplicidade. De facto, tinha sido notado, desde o seu encontro com o Anjo, que ele era um homem justo (cf. Mt 1,19). O sentido de



justiça conota a retidão que não lhe permite arrogar-se o que não lhe pertence por direito, nem reclamar falsamente o que não provém da sua própria capacidade ou poder. José, tendo sempre amado e venerado a Deus, sabia que a sua vida era para o cumprimento da vontade de Deus e nada mais queria do que amar e servir a Deus.

Por outro lado, a humildade que José demonstrou quando reencontrou o Menino Jesus no Templo, depois que estivera desaparecido por três dias, fala do fato que ele era um chefe-servo que tinha dado liberdade também à sua esposa, Maria, na gestão dos negócios da família. Ao contrário da tradição judaica do seu tempo, que relegava as mulheres para segundo plano e preferia apenas mostrá-las em vez de as ouvir, José

manteve uma relação equilibrada com Maria, dando-lhe um tratamento caloroso, diferente daquele que talvez agradava às outras mulheres do seu tempo. Lucas diz-nos que foi Maria, a mãe a falar, quando o Menino foi encontrado, mesmo estando ambos os genitores presentes, e não José, o pai (cf. Lc 2,41-52). Depois do reencontro no Templo, o nome e a atividade de José foram mais mencionados em sentido direto e ativo, mas apenas em referência à pessoa de Jesus (cf. Mt 13,55). A sua missão de dar o estatuto jurídico a Jesus como Filho do Homem e descendente de Davi tinha sido cumprida e, como um servo obediente que tinha feito o que devia fazer, afastou-se tranquilamente da cena.

A disposição amável e humilde de José não deve de modo algum ser confundida com uma atitude de deixar ir ou com a atitude de quem se esquia das responsabilidades, como alguns poderiam querer interpretar o episódio do reencontro no Templo quando ele deixou a palavra a Maria (cf. Lc 2,41-52). José estava profundamente imerso nos seus deveres e cuidava da família a ele confiada, tanto que era identificado como o conhecido carpinteiro de Nazaré (cf. Mt 13,55) e considerado um homem justo (cf. Mt 1,19). Era pai e chefe da Santa Família em sentido pleno, e desempenhava os seus deveres não só em relação às necessidades sociais, mas sobretudo em relação à vontade divina (cf. Mt 2,13).

Ser um dirigente ou, melhor ainda, um chefe, significa ter algo que é confiado aos seus próprios cuidados, que pode ser um tesouro, ou um império com um povo que partilha a mesma ideia/visão das pessoas por quem o líder foi escolhido, e que atua como seu súbdito. Em todo caso, onde há um líder, também deve haver alguém para liderar. Muito mais do que governar as coisas, a responsabilidade do líder é, antes de mais, governar outros do mesmo tipo que aquele que governa. José era o chefe da casa de Nazaré e ciente da natureza extraordinária da sua vocação, tinha-se tornado ainda mais humilde. Onde reina maior poder, o administrador torna-se mais humilde, especialmente se percebe a confiança depositada sobre os seus ombros. José sabia o seu lugar como o primeiro membro da Santa Família – sendo o chefe, mas estava ciente da sua indignidade nas coisas do Senhor. Era humilde e não se considerava à altura de nenhum dos principais protagonistas da salvação humana, nomeadamente Jesus e Maria, com quem vivia. Como judeu fervoroso, conhecia a distância entre Deus e o homem e desejava respeitá-la; ouvira as advertências sobre a aproximação da presença do Senhor (cf. Ex 19,12; Ex 40,1-38) e lera que aqueles que vêem o Senhor face a face não permanecerão vivos (*Genesis 32,30; Dt 5,24;*



Juízes 6,22-23, 13,22), mas confiando na misericórdia do próprio Senhor para com aqueles que chama, acreditava ter passado da morte para a vida.

Ao levar o exemplo de São José às nossas várias comunidades, podemos também fazer uma radiografia do nosso papel de Superior/Reitores, Administradores, Párocos e Vigários paroquiais, etc. A comunidade cristã de pessoas, ligada por um modo de vida comum, deve também ser estimulada por um líder (e por líderes nos vários ofícios) que precede os outros em autoridade e responsabilidade. Um Oblato colocado numa posição de liderança deve ser um líder segundo o exemplo dado pelo Senhor Jesus quando diz que o líder deve ser o servo de todos (cf. Mt 20,26; Mc 9,35; Mc 10,44) e quando o põe em prática inclinando-se para lavar os pés aos seus discípulos (cf. Jo 13,12-17). Jesus veio dar-nos vida (cf. Jo 10,10) e mostrar-nos o caminho para nos animarmos uns aos outros. Este caminho, portanto, deve passar pelo humilde serviço que prestamos uns aos outros com sinceridade de coração. Ele diz, depois de lavar os pés aos discípulos, "sabendo estas coisas, sereis abençoados se as puserdes em prática" (Jo 13,17). O Senhor ensina que o serviço do amor é o fundamento para ser abençoado, porque ninguém pode ser verdadeiramente abençoado a menos que tenha alcançado o amor ou a caridade (mesmo que apenas através da oração, conprovado na vida de Santa Teresa do Menino Jesus, que transformou a sua cela numa estação missionária estável, alcançando os missionários em oração) para com os outros. O humilde serviço de São José a Jesus e Maria diz tudo.

A tentação de querer estar associado a grandes responsabilidades ou a altos cargos por vezes faz-nos desprezar as pequenas formas que poderiam facilmente levar à nossa santificação. Não é a grandeza do escritório, a grandeza da paróquia, a altura da responsabilidade que assumimos que conta, mas sim o espírito com que o trabalho é feito. Muitos em Nazaré não sabiam que o céu estava na terra, na pequena casa de São José, porque Jesus não nascera num palácio, mas naquela pequena casa de Nazaré o serviço de José tinha maior recompensa do que a responsabilidade dos reis que reinam nos palácios. Nada deve ser desprezado ou menosprezado quando se trata de servir ao Senhor. Onde quer que haja almas para servir, há sempre Jesus para servir e o Seu interesse para cuidar. Assumir o espírito de São José ao dispormo-nos exclusivamente à obra do nosso Pai sem os condicionar à nossa medida ou ao valor qualitativo do apostolado é o segredo de uma vida de plenitude ao serviço do Senhor.

Devemos sempre recordar as palavras do nosso Fundador: "Se, à semelhança deste grande Padroeiro São José, tu deveses servir a Jesus em cargos modestos e inferiores aos de São Pedro, pensarias que o humilde Guardião de Jesus está mais alto no céu do que o grande Apóstolo" (Carta 282). O mérito não está no tamanho, mas na qualidade, e a qualidade não é medida pelo tamanho, mas pela fidelidade. Recordemos portanto a máxima "Sede extraordinários nas coisas ordinárias", que nos recorda o grande cuidado e fidelidade que os nossos serviços exigem. E na nossa humilde aplicação desta máxima na nossa vida quotidiana pregamos Jesus, amamos Jesus e damos a conhecer o seu ensinamento a todos e a cada um.

São José é aclamado no prefácio da liturgia da sua Missa como "o fiel e sábio administrador que o Senhor colocou como chefe da sua casa". A sua vida é para nós aquele encorajamento que tivemos desde o início do nosso fundador São José Marelló. Esperemos ser servos dos servos de Deus confiados aos nossos cuidados seguindo o exemplo do nosso Patrono e Guia, sabendo que é sempre aos interesses de Jesus que servimos, cada vez que humildemente nos curvamos para viver o nosso apostolado e amar Jesus em tudo o que nos interessa. São José continua a ser o nosso guia seguro, se seguirmos fielmente os seus passos, chegaremos à cidade do amor lá no alto, onde os servos dos servos de Deus são celebrados por toda a eternidade. São José, rogai por nós. Amém

SAO, JOSÉ

O Homem Laborioso

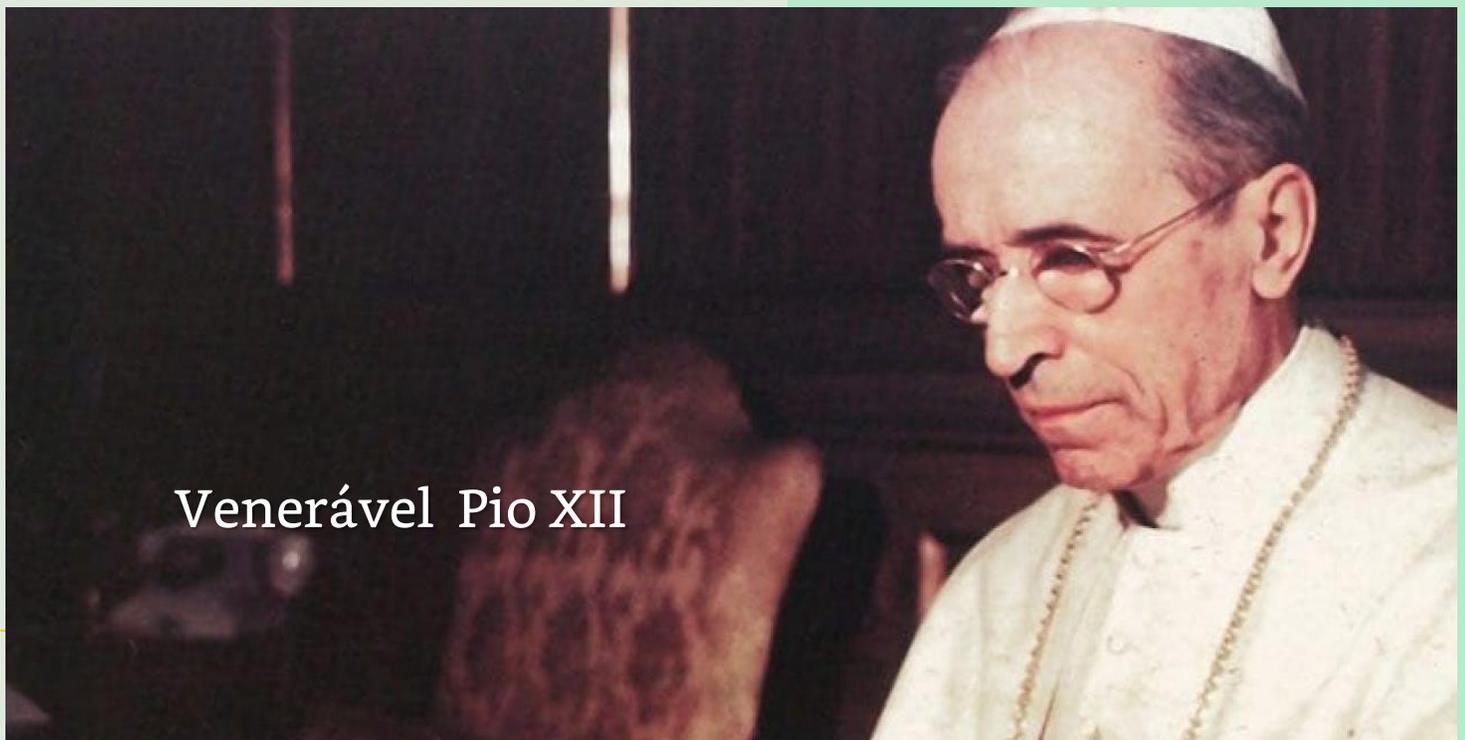
Pe. John Attuli, OSJ



Introdução

Muitas vezes a noção de trabalho está associada à de fadiga. Mas o trabalho é mais do que fadiga, caso contrário as pessoas não se sentiriam tão desorientadas quando o perdem. "Para matar um homem, não é preciso tirar-lhe a vida, basta tirar-lhe o trabalho" (Pino Aprile). É o que provamos neste momento do vírus corona, covid-19.

Nas sociedades modernas, ter um emprego é importante para manter a auto-estima. Mesmo quando as condições de trabalho são relativamente duras, más e repetitivas, o trabalho tende a ser um fator de importância fundamental para o bem-estar psicológico de um indivíduo. Na verdade, o trabalho oferece uma satisfação intrínseca que provavelmente será mais valiosa do



Venerável Pio XII

que o dinheiro ganho. Muitas pessoas dizem que a sua principal preocupação não é saber quanto dinheiro podem ganhar, mas sim conseguir demonstrar que podem exercer bem o seu ofício.

Nos últimos séculos, foi criado um distanciamento entre a psicologia do trabalho e a psicologia religiosa, um distanciamento que tem tido grandes repercussões sociais. E ainda hoje isto mantém muitos homens e mulheres afastados da fé cristã. Este é um dos maiores mal-entendidos da sociedade moderna.

O Papa Pio XII instituiu a festa de "São José Trabalhador" em 1º de Maio de 1955 com a intenção de ajudar os trabalhadores a descobrir o sentido cristão do trabalho, tão plenamente encarnado no humilde carpinteiro de Nazaré.

No livro do Gênesis

No que respeita ao trabalho, a Bíblia oferece princípios de ordem geral e não um tratamento sistemático e profundo. O trabalho é aceitado e apresentado como parte integrante da vida humana e colocado na perspectiva do relacionamento entre Deus e o homem.

O livro do Gênesis apresenta Deus Criador (Gênesis1) como um Deus que trabalha e descansa: em seis dias ele cria o universo. O sétimo dia é a conclusão do trabalho dos seis anteriores, no qual Deus contempla a perfeição do seu trabalho e descansa. O dia de descanso é um dia de bênção. É o dia da bênção de um Deus que não é ocioso, mas que contém em si trabalho, ou seja, dom de si mesmo, fecundidade. *"Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou"* (Gn 1,27). *"O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no Jardim do Éden, para que o cultivasse e o guardasse"* (Gn 2,15). O homem é imagem de Deus e colocado por Deus no jardim, a ele é confiada a tarefa de guardá-lo e cultivá-lo. *"O homem é, portanto, como o seu Deus, um ser que trabalha e descansa. Tanto o "trabalho" como o "descanso" fazem parte da imagem de Deus"* (A. Bonora, Trabalho, in NDTB, p. 778). Ser a imagem de Deus e a bênção divina coloca toda a vida do homem, incluindo o trabalho, no contexto da relação com o próprio Criador.

No relato do capítulo três do Gênesis lemos que o homem quer estabelecer os critérios do seu ser e agir fora do contexto da sua relação com Deus e da sua obra de amor. Ele segue a mensagem da serpente na direção de uma vontade mesquinha e egoísta de dominar. Por isso, lemos em Gn 3,17-19, Deus voltou-se para o homem e disse: *"Porque ouviste a voz da tua mulher e comeste da árvore de que te havia mandado: Não comas dela, maldita seja a terra por tua causa! Com tristeza, hás de tirar dela o nutrimento para todos os dias de tua vida. Espinhos e cardos ela produzirá para ti e comerás erva do campo. Com o suor do teu rosto comerás o pão; até que voltes a ser terra, porque dela foste tirado; pó és tu, e ao pó voltarás!"*. A partir desse momento, a humanidade obterá alimentos com trabalho, enquanto no Jardim do Éden se contemplava o trabalho, mas este não estava associado à fadiga e à dor.

Portanto, o primeiro impacto com o trabalho no relato do livro do Gênesis é contraditório: o trabalho marca a natureza fundamental do homem, mas logo se torna castigo e maldição.

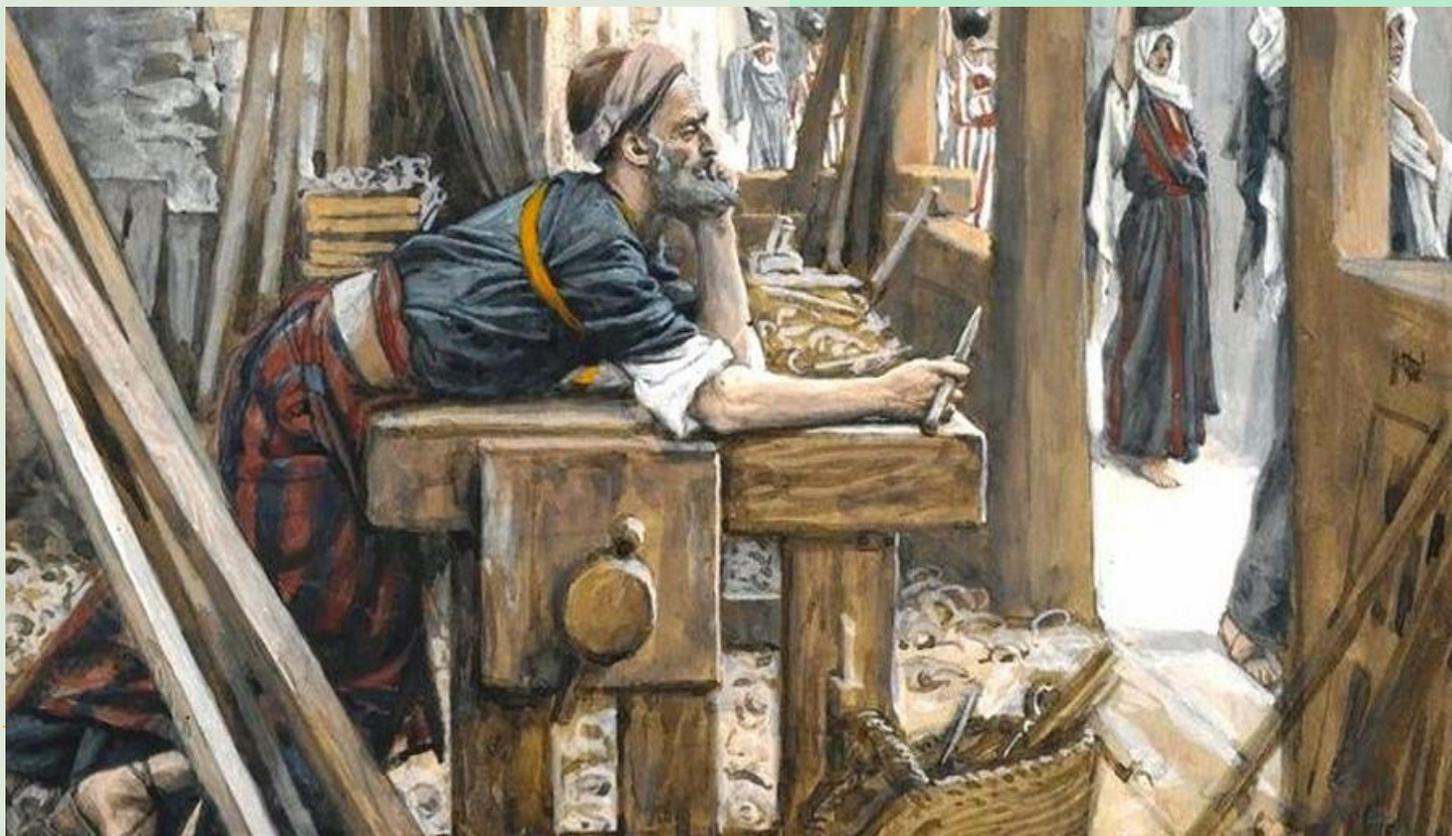
Na tradição judaica

Esta conotação negativa do trabalho foi transformada num valor positivo na tradição judaica. Uma dimensão correta da labuta humana é restabelecida na seguinte reflexão bíblica. O trabalho é apreciado e considerado como uma dimensão fundamental do homem desejado por Deus numa relação correta com Ele e com a criação. O trabalho não deve tornar-se um ídolo ou um valor absoluto, mas deve permanecer sempre ligado à oração e subordinado ao dia de descanso, um dia dedicado exclusivamente ao culto a Deus.

Na tradição judaica, o trabalho está intimamente relacionado com a Torá. Um pensamento do sábio Gamaliel é muito significativo a este respeito: "É bom que o estudo da Torah seja acompanhado de alguma ocupação lucrativa, porque a atividade gasta em ambos está longe do pecado: enquanto que quando o estudo da Torah não é combinado com outra obra, acaba por fracassar e causar pecado" (citado em Elena Bartolini, *Il lavoro nella tradizione ebraica*, em *Il lavoro opera delle nostre mani*, 101).

Pode dizer-se que a transmissão de conhecimentos práticos que permitem trabalhar está ao nível da obrigação de ensinar a Torah aos seus descendentes. De fato, "se um homem aprende dois parágrafos da Torah de manhã e dois da tarde, e durante todo o dia faz o seu trabalho, é-lhe considerado como se tivesse feito a Torah na sua totalidade" (ibidem, 102). Compreende-se então a obrigação de cada pai ensinar uma profissão ao seu filho. Falhar nesta tarefa é predispô-lo a tornar-se um ladrão. "O homem é obrigado a ensinar uma profissão ao seu filho; quem não ensina uma profissão ao seu filho, ensina-lhe a tornar-se um ladrão" (Talmud).

Apesar do pecado dos antepassados, o desígnio do Criador, o sentido das Suas criaturas e, entre elas, do homem, chamado a ser cultivador e guardião da criação, permanecem inalterados. "Viverás pelo trabalho das tuas mãos, serás feliz e desfrutarás de todas as coisas boas", diz o Salmo 128.



São José, o carpinteiro

No Evangelho São José é chamado de carpinteiro. Quando os nazaretanos ouviram Jesus ensinar na sua sinagoga, disseram dele: "Não é ele o filho do carpinteiro? (Mt 13,55). É bonito para Jesus ser reconhecido como filho do carpinteiro, de um homem simples que trabalha nas coisas da terra, mas que também sabe ouvir e pôr em prática as coisas de Deus

A palavra grega téktôn, que é normalmente traduzida como "carpinteiro", corresponde ao latim faber e indica um artesão que trabalha madeira ou pedra. Na prática, pode-se pensar no trabalho do fabricante de arados e ferramentas para a agricultura, e também de quem lida genericamente com a madeira, o carpinteiro clássico, ou o carpinteiro que fornece as estruturas de madeira necessárias para a construção.

Por conseguinte, não há dúvida de que São José era um verdadeiro operário, um trabalhador, um homem de labuta. Acredita-se que ele foi um carpinteiro que trabalhou todos os dias da sua vida. E com o trabalho das suas mãos assegurou o sustento ao Menino Jesus e à Virgem Maria, participando assim de forma extraordinária no plano da salvação.

José, o mestre do Mestre

"O homem é obrigado a ensinar uma profissão ao seu filho" (Talmud). José ensinou o ofício a Jesus que cresceu em sabedoria e graça, até ao início da sua atividade pública (Lc 2,51-52). Na realidade, ao lado de José, Jesus não só aprendeu o ofício de seu pai como também partilhou e assimilou aquela dimensão humana e concreta que caracteriza o mundo do trabalho: "Não é ele o carpinteiro? (Mc 6:3), isto é, "o estado civil, a categoria social, a condição econômica, a experiência profissional, o ambiente familiar, a educação humana" (Paulo VI, Discurso de 19 de Março de 1964). Assim, a participação de Jesus na obra de José foi muito além de qualquer atividade exercida ocasionalmente ao lado de outro. Trata-se de uma saubmissão, cujo significado qualifica e define toda a vida de Jesus.

Escreve São João Paulo II na *Redemptoris Custos*: "O trabalho humano, em particular o trabalho manual, tem no Evangelho um acento especial. Juntamente com a humanidade do Filho de Deus, ele foi acolhido no mistério da Encarnação, como também foi redimido de uma maneira particular. Graças ao seu banco de trabalho, junto do qual exercitava o próprio ofício juntamente com Jesus, José aproximou o trabalho humano do mistério da Redenção" (n 22). Nutrir e criar o Menino Divino que se preparava para ser vítima e oblação para a redenção do mundo: esta foi a razão que tornou as fadigas de São José santas e altamente meritórias. Por esse seu serviço e participação no mistério da Redenção, a Igreja o venera e propõe como exemplo para os trabalhadores.

Algumas características Josefina do trabalho

Intimidade com Deus. "A vida tem dois dons preciosos: a beleza e a verdade. O primeiro encontrei no coração daqueles que amam e o segundo na mão daqueles que trabalham" (Khalil Gibran). São José possuía estes dois dons por ter um coração que amava e mãos que trabalhavam. A força da obra silenciosa de José veio do seu amor por Deus e por Jesus e Maria. José é aquele que descobriu o amor de Deus pela humanidade e assim aceitou o

plano de Deus de ser o "Emanuel". É desta experiência íntima de fé que procedia a sua força para levar uma vida dura e fazer todo o necessário para cuidar de Maria e de Jesus.

A disponibilidade e obediência à vontade divina. O trabalhador cumpre plenamente a sua vocação, visando antes de mais ganhar os bens celestes (Mt 6,25-34), único e verdadeiro fim último. São José bem compreendeu isto depois de ouvir a voz de Deus através do anjo. Por isso, deu a sua vida a um Projecto que o transcendia, com a aceitação da ordem de ter consignor Maria. José "demonstrou deste modo uma disponibilidade de vontade, semelhante à disponibilidade de Maria, em ordem àquilo que Deus lhe pedia por meio do seu mensageiro" (RC,3).

Confiança na Divina Providência. Nunca teve demasiada preocupação, a ansiedade e a angústia daqueles que não têm fé naquela Providência que alimenta os pardais. Por conseguinte, como homem justo, observou exatamente o descanso semanal de sábado previsto por lei para os hebreus. Deixava a carpintaria quando os deveres das celebrações religiosas lho impunham, ou quando uma vontade especial de Deus o inspirava a empreender peregrinações. Assim ele respeitava e mantinha a primazia de Deus na sua vida.

Justiça e honestidade. Como homem justo, ele sabia que o trabalho é lei para todos. Ele não se rebelou, não se queixou da sua profissão, nem do cansaço. Aliás, trabalhou com assiduidade, paciência e generosidade, cumprindo honestamente as suas obrigações e contratos. Houve muitas ocasiões em que São José sentiu dor e sofrimento devido às injustiças de outros. Mas José permaneceu justo; e a sua justiça não é simplesmente aquela que provém da observância escrupulosa dos mandamentos, mas é a busca integral da Vontade Divina.

Humildade. São José amou e respeitou o seu trabalho. "Um homem que se envergonha do seu trabalho não pode ter auto-respeito" (Bertrand Russell). São José, na sua humildade, não prestou atenção a todas aquelas razões que poderiam parecer boas e que o poderiam ter levado a não se preocupar com coisas materiais: ser descendente do grande Rei Davi, ser esposo da Mãe de Deus, pai putativo do Verbo Encarnado, etc... A humildade ensinou-o a conciliar a sua dignidade com o exercício de um trabalho muito ordinário, humilde e árduo.

Espírito de pobreza e desapego. São José não procurou trabalho para satisfazer a sua ganância por lucro ou riqueza. Ele não queria ser rico e não invejava os ricos. O trabalho nunca foi um ídolo para ele. Estava sempre feliz com a sua vida e com o seu trabalho. Como homem de fé, transformou o trabalho diário num grande meio de exercer as suas virtudes.

Laboriosidade. "Não é ele o filho do carpinteiro?" (Mt 13,55). No Evangelho São José é chamado marceneiro ou carpinteiro. Estas traduções exprimem muito parcialmente o significado da palavra grega téktôn (ὁ τέκτων). Foi dito que, naquele tempo, o carpinteiro era alguém que trabalhava madeira, ferro e pedra, pelo que, era ao mesmo tempos, carpinteiro, ferreiro e pedreiro. Portanto, fazia um trabalho árduo e extenuante. "Qualquer coisa fizerdes, fazei-o de bom grado, como para o Senhor e não para os homens" (Col 3,23). São José, um homem laborioso e justo, é testemunha desta forma de trabalhar.

Conclusão

São José Marelo ensina-nos que é em São José que encontramos a inspiração para a nossa vida e atividade: "A vida de São José foi consumida no trabalho e nos exercícios de piedade, na oração, reconstruindo a vontade de querer consumir tudo no trabalho para manter o Menino Jesus e Maria: tal deve ser a vida dos Oblatos de São José, um entrelaçamento de exercícios de piedade, estudo e trabalho" (Regras 1892,6). O Concílio Vaticano II interrogou-se: "Qual é o significado e o valor da atividade humana? Como devem ser utilizados os seus frutos e recursos? À obtenção de quais fins tnedem os esforços tanto dos indivíduos como das comunidades?" (GS 34). A vida de São José é a resposta a todas estas perguntas. Ele trabalhava para Jesus e Maria. Por isso é invocado *exemplar opificum*, modelo dos trabalhadores, e tem algo a dizer também a nós, Oblatos de São José, que devemos trabalhar "silenciosamente operosos" (L 83).

Nosso Fundador não hesitou em recordar o exemplo de São José para dizer que também os Irmãos devem trabalhar, distribuindo sabiamente o tempo entre o estudo e o trabalho: "Que o trabalho intelectual e o trabalho manual estejam juntos em harmonia, como dois meios que conduzem a um único fim: o serviço de Deus na imitação de São José" (Carta 236). Quem se torna membro dos Oblatos de São José escolhe São José como modelo e mestre de sua vida.

É bonito recordar um pensamento do Papa Paulo VI: "São José é o modelo dos humildes que o cristianismo eleva a grandes destinos". São José é a prova de que, para sermos bons e autênticos seguidores de Cristo, não precisamos de "grandes coisas", mas apenas de virtudes comuns, humanas, simples, mas verdadeiras e autênticas".

Rezemos ao nosso santo padroeiro e modelo para que nos ensine a apreciar sempre a beleza de uma vida simples e laboriosa.

Algumas questões para reflexão pessoal e comunitária:

- Estimo e valorizo o trabalho?
- Será que trabalho com honestidade, diligência, paciência, boa vontade?
- Amo e aprecio o trabalho manual?
- Existe um equilíbrio entre "trabalho intelectual e manual" na minha vida?
- Participo no trabalho como discípulo de Cristo, ao estilo de São José?
- O quanto gosto de fazer "coisas habituais de uma forma extraordinária"?



SAÃO, JOSÉ

Esposo de Maria

Pe. Matthew Spencer, OSJ



A reflexão deste mês é guiada pelo título principal dado pela Igreja a São José, ou seja, São José, Esposo de Maria. Aqui, escolhi enfocar três aspectos simples desse papel importantíssimo de São José, e rezo para que essas modestas contribuições os inspirem a uma reflexão mais profunda sobre a importância de São José na vida de cada um de nós como Oblatos de São José.

Não tenhas medo.

Durante meus estudos de teologia, um de nossos professores compartilhou conosco a história do primeiro casamento que presidiu como sacerdote. Ele havia preparado pessoalmente a noiva e o noivo e sabia que eles estavam prontos para esse compromisso para toda a vida. Após a homilia, à medida que o padre se aproximava do casal, percebeu que o noivo suava muito e parecia aborrecido. Conforme o ritual progredia, o noivo ficava cada vez mais agitado. Ele começou a choramingar e gemer como se estivesse em agonia, e o padre ansiosamente tentou se mover mais rapidamente através do rito.

Quando chegou a hora de o casal trocar o consentimento e professar seus votos um ao outro, o noivo quase desmaiou. Ele gritou e olhou para o padre em pânico e insistiu que não podia continuar. O jovem estava tão assustado, tão oprimido pela natureza de um compromisso vitalício, que ficou paralisado de medo. Meu professor, então um jovem padre, levou o noivo à sacristia por um momento, deu-lhe um copo d'água e o encorajou a relaxar. Eles voltaram ao altar e tentaram continuar novamente, mas em vão. Várias vezes eles voltaram para a sacristia. Cada vez, o padre esperava que o noivo encontrasse forças para continuar; mas todas as vezes o noivo entrava em pânico e não podia fazer a promessa.

No final, quase oprimido pela situação do jovem, meu ex-professor, que presidia o rito matrimonial pela primeira vez, decidiu que ou adiar o casamento ou orientar o jovem de forma

decisiva para fazer a promessa e confiar na ajuda do graça de Deus. Ele escolheu a última possibilidade e, uma palavra de cada vez, guiou firmemente o noivo para fazer a promessa.

Vinte e cinco anos depois, o mesmo casal convidou meu ex-professor para celebrar a missa de aniversário de casamento. Tenho certeza de que ele falou muito na homilia daquela missa de aniversário.

Felizmente, a maioria dos casamentos é menos dramática e menos extressante do que isso. Mas quem pode culpar o noivo por uma reação tão profunda à grandeza de sua vocação? Com efeito, a vocação ao matrimônio é um compromisso total, uma partilha da cruz de Cristo e uma verdadeira imagem da relação entre Cristo e a sua Igreja. O casamento como vocação deve fazer os cônjuges tremerem diante da dignidade e nobre natureza de seu chamado.

Até mesmo nosso padroeiro, São José, sentiu medo com a perspectiva de sua vocação, conforme indicado pelas palavras do anjo em Mateus 1,20. Quando São José teve que enfrentar o apelo sublime para cumprir a missão singular que lhe fora confiada, de ser não só o marido de Maria, mas também o guardião do Redentor, ele experimentou naturalmente o abalo. Por que não? Ele não apenas descobriu que sua noiva havia sido escolhida para ser a mãe do Salvador, mas ele se deparou com a possibilidade de ser o pai terreno do tão esperado Messias. São José reconheceu a beleza daquele momento da história da salvação e teve plena e humildemente consciência de suas próprias limitações e fragilidades. Verdadeiramente diante de uma vocação tão maravilhosa, não se pode deixar de tremer, mesmo por um santo como São José.

Embora nossa vocação como Oblatos de São José seja diferente daquela do casamento, sem dúvida também experimentamos incerteza e inquietações em nossas vidas. Quando deixamos de perceber todo o plano de Deus, podemos ter medo de qual pode ser nosso papel nesse plano.



Quando recebemos uma nova missão de nossos superiores, um novo serviço na Província ou Delegação, ou quando somos solicitados a servir de maneiras muito fora de nossa zona de conforto, podemos tremer e imaginar que certamente essa tarefa não é para nós. . Como São José, também podemos questionar a natureza de nossa vocação e missão. Mas, em vez de ficar paralisados pelo medo, somos chamados, como São José, a colocar nossa confiança no Senhor e a encontrar a paz sabendo que a graça de Deus nos acompanha ao longo do caminho.

De fato, enquanto imitamos São José na sua proximidade com a nossa Mãe bendita,

podemos sentir a mesma reação que ele, um medo porque talvez não sejamos dignos, um medo porque talvez não sejamos capazes, um medo porque talvez haja alguém melhor que nós que deve tomar nosso lugar. Na paz e na tranquilidade, porém, imitamos São José, ouvindo a voz do Senhor que nos é revelada, optando por não temer, aproximando-nos de Jesus e de Maria e deixando que Deus trabalhe em nossa pequenez.

Intimidade autêntica.

Há alguns anos, nossa Província dos Estados Unidos acolheu um jovem como aspirante. Teve muitas virtudes e qualidades que pareciam indicar uma vocação religiosa, e avançou com o aspirantado, o postulado, o noviciado e os votos temporários. Trabalhei com ele pessoalmente nas várias etapas da sua formação e posso testemunhar a sua grande abertura e entusiasmo na procura da vontade de Deus, mas também veio para a Congregação de uma situação familiar que infelizmente é cada vez mais frequente: os seus pais eram divorciados. e ambos se casaram novamente; seus dois padrastos tiveram vários filhos de outros casamentos. Uma vez ele me disse, brincando, que nem mesmo Nossa Senhora, que desfaz os nós, poderia desfazer sua árvore genealógica. Por trás do humor, porém, havia uma verdade impossível de ignorar: sua vida familiar o influenciou profundamente, e nem sempre para melhor. Por fim, esse jovem deixou a formação, em parte porque seu ambiente familiar tornava difícil para ele compreender plenamente o espírito de família e o compromisso em nossa Congregação.

Não há dúvida de que existe uma crise de relacionamento nas famílias modernas, uma crise tão insidiosa quanto dolorosa. A crise da família levou os jovens a lutar para confiar naqueles que são os únicos responsáveis por seus cuidados. Essa falta de confiança se espalha para outros relacionamentos em suas vidas, incluindo seu relacionamento com Deus, e nossos jovens, por sua vez, têm ainda mais dificuldade em construir relacionamentos saudáveis e compreender o compromisso. Como resultado, buscam intimidade e relacionamento de formas destrutivas e insatisfatórias, por meio de desvios e pecados sexuais, alienação e isolamento, ou mesmo por miseráveis substitutos tecnológicos.

No entanto, não são apenas os jovens que enfrentam essas ameaças e tentações. Em nossa própria vida de consagração religiosa, até mesmo confrades com muitos anos de vida consagrada fiel podem se encontrar buscando a intimidade de maneiras erradas e até prejudiciais. A laceração do mundo não poupou a vida religiosa e seus membros.

Nós, Oblatos de São José, porém, temos o exemplo e o antídoto perfeito para superar as aflições do coração que podem nos atacar. Os Santos Esposos, Maria e José, encontraram em seu amor casto um pelo outro a intimidade mais gratificante e autêntica que as criaturas da terra podem experimentar. Como escreveu o Papa São João Paulo II sobre São José, o amor entre Maria e José "foi este amor maior do que um" homem justo "poderia esperar na medida de seu coração humano" (Redemptoris Custos 19). Na verdade, na sua vocação de esposo, São José recorda-nos que a verdadeira intimidade e o amor autêntico se encontram precisamente em conformidade com a vontade de Deus pela castidade.

Como Oblatos de São José, buscamos este amor genuíno na castidade que estava no coração da Sagrada Família, primeiro por nossa integridade e santidade, depois pela santidade e felicidade do mundo. Devemos permanecer vigilantes contra a tentação de substituir a intimidade e a amizade autênticas por imitações fáceis (baratas) que a sociedade moderna procura apresentar. Como Maria e José, nosso compromisso com a castidade é um convite a uma autêntica conexão e relacionamento humano, que encontra sua base em nosso espírito de família e em nossa vida comunitária saudável.

Obediência cheia de fé.

A atual pandemia global criou grande desânimo nos corações de muitos daqueles a quem servimos. Ansiedade com a incerteza do futuro, frustração com a reação do mundo e da Igreja e medo de que as pessoas sofram muito. Há muita preocupação em todo o mundo hoje e nós, como Oblatos, não somos imunes a esses sentimentos e reações.

Mas acredito que temos um modelo para lidar com tempos tão difíceis, o modelo que deve nos tornar ainda mais capazes de perseverar e nos permitir ser um exemplo em tempos tão difíceis. Nosso patrono São José não ficou isento de crises e tumultos. De Belém a Nazaré, do Egito a Jerusalém, São José teve que enfrentar desafios após desafios e dificuldades após dificuldades. Porém, como sabemos pelas Escrituras, sua resposta diante das dificuldades foi uma obediência pronta e fiel às indicações da Divina Providência.

Como marido de Maria e pai terreno de Jesus, São José tentou superar todas as provas ouvindo a voz do Senhor e obedecendo imediatamente.

Essa atitude pode ser difícil de abraçar. pensando que você sabe as coisas melhor. E fica ainda mais difícil quando nossos corações estão ansiosos com tudo o que está acontecendo ao nosso redor. Mas não podemos errar com uma obediência humilde e uma disposição serena, mesmo que as coisas não melhorem tão rapidamente quanto gostaríamos. Maria e José nos mostram com suas vidas que responder às crises com serenidade e mansidão é um caminho seguro para crescer na vida espiritual.

Agradecemos a Deus pelo exemplo de São José em nossa vida e em nossa vocação religiosa. Rezemos para que possamos dissipar todo o medo de nossas vidas, para encontrar conforto e consolação em nosso casto compromisso / dedicação ao Senhor e para permanecer obedientes e em paz, mesmo em tempos de grande provação.

Algumas questões para reflexão pessoal e comunitária:

- Que medos estou enfrentando e como posso reagir melhor?
- Como posso aumentar minha confiança em Deus, que cuida de mim nos momentos difíceis?
- Como meu compromisso com a castidade dá frutos em meu relacionamento com outras pessoas?
- Como posso imitar melhor o amor dos Santos Esposos em minha vida religiosa?
- Como estou enfrentando os tempos difíceis do mundo e da Igreja hoje?
- Como a obediência me ajuda a manter a paz, apesar de meus problemas?

SÃO JOSÉ

Protetor da Igreja Universal

Sesquicentenário do decreto de “Quemadmodum Deus”

Pe. Sebastian Jacobi, OSJ



No Dia 8 de dezembro de 2020 a Igreja recordará o 150º aniversário del decreto *Quemadmodum Deus*, de Pio IX, com o qual São José foi proclamado *Padroeiro da Igreja Universal*. Durante o Concílio Vaticano I, a 9 de março de 1870, uma petição foi apresentada ao papa Pio IX por 38 cardeais, 153 bispos e 43 superiori gerais, solicitando que São José fosse proclamato Padroeiro da Igreja universale (Tal proclamazione, que não foi possível efetuar durante il Concílio, perché interrompido pelos conhecidos acontecimentos políticos, foi feita, depois, por Pio IX em 8 de dezembro de 1870).

Para nós, Oblatos de São José, este decreto tem uma relevância especial. Nosso Fundador, São José Marelllo, esteve em Roma durante o Primeiro Concílio do Vaticano, como secretário do bispo Carlo Savio. A 17 de março de 1870, uma semana após a apresentação da petição ao Concílio, padre José Marelllo escrevia de Roma ao seu amigo padre Giuseppe Riccio: "Na antevigília do



nosso santo Padroeiro, e na altura em que a devoção ao Chefe da Sagrada Família está prestes a tocar o ápice do seu desenvolvimento graças às petições feitas pela Cristandade aos Padres do Concílio Vaticano, não posso deixar de escrever duas palavras... Oremos ambos de acordo no dia do nosso grande Patriarca para que, começando a exaltá-lo nos nossos corações, possamos ser dignos de o ver em breve exaltado por todo o Cristianismo com o título que se lhe está preparando de Patrono da Igreja Universal" (L 64). Para São José Marelló esta era uma notícia importante, que o orientará para uma espiritualidade Josefina de natureza puramente eclesial. Esta espiritualidade Josefina era fortemente inspirada no projeto de uma Companhia de São José, promotora dos interesses de Jesus (cf. L 83), o primeiro passo rumo à nossa Congregação por ele fundada.

SÃO JOSÉ, PROTETOR DA IGREJA UNIVERSAL

O patrocínio de São José foi proclamado, como já disse, em 8 de dezembro de 1870, por Pio IX, através da Congregação dos Ritos, com o decreto *Quemadmodum Deus*, promulgado durante a Missa solene nas basílicas de São João do Latrão, São Pedro no Vaticano e Santa Maria Maior. É um decreto que, nas palavras de S. João XXIII, "abriu" uma veia de inspiração muito rica e preciosa para os sucessores de Pio IX (Carta Apostólica, *São José Padroeiro do Concílio Vaticano II*, 19 de março de 1961).

A história mesma desta disposição tem o caráter de uma aventura. Os documentos pontifícios eram submetidos ao controle do governo italiano, por isso Pio IX driblou legalmente o controle do governo usando não uma bula ou carta papal, mas um decreto da Congregação dos Ritos Sagrados.

E é um documento que marca uma verdadeira guinada. Porque enquanto em documentos anteriores da Santa Sé São José chegava no máximo a ser definido "preclaríssimo esposo da Mãe de Deus", aqui o título de esposo é precedido pelo título de "Pai putativo" do Filho unigênito de Deus onipotente. O documento representa também um pequeno tratado oficial sobre São José, com referência aos seus títulos, grandeza, dignidade, santidade e missão estendida ao mundo inteiro.

A figura de São José é ilustrada através do papel que o Patriarca José desempenhou na história da Salvação. O que José, filho do antigo Jacó, era em relação à vida natural de Israel, São José é em relação à vida sobrenatural dos homens. Pio IX escreve: "Do mesmo modo como Deus colocou aquele José, filho do patriarca Jacó, encarregado de toda a terra do Egito, para que pudesse armazenar trigo para o povo, assim, à chegada da plenitude dos tempos, quando estava prestes a enviar à terra o seu Filho unigênito, Salvador do mundo, escolheu outro José, de quem o primeiro tinha sido tipo e figura, que o fez senhor e chefe da sua casa e de suas posses, e o escolheu como guardião dos seus principais tesouros".

O decreto põe antes de tudo em evidência a dignidade única de São José "constituído por Deus dono e senhor da sua casa, príncipe de todos os seus bens, e eleito para ser o guardião dos tesouros divinos". "De fato, ele tinha como esposa a Imaculada Virgem Maria, de quem Nosso Senhor Jesus Cristo nasceu por obra do Espírito Santo, que entre os homens dignou-se ser reputados filho de José, e a ele esteve sujeito. E aqueles que tantos reis e profetas ansiavam por ver, José não só O viu, mas com Ele habitou, e com afeto paterno O abraçou e beijou; e além disso

alimentou-O com muito cuidado Aquele a quem o povo fiel comeria como o pão descido do céu, para alcançar a vida eterna. Por esta dignidade sublime, que Deus conferiu a este seu Servo fedelíssimo, a Igreja teve sempre em suprema honra e louvor o Santíssimo José, depois da Virgem Mãe de Deus, sua esposa, e imploraa sua intervenção em momentos difíceis".

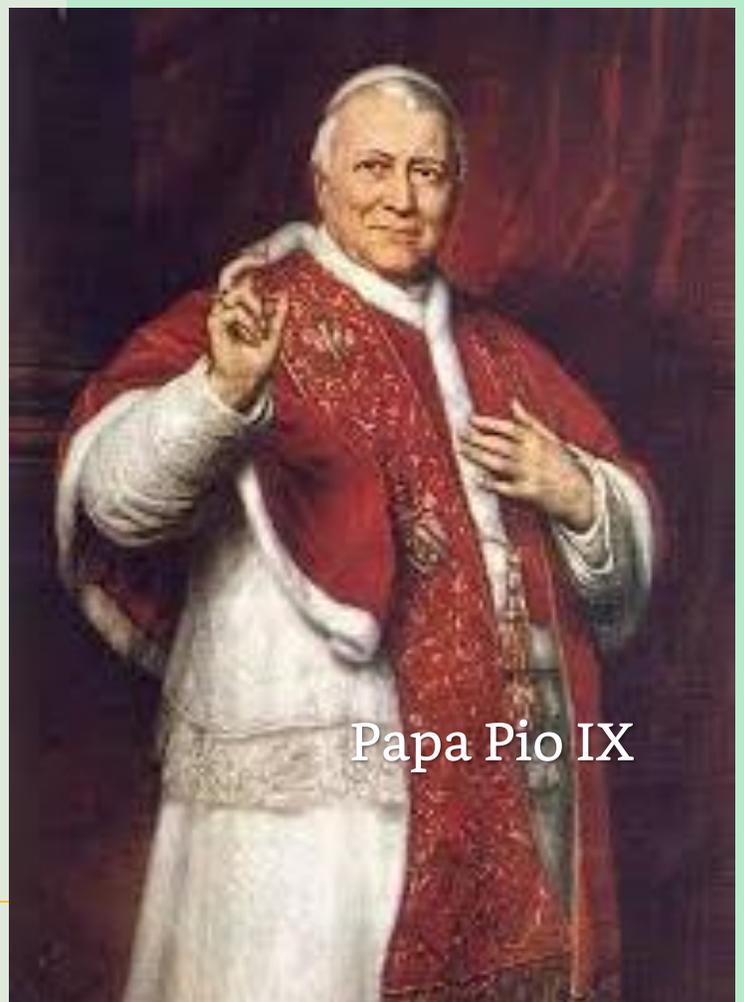
O documento define quão "tristíssimos" eram aqueles tempos: "Agora, uma vez que nestes tempos tristíssimos a Igreja, de todos os lados atacada pelos inimigos, é tão oprimida por tão graves males, que homens ímpios pensaram que, finalmente, tinham as portas do inferno prevalecido contra ela, então os Muito Veneráveis e Excelentíssimos Bispos de todo o orbe católico transmitiram ao Sumo Pontífice as suas petições e as dos fiéis aos seus cuidados, pedindo-lhe que se dignasse a constituir São José Patrono da Igreja Católica".

Tendo então no Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano renovado com mais insistência os seus pedidos e os seus votos, o Santíssimo Senhor Nosso Papa Pio IX, consternado com a condição recentíssima e triste das coisas, para se confiar a si próprio e aos fiéis todos ao mais poderoso patrocínio do Santo Patriarca José, quis satisfazer os votos dos Excelentíssimos Bispos e declarou-o solenemente Patrono da Igreja Católica, ordenando que a sua festa, que cai no dia 19 de março...". (Cf. Pio IX, *Quemadmodum Deus*, 8 de dezembro de 1870).

UM DOCUMENTO DOS TEMPOS TRISTÍSSIMOS

O Papa Pio IX confia toda a Igreja à proteção de São José, num momento muito triste. O longo período do pontificado de Pio IX (1846-1878) foi particularmente atormentador tanto de um ponto de vista político como religioso. A recusa de Pio IX em entrar em conflito contra a Áustria (29 de abril de 1848) foi considerada responsável pelo insucesso da guerra e atraiu tal impopularidade, após a vitória de Carlo Alberto em Goito, maio de 1848, e o armistício imposto por Radetsky em Custozza, julho, que o obrigou a fugir de Roma (24 de novembro). Mesmo após o seu regresso de Gaeta (12 de abril de 1850) com a ajuda dos franceses, Pio IX foi continuamente flanqueado pelo liberalismo anticlerical. As Leis Siccardi (1850), emitidas no Reino da Sardenha, mas depois alargadas a outras regiões italianas, causaram a deportação de bispos, a supressão de colégios e ordens religiosas, a confiscação de bens eclesiásticos e a prisão de padres. Ao mesmo tempo, a perseguição religiosa não esteve ausente em Espanha, Alemanha, Polónia e Rússia.

Desde 1859, a tensão com a Casa de Savóia aumentou, lutando esta para a anexação da Toscana, dos Ducats e das Legações: em 1860 Cavour fez ocupar as Romanhas, as Marcas e a Úmbria, de modo que, após a derrota de



Papa Pio IX

Castelfidardo (18 de setembro), o Papa ficou apenas com Roma e o Patrimônio circundante de São Pedro.

A maçonaria e o anticlericalismo impediram qualquer tentativa de reconciliação entre o governo italiano e a Santa Sé, em particular no que diz respeito à provisão das numerosas dioceses vagas. Em outubro de 1867, os episódios de Garibaldinos devastavam Roma. Finalmente, a 20 de setembro de 1870, através da brecha de Porta Pia, Roma foi ocupada pelas tropas do governo italiano.

Os erros nos campos filosófico, religioso, moral e social andavam de mãos dadas com as convulsões políticas, como comprova a sua condenação, amadurecida após cerca dez anos de reflexão, com a encíclica *Quanta cura* e a famosa lista de oitenta proposições errôneas, chamada *Syllabus* (8 de dezembro de 1864). É fácil imaginar a reação que Pio IX recebeu da parte adversária e as acusações feitas contra o papa de ser contra a civilização e o progresso. (Cf. Tarcisio Stramare, OSJ, *San Giuseppe nella Sacra Scrittura, nella Teologia e nel Culto*, Ed. Piemme, Roma, 1983, p.271).

UM PROTETOR PODEROSO

A Igreja, exaltando oficialmente dignidade e santidade de São José, reconhece em conjunto que



a missão que lhe foi atribuída por Deus em relação ao corpo físico de Jesus também se estende ao seu corpo místico e por isso invoca o seu patrocínio. O subtítulo da *Redemptoris custos – A figura e missão de São José na vida de Cristo e da Igreja* – é uma declaração explícita da "perene atualidade" de São José, cuja missão não é apenas histórica, ou seja, limitada a um tempo e espaço particular, como é o caso de qualquer personagem, mas 'meta-histórica', isto é, envolvido no mistério da Encarnação, ancorado sim a um tempo e lugar particular como histórico, mas não comprimido nos seus estreitos limites, porque participante da paternidade da obra divina da Redenção, "que tem o seu fundamento no mistério da Encarnação" (Cf. *Redemptoris Custos*,1), e estende-se até à plenitude do tempo", que é próprio do mistério inefável da Encarnação do Verbo" (*Redemptoris Custos*, 32). "Toda a Igreja, de fato, já estava lá, com ele, resumida como em germen, já fecundo na humanidade e no sangue de Cristo Jesus; toda a Igreja estava lá na virginal maternidade de Maria Santíssima Mãe de todos os fiéis, que aos pés da cruz

herdaria no sangue do seu filho Jesus. Assim, pequeno aos olhos do corpo, mas grande aos olhos do espírito, a Igreja já estava lá, junto de São José, quando ele era na Sagrada Família o guardião, o pai tutelar. (Cf. PIO XI, *Alocução* de 21 de abril de 1926; Stramare, *La via di san Giuseppe*, Ed. OCD, Roma, 2001, pp.92-93).

"A Igreja o quer protetor – afirma Paulo VI – pela confiança inabalável de que aquele, a quem Cristo quis confiar a proteção da sua frágil infância humana, vqueira continuar do céu a sua missão protetora de guiar e defender o Corpo Místico do mesmo Cristo, sempre fraco, sempre atacado, sempre dramaticamente em perigo" (Cf. Paulo VI, *Homilia* de 19 de março de 1969).

Protetor da Santa Igreja: é, diz São João Paulo II, uma invocação profundamente enraizada na revelação da Nova Aliança. A Igreja é precisamente, o Corpo de Cristo. Não era lógico e necessário que ele, a quem o Pai Eterno confiou o seu Filho, estendesse a sua proteção também àquele Corpo de Cristo, que é a Igreja? Hoje a comunidade dos crentes espalhados pelo mundo, confia a São José e confia ao seu poderoso mecenas as suas necessidades na atual fase difícil da história. Ela invoca a vossa ajuda, ó admirável Guardião do Senhor: "Vós que defendestes Jesus Cristo, Vós que sois o protetor da Santa Igreja". (Cf. S. João Paulo II, *Monterotondo*, Homilias de 19 de março de 1993).

UM PROTETOR DE ATTUALIDADE

A Igreja precisa sempre da intercessão de São José. "A sua proteção é uma defesa eficaz contra os perigos que surgem, e ainda mais um grande apoio na assunção das tarefas da nova evangelização. Hoje, quando a tarefa de evangelização adquire uma particular atualidade, exorto todos a confiarem esta obra com perseverança à intercessão de São José" (cf. S. João Paulo II, *Roma*, Discurso aos Fiéis da Diocese de Kalisz, 6 de novembro de 1997).

Paulo VI convidou-nos a invocar o seu patrocínio "como a Igreja, em tempos recentes, está habituada a fazer, em primeiro lugar, com uma reflexão teológica espontânea sobre a união da ação divina com a ação humana na grande economia da redenção, na qual a primeira, a divina, é por si só suficiente, mas a segunda, a humana, a nossa, embora de nada capaz (cf. Jo 15,5), nunca é dispensada por uma colaboração humilde, mas condicional e enobrecedora. Além disso, a Igreja invoca-o como protetor por um desejo profundo e muito atual de revitalizar a sua existência secular de verdadeiras virtudes evangélicas, tal como elas brilham em São José" ("Ensinamentos de Paulo VI", VII [1969] 1268; cf. *Redemptoris Custos*, N 30).

Com toda a razão, portanto, "ainda hoje temos perdurantes motivos para recomendar todos os homens a São José" (*Redemptoris Custos*, 31), escreve São João Paulo II. "Este patrocínio deve ser invocado e é ainda necessário para que a Igreja não só se defenda contra os perigos emergentes, mas também e sobretudo para confortar o seu renovado compromisso de evangelização no mundo e de reevangelização naqueles "países e nações onde – como escrevi na Exortação Apostólica "Christifideles Laici" – a religião e a vida cristã foram outrora tão florescentes", e que "agora estão sendo postos à prova". Para levar o primeiro anúncio de Cristo ou trazê-lo de volta para onde ele é negligenciado ou esquecido, a Igreja precisa de uma "virtude especial do alto" (cf. Lc 24,49; At 1,8), um dom certo do Espírito do Senhor não separado da intercessão e exemplo dos seus santos" (*Redemptoris Custos*, N. 29).

APÊNDICE: São José no magistério dos papas (1870-2020)

Leão XIII - foi o primeiro papa na história a dedicar ao pai putativo de Jesus uma encíclica inteira, a *Quamquam Pluries* (15 de agosto de 1889), que também continha a oração *A vós, São José* e várias indulgências.

Pio X - aprovou a ladainha de São José (Decreto *Sanctissimus Dominus* de 18 de março de 1909) e convidou os fiéis a honrá-lo na quarta-feira, dia a ele dedicado.

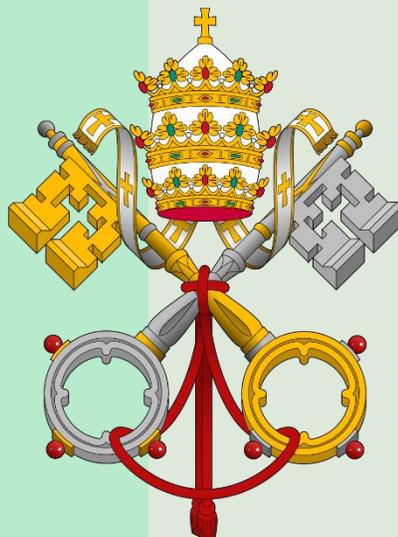
Bento XV - no cinquentenário da proclamação de São José como Patrono da Igreja Universal, dedicou o *motu proprio Bonum Sane* (25 de julho de 1920) a São José como Santo Patrono da Igreja Católica, enquanto Pio XI assinalou repetidamente que a missão de São José estava acima de todas as outras missões, incluindo a de São João Baptista e a de São Pedro (cf. Pio XI, Carta Encíclica *Divini Redemptoris*, 19 de março de 1937).

Pio XII - instituiu a festa de São José Trabalhador (1º de maio de 1955),

João XXIII - nomeou-o patrono do Concílio Vaticano II com a Carta Apostólica "As Vozes que" (19 de março de 1961), que é também um extraordinário resumo da devoção a São José no mundo.

João Paulo II dedicou a São José a exortação apostólica *Redemptoris Custos*, "O Custódio do Redentor" no centenário da *Quamquam Pluries* (15 de agosto de 1989), enquanto que Bento XVI enfatizou repetidamente a excelência das virtudes de São José.

Papa Francisco - iniciando o seu ministério petrino no Dia de São José, dedicou-lhe a sua homilia (19 de março de 2013) e inseriu o nome de São José nas Orações Eucarísticas II, III e IV no Missal Romano (1º de maio de 2013).



SAO, JOSÉ

Ministro da Salvação

Pe. José Antonio Bertolin, OSJ



A Exortação Apostólica *Redemptoris custos* do papa João Paulo II, coloca o ministério de São José ligado ao mistério de nossa salvação afirmando que ele *“foi chamado por Deus para servir diretamente a Pessoa e a missão de Jesus, mediante o exercício da sua paternidade: desse modo, precisamente, ele cooperou no grande mistério da Redenção, quando chega a plenitude dos tempos, e é verdadeiramente ministro da salvação”* (RC 8). Daqui deduzimos qual a sua importância e o quanto ele pôde colaborar no projeto de Deus para a nossa salvação, mediante a aceitação de sua vocação e fidelidade a ela. São José não se nos apresenta como um personagem de importância secundária e muito menos como uma figura decorativa nos planos da nossa salvação.

Deus o escolheu e o designou para uma tarefa específica e esta se torna indispensável que seja conhecida sob pena de não iluminar com clareza e razão o mistério da redenção da humanidade a qual tem o seu fundamento no mistério da encarnação do Filho de Deus do qual José é pai. Portanto, a presença de São José na História da Salvação está ligada ao plano da encarnação, que decretou a pertença do Verbo de Deus à humanidade por meio de sua inserção escondida na instituição da família .

José foi em virtude de sua missão o término de uma “sublime eleição” por parte de Deus a fim de ser entre todos os homens o colaborador direto de Deus, o “pai putativo” do seu Filho Unigênito



e o *“verdadeiro esposo da Rainha do mundo e Senhora dos Anjos”* (SCR, Inclytus Patriarcha Joseph, 10/09/1847).

Estes dois títulos, pai do Filho de Deus e esposo a Virgem mãe de Deus, fazem de José uma figura inalcançável na ordem da santidade, por causa das *“graças singulares e dons celestes com que Deus muito o enriqueceu na perspectiva do encargo a ele confiado. De fato, ele cumpriu com perfeição a função que lhe foi confiada e a missão recebida, colocando-se sem reservas e totalmente à disposição da vontade de Deus”*.

A sua missão é única e grandiosa, pois foi aquela de guardar a virgindade e a santidade de Maria, de cooperar na encarnação do Verbo de Deus e na salvação dos homens. *“Toda santidade de José consiste exatamente no cumprimento fiel e perfeito desta missão tão grande e tão humilde, tão nobre e tão escondida, resplandecente e ao mesmo tempo misteriosa”* (Pio XI, Discurso de 19/03/1928).

Desde o momento em que o Anjo revela a José o seu ministério (Mt 1,21) a sua vida não teve outro sentido nem outra razão senão aquela de servir ao Redentor. O papa Paulo VI exprime essa verdade de forma muito incisiva quando diz: *“São José colocou logo à disposição dos desígnios de Deus toda a sua liberdade, sua legítima vocação humana, a sua própria felicidade conjugal, aceitando da família a condição, a responsabilidade e o peso, renunciando, porém por um incomparável amor virginal ao amor conjugal que naturalmente alimenta e sustenta a família, para oferecer assim com sacrifício total a sua existência às imponderáveis exigências da vinda do Messias”* (Paulo VI, Discurso de 19/03/1969).

Ao contemplarmos a missão de São José como colaborador de Deus no mistério de nossa redenção individualizamos que a sua característica é a *“ter feito de sua vida um serviço e um sacrifício ao mistério da Encarnação e à missão redentora que lhe vai unida e ter usado a autoridade legal que lhe cabia sobre a Sagrada Família, para fazer-lhe dom total de si próprio, de sua vida e de seu trabalho assim como a de ter convertido sua vocação humana ao amor doméstico em uma vocação sobre-humana de si, de seu coração e de toda sua qualidade, no amor posto a serviço do Messias brotado em sua casa”* (Paulo VI, Discurso de 19/03/1966).

Se dentre as figuras realçadas nos evangelhos destacam-se, por sua especial missão, São João Batista e São Pedro, o primeiro por ter sido Precursor de Jesus e o segundo por ter recebido dele em herança a Igreja, *“a pessoa e a missão de José, recolhida e silenciosa, praticamente despercebida e desconhecida por sua humildade”*, como afirmava o papa Pio XI, revela-nos um tipo de ministério tanto mais importante quanto mais escondido, tanto mais necessário quanto menos à vista. Por isso, São José desenvolveu a tarefa que lhe foi confiada na mais perfeita oblação de si e no mais perfeito escondimento, características estas peculiares em sua pessoa.

A atuação de São José foi de certa maneira indispensável para a realização do mistério da redenção da humanidade, pois no desígnio de Deus a vinda do Verbo Salvador na terra para salvar o homem exigia a presença de um esposo para a mãe do Salvador e de um pai para seu Filho aqui na terra. Sua atuação e a lição que nasce de toda a sua vida foi de grande valia na Igreja desde sempre. O papa Paulo VI soube colher bem este seu aspecto ao afirmar que *“São José é o tipo do Evangelho que Jesus irá anunciar como programa para a redenção da humanidade; é o modelo dos humildes que o cristianismo eleva a maiores alturas; é a demonstração de que para sermos bons e autênticos discípulos de Cristo não precisa grandes coisas, mas são suficientes e necessárias as virtudes comuns, humanas, simples nas verdadeiras e genuínas”*.

Nos exemplos proporcionados por São José *“é claro como que Deus espera de cada um de nós aquilo que ele tem todo o direito de esperar, ou seja, a resposta fiel e generosa ao seu chamado, às suas vontades, aos seus desejos, o aproveitamento fiel e diligente do conjunto de dons naturais e sobrenaturais que ele mesmo distribuiu a cada um, segundo as condições diferentes de vida, segundo os diferentes deveres do estado de*

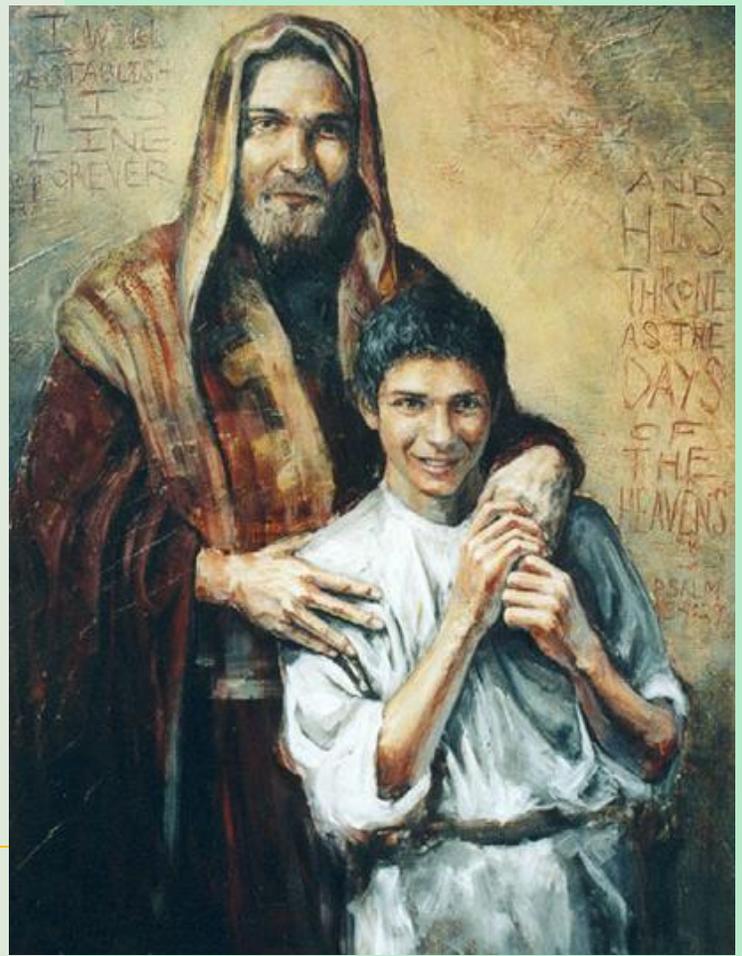
vida que a cada um reservou”, como afirmava Pio XI. “São José é de poucas palavras, mas de vida intensa, não se omitindo a responsabilidade alguma recebida de Deus. Ele é exemplo de bela disponibilidade ao chamamento divino, de tranquilidade em todos os acontecimentos de confiança plena atingida a uma vida de fé e caridade sobrenaturais e ao instrumento eficaz que é a oração.” (João XXIII).

Não nos resta dúvida que é dentro da História da Salvação que devemos considerar a vocação de São José e enaltecer os seus valores como filho de Davi, esposo de Maria e pai de Jesus. Ele não entrou de maneira secundária na História da Salvação e por isso mesmo não permaneceu à margem dela, pois recebeu de Deus uma altíssima responsabilidade que corresponde a confiança que lhe foi depositada, sendo-lhe confiado os tesouros mais preciosos: Jesus e Maria.

A São José Deus deu de maneira direta a graça de conhecer o mistério da encarnação de seu filho e de ser o seu ministro, basta considerarmos que ele foi honrado com o título de "esposo de Maria", a qual concedeu o Filho de Deus virginalmente. Ele é o "descendente de Davi" e a Jesus transmitiu a descendência davídica, indispensável para que ele fosse reconhecido como o Messias. Foi São José quem inseriu Jesus entre os cidadãos deste mundo inscrevendo-o como nascido em Belém por ocasião do do recenseamento de Augusto. Foi José quem introduziu Jesus no povo da aliança conduzindo-o para circuncisão. Foi ele quem deu ao Filho de Deus o nome de Jesus. Foi ele quem o apresentou ao Pai cumprindo o ritual da oferta do primogênito. Foi ele quem protegeu o menino Jesus e a sua mãe na viagem de fuga para o Egito e será ele que depois o introduzirá na “terra de Israel”. Foi José quem residiu com Jesus e sua mãe em Nazaré, dando-lhe a qualificação de do "Nazareno". Foi ele quem o sustentou, o educou e lhe ensinou a profissão de carpinteiro. Será José quem o educou para oração e para o conhecimento da vida e do mundo.

Chamado por Deus para servir diretamente a pessoa e a missão de Jesus mediante exercício da sua paternidade e correspondendo totalmente a esta vontade divina, tornou-se verdadeiramente a pessoa indispensável no plano de Deus cooperando na plenitude dos tempos com o grande mistério da redenção e sendo verdadeiramente "ministro da salvação". Estas palavras tão bem expressas pelo papa João Paulo II ilustram a especial posição de São José no grande mistério da redenção, do qual ele participou como nenhuma outra pessoa humana, com exceção de Maria, a mãe do Verbo encarnado. Ele participou do mistério da nossa redenção mediante o exercício da sua paternidade e isso o coloca o mais próximo possível de Cristo.

Neste sentido a presença de São José é indispensável o para honrar a maternidade de Maria, a qual deu à luz de Jesus, que é reconhecido por José como seu próprio filho ao impor-lhe o nome (Mt 1, 25). A presença de São José é indispensável em Belém para poder inserir o menino Jesus como "filho de Davi" nos registros do império (Lc 8,5). É ainda indispensável em Jerusalém para apresentar Jesus no Templo como o primogênito (Lc 2,22). Sua paternidade não é apenas verdadeira do ponto de vista legal visto que ele teve em relação a Jesus a autoridade de pai manifestando todo o seu amor paterno para com ele, mas ele teve para com Jesus "por um especial do céu, todo



aquele amor, toda aquela afetuosa solicitude que um coração de pai possa conhecer". Sendo que de Deus quis que a família fosse diretamente inserida no mistério da encarnação e por isso São José tornava-se indispensável juntamente com Maria, se conclui que dentro da família de Jesus está presente também a paternidade de José, pois nesta família José é pai, não com uma paternidade que derivou a geração de Jesus, contudo, esta não é aparente, mas possui em plenitude a autenticidade de uma paternidade humana (Rc ,21).

DIFUSÃO DA DEVOÇÃO A SÃO JOSÉ NAS UNIDADES DA PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DO ROCIO-BRASIL

As devoções de São José mais difundidas na Província e já tradicionais entre o povo são:

- A recordação de São José todas as quartas-feiras, todos os dias 19 de cada mês, e durante o mês de março. Recordado com os cantos, ladainha, dores e alegrias e oração dirigida a São José.
- As festas de São José são precedidas de tríduo ou novena, oportunidade de conhecimento e aprofundamento da teologia josefina, além de alimentar a devoção popular.
- A celebração com solenidade das festas de São José em março e em maio. Aos poucos tem crescido a devoção a Sagrada Família (dezembro) e Santos Esposos (janeiro).
- Dores e alegrias as quartas-feiras.
- Dia 1º de Maio, São José Trabalhador, concentração de todos os leigos josefinos da província em Apucarana no Santuário de São José. (500 pessoas) vindas das diversas cidades onde trabalhamos.
- CEJM – Centro de Espiritualidade Josefino Marelliano com sede em Apucarana é o órgão propulsor de difusão da devoção a São José na Província. Tem publicado mensalmente as “Sementes Josefinas” (Pequenos artigos sobre São José) difundidos por e-mail, publicação de santinhos, textos de tríduos e novenas utilizados na preparação das festas de São José, alimentado o site provincial www.osj.org.br , criado um site josefino www.josedenazare.blogspot.com e coordenado a cada três anos a Semana Teológico Pastoral sobre São José.
- Várias de nossas obras: colégios e paróquias têm jornais, boletins e pequenas publicações, além de sites. Toda ela tem publicado matérias de cunho josefino. Muitas aproveitam e divulgam materiais do CEJM.
- Fraternidade Josefina: Em quase todas as nossas obras, há grupos de leigos josefinos devotos de São José, chamados de Fraternidade de São José, Irmandade de São José que se reúnem periodicamente para estudos e oração.
- Nas casas de formação e seminário temos as devoções tradicionais de costume: orações diárias, visita ao ssmo. e ladainha, quarta-feira dores e alegrias de São José e a comemoração festiva das festas josefinas. Leituras espirituais e retiros. Noviciado: teologia de São José.



SAÃO, JOSÉ O Educador

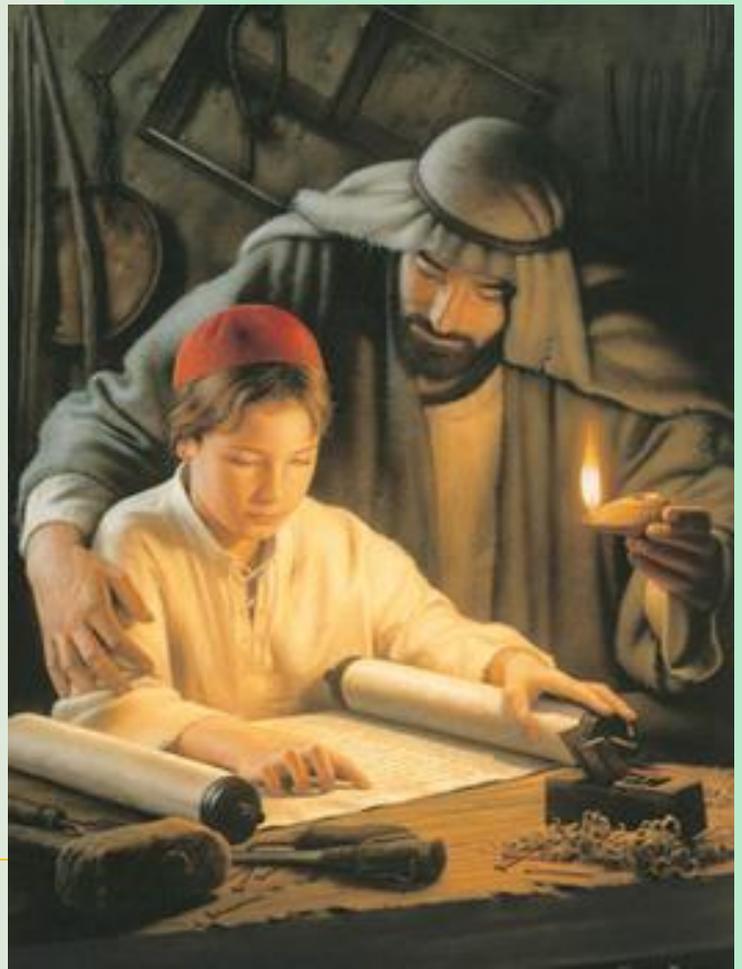
Pe. Maximo Sevilla, Jr., OSJ



Introdução

Numa entrevista à Tv 2000, sobre *A figura de São José nas palavras de padre Tarcisio Stramare*, nosso eminente josefólogo explicava que são quatro os títulos mais importantes de São José, e que só ele possui. São eles: pai de Jesus, esposo de Maria, filho de Davi e homem justo. No final da entrevista observava: "Com quatro títulos assim, o que mais você quer?"¹.

De fato, se há um título atribuído a São José, como o de *Padroeiro da Igreja universal* ou *Modelo dos trabalhadores*, deve encontrar suas bases naqueles quatro atribuídos de São José pelas Escrituras. Como salientava o padre Stramare, São José é importante não porque tenha sido padroeiro e modelo dos trabalhadores, mas porque, antes de mais nada, foi escolhido por Deus como o pai de Jesus. No seu ensinamento magisterial mais importante sobre São José, a *Redemptoris Custos*², São João Paulo II deixou claro que «José é pai: a sua não é uma paternidade derivada da geração; no entanto, não é "aparente", ou meramente "substitutiva", mas possui plenamente a autenticidade da paternidade humana, da missão paterna na família» (RC n. 21).



Neste artigo vou refletir sobre o papel de São José como preceptor e educador: um dever inerente à sua missão de ser pai para Jesus. São João Paulo II sublinhou este importante serviço da sua paternidade na *Redemptoris Custos* com estas palavras: «O crescimento de Jesus "em sabedoria, idade e graça" (Lc 2,52) teve lugar no seio da Santa Família, sob os olhos de José, que tinha a alta tarefa de "criar", ou seja, alimentar, vestir e instruir Jesus na lei e numa profissão, de acordo com as funções atribuídas ao seu pai".

As obrigações da paternidade judaica

A fim de apreciar e compreender plenamente o papel de São José na educação de Jesus, irá ajudar-nos, sem dúvidas, uma visão mais profunda do conceito de paternidade hebraica, segundo a sua tradição mais antiga. A seguinte passagem do Talmude babilônês, a fonte mais importante do direito religioso e da teologia hebraica, resume a missão de um pai judeu para com seu filho:

“O pai é obrigado a circuncidar seu filho; resgatá-lo [referindo-se ao primogênito, de acordo com as passagens bíblicas de *Números* 18,15-16]; ensinar-lhe a Torá; certificar-se de que ele se case e ensinar-lhe um ofício. Alguns dizem que ele também deve ensinar-lhe a nadar. O rabino Judah diz que quem não ensina um ofício ao seu filho, ensina-lhe a roubar.³”

Em especial, as seis funções enumeradas pelo Talmud são "específicas para cada sexo". São responsabilidades específicas e únicas de um pai para com o seu filho, enquanto a mãe não está vinculada a essas obrigações⁴. Refletem também uma divisão de papéis entre os sexos na cultura e na sociedade hebraica. O estudo, o comércio e os assuntos públicos pertencem ao domínio dos homens, enquanto o domínio das mulheres é a casa⁵. Além disso, as mulheres não



são obrigadas a realizar as tarefas que estejam fora de seus deveres. No direito judaico existe a ideia de que um ritual só pode ser realizado por uma pessoa que tenha a obrigação a fazê-lo. Não pode ser substituída por alguém que não esteja obrigado. Por conseguinte, o ritual da circuncisão de um menino é uma obrigação dada exclusivamente ao pai e não pode ser realizado pela mãe⁶.

Do mesmo modo, a responsabilidade de realizar o ritual de resgate do primogênito, que se destina ao serviço do templo, é uma responsabilidade única do pai. Como nenhuma mulher pode realizar o serviço sacerdotal no templo, a mãe não pode realizar este ritual⁷. E quanto à educação das crianças? Embora seja dever de ambos os pais criar os seus filhos de acordo com a lei, as crenças, a moral e a tradição hebraica, apenas as crianças

do sexo masculino devem ser instruídas no estudo teórico da Torah. Como só os rapazes são treinados no estudo da Torah, só o pai tem a tarefa de educar o filho para o conhecimento e a prática da Lei hebraica⁸.

Podemos observar que os três primeiros deveres de um pai para com os seus filhos, ou seja, a circuncisão, o resgate do primogênito e o estudo da Torah, estão orientados para o seu desenvolvimento espiritual. Os outros três, nomeadamente, organizar um casamento, dar aulas de natação e ensinar uma profissão, estão orientados para o seu bem-estar físico⁹.

É também interessante notar que o pai, que tem o dever exclusivo de encontrar uma esposa adequada para os seus filhos, deve cumprir esta tarefa com o nobre propósito de assegurar que eles vivam uma vida de santidade no vínculo sagrado do matrimônio. A palavra "Kiddushin" ou o ato de compromisso tem a sua raiz na palavra "Kadosh", que significa sagrado¹⁰.

É também interessante saber porque é que o pai tinha de ensinar natação aos seus filhos. Uma vez que viajar de barco e nadar no rio expõe as crianças ao perigo de afogamento, o pai tem a obrigação de fornecer ao filho as ferramentas para sobreviver em tais situações. Com aulas de natação a criança deve também aprender como salvar a sua vida, que se diz ser o comando da Torah que vai além até mesmo do mandamento mais forte¹¹.

Por último, os rabinos insistiam que ensinar uma profissão ao filho é uma tarefa importante que o pai nunca deve negligenciar. Um pai que não desempenha esta tarefa leva o filho a tornar-se ladrão. Portanto, se o filho comete um roubo, o pai também é culpado porque não ensinou ao filho uma profissão para ganhar a vida¹².

O crescimento e desenvolvimento de Jesus sob os olhos vigilantes de José

Ao dizer que "E Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens" (Lc 2,52), o Evangelho toca a convicção cristã fundamental de que Jesus não é apenas divino, mas também humano como nós. A quarta oração eucarística contém esta verdade ao proclamar que Jesus é um homem como nós em tudo menos no pecado. O *Evangelho de Lucas* não diz que Jesus avançava em estatura. Não, Ele experimentou o crescimento em todas as suas dimensões humanas: corpo, mente e espírito. É, pois, correto acreditar que, como outras crianças de Nazaré, aprendeu a andar, a falar, a ler, a trabalhar, e até a crescer nos seus valores e carácter, com a influência do seu ambiente e com a ajuda das pessoas que o rodeavam.

Refletindo sobre como Jesus aprendeu a ser um homem adulto, o especialista bíblico Lucien Deiss, em sua obra intitulada *José, Maria, Jesus* afirma que, como todo ser humano, sua inteligência e seu coração permaneceram sujeitos à lei humana do crescimento. E acrescenta: "O desenvolvimento de sua personalidade ocorreu sob o sol da graça celeste, naturalmente, em sua conversa mais íntima com seu Pai, mas também no calor do lar de seu pai José e sua mãe Maria"¹³. Por conseguinte, também temos razões para acreditar que Jesus deveu muito do seu desenvolvimento natural e humano aos cuidados dos seus pais José e Maria.

O Papa Francisco, na sua catequese durante a audiência na Praça de São Pedro na Solenidade de São José (19 de março de 2014)¹⁴ disse que São José desempenhou um papel central nas três áreas de crescimento de Jesus, que ele apresentou como as três dimensões da educação, nomeadamente "sabedoria, idade e graça". O Papa explicou que a idade se refere ao aspecto físico

e psicológico de Jesus, cujo desenvolvimento saudável foi assegurado através do apoio material e moral de São José. A sabedoria corresponde ao seu crescimento, em particular ao conhecimento e compreensão das Escrituras. O Papa Francisco imagina que José tinha que acompanhar Jesus à sinagoga no sábado para ouvir a Palavra de Deus. Finalmente, a graça refere-se ao seu crescimento no espírito, que, segundo o Papa, é a área onde o papel de São José é mais limitado do que o da idade e da sabedoria. Em todas estas três dimensões da educação, São José vigiava e acompanhava Jesus rumo ao crescimento e à maturidade. Como o Papa assinalou, a missão educativa de José é "certamente única e irrepetível, porque Jesus é absolutamente único". Este fato deveria dar-lhe o direito de ser definido "um modelo para cada educador, especialmente para cada pai".

Assim, essas declarações magisteriais manifestam a verdade que José é o principal mestre de Jesus, um papel que lhe foi dado como um direito e um dever por ter sido escolhido como o pai de Jesus. Mas também nos faz pensar nas coisas que Jesus aprendeu com ele e qual foi o seu impacto na formação da personalidade de Jesus. Se Jesus também cresceu no conhecimento através da experiência, poderemos identificar razoavelmente as competências específicas, ideias, valores, traços ou personagens que ele pode aprender com José?

Por vezes ouvimos alguns pregadores no púlpito muito imaginativos ao fazerem declarações ou suposições sobre o que José deve ter ensinado a Jesus. Deveríamos dizer que essas afirmações não merecem a nossa atenção porque pertencem apenas à esfera das hipóteses? Será a vida oculta de Jesus um território proibido para a nossa imaginação? Ou será que a informação que temos sobre o lugar, o tempo e a sociedade em que a Santa Família viveu nos deve permitir desenhar algumas imagens dos anos de crescimento de Jesus na humilde morada de Nazaré, sem cair nos erros doutrinários da literatura apócrifa?

Creio que apreciaríamos e compreenderíamos melhor a afirmação que São José é verdadeiramente o modelo de todos os educadores, se pudéssemos ver e imaginar o menino Jesus no seu desenvolvimento humano inicial através dos olhos de São José; se pudéssemos imaginar o lar, o ambiente familiar, o apoio e o amor que José e Maria lhe proporcionaram; e se pudéssemos fazer hipóteses com lógica e bom senso sobre o que São José pode ter ensinado através dos olhos do próprio Jesus.

O que Jesus poderia ter aprendido com José

Apesar da falta de recursos além dos evangelhos para revelar como Jesus avançou em "sabedoria, idade e graça", Deiss afirma que podemos razoavelmente acreditar que, como todos os seres humanos, Jesus carregou dentro de si os traços indelévels da sua infância na plenitude da sua vida adulta¹⁵. Podemos reconhecer as memórias e a aprendizagem da infância de Jesus nas suas palavras e ações, que estão gravadas nos Evangelhos. Onde mais poderia ele ter aprendido se não na casa de Nazaré, com José e Maria como seus mestres ou mentores? Sabemos que uma parte do que um aluno aprendeu ou como se desenvolveu revela o tipo de professores ou mentores que teve na vida. Se isto for verdade, também podemos razoavelmente assumir certas qualidades de São José através das palavras e ações de Jesus no que os Evangelhos dizem sobre ele. Falemos de algumas coisas importantes que Jesus soube aprender com o seu pai terreno.

Podemos imaginar que Jesus aprendeu de seus pais as primeiras palavras aramaicas: immá (mãe) e abbá (pai)¹⁶. Ele deve ter reconhecido no rosto de José e Maria o significado destas palavras. Ainda mais importante foi o fato de ter aprendido com José o significado de "Abbá". Através de José, uma imagem positiva da paternidade deve ter ficado impressa nas memórias de Jesus. Talvez ele não tivesse ensinado a chamar a Deus Abbá se não tivesse experimentado a bondade e ternura do seu abbá José. Para Jesus, o ícone do seu Abbá no céu não é outro senão o abbá José na terra. Ao destacar a bondade de Deus, o Pai do céu, que é muito mais do que um pai terreno que não daria uma cobra ao seu filho se pedisse um peixe, Jesus deve ter tido em mente o seu pai terreno José¹⁷. A bondade e ternura que José prodigalizou a Jesus deve tê-lo levado a descobrir a infinita bondade e ternura de Deus Pai que está nos céus. Além disso, o próprio Jesus mostra ternura e amor para com as crianças pequenas. Poderá isto ser também um reflexo da ternura que o seu abbá José o fez sentir durante a sua infância?¹⁸

Os Evangelhos também nos dizem que as pessoas ficavam espantadas com a sua sabedoria e conhecimento profundo das Escrituras. O seu espanto era tanto maior porque sabiam que ele nunca tinha ido à escola¹⁹. Na sinagoga de Nazaré, os seus concidadãos não podiam acreditar no que viam e ouviam, sabendo que ele era filho de um carpinteiro²⁰. Podemos considerar os comentários das pessoas como um elogio a José e não como um insulto. Confirmam que Jesus aprendeu com ele não só a profissão de carpinteiro, mas também as primeiras colunas da Torá, em que ele se tinha tornado um mestre. Sendo o principal responsável pela formação religiosa de seu filho, José deve ter ensinado a Jesus as primeiras noções da língua hebraica, bem como os livros da Torá e os profetas. Ele deve ter ensinado a Jesus o "Shemá"²¹, a primeira oração que todo judeu deve aprender. Podemos imaginar que foi José quem inculcou as palavras e o significado do "Shemá" na memória de Jesus quando ele ainda era um menino.

Portanto, também podemos razoavelmente dizer que a resposta que Jesus deu ao escriba que lhe perguntava sobre o maior mandamento foi o ensinamento do "Shemá" que ele recebera de José. Na verdade, é paradoxal imaginar que José ensinou o significado do "Shemá", o amor de Deus, a Jesus que é a face do amor de Deus²². Como ensinou ele a Jesus o primado do amor de Deus em sua própria vida? Não só com palavras, mas da forma mais eloquente, com os seus atos. Na peregrinação anual a Jerusalém para a Páscoa²³ ou na reunião semanal na sinagoga, Jesus deve ter visto como esses momentos foram importantes para José. Ele deve ter visto José e Maria escutando atentamente a palavra de Deus e, juntos, cantando os salmos e louvando a Deus. Ele deve ter visto como tratavam bem os seus vizinhos e até mesmo os estranhos. Ele deve ter visto nos seus pais o exemplo perfeito do que significa amar a Deus e ao próximo.

Como um pai responsável, José ensinou a Jesus o ofício. O evangelho de Marcos diz-nos que o povo de Nazaré sabia muito bem que Jesus era



um carpinteiro²⁴. Mesmo na sua pregação Jesus usou imagens de arados, cangas, arcas, castiçais, etc... Muito provavelmente foram coisas que ele e José tinham usado na carpintaria deles²⁵. Mas Jesus não só aprendeu de José a habilidade de usar o martelo, o cinzel, o metro e o serrote. Deve também ter aprendido com ele o valor de um trabalho bem feito, e a ver o seu "trabalho como uma expressão de amor" (RC 22). Ele provavelmente também aprendeu com José que não se deve trabalhar apenas por alimentos que perecem, mas principalmente por alimentos que duram para a vida eterna²⁶. No evangelho de João Jesus identificou este alimento dizendo: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou para fazer a sua obra"²⁷.

Podemos também dizer que Jesus viu em José um homem justo cuja vida foi alimentada e revigorada pelo desejo mais profundo de conhecer e cumprir a vontade de Deus? É também razoável imaginar que Maria deve ter contado a Jesus os acontecimentos do seu misterioso nascimento e como José se pôs todo ao serviço da vontade e do desígnio de Deus.

Por último, perguntamo-nos como José e Maria aceitaram o celibato de Jesus, que era algo de contracultura na sociedade judaica tradicional? Naquele tempo todos tomavam como norma o que as Escrituras dizem: "não é bom para um homem estar sozinho"²⁸. Contudo, já o incidente de encontrar Jesus no templo deve ter deixado uma profunda impressão em José, preparando-o para aceitar que Jesus estava destinado a um caminho diferente, estabelecido pela vontade do Pai celestial e não por convenções humanas²⁹. José deve ter compreendido que todas as tradições humanas estão subordinadas à vontade de Deus. O seu dever como pai de Jesus foi cumprido sobretudo no respeito pela sua liberdade e pelas suas decisões, e no seu apoio no cumprimento da sua vocação e missão. José não teve o privilégio de ver que o maior aluno do mundo, crescido em "sabedoria, idade e graça" sob o seu teto, se tornou o maior dos mestres. Mas isso não nos impede de imaginar que antes da sua morte José teve o prazer de ouvir a sabedoria do Filho de Deus, que Deus Pai tinha confiado aos seus cuidados paternos.

Conclusão

A figura de São José como pai e educador deveria ter influência sobre os pais, professores, formadores, mentores e todos os que estão envolvidos na formação dos jovens. Para os pais, o exemplo de São José é um desafio para não desistir do seu papel educativo porque, mais do que ninguém, eles têm responsabilidades na formação das mentes e dos corações dos seus filhos. Desde o nascimento, a casa é uma escola que treina as crianças para aprenderem uma profissão específica e para se educarem para a vida ao mesmo tempo. São José mostra que o dever dos pais é acima de tudo acompanhar e ajudar os seus filhos a descobrir a sua vocação e missão na vida. A todos os professores, formadores e mentores nas escolas, casas de formação e oratórios, o exemplo de São José recorda-nos que o ensino é uma vocação nobre, inspirada na missão dos pais. Por conseguinte, devem considerar-se sempre como os segundos pais dos seus alunos. Nesta perspectiva, o tipo ideal de educação consiste na colaboração perfeita entre a escola e a casa. São José lembra a todos os educadores que o sucesso da sua missão não consiste apenas em dar aos jovens a oportunidade de alcançarem uma vida confortável, mas também em ajudá-los a descobrir e realizar o propósito e a missão que lhes foi dada por Deus. Finalmente, São José convida todos os pais e professores a verem em cada criança e em cada aluno o rosto de Jesus, que o Pai Celestial lhes confiou.

NOTAS

- ¹Cf. “La Figura Di San Giuseppe Nelle Parole Di Padre Tarcisio Stramare, Teologo e Biblista - YouTube,” accessed May 29, 2020, <https://www.youtube.com/watch?v=fGeaLrVB2Q4>.
- ²“Redemptoris Custos (15 agosto 1989) | John Paul II.”
- ³Babylonian Talmud, Tractate *Kiddushin*, p. 29a, quoted in Chaim Isaac Waxman, *The Jewish Father: Past and Present* (William Petschek National Jewish Family Center, American Jewish Committee ...,1983), p. 60.
- ⁴Cf. Ephraim Levitz, “The Concept of Fatherhood in Traditional Jewish Sources and Its Impact on Current Views of Fatherhood” (2014), p. 50. Accessed June 1, 2020, <https://open.uct.ac.za/handle/11427/12889>.
- ⁵Cf. Waxman, *The Jewish Father*, p. 60.
- ⁶Levitz, “The Concept of Fatherhood in Traditional Jewish Sources and Its Impact on Current Views of Fatherhood.” pp. 51-52.
- ⁷Cf. *Ibid.*, p. 53.
- ⁸Cf. *IBID.*, p. 54. A formação no estudo da Torá inclui o estudo do conhecimento prático (aplicação da lei hebraica em todos os aspectos da vida), assim como o conhecimento teórico, feito por motivos de estudo.
- ⁹Cf. *IBID.*, p. 56.
- ¹⁰Cf. *IBID.*, p. 55.
- ¹¹Cf. *IBID.*, p. 55.
- ¹²Cf. Waxman, *The Jewish Father*, p. 60.
- ¹³Lucien Deiss, *Joseph, Mary, Jesus* (Collegetville, Minn: Liturgical Press, 1996). L'autore è un ex professore di teologia e scritture al Grand Scholasticat de Chevilly-Larue. Essendo uno dei pionieri del rinnovamento biblico e liturgico, ha lavorato per la riforma introdotta dal Vaticano II e ha partecipato alla traduzione ecumenica della Bibbia. The author is a former professor of theology and Scripture at the Grand Scholasticat de Chevilly-Larue.
- ¹⁴“General Audience of 19 March 2014 | Francis,” accessed May 28, 2020, http://www.vatican.va/content/francesco/en/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140319_udienza-generale.html.
- ¹⁵Deiss, *Joseph, Mary, Jesus*, 80.
- ¹⁶*Ibid.*, p. 8.
- ¹⁷Cf. Luca 11,11-13
- ¹⁸Cf. Deiss, *Joseph, Mary, Jesus*, pp. 21-22.
- ¹⁹Cf. Jo 7,15.
- ²⁰Cf. Mt 13,55.
- ²¹Cf. Deuteronomio 6:4-5 “Ascolta, Israele: il Signore è il nostro Dio, il Signore è uno solo. Tu amerai il Signore tuo Dio con tutto il cuore, con tutta l'anima e con tutte le forze.”
- ²²Cf. Deiss, *Joseph, Mary, Jesus*, p. 17-19.
- ²³Cf. Luca 2,41.
- ²⁴Cf. Marco 6,3.
- ²⁵Deiss, *Joseph, Mary, Jesus*, p. 15.
- ²⁶Cf. Jo 6,27.
- ²⁷Cf. Jo 4,34.
- ²⁸Gn 2,18.
- ²⁹Deiss, *Joseph, Mary, Jesus*, p. 138.



SAÃO JOSÉ como GUARDIÃO



Pe. Aldrich Gamboa, OSJ

No hino *Salve, Pater Salvatoris* que "se encontrava no Breviário Gallicano durante a reforma do Papa São Pio V (1569) e que permaneceu em uso na Gália até o século XIX, podemos encontrar o título de São José como "custos Redemptoris":



*Salve, pater Salvatoris,
Salve, custos Redemptoris,
Ioseph ter amabilis.
Salve, Sponse Matris Dei,
Salve, hospes Iesu mei,
Ioseph ter amabilis.*

Este papel privilegiado de São José como "Guardião" e depositário do mistério de Deus pode ser traçado na grande perspectiva do mistério da redenção e do movimento da "missão". Este fato da fé se encontra no panorama eclesiológico e teológico de São João Paulo II: a encíclica *Redemptoris Custos* junto com as outras encíclicas "Redemptoris" guia o movimento missionário da Igreja e cria a imagem da Igreja como "comunhão" que vem da Trindade. Em primeiro lugar, o movimento vertical da Trindade representado por estas encíclicas: *Dives in Misericordia* (30 de Novembro de 1980) diz respeito ao pai,

Dominum et Vivificantem (18 de Maio de 1986) diz respeito ao Espírito Santo, *Redemptor Hominis* (4 de Março de 1979) diz respeito a Jesus Cristo. Destas encíclicas desponta o movimento horizontal, fazendo emergir a Sagrada Família: *Redemptoris Mater* (25 de Março de 1987) sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria, *Redemptoris Custos* (15 de Agosto de 1989) sobre São José e culminando depois com a *Redemptoris Missio* (17 de Dezembro de 1990) sobre a missão da Igreja. Aqui podemos ver o movimento teológico da missão: da Missão da Trindade (*Missio Trinitatis*), à revelação do mistério da Encarnação e da Salvação (*Mysterium Salutis*), até à vocação e missão da Igreja (*Missio Ecclesiae*).

Neste movimento teológico e missionário, João Paulo II coloca São José no coração da Redenção e no mistério da Encarnação, juntamente com Maria, e sublinha o seu papel de pai, esposo de Maria, guardião e protetor da Santa Família (*T. Stramare*, «San Giuseppe. Il custode del redentore nella vita di Cristo e della Chiesa» in *Omellie temi di Predicazione* 98 (2006) 57). Podemos notar o título usado no documento para descrever o papel de São José, "custos". Como "custos", São José não é constituído apenas pai de Jesus e esposo de Maria, mas também "depositário e colaborador do mistério providencial de Deus" (RC 14). Como guardião, São José dedicou totalmente a sua vida ao serviço dos interesses de Jesus, ao serviço do Verbo encarnado; a sua vida torna-se oblação total de si mesmo a Deus e à Santa Família de Nazaré.

Este serviço humilde e fiel é o que inspirou o Papa Francisco a considerá-lo um modelo para o seu papel de pastor da Igreja Universal. Em sua homilia para o início de seu ministério petrino, em 19 de março de 2013, Papa Francisco destacou a figura de São José como "guardião", considerando-o um autêntico modelo de serviço e de resposta à vocação cristã: "Como vive José a sua vocação de guardião de Maria, de Jesus, da Igreja? Numa constante atenção a Deus, aberto aos seus sinais, disponível mais ao projeto d'Ele que ao seu. (...) E José é «guardião», porque sabe ouvir a Deus, deixa-se guiar pela sua vontade e, por isso mesmo, se mostra ainda mais sensível com as pessoas que lhe estão confiadas, sabe ler com realismo os acontecimentos, está atento àquilo que o rodeia, e toma as decisões mais sensatas. Nele, queridos amigos, vemos como se responde à vocação de Deus: com disponibilidade e prontidão; mas vemos também qual é o centro da vocação cristã: Cristo. Guardemos Cristo na nossa vida, para guardar os outros, para guardar a criação!".

Este mostra significativamente sua forma peculiar de liderança e a abordagem eclesiológica de seu pontificado. Ele adaptou o método indutivo latino-americano para a teologia baseado no conceito: Ver-Julgar - Agir. Isso é proeminente em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e em sua carta encíclica *Laudato si'*. Outro aspecto notável de sua teologia e eclesiologia é seu grande respeito e consideração pelo *sensus fidei*, especialmente no que a teologia latino-americana chama de "teologia do povo". Este fica muito evidente em suas homilias e mensagens e, às vezes, até mesmo promove devoções especiais.

Na sua visita apostólica às Filipinas, Papa Francisco falou da sua devoção a São José: "Gostaria também de dizer uma coisa muito pessoal. Amo muito São José, porque ele é um homem forte e silencioso. Na minha mesa tenho uma imagem de São José adormecido. E

enquanto dorme, cuida da Igreja! Sim! Ele consegue fazê-lo, nós sabemos disso. E quando tenho um problema, uma dificuldade, escrevo num pedaço de papel e ponho-o debaixo de São José, para que sonhe com ele! Este gesto significa: "reza por este problema!". Mencionou também o papel de São José como modelo da arte de "guardar" na família: "Assim como o dom da Santa Família foi confiado a São José, também o dom da família e o seu lugar no desígnio de Deus é confiado a nós. Como a São José. O dom da Sagrada Família foi confiado a São José para que pudesse levá-lo adiante. A cada um de vocês e a nós – porque eu também sou filho de uma família – é confiado o projeto de Deus para que se realize. O Anjo do Senhor revelou a José os perigos que ameaçavam Jesus e Maria, obrigando-os a fugir para o Egito e depois a instalarem-se em Nazaré. Precisamente desse modo, em nosso tempo, Deus nos chama a reconhecer os perigos que ameaçam nossas famílias e a protegê-las do mal. Estejamos atentos às novas colonizações ideológicas. Há colonizações ideológicas que procuram destruir a família (*Papa Francisco, Discurso no Encontro das Famílias, Manila, 16 Janeiro 2015*).

A partir dos ensinamentos destes papas, da sua perspectiva teológica e visão eclesiológica, podemos compreender o papel significativo de São José na vida da Igreja hoje. São José é o patrono, protector e guardião da Santa Igreja. E aqui surge a pergunta e o desafio para todos nós: "Eu, como oblato de São José, o que posso fazer para servir aos interesses de Jesus?", "De que modo posso tornar-me também guardião? Na minha congregação, na minha província, na minha família religiosa, o que podemos fazer para que a nossa oração e a própria figura de José adquiram uma renovada relevância para a Igreja do nosso tempo, em relação ao novo milênio cristão? (RC 32)



SANCTE JOSEPH CUSTOS MISERICORDIAE

Pe. Alberto Antonio Santiago, OSJ



A expressão de São Paulo "Pai de misericórdia e Deus de toda consolação" (2 Cor 1,3) refere-se, naturalmente, ao Pai Eterno. E quando pensamos que a teologia e piedade cristã reconhecem na Virgem Maria, a *Mater misericordiae*, porque ela é a mãe de Jesus, que é a misericórdia, devemos perguntar qual seria o título equivalente para São José, que exerceu sobre Jesus uma paternidade, muito mais que simbólica, aliás real e eficaz, reconhecida no Evangelho, por exemplo, "seu pai e eu ansiosos te procurávamos" (Lc 2,48), e na liturgia, entre outros no hino *Salve Pater Salvatoris* (Breviário Galicano). Não seria fora de lugar chamá-lo *Pater misericordiae*, já que Maria e José pertencem, embora com papéis distintos, à ordem da união hipostática. Mas o fato é que este título se refere mais a Deus Pai, que para os judeus é misericórdia e compaixão (Sl 145) para os cristãos é rico em misericórdia (Ef 2.4), e para os muçulmanos é clemente e misericordioso (Cf. Corão, início de cada sura exceto a IX).

No entanto, tendo em conta que, para José a paternidade é "uma relação que o coloca o mais perto possível de Cristo, termo de toda eleição e predestinação" (RC 7), e cientes de que o Pai Celeste quis servir-se dele para exercer Sua paternidade sobre o Verbo



encarnado, não podemos negar ao esposo da Virgem Maria um título que expresse o seu misericordioso cuidado para com Jesus.

Chamado por alguns de "a sombra do Pai", a sua pessoa e a sua missão provocaram uma série de títulos, todos aproximativos e nenhum exaustivo, procurando destacar os vários sentidos de sua paternidade, dos mais significativos (pai virginal, putativo, nutrício ...) àquele totalmente infeliz e inadequado (pai adotivo).

Entre tantos títulos, não poderia faltar o de pai misericordioso ou, para dizer à hebraica "Pai de Misericórdia". Mas, a fim de não submeter ao mesmo título a realidade (Deus Pai) e a sua imagem terrestre (São José), talvez seja mais apropriado chamá-lo o Guardião da Misericórdia encarnada do Pai, que é sempre Jesus. Na *Dives in Misericordia*, João Paulo II diz: "Cristo confere a toda a tradição véterotestamentaria da misericórdia divina um significado definitivo. Não apenas fala dela e a explica usando comparações e parábolas, mas acima de tudo ele mesmo a encarna e personifica. Em certo sentido, è Ele a misericórdia" (n. 2).

E porque o título *Guardião da misericórdia*, que consideramos muito apropriado a São José, não pareça apenas uma escolha de palavras parenéticas, queremos contemplá-lo no exercício dessa sua função. A forma mais prática parece ser comparar as suas ações com aquelas que chamamos obras de misericórdia. Percorrendo o elenco clássico encontramos:

1. Dar de comer a quem tem fome
2. Dar de beber a quem tem sede
3. Vestir os nus
4. Acolher os peregrinos
5. Visitar os doentes

Até aí tudo bem. Todas estas obras de misericórdia corporais José praticou em relação a Jesus e também a Maria, mas nossa atenção fixa-se nos seus cuidados diretos a Jesus, porque era ainda uma criança e precisava de tudo. Na verdade, todas essas atenções dos pais para com os seus filhos são obras de misericórdia agradáveis ao Senhor e José as realizou diretamente para Jesus.

E não fez isso só algumas vezes, mas sempre. Paulo VI nos lembra que São José "ofereceu com total sacrifício toda a sua existência às imponderáveis necessidades da surpreendente vinda do Messias ... A ele os pesos, as responsabilidades, os riscos, as preocupações da pequena e singular sagrada família. A ele o serviço, a ele o trabalho, a ele o sacrifício na penumbra do quadro evangélico, no qual nós gostamos de contemplá-lo, e, certamente, não sem razão, agora que sabemos tudo, chamá-lo fortunado, bem-aventurado" (Homilia 19 de março de 1969).

Do elenco do catecismo ficam fora duas obras que São José não pode cumprir pessoalmente para Jesus, mas que Maria fez por ele:

6. Visitar os encarcerados
7. Sepultar os mortos.

Não se deve esquecer as obras de misericórdia espirituais:

1. Aconselhar os que têm dúvidas
2. Instruir aqueles que não sabem
3. Admoestar os pecadores
4. Confortar os aflitos
5. Perdoar as ofensas

6. Suportar pacientemente as pessoas molestas
7. Rezar pelos vivos e pelos defuntos

Nem todas essas são adequadas para a relação entre José e Jesus, por exemplo, estão totalmente fora de lugar a obra de número 3: admoestar os pecadores, a menos que não queremos pensar em José no ato de repreender alguém que, como Herodes, quisesse fazer mal a Jesus ... A quinta obra, perdoar as ofensas e a sexta, suportar pacientemente uma pessoa molesta, não cabem em relação a Jesus no seio da Sagrada Família.

Mas todas as outras obram cabem e como! Quantas perguntas tem um filho sobre tantas coisas. Quão numerosas as questões, e o desejo de conhecer as coisas! E porque o senso de realidade ainda é fraco, as emoções são muito fortes, e então os pais respondem aos seus filhos, ensinam-nos, consolam-nos quando eles estão aflitos e confortam-nos de todas as formas. É claro que Jesus, sendo Deus, não precisaria de nenhuma dessas coisas, mas como ele escolheu nascer e crescer e como todas as crianças, no corpo e psique, também escolheu experimentar todo o percurso da natureza humana: a descoberta, a aprendizagem, as provas, a possibilidade de erro e até mesmo alguma ligeira correção. Da maneira como Jesus se nos apresenta adulto, sabemos que Maria e José cumpriram com perfeição a sua missão de pais. Eles foram capazes de responder à misericórdia de Deus com muitos outros atos de misericórdia para com o Filho que lhes fora confiado.

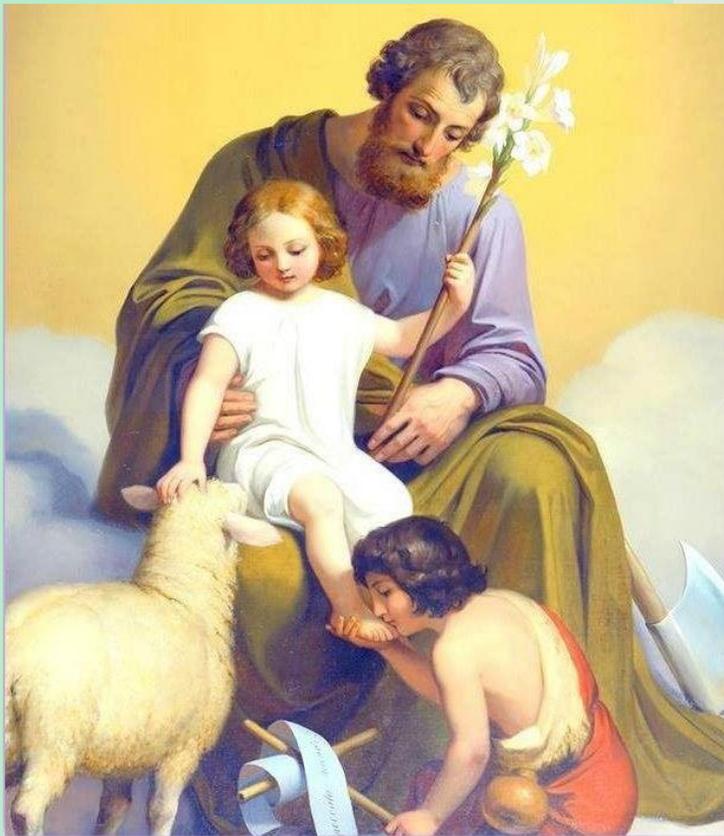
São João Paulo II disse: "Deus revela também de modo particular a sua misericórdia, quando *solicita o homem*, por assim dizer, a exercitar a «*misericórdia*» para com o seu próprio Filho, para com o *Crucificado*. Cristo, precisamente como Crucificado, é o Verbo que não passa, é o que está à porta e bate ao coração de cada homem, sem coarctar a sua liberdade, mas procurando fazer irromper dessa mesma liberdade o amor; amor que é não apenas acto de solidariedade para com o Filho do homem que sofre, mas também, em certo modo, uma forma de «*misericórdia*», manifestada por cada um de nós para com o Filho do Eterno Pai. (8 DM). Cada cristão é, portanto, chamado a exercer as obras de misericórdia e a razão é porque a pessoa que está enfraquecida ou necessitada carrega uma especial presença de Cristo: "foi a mim que o fizestes" (Mt 25,40) e, portanto, quem ajuda um irmão que se encontra nessas condições, receberá a grande recompensa. Sobre isso não há que duvidar, mas a distância estabelecida entre nós, meros mortais e São José é precisamente porque ele fez as mesmas obras, mas diretamente para Jesus. A nós, Cristo poderá um dia dizer: "Sempre que fizestes isso a um destes pequeninos, foi a mim que o fizestes", a São José só poderá dizer: "foi a mim que o fizeste", talvez completando: "fizeste isso por mim quando eu era pequeno e estava enfraquecido e precisava de tudo".

Nossa reflexão certamente não é nova. Oitenta anos atrás, Pio XI, num famoso discurso de 19 de março de 1936 recordava a singularidade de São José no Juízo final: "Com Maria ... a distinção de São José naquele último dia, será não dizer nada, não responder, não poder replicar, questionando, a observação do Supremo divino Juiz. Pois quando o Senhor dirá a explicação da grande recompensa eterna dos justos, único entre eles, São José não responderá com uma expressão de admiração. Foi muito bem pensado e dito que, em meio a toda aquela surpresa geral, um só não vai ficar nem um pouco admirado: São José, que estará na mais pacífica luz do vero, da verdade e vivida e experimentada. São José às afirmações do filho de Deus, quando o Senhor lembrará que lhe dera de comer quando tinha fome, lhe dera de beber quando estava com sede, lhe cobrira quando estava nu, vai dizer: é verdade, ó Senhor, é tudo verdade. Magnífica consideração, esta, que nos

conduz à lembrança da grande lição: esta é uma deliciosa reflexão sobre as relações de São José com o Redentor, porque aquele dia supremo verá uma glória singular, reservada somente a ele diante de todo o mundo". São José é pois o Guardião da misericórdia no seu exercício e nos seus frutos.

Alguém poderia pensar que o depositário da misericórdia no Evangelho tenha sido Zaccaria em vez de José. A este respeito, vale lembrar que o nome bíblico para expressar misericórdia é de fato João - Deus é misericordioso (e, portanto, terá misericórdia de nós). No entanto, gostaríamos de responder com uma consideração: o que a casa de Zacarias e Isabel é uma palavra de confiança no futuro, na casa de José e Maria já é realidade presente: Jesus - Deus Salvador (o Emanuel, Deus aqui entre nós). Portanto, podemos dizer que os primeiros a receber os benefícios da misericórdia celeste foram precisamente os santos esposos. A Sagrada Escritura usa expressões significativas para expressar os primeiros frutos da obra de misericórdia do Pai: Maria é chamada cheia de graça - imaculada dizem os teólogos, enquanto José é dito chamado de justo - justificado, santificado no ventre materno. Este par de cônjuges santos provou os efeitos de misericórdia no aproximar-se e no realizar-se da Encarnação do Verbo Divino. Eles foram os primeiros a serem beneficiados e transformados interiormente pela misericórdia de Deus, e foram os mais próximo de Jesus na prática daquelas obras que expressam o amor e a misericórdia para a redenção da humanidade.

Sabemos que ao lado de Maria, sua esposa "São José foi chamado por Deus para servir diretamente a pessoa e a missão de Jesus através do exercício da sua paternidade: precisamente dessa maneira ele cooperou na plenitude dos tempos com o grande mistério da redenção e tornou-se de realmente Ministro da salvação" (RC 8). Exatamente esse ministério, por ser um relacionamento íntimo com o Verbo Divino, o Santo Marelllo se propunha como um ideal de vida: "Ó glorioso patriarca José, não vos esqueçais de nós, que vamos arrastando estas míseras carnes em dura terra de exílio. Vós que, depois da Santíssima Virgem fostes o primeiro a apertar no peito o Redentor Jesus, sede o nosso exemplar em nosso ministério que, como o vosso, é ministério de relação íntima com o Verbo Divino. Ensinai-nos, assisti-nos, fazei-nos dignos membros da Sagrada Família" (L 37). E sempre iluminado pelo glorioso exemplo, quis, mais



tarde, traduzir sua inspiração inicial em ações práticas de cuidado espiritual por meio do exercício do ministério sacerdotal em favor do seu seu bispo, dos colegas padres, das freiras, dos seminaristas, dos seus Oblatos, da juventude transviada ... e de cuidado material por meio do engajamento em projetos sociais para os doentes crônicos, os jovens, os pobres, os órfãos ... a ponto de qualquer pessoa que se aproximava dele compreender imediatamente a sua grande bondade.

Não nos faltam exemplos ótimos e excelentes, não nos faltam nem mesmo os intercessores para o auxílio do céu. A nós fazermos a nossa parte.

“ CHAMA- LO-ÁS JESUS! ”

Pe. Mauro Negro, OSJ



*A Teologia em torno a São José
a partir da Liturgia de sua solenidade.
Uma contribuição para a VRC que nele se inspira.*

A teologia em torno à figura de São José tem recebido importantes contribuições, dentre as quais pode-se destacar Leonardo Boff, com o título *São José, a personificação do Pai*. Tem havido simpósios internacionais sobre São José, com forte e decisiva presença da VRC, como o “XI Simposio Internacional sobre San José”, entre os dias 29 de setembro e 6 de outubro de 2013, e outro mais recente no ano de 2017 em Mont-Rouge, França. No Brasil, a Congregação dos Oblatos de São José promoveu em 2017, o sexto congresso relativo a São José de amplitude internacional, em Curitiba. Em todos, a presença de Leigos e de Religiosos é intensa e interessada. Parecem oportunas algumas referências sobre São José, por ocasião do Ano Jubilar Mariano no Brasil, em função dos 300 anos do encontro da imagem de Aparecida.

Muitos institutos de Vida Religiosa Consagrada tem em São José seu modelo e inspiração. Mas o conhecimento e a valorização de sua pessoa e missão ainda precisam ser mais investigados e valorizados, não apenas de modo funcional ou pragmático, mas pela sua própria

Congregação dos Oblatos de São José
convida:
DIA DE
SÃO JOSÉ
São José nos ensine o modo de cuidar de nossos alunos, aliás, seja ele mesmo o seu guarda.
São José Marelló
19 de março

natureza de proximidade da Revelação bíblica e da Encarnação. Dentre as expressões mais usuais relacionadas a São José está a Liturgia de sua Solenidade e a adaptação, um tanto ideológica, da memória facultativa de São José Operário. Tentaremos analisar algo a respeito destes dois momentos litúrgicos e evidenciar aspectos teológicos e éticos relevantes.

O dia 19 de março, dia de São José, ocorre, muitas vezes, dentro da Quaresma, o que pode, em alguns anos, dificultar sua celebração e desviar o seu significado. Segundo L. Fréchet, estudioso do tema, “A Festade de São José é como a agulha oscilante que indica a marcha progressiva de seu culto.” Dito isso, supõe-se que conforme a compreensão de sua pessoa e a proposição de seu significado, será a expressão de seu culto.

A mais antiga menção de um culto a São José se encontra em calendários da Igreja copta, datados dos séculos VIII e IX, e assinala o dia 20 de julho como data de sua comemoração. Há indicações de um tipo de celebração sobre São José em martirologios dos séculos IX e X, contudo, sem indicações ou detalhes. Sabe-se que os cruzados, no século XII, construíram uma igreja dedicada a ele em Nazaré, provavelmente as fundações da Igreja atual, e valorizaram este dia 20 de julho. Já os franciscanos difundiram sua devoção, comemorando-o não o dia 20 de julho, mas sim no dia 19 de março e levando-o a ser mais conhecido. São ainda esparsas as notícias a respeito da data da comemoração.

Se o culto a São José é algo que podemos observar a partir de algumas referências da segunda parte do primeiro milênio, o destaque dado a ele é mais antigo. Tarcisio Stramare compilou dezenas de referências a São José entre os Padres da Igreja, até São Bernardo, entre os séculos XI e XII. De fato, falam de São José, entre os Santos Padres: São João Crisóstomo, no início do século V; São Jerônimo, em um trecho de sua obra sobre a vir-gindade perpétua da Virgem Maria, no século VI; Santo Agostinho, também no século VI, quando aborda o tema do matrimônio de José e Maria e do significado da paternidade de José; Santo Efrém, o Sírio, etc. O pesquisador Vitaliano Bruni, afirma de que a Liturgia suscita a devoção e, a partir deste movimento, surgem expressões diversas de aproximação com o objeto que é interessante. Este autor está indicando que a devoção a São José, que se desenvolverá na segunda metade do primeiro milênio nas Igrejas Ocidental e Oriental, foi precedida pela sua presença na Liturgia das mesmas Igrejas. Não sei até que ponto esta afirmação, da derivação da devoção a partir da Liturgia, pode proceder.

De qualquer forma, ainda que tenhamos estas diversas indicações patrísticas, as expressões litúrgicas em torno à figura de São José na antiguidade são escassas. O que existe são os textos apócrifos, entre os quais pode ser destacado um que chama a atenção pela sua extensão. Trata-se da *História de José, o Carpinteiro*. Neste texto, do qual encontramos algumas variantes, aparece a afirmação:

“Então, Abbadão entrou, tomou a alma de meu pai José e separou-a do corpo no mesmo instante em que o sol fazia sua aparição no horizonte, no dia 26 do mês de Epep, em paz. A vida de meu pai compreendeu cento e onze anos.”

A referência ao dia 26 do mês egípcio de Epep foi que gerou a celebração de São José no dia 20 de julho, data equivalente no calendário juliano. Não surpreende que esta data fosse comemorada pela Igreja Copta, de origem egípcia.

O destaque dado a São José no Ocidente deve ter sido alimentado, ainda que indiretamente, pelo Oriente, por via da liturgia Galicana. No século VIII, como indicado atrás, havia já indicações de devoção a São José. V. Bruni indica um manuscrito em Zurique no qual se vê a comemoração de São José no dia 20 de março. Os cruzados tiveram forte influência na migração da devoção a São José entre Oriente e Ocidente, criando, além da Igreja de São José em Nazaré, outra a ele dedicada em Bolonha, em 1129 e uma na Inglaterra, em Alcester, em 1140.

Já com relação ao dia 19 de março, não há indicações seguras e motivos claros da escolha deste dia como data da festa ou celebração, mas se tem notícia de uma festa de São José no século XV, promovida por Sixto IV, Papa entre 1471 e 1484, proposta a toda a Igreja neste dia. Neste ponto é possível observar com mais segurança o desenvolvimento do culto de São José. Antes esta não era uma festa para toda a Igreja, mas apenas para Igrejas de alguma forma ligadas à presença e devoção de São José. Gregório XV, em 1621, valorizou mais a festa declarando aquele um dia santo ou, como se dizia, dia santo de guarda.

Foi no século XIX que a devoção a São José e sua difusão teve mais desenvolvimento. O Papa Pio IX, teve forte influência sobre isso sendo uma das mais eloquentes expressões deste desenvolvimento. Em 1847 o jovem Papa, há apenas um ano reinando, duplicou a festa de São José criando a “Festa do Patrocínio de São José”, que de resto era já comemorada, de modo privado, desde 1680, pelos Carmelitas na Itália e na França. Esta festa do Patrocínio de São José era comemorada no terceiro Domingo depois da Páscoa. O Papa Pio X, já no século XX, transformou esta festa na categoria de primeira classe, dando-lhe uma oitava e fixando-a na terceira quarta-feira depois da Páscoa. Voltando ao século XIX, Pio IX, durante o Concílio Vaticano I, não se sabe bem se por reconhecimento teológico ou por uma espécie de “pragmática histórica”, declarou São José Patrono da Igreja.

No século XX, na edição de 1920 do Missal romano, sob o pontificado de Bento XV, encontra-se um Prefácio de São José. Este Prefácio continuou, de modo substancial, no Missal de Paulo VI, de 1970.

Em 1955 o Papa Pio XII introduziu no calendário a “Solenidade de São José Operário, Esposo da Bem-aventurada Virgem Maria, Confessor e Patrono dos Operários”. O pomposo título da comemoração demonstrava a intenção de destacar São José na intertextualidade do mundo do trabalho. Esta Solenidade passou a ser observada em 1956, com a abolição da antiga Festa do Patrocínio de São José. A Solenidade de São José Operário, Esposo da Bem-aventurada Virgem Maria, Confessor e Patrono dos Operários foi, por sua vez, suprimida no grau de Solenidade na reforma do Ano Litúrgico e do calendário empreendida após o Concílio Vaticano II, e tornou-se, de modo bem mais modesto, uma memória facultativa. É a memória facultativa de “São José Operário”. O motivo desta mudança, como comenta A. Adam, é a intenção do *Consilium*, encarregado da reforma do Ano Litúrgico e do calendário, em diminuir, o mais possível, as festas e comemorações de índole ideológica.

Atualmente o dia 19 de março acolhe a celebração de São José na Igreja Ocidental no grau de Solenidade. Muitas Ordens e Congregações religiosas têm São José como patrono ou modelo. Um rápido olhar no Anuário Católico do Brasil nos informa esta quantia.

O expressivo número de institutos religiosos dedicados a São José ou que nele encontram sua inspiração não leva a Igreja, como um todo, a uma visão mais clara e, sobretudo, teológica e pastoral mais adequada, a respeito do Patrono da Igreja Universal. Este título, por demais pomposo, vem de Pio IX, como indica o Decreto deste Papa, intitulado *Quemadmodum Deus*, datado 8 de dezembro de 1870. Neste Decreto, lê-se:

Tendo depois no Sacro Concílio Ecumênico do Vaticano insistentemente renovado as suas solicitações e desejos, o Santíssimo Senhor nosso Papa Pio IX, consternado pela recentíssima e funesta situação das coisas, para confiar a si mesmo e aos fiéis ao potentíssimo patrocínio do Santo Patriarca José, quis satisfazer os desejos dos Excelentíssimos Bispos e solenemente declarou-o Patrono da Igreja Católica, ordenando que a sua festa, marcada em 19 de março, seja de agora em diante, celebrada com rito duplo de primeira classe, porém, sem oitava, por causa da Quaresma.

A este decreto segue-se a Carta Apostólica *Inclytum Patriarcham*, que concede às festas de São José determinadas prerrogativas próprias de outras festas litúrgicas. Esta Carta é datada de 7 de julho de 1871, praticamente um ano depois do Decreto *Quemadmodum Deus*.



Mas a leitura de outros textos do Magistério pós Concílio Vaticano I dá a impressão de que a figura de José é vista como anexo entre o Povo de Deus, a Igreja, e Maria, que por sua vez é como uma intermediária entre tudo isso e Jesus. O papel de José é como assessorio no Mistério da Encarnação, meio que funcional. Se ele não estivesse lá, não haveria um pai para Jesus e a situação de Maria, a mãe, seguramente não seria confortável na sociedade de seu tempo. José é, assim, uma espécie de “instrumento útil”, não obstante a declaração papal de ser “patrono da Igreja Universal”.

José é destacado a partir da espiritualidade e devoção, mas ainda não se percebe sua ação decidida na História e nos Eventos salvadores. A motivação do título de Patrono da Igreja ou Padroeiro da Igreja parece ser, ainda, a indicação de uma função de defesa e de segurança, não o reconhecimento de sua

identidade. Claro que, nestes tempos do século XIX, muitos estudiosos se dedicavam a investigar sua importância e significado.

Analisamos aqui a principal ocasião em que São José é destacado de modo especial, a chamada Solenidade de São José, Esposo de Maria, Patrono da Igreja Universal. Em artigos futuros analisaremos a memória de São José Operário e a celebração dos Santos Esposos.

Dito tudo isto, não está claro, para este articulista, o porquê da solenidade de São José ser no dia 19 de março. De um modo um tanto simplório, alguém poderia fazer uma observação (como ouvi certa vez!). É esta: Considerando os textos dos Evangelhos de Mateus e Lucas, nos seus primeiros capítulos, como relatos históricos imediatos, sem expressões teológicas e elaboradas imagens pós-pascuais, seria mais lógico a anunciação a Maria antes da anunciação a José. Ora, primeiro o anjo teria anunciado a Maria, e esta teria aceito a maternidade. Então, somente depois de José saber do fato da gravidez, ele teria elaborado a solução do desligamento dos compromissos matrimoniais de Maria... E neste momento, no sonho, José passa a entender tudo de modo claro!

Esta é uma visão simplista, que nasce de uma aproximação também elementar dos textos evangélicos dos relatos de anunciação. Como disse, ouvi esta observação duas ou três vezes. A isto, de modo rápido e objetivo, pois não é o foco de nosso estudo, podemos responder:

Os relatos presentes nos primeiros dois capítulos de Mateus e Lucas têm forte conteúdo pós-pascal. Isto é, foram escritos à luz dos eventos posteriores. Respondem à necessidade de dar um sentido pleno ao Evento da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. O dado supostamente histórico daqueles relatos foi, seguramente, eclipsado pela teologia que o Personagem Jesus, na sua Pessoa e Missão, expressa. De fato, não é difícil perceber que uma junção entre os dois textos, de Mateus e Lucas, em uma sequência narrativa única, é impossível. Esta impossibilidade demonstra que cada um dos textos tem uma teologia e aponta para perspectivas diferentes, mas unidas na apresentação do Personagem Jesus Cristo.

Resumo: Muitas expressões da Vida Religiosa Consagrada se inspiram em São José, Esposo de Maria e Pai de Jesus. Sua celebração, em 19 de março, é ocasião oportuna para uma revisão de significado como modelo de adesão à vontade de Deus e ação em seu nome. O artigo analisa, a celebração do dia 19 de março, um pouco da história da devoção litúrgica a São José e a própria Liturgia celebrada neste dia, sua Eucologia e textos bíblicos. O sentido mais intenso que, hoje, pode ser encontrado pela Vida Religiosa Consagrada na pessoa e missão de São José é, a intensa adesão ao Mistério de Deus na sua vida e na história, expresso na missão recebida, segundo o relato evangélico de Mateus 1,21, de impor o nome de Jesus ao menino nascido de Maria.

Palavras-chaves: São José, Solenidade de São José, Oração do dia, Leituras da Solenidade, Imposição do Nome de Jesus.

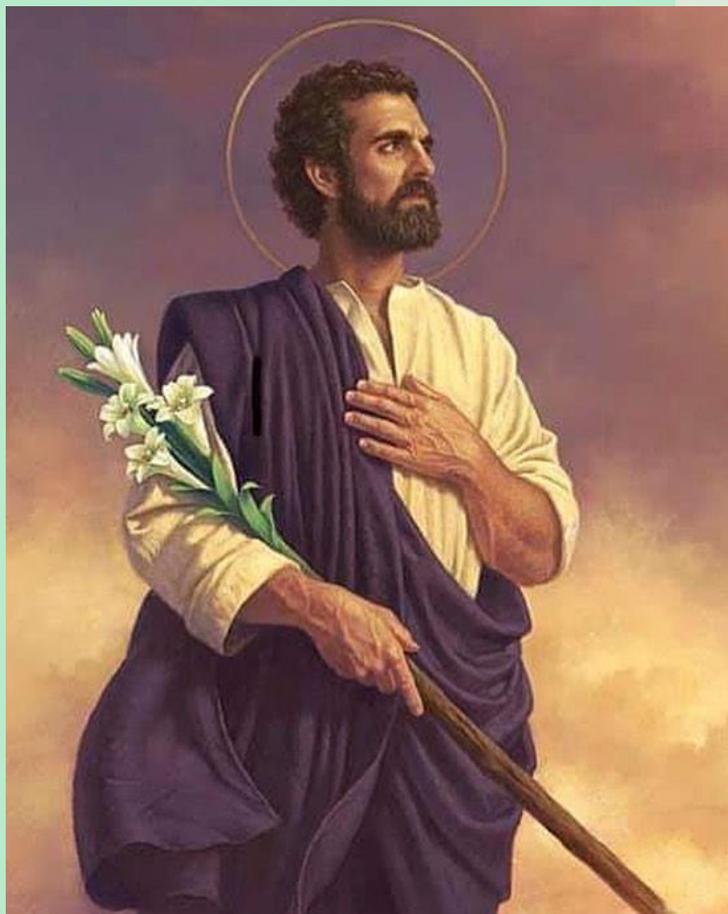
ESSE GRANDE MODELO & de VIDA POBRE ESCURA

Pe. Mario Guinzoni, OSJ



INTRODUÇÃO

O VRCA é um pouco como **um céu cravejado de estrelas** que são as várias Congregações e Ordens: cada uma delas brilha com a sua luz particular do seu carisma, a graça do Espírito Santo, a vida que emana da sua história e dos santos fundadores e fundadoras e por muitos discípulos. O VRCA é também como **um jardim repleto de flores diversas** que emanam no mundo o « **bom perfume de Cristo** » (Christi bonus odor 2Cor 2, 15), as cores e os riquíssimos perfumes dos carismas que enriquecem e fazem a Igreja Mãe em santidade cada vez mais bela.



Todos estes carismas são vida e graça do Espírito Santo: juntos formam um mosaico do qual cada carisma é uma peça maravilhosa que ajuda a formar e apresentar ao mundo o rosto de Cristo: “*Vós sois o mais belo entre os filhos do homem.*” (Sl 45,3). Cada peça tem sua importância, mesmo a menor. E aqui me vem um versículo de Tagore (1871-1941), do qual gosto muito: “**Deus sempre se cansa de grandes reinos, nunca de pequenas flores**”.

Somos Oblatos de São José, sem nos diminuirmos com falsa humildade e, pior ainda, sem nos ostentarmos. Sentimo-nos imersos nesta vida e se somos uma estrela

mais ou menos brilhante ou uma flor pequena ou grande, isso não importa muito. José, sim, uma grande estrela e uma grande flor escondida, ainda tem um fascínio especial e um perfume para lançar ao mundo. Com ele estaremos sempre no caminho da santidade, e isso basta para nos fazer jorrar de alegria! Nunca devemos esquecer que São José não é apenas um patrono da Congregação (bem como da Igreja claro), mas ele também é o inspirador de nosso carisma Oblato. E então explodimos de alegria e sonho! Uma canção (brasileira) diz: sonhar é uma utopia, mas vamos sonhar e ir até José, o jovem que nos ensinou como os sonhos derrotam o temor e o medo.

Contemplando o art.3 de nossas Constituições, podemos imaginar algo de especial para nós, como escreve o Superior Geral em outras palavras em seus pontos de partida em preparação para o Capítulo e sonhamos com José de Nazaré no coração de cada Oblato, a família de Nazaré encarnada em nossas comunidades, queremos que o nosso apostolado esteja impregnado da laboriosidade e do amor do **tekton** da Galileia, todos sonhamos em viver a sua união com Deus; então desejamos que os Oblatos no mundo aumentem em número, sim, mas também aumentem em humildade, no escondimento do Esposo de Maria e vivam uma verdadeira cartuneisidade. Afinal, não se trata de ter sonhos surpreendentes ou impossíveis, mas de viver o nosso carisma, com todas as nossas forças, mesmo que, então, continuemos frágeis caminhantes do Mistério. Viver o carisma assim para nós é sonhar grande! Esta foi a nossa escolha no dia da nossa consagração. Procuremos, então, ajudados pela Palavra, por nossas constituições e regulamentos, e por nosso estilo de vida, viver a alegria do "Oblato Josefino". Nesta lectio, mergulhemos no texto da Anunciação de José. Adiante!

1. A OBLAÇÃO RADICAL DE JOSÉ EM MT 1,18-25

"Pedimos a São José que seja nosso diretor espiritual"¹ para compreender em profundidade a beleza de nosso radicalismo, a força de nossa espiritualidade VRCA no estilo Josefino.

Todos os textos evangélicos que falam de José apresentam-nos discípulo de Jesus, pai, esposo decidido, homem de ação e ao mesmo tempo de vida interior "insondável"²; profeta também para o nosso tempo, com uma vida totalmente projetada em Jesus e Maria; homem adulto na fé, "docibilitas" ativa, responsável perante o desígnio de Deus. Docibilitas (que é mais que docilitas) é deixar-se conduzir e instruir, transportar mas também envolver-se com Deus, assumindo um papel ativo a ponto de sempre "aprender e aprender"³ e viver em um estado contínuo de discipulado diante de Deus como aprendizes eternos. José construiu sua família dessa forma 'radical' com sua coragem, com seu trabalho, com o cotidiano das pequenas coisas vividas com amor. Podemos resumir a grandeza e a riqueza de José com uma expressão muito profunda e bela do escritor brasileiro Frei Francisco de Monte Alverne (1784-1858): "Ele foi esculpido pelo coração de Deus!"⁴ Do escultor dá para entender a maravilha da obra!

José é então um 'radical' quando diz seu sim e "*fez como o anjo do Senhor lhe ordenou*" (Mt 1,24); quando "*subiu à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, para se registrar com Maria, sua noiva*" (Lc 2,4-5); e em seguida quando ele foi para o Egito, ele voltou, ele escolheu viver em Nazaré, no anonimato absoluto do amor. Radical na sua justiça (Mt 1,19) com respeito a Deus, Jesus e Maria,

perdendo todos os seus projetos humanos para o TODO, «aceitando a condição, responsabilidade e peso da família e renunciando, por um amor virgem incomparável, ao amor conjugal natural que o constitui e o alimenta, para oferecer, assim, com total sacrifício, toda a existência às exigências imponderáveis da surpreendente vinda do Messias”⁵. Radical na coragem de defender Jesus e Maria, pondo em risco a própria vida, nas dores e nas alegrias, nas dúvidas e nas noites escuras e nos longos anos extraordinariamente simples de Nazaré (Cfr. Gaudete et exultate n° 17).

José é sem dúvida um'anawim "que confia e se entrega a Deus, e "regenerado pelo Espírito Santo"⁶ é obediente a ele, e" por um dom especial do céu"⁷, ele amou Jesus e Maria como servos dispostos, com o expropriação de sua pessoa, com entrega de si mesmo, só superada pelo próprio Jesus e por Maria. Diante das tragédias sociais de nosso mundo, José também se eleva a profeta em solidariedade com os inocentes, com os migrantes, com os exilados gerados pelas políticas egoístas dos governos; solidariedade com os trabalhadores, com a emergência educativa, com o mundo da família e com a juventude; e lança-nos um desafio, o de caminhar nas suas pegadas e amar cada pessoa que passa, como amou Jesus e Maria com o coração, com as mãos, com a vida, vendo em cada um, um filho/uma filha do único Pai.

Vejamos agora alguns aspectos do texto mais importante dos Evangelhos sobre José, que é bem conhecido, o da vocação ou, melhor, da Anunciação de José: Mt 1,18-25.



José, no início do Evangelho de Mateus, torna-se um paradigma de discipulado e uma testemunha antecipada do mesmo evangelho, como aquele que ouviu a palavra de Deus e a praticou. Este é um pouco o contexto da vocação - anúncio de José (1,18-25).

Os versos 18-23 são o coração do texto.

“Sua mãe, Maria, estando noiva de José, foi encontrada grávida pelo Espírito Santo antes de irem viver juntos” (v.18). Este evento é humanamente impossível de prever, mas apenas na surpresa do Espírito Santo. Maria claramente vive uma situação delicada, mas o drama também é vivido por José.

“José, seu esposo, que era justo e não queria se divorciar dela, decidiu despedi-la em segredo” (v. 19). O teólogo português José Tolentino de Mendonça explica a palavra justo da seguinte forma: “O justo na linguagem do Antigo Testamento é o homem que faz a vontade de Deus, que ousa confiar nele quando está dominado por dúvidas e perplexidades... No AT justos são os patriarcas (Mt 23,35. Hb1,14) e os profetas (2P 2,7). Em Lc 1,6 se diz de Zacarias e Isabel que *“eram justos diante de Deus”* e pouco depois (Lc 2, 25 é dito do mesmo de Simeão.”⁸

Evidentemente, Giuseppe foi ... esquecido ..)

Não aceitamos a opinião de que José queria repudiar Maria. O P. Mauro Negro OSJ, capitular aqui presente, interpreta esta passagem de outra forma. Vamos ver. “O Justo é aquele que se curva diante de Deus, aquele que deixa espaço para Deus, que permite que ele se manifeste. Quando o Justo quando encontra Deus, ou ele se inclina, ou cobre o rosto, ou se distancia. Isso é o que José pensa em fazer: ele pensa em se retirar, permitindo que Deus aja com sua esposa. Mas, para isso, ele terá que respeitar o mistério que está acontecendo nela: a gravidez no Espírito Santo. Deve deixá-la livre, deve **“desligar - la”** que é uma possibilidade de substituir a expressão “repudiá-la”, expressão que contém um sentido demasiado duro, quase uma recusa, uma exclusão provocada por algo desagradável. [...] Mas o que fica claro aqui é que José ... “não queria repudiá-la” ... (v. 19). Por que ele não queria repudiá-la? Porque ele tinha que mostrar a decisão de não assumir o matrimônio com Maria e para isso ele teria que dizer o que estava acontecendo. Agora, quem acreditaria em uma gravidez no Espírito Santo?

Ele deveria ter dito o que não poderia dizer, porque não havia motivo para uma denúncia. Então ele decide “desligar-la” em segredo. Só ele e ela saberiam. Ela estaria livre e ele provavelmente assumiria a culpa, pois nesse caso secreto ninguém saberia do fato da demissão e isso pareceria um abandono. Sobre José, cairia a ira daqueles que não entenderiam como os fatos aconteceram. ⁹ A Bíblia de Jerusalém adota esta tradução: *“Ele não quis repudiá-la, decidiu despedi-la em segredo”* (Mt 1,19). Um pouco da mesma tradução que encontramos no RC (nº3). José intuiu que tudo vinha de Deus e pensou em deixar o campo livre para Ele. Provavelmente foi até avisado pela própria Maria,¹⁰ e é dessa opinião que Pe. Stramare explica: “Maria sabe que todo o amor de José por ela é segundo Deus e que, portanto, podia dispor livremente deles ao serviço de Deus. É natural pensar que Maria, a Anunciada foi também a primeira anunciadora da “Boa Nova” (este é o Evangelho!) e a partilhou por primeiro, a pessoa mais amada, que é São José, que, além disso, sendo seu verdadeiro esposo, é não só a pessoa mais interessada, mas também a mais envolvida

no mistério da sua maternidade ”¹¹ Maria - continua P. Stramare - torna-se assim evangelizadora e José o primeiro evangelizado! O P. Angelo Rainero OSJ explica assim: «Não pode haver dúvida de que São José, tendo em mente por um lado a profecia de Isaías e tendo por outro lado um conceito muito elevado da pureza, modéstia e santidade de Maria, pensou imediatamente que ela seria a virgem prodigiosa predita pelo Profeta. [...]. Ele, portanto, a abandonou por uma razão de justiça (= para ele era como usurpar o título de Pai, um obstáculo para Deus) e o fez secretamente por uma razão de caridade "(= deixando assim intacta a honra dela).¹² Padre Rainero continua que este foi um autêntico heroísmo de São José porque “ele tomou sobre si toda a desonra, todo o ódio, toda a infâmia ... passando aos olhos dos homens como infiel, perjúrio... ”.¹³

Assim, sem dúvida, José deixa que Deus controle sua vida: fé, abandono, mas também coragem e, como vimos, heroísmo de sua parte. Ele é um anawim que confia totalmente em Deus.

"Mas enquanto ele pensava nestas coisas, eis que um anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho e lhe disse: "José, filho de Davi, não tenha medo de tomar Maria, sua esposa, porque o que é gerado nela vem do Espírito Santo "(v.20). Sua vocação, como diz Francisco, é feita de escuta, discernimento, vida e compromisso. ¹⁴ Ele recebe uma luz inesperada no sonho¹⁵ em um momento de oração, em sua noite do espírito, lutando com Deus, como Jacó com seu personagem misterioso. (Gn.32,23-33). “Ele estava pensando”: então meditação, oração! Deixe-me dizer que José viveu sua **kenosis** aqui, sem se jogar em uma obediência sem sentido. Ele entendeu que nada era impossível para Deus! O filho de Davi (de agora em diante só Jesus será filho de Davi!) Não teve medo. O P. Stramare escreve: “José, portanto, não entrou no plano de Deus por acaso, mas foi predisposto e divinamente chamado para isso. O título de filho de Davi que Jesus receberá das multidões deriva de sua filiação por meio de José, filho de Davi.”.¹⁶

José amou! Radicalidade do amor! Ele se consagrou totalmente a Jesus - oblação total!

"Quando José acordou do sono, ele fez como o anjo do Senhor lhe ordenou e tomou sua esposa consigo" (v.24).

“Despertado do sono”: entendeu o que Deus queria dele e atua prontamente. Como sempre fará. (Certamente podemos fazer um confronto com a parábola do tesouro escondido de Mt 13,44..). O verbo usado significa acordar do sono, mas se refere a uma verdadeira ressurreição interior: **enerzeis de ou Ioseph!** Com total clareza, entrega-se a Jesus e a Maria, escolhe Deus! “José deixou de lado todos os cálculos do interesse humano e fez uma oferta generosa de si mesmo à vontade de Deus, vivendo integralmente o 'seja feita a tua vontade' núcleo do ensinamento de Jesus”

¹⁷ Ele inverte seus planos, aceita tudo até o impensável em sua vida. O *fiat* de Maria (Lc 1,38) se funde com o fato de José (Mt 1,24) e os dois *sim* se fundem no *Sim* de Jesus (Hb10,7). Giuseppe gigante de todos os tempos, um homem de todas as estações e de todos os séculos! Ele aceitou Maria com total confiança sem 'se', sem 'mas', ele acolhe o dom total: mãe e filho. Esta será sempre a missão da sua vida que, como diz RC, foi ser ministro especial da economia da salvação (cf. RC 32).

2. O PAI E AS NOSSAS CONSTITUIÇÕES.

O nosso Fundador tinha um amor profundo e ao mesmo tempo simples e filial por São José e algumas das suas afirmações o comprovam. Aqui estão algumas de suas frases cheias de verdadeira devoção (= como pensava São Francisco de Sales) Giuseppina: “Nosso Mestre da casa São José”;¹⁸ “Nosso grande pai”¹⁹; Mestre de capela ²⁰; “O primeiro modelo de vida religiosa ..” ²¹; “Patrono e modelo da Congregação”²²; “Nosso advogado... nosso pai...” ²³; depois entre as mais belas frases: “Diremos, pois, ao nosso grande Patriarca: Aqui estamos todos para ti ...” ²⁴; e ainda: “Você que, depois da Virgem Maria, primeiro apertou o seu peito ..”²⁵ e muitos outros... Para o Fundador, São José foi um verdadeiro modelo de discipulado radical a Jesus com sua humildade, castidade, obediência, pobreza, igualdade de espírito, união com Deus, em viver a vontade de Deus, no trabalho manual, na santidade das pequenas coisas, no discernimento, na fé corajosa ... Sua devoção se transformava em vida.

Nossas constituições são claras e nos apresenta a radicalidade de José. Aliás, não devemos ter medo da palavra radicalismo que significa ir às raízes e ir ao essencial que é só Deus, o Evangelho! Nada de novo? Talvez não, mas o novo é, precisamente, a nossa 'Josefinidade'. E precisamos de uma "refundação pessoal e comunitária de nossa existência" (como escreveu novamente o Padre Geral) para nos sentirmos verdadeiramente os Oblatos.

Já no primeiro artigo é lembrado que os votos '*fortalecem o vínculo batismal de uma forma mais perfeita*'. Agora, fortalecer não significa apenas reforçar algo externo, mas é ter uma convicção que nos empurra e nos convence 'por dentro' de que é isso que importa: **a escolha de Deus!** Agora José claramente viveu esta escolha de Jesus em plenitude e nós, com a graça e a força do batismo, devemos seguir seus passos.

Radicalidade é viver a '*santificação*' (art. 2) diríamos' como viveu São José' e esta é a nossa grande beleza pela qual devemos nos apaixonar.

A seguir, encontramos, especialmente no segundo capítulo do Projeto de Vida das Constituições, uma série de advérbios, verbos e adjetivos que sempre me impressionaram, que nos mergulham de forma inequívoca no nosso radicalismo. Vamos ver os principais.

Art. 4º: “consagrar-se totalmente a Ele”; art. 5º: “consagram-se totalmente a Deus” e “esforçam-se pela perfeição da caridade”; art. 6º: “esta consagração total de si mesmo”; art. 7º: «tender pela perfeição religiosa»... Estas expressões fortes, se valem para todos os religiosos, têm para nós a particularidade de um molde OBLATO. José de Nazaré, como bom judeu, certamente conheceu e viveu a profissão de fé do Shemá '(Dt 6, 4-9), onde fala do amor e da paixão por Deus que ainda por primeiro é apaixonado por nós e onde se fala do amor ao próximo. O Primado do Absoluto é a fonte que nos faz viver totalmente em Deus e para Deus, amando também os irmãos que passam por nós.

Bem, São José não apenas certamente fez esta profissão de fé judaica, mas, tenho certeza, ele a incorporou plenamente na vida, e a ensinou a seu filho Jesus, tinha em sua alma em todas as

ocasiões. Um amor total, apaixonado, amoroso, uma vida contínua de **Oblação**. Nossas Constituições, portanto, retratam a radicalidade de José e é ali que devemos espelhar.

Lembramos aqui apenas alguns artigos básicos. *Viver «este mistério cristão como o viveu São José»* (C. 3), *«numa vida virginal e pobre que Cristo Senhor escolheu para si e que Maria Santíssima e S. José abraçaram»* (C. 6), *«vivendo trabalhando secreta e silenciosamente na imitação de São José, grande modelo de vida pobre e sombria»* (Carta 108 e C.7).

São José foi colocado diante dos caminhos misteriosos de Deus e deu uma resposta 'a José' sem se poupar em todas as circunstâncias, no mais absoluto e verdadeiro silêncio, em seu diário de amor a Jesus ... escolheu Deus sem meios termos e viu o mesmo Deus em Jesus diante dele na obscuridade das escolhas, até se imergir e participar nos mistérios profundos não só da Encarnação, mas também da redenção. 26 e, portanto, também no mistério pascal ...

Divina aventura que agora cabe a nós escolher seguir o 'primeiro cristão' e o primeiro discípulo do Divino Mestre como com total clareza nos impulsiona seja o art. 1 do nosso Regulamento e sobretudo o art. 2, que sempre se referem ao Fundador: *“Na prática da vida religiosa os Oblatos de São José devem inspirar-se continuamente sob os olhos daquele exemplar Divino, que o Pai Eterno, por sua misericórdia, quis enviar ao mundo para ensinar o caminho ao céu”*.

Nosso código de acesso a Cristo, nossa senha é e sempre será José e se a escolha de Jesus e Maria foi o seu ideal, também deve ser nosso... José com sua vida escreveu e testemunhou: “Jesus é meu amor” (cf. 1 Jo 4, 8). Mas atenção: **o ÚNICO AMOR!** E esta é a Josefinidade consagrada. Este é o caminho da santidade Josefino também para nós Oblatos do século XXI. É mera coincidência



que a exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* de Francisco sobre o chamado à santidade tenha saído no dia de São José deste ano? As formas e as circunstâncias podem mudar, mas a substância é e sempre será a mesma. Como os atletas que sonham com um treino duro, quem de nós que decide seguir Jesus na forma oblata precisa treinar na perseverança, ou seja, na capacidade de não desistir, que é apenas o resultado da nossa convicção de que Deus está conosco além de ter a firme decisão de querer alcançar a meta. Para realizar não terá de escolher o mais fácil, mas sim o 'MAGIS' = o que é mais santo, **o mais OBLATO**, o mais próximo de Jesus, o mais Josefino, mais Marelliano. E então não podemos realmente esquecer a frase do nosso Fundador nas famosas cartas 108 e 109 da Fundação: “O Irmão de São José não é religioso professo, mas simplesmente um **Oblato que se confia continuamente a Deus para buscar a perfeição, desprendido de toda alegria de corpo e espírito**”²⁷. Nós sabemos pelo Pe. Cortona, que foi o próprio fundador a dar o nome de Oblatos e quando algum confrade propôs mudá-lo em 1921-22, Pe Cortona o defendeu por lealdade a Marellio.

Somos propriedade de Deus, pertencemos a ele como Oblatos consagrados, em virtude da consagração religiosa, um pouco como no Antigo Testamento muitas vezes se dizia que o povo era propriedade de Deus (Ex 6,7; Jr 30,22; Jr 7,23 etc.); mas, em certo sentido, ainda mais profundamente.

Nazaré será sempre nosso estilo de vida se aprendermos a lição do cotidiano e da união com Deus. O povo cristão tem um 'sensus fidei' especial e é o que afirma o Documento da V Conferência Geral do CELAM de Aparecida que em um único número tudo condensa: “Nossos povos nutrem um especial afeto e uma devoção por José, esposo de Maria, homem justo, fiel e generoso, que sabe perder-se para se encontrar no mistério do Filho. São José, professor silencioso, fascina, atrai e ensina, não com palavras, mas com o testemunho luminoso de suas virtudes e de sua simplicidade firme ”.²⁸

Vem espontaneamente recordar com alegria no coração, Rm 11,33: “*Ó profundidade da riqueza, sabedoria e conhecimento de Deus! Quão inescrutáveis são seus julgamentos e seus caminhos inacessíveis!*”

VIVA HOJE A RADICALIDADE DA GIUSEPPINA

1. JOSÉ SEMPRE PROCUROU A VONTADE DE DEUS

“Como Maria e José na casinha de Nazaré, estamos resignados à vontade de Deus em tudo o que Ele dispõe”²⁹ “S. José não queria nada, ele não queria nada que não fosse do maior prazer de Deus”.³⁰ Maria e José foram as almas que melhor prepararam os caminhos para o Senhor. Devemos, portanto, imitar esses dois exemplos [...] então primeiro devemos considerar cuidadosamente sua conduta e depois praticar fielmente as virtudes que eles exerceram, especialmente a humildade, a paciência, a uniformidade com a vontade de Deus. ”³¹“ Façamos momento por momento a santa vontade de Deus, sigamos fielmente os passos de Jesus. ”³²

Medite e contemple o belíssimo texto de **Ef 1: 1-14** que é um pouco o plano de Deus para a humanidade e para você! Você se sente imerso neste quadro de amor? (Então, se você quiser outros textos: **1 Sm 13,14; At 13,22; 1 Ts 4,3; Mt 7,21; Lc 22,41-42; Mc 3,33-35 ...**).

2) GIUSEPPE ERA RADICAL EM SUA JUSTIÇA

(Mt 1,19) com respeito a Deus, Jesus e Maria. Reprenda, acima, o art. 4-5-7 das Constituições.

“A São José peçamos a familiaridade e união íntima com Jesus”;³³

“Lembre-se sempre de que nosso objetivo é este: conhecer, amar e servir a Deus.”³⁴ José de Nazaré que sabia vender tudo para o TODO, por Jesus e Maria, morreu para o seu sonho humano de ser esposo e pai para ser um no sonho de Deus (Mt 1,20.24). E por toda a vida, dizendo um novo SIM a cada dia. Você já tentou ver o rosto de Cristo com os olhos de São José, pensar em Jesus como ele o pensava, amá-lo como ele?

Medite: **Mt 13,44-45; Dt 30,15-16,19; Mt 5-7; Lc 9,5-19,46** (viagem a Jerusalém); **Fl 3,4-21**.

Você é capaz de realmente escolher Jesus até a última consequência?

3. GIUSEPPE VIVEU UMA VIDA EM OBLAÇÃO CONTÍNUA

Ele viveu em um 'estado' de oblação, sempre orientado para o 'magis' em ir adiante no serviço e no amor. Um pouco como devia ser a vida cotidiana. Oblação significa fazer uma oferta total de vida. A oblatividade da pessoa leva à oferta e ao sacrifício da própria vida e torna-se culto, como recorda **Rom 12,1-2**.

A oblação então se torna a expressão de um profundo sentimento de entrega e abandono.

O Fundador nos mostra como ser Oblatos na radicalidade: “Amamos a Deus com todo o nosso coração, sem que nem uma partícula ou átomo do nosso coração lhe seja tirado. São Francisco de Sales disse que se soubesse que mesmo uma fibra do seu coração não pertence a Deus, ele teria arrancado de si mesmo. Amamos a Deus com toda a nossa alma, ou seja, submetendo nossa vontade em todos os aspectos à vontade do Senhor. Amamos a Deus com todas as nossas forças, empregando a serviço dele as nossas faculdades internas e externas e todas as energias, os talentos que ele nos deu: rezando, trabalhando, *fazendo tudo por ele*, sempre mostrando preocupação não pelo nosso conforto e prazeres, mas do serviço de Deus, glória, prazer, enfim, fazer um sacrifício absoluto, um holocausto completo, uma imolação constante de nós mesmos ao Senhor”³⁵

Convido-vos a meditar sobre este texto tão forte, frase por frase, pronunciado ou ensinado por Marello e transcrito no diário de Ir. Albertina Fasolis em 1884, que também reflete São Francisco de Sales no Tratado sobre o amor de Deus.³⁶ Os textos que eles mostram a oblação de Jesus que você pode encaminhá-los a José e a cada um de nós Oblatos: Hb 10,5-10; Sal 40.7-9. I Jo 3,16; Jo 15:13; Ef 5,2; 1 Pd 2,5; Fl 4,18; Hb 13:15...

4. HOMEM DE FÉ JOSÉ!

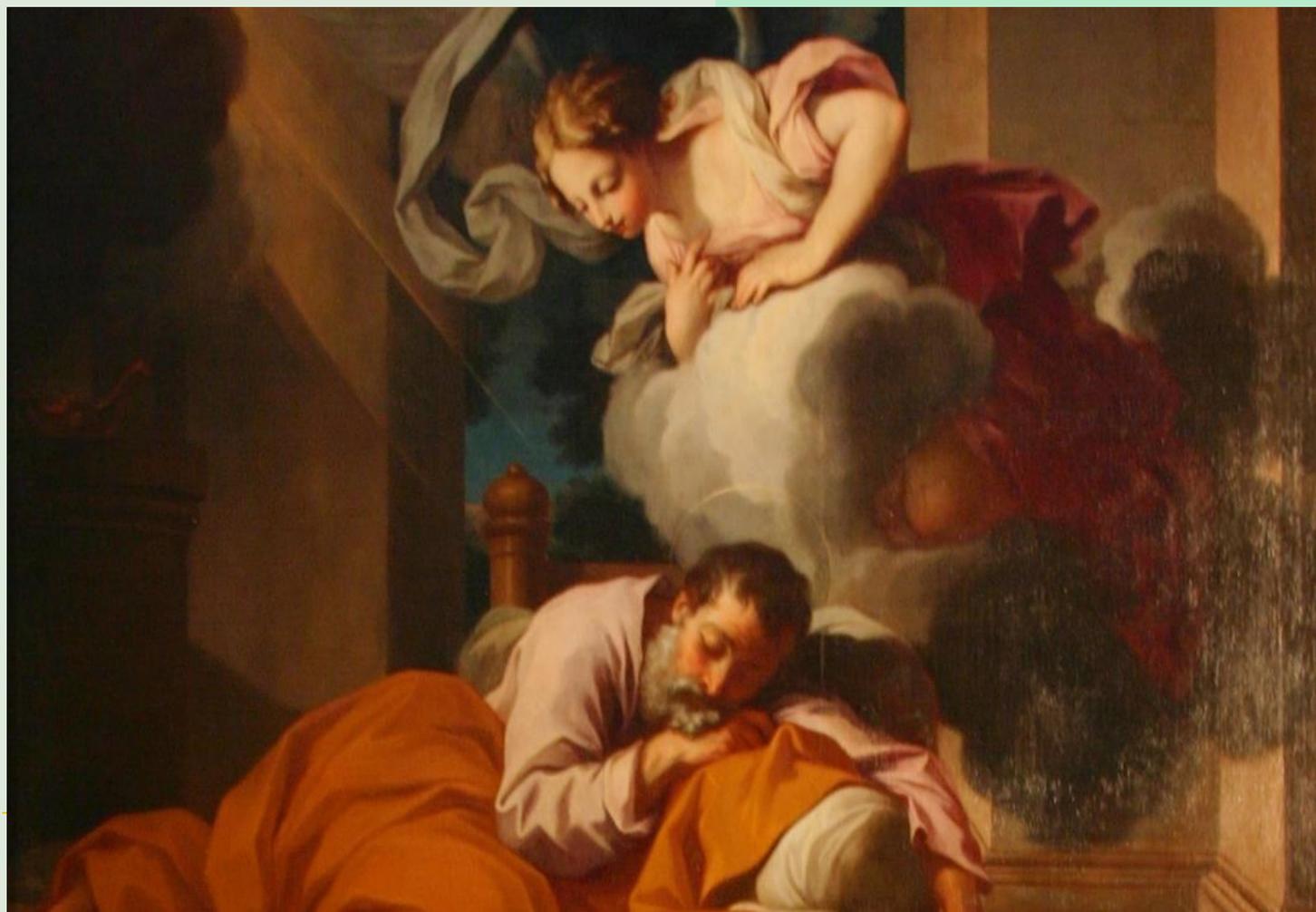
A carta aos Hebreus (**Hb 11**) relata uma longa lista de personagens do Antigo Testamento que eram homens de fé. No limiar do NT está José (junto com Maria) como um homem de fé. Gigante e radical na fé. Ele aceitou o plano de Deus incondicionalmente, sem duvidar. Aceita de ser esposo de uma mulher, mãe virgem e pai de uma criança que humanamente (como dizem) não é 'dela'! Ele vive pela fé. É verdade, então, o que Marelo aconselhou: “A fé se manifesta com as obras e estas fazem aumentarem a fé”.³⁷

2 Cor 5,7; Mt 17,20; Mt 21,21; Tm 1, 1-2; I Jn 5,4; Abac 2,4 - Rm 1,17 e Hb 10,38.

5. UM VERBO É IMEDIATAMENTE NOTADO EM MATEUS

“Levanta-te”: 2, 13 e 20 e 2, 14 e 21. Sabemos que os textos da “infância” devem ser lidos e escritos à luz da Páscoa de Cristo. Estes «levanta te» dirigidos a José com a sua pronta resposta ajudam-nos a cumprir com alegria «o serviço de Deus à imitação de S. José». Na Bíblia, esse verbo “levanta te” ocorre mais de 30 vezes em diferentes modos e situações, mas alguns autores dizem que há ainda mais.

Aqui você encontrará alguns desses textos para meditar se, na sua vida religiosa josefina, você está de pé, está pronto como José. Sempre existe o perigo de se estabelecer em uma vida confortável para a qual precisamos de uma verdadeira ressurreição ... Aqui então “acorda tu, que dormes, despertai dos mortos, e Cristo vos iluminará” (Ef 5: 14-17): Lc 6: 6 -11; Lc 7: 11-17; Lc 17, 11-19; Mc 10,46-52; Em 3.1-10; Atos 9, 6.11.



NOTAS

¹ MARELLO, Giuseppe, Escritos e Ensinamentos do Venerável Giuseppe Marelo, organizado pelo Pe. Mario Pasetti, Asti, S. Giuseppe Typography, Asti, 1980, p. 189. (Cf. também p. 191. 226)

² RC nº 26

³ CENCINI, Amedeo, Os sentimentos do Filho, EDB, Bologna, 1998, p.162

⁴ BERTOLIM José António, Teologia e Pastoral de S. José, Conferencias do V Congresso teológico pastoral sobre S. José, Congregação dos Oblatos de S. José, Curitiba, 2014, p 137

⁵ Homilia Paulo VI na Solenidade de São José, 19 de março de 1969

⁶ RC nº 19

⁷ RC nº 8

⁸ MENDONÇA, José Tolentino, A leitura infinita, Paulinas, São Paulo, 2015, p.248

⁹ NEGRO, Mauro, 6º Congresso Teológico e Pastoral de S. José, Congregação dos Oblatos de S. José. Curitiba 2017, p.92-93

¹⁰ Esta é a opinião, por exemplo, de Erri de Luca, Em nome da Mãe, Feltrinelli, Milão, 2010, pág 15 ss

¹¹ <https://movimentogiuseppino.wordpress.com/parte-viii-san-giuseppe-nella-catechesi/>

¹² RAINERO, Angelo, São José, virginal pai de Jesus, Escola Tipográfica

²² Ibid. p.144

²³ https://w2.vatican.va/content/francesco/it/messages/vocations/documents/papa-francesco_20171203_55-messaggio-giornata-giornata-vocazioni.html

²⁴ Sobre esse tema, Cf. Stramare Tarcisio, em São José na Sagrada Escritura na teologia no culto, Edizioni Piemme, Casale Monferrato 1983, capítulo Os sonhos de São José, p. 37 ff.

²⁵ STRAMARE Tarcisio, São José na escrita sagrada em teologia e culto, Piemme Marietti, Casale Monferrato 1983 p. 210

²⁶ STRAMARE, Tarcisio, San Giuseppe na escrita sagrada em teologia e culto, Piemme Marietti, Casale Monferrato 1983 p. 211

¹³ MARELLO Giuseppe, Estudos Marellianos, Epistolario II parte, L. 190. Oblatos de São José, Ano 1, nos 3-4, julho dezembro, Roma 2009. P. 489

¹⁴ Ibidem, L. 214, p. 547

¹⁵ Ibidem, L235, p.587

¹⁶ MARELLO Giuseppe, Escritos e ensinamentos do Venerável Giuseppe Marelo, editado pelo Padre Mario PASETTI, Marellian Studies and Documentations 3, Tipografia San Giuseppe, Asti, 1980, (Regras 1892) p. 133

¹⁷ Ibidem, p. 133

¹⁸ Ibidem, p.314

¹⁹ MARELLO Giuseppe, Estudos Marellianos, Epistolario II parte, L. 237. Oblatos de São José, Ano 1, nos 3-4, julho de São José, Ano 1, nos 3-4, julho dezembro, Roma 2009. pg 594

²⁰ Ibidem, Volume I, carta 37, p. 157

²¹ Podemos citar a esse respeito RC 5,6, 22; Endereço de São João Paulo II, 18 de março de 1884; Catecismo da Igreja Católica n 512; Educação Física. Stramare S. Giuseppe no mistério de Deus, p. 127 etc.

²⁷ MARELLO Giuseppe, Epistolario II parte, Centro Internazionale Giuseppino Marelliano, ano 1 n. 3-4, L 108 e 109, p. 327 e 332

²⁸ CELAM, Documento de Aparecida, n. 274. Texto de conclusão de V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13 a 31 de maio de 2007. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007, p.127. (Tradução)

²⁹ Marelo Giuseppe. Escritos e Ensinamentos do Venerável Giuseppe Marelo, organizado pelo Pe. Mario PASETTI, Asti: S. Giuseppe Typography, Asti, 1980, p.189.

³⁰ Ibidem p.228

³¹ Escritos e ensinamentos p.311

³² Ibidem p.207

³³ Ibidem p.188

³⁴ Escritos e Ensinamentos p.241
Escritos e Ensinamentos pág. 256.

³⁵ Cf. S. Francisco de Sales, Tratado do amor de Deus, Vozes, Petrópolis. 1996, Livro 9º, capítulo II, p.445
Ibidem p.187

FÉ OBEDIÊNCIA TRABALHO

Virtudes de Um Filho de São José

Pe. Alvaro De Oliveira, OSJ



Vivemos numa sociedade amorfa que não se preocupa com os valores fundamentais do homem, num tempo de grande confusão mental. Este fenômeno social tem um efeito devastador no comportamento humano. Muitos filósofos dizem que não estamos numa "época de mudança, mas numa mudança de época". E nós fazemos parte desta cultura niilista de hoje em dia. Não nos é possível arrancar-nos deste mundo para irmos viver em outro lugar. As religiões, o mundo eclesiástico, a vida consagrada e nós, os Oblatos de São José, também estamos dentro dela. O que podemos fazer? "Ou lutar ou morrer", dizia Santa Teresa: acomodar-se e desvanecer-se lentamente no ar? Ou reagir para regenerar-nos e renovar a nossa comunidade, província, congregação?

O nosso santo Fundador escolheu São José como seu modelo e apontou-o aos seus Oblatos, ensinando-os a imitá-lo e a invocá-lo: "Tu, ó José, mostra-nos o caminho, sustenta-nos a cada passo, leva-nos aonde a divina Providência quer que cheguemos. Entre as muitas e ricas qualidades da vida de São José, hoje queremos refletir brevemente sobre três virtudes: a fé, a obediência e o trabalho.

1 - São José é apresentado no Novo Testamento com alguns traços essenciais. Nos textos sagrados ele não diz uma palavra, mas algumas palavras muito profundas estão reservadas para ele. Ele é chamado pelo evangelista Mateus, "homem justo" (Mt 1,19):



"homem de fé, temente a Deus, responsável, honesto, sincero, digno, nobre". O conceito bíblico de justiça é determinado pelo relacionamento com Deus. No Antigo e no Novo Testamentos, são considerados justos aqueles que fazem a vontade divina com temor a Deus, em amor e respeito pelo próximo. "O justo viverá pela sua fé", diz o profeta Habacuque (2,4), depois de afirmar que os ímpios morrerão sem escapar. O homem de fé espera de Deus ajuda e salvação (Sl 34,9-10), porque sabe que o Senhor é justo e misericordioso (Sl 4,2-4).

O ideal do "israelita justo" é apresentado especialmente nos *Salmos*, em *Jó* e no *Livro dos Provérbios*. O povo eleito exerce a justiça quando não negligencia seus deveres para com Deus (Is 58,2), e quando o indivíduo leva uma vida perfeita em todos os aspectos (Sl 4,2-5; Is 56,1-3). Ao lado da fidelidade religiosa, da honestidade civil e da lealdade geral, o israelita justo é assíduo na prática da fé, respeita a Lei em todos os seus preceitos, e permanece reto na administração da justiça. No Novo Testamento, o termo indica a retidão ética e religiosa do homem, no sentido de disponibilidade em fazer da vontade de Deus a sua própria vontade. Em *Mt* 21,32 e *2Pd* 2,21 o caminho da justiça é a vida vivida segundo os preceitos de Deus, e justo é, portanto, aquele que cumpre os mandamentos. O adjetivo "justo" refere-se naturalmente a Jesus, mas não só a ele (*Mt* 13,17; 23,25.29; *Lc* 1,6; 2,25; *2Pd* 2,7). O sentido pleno deste termo torna-se claro quando é unido a outros adjetivos de ordem ético-religiosa, "santO" (*At* 3,14), "temente a Deus". E assim foi São José durante toda a sua vida. A inspiração constante para a sua ação foi a vontade de Deus em todas as circunstâncias. E as vicissitudes de sua vida lhe apresentaram momentos particularmente difíceis (mudança de vocação, aceitação da paternidade, longa viagem para o recenseamento, ameaça de morte ao Menino, fuga para o Egito, retorno a Nazaré, perda do filho, possível doença com preocupação pelo futuro de Maria e de Jesus, e a morte). Em tudo, José viu a vontade de Deus. Foi um homem fiel e justo até o fim.

Refletir: A fé é para mim adesão a um conjunto de verdades estáticas, ou é muito mais seguir a pessoa de Jesus e crescer em sua amizade? (Os Apóstolos disseram ao Senhor: "Aumenta nossa fé.") Sou temente a Deus, honesto, sincero, responsável? Sou fiel às práticas de piedade, mesmo quando não as posso fazer com a comunidade?

2 - Sendo um homem "justo" - porque disposto a fazer a vontade divina com alegria e fidelidade - José entrega sua vida a um projeto que o transcende, com a aceitação da ordem de manter Maria com ele. Esta é a justiça de José: não se trata simplesmente de uma observância escrupulosa dos mandamentos, mas de uma justiça que é uma busca integral da vontade divina, acolhida com plena obediência. Por causa dessa obediência, começou uma nova vida para José, com perspectivas antes inimagináveis. Ele descobre lentamente um sentido mais profundo da vocação de marido e pai. Assim permaneceu ao lado de Maria, como esposo fiel, e daquele Menino como figura paterna e responsável. A assunção desta responsabilidade exprime-se primeiro pela decisão de manter consigo Maria, sua esposa, e depois pela imposição do nome ao Filho recém-nascido de Maria (*Mt* 1, 21). O ato de dar o nome significa que dá àquele Menino a identidade social de seu pai: é precisamente por isso que Jesus pôde ser reconhecido como "descendente de Davi", exigência essencial da messianidade. Este bebê é, portanto, entregue à responsabilidade e ao amor de José e, através dele, Deus dá à história humana o maior penhor da sua fidelidade, aquele que é o "Emanuel", o "Deus conosco", profetizado por Isaías.

"José sempre obedeceu às ordens angélicas prontamente, e para cada vez é usada uma expressão muito sugestiva sobre a sua pronta resposta: "tomou consigo". A primeira vez foi no final da anunciação da qual foi destinatário: "fez como o anjo do Senhor tinha ordenado e tomou consigo a sua esposa". E seguida, o "tomar consigo" diz respeito à ordem angélica sobre a criança e a mãe a serem protegidos no Egito; finalmente, a mesma expressão ocorre quando se trata de voltar do Egito. (Cardeal Gianfranco Ravasi).

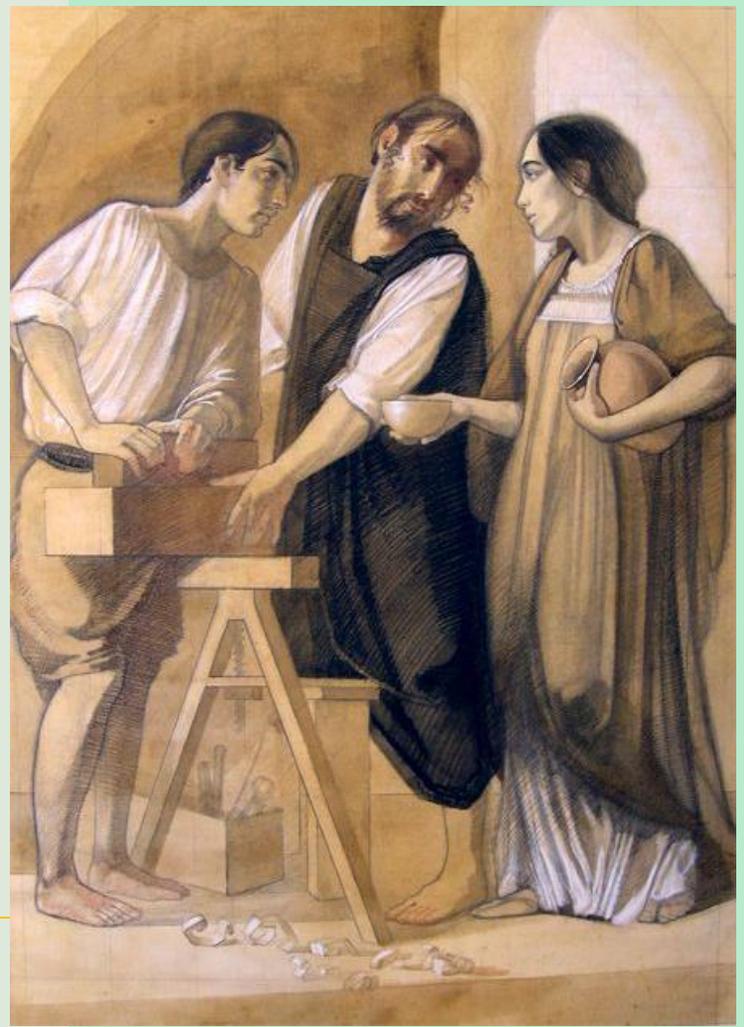
Certamente tudo isto está envolto no mistério de Deus, ao qual só se tem acesso através da fé e da obediência à sua vontade. Pois também nisso José se sobressai, definido precisamente pela sua fé, com o nome sóbrio e grandioso de "homem justo". E justo porque durante toda a sua vida ele fez sempre e somente a vontade de Deus.

A obediência é a condição da ordem social. A sociedade baseia-se no fundamento do quarto mandamento, de modo que sem obediência não há ordem social. Desde o Sumo Pontífice até a criança, vemos uma escadaria composta de inúmeros degraus, onde cada um tem inferiores e superiores. Todos devem obedecer. Também o Papa está sujeito às leis e regulamentos estabelecidos por Jesus Cristo. Se a obediência é observada, a sociedade, as comunidades, as famílias estão bem; se a obediência é violada, tudo caminha lentamente para a ruína.

A obediência é a condição da perfeição e da santidade, especialmente para as almas consagradas; o voto de obediência é a sua fortaleza, a sua força, o guarda da sua virtude. Quem segue a obediência, faz a vontade de Deus em cada momento, e percorre o caminho da santidade; não precisa de procurar onde está a vontade de Deus: tem-na diante dos olhos em cada momento, sem perigo de enganar-se.

Refletir: *A minha obediência é pronta, simples e sobrenatural? Os superiores podem contar sempre com a minha disponibilidade para aceitar uma mudança de casa, de paróquia, de serviço? Ou têm medo de me perguntar algo, têm dificuldade em organizar a província porque me recuso a colaborar?*

3 - São José preside a família de Nazaré, sustenta-a com o seu trabalho, defende-a e protege-a, não com a atitudes de um protagonista, mas deixando este papel a Deus. Depois de começar o dia com o louvor a Deus, juntamente com a sua família, José dedica-se ao trabalho de carpinteiro / ferreiro na sua oficina: ele acolhe e contrata os pedidos dos clientes, dando-lhes a devida atenção, e ao mesmo tempo fazendo entregas da maneira certa e honesta acordada. No entanto, como homem reflexivo que é, José conhece e



estabelece prioridades em tudo: Deus vem primeiro e José sabe que é dependente em tudo. Depois vem a sua família. E há também a devida atenção a ser dada ao trabalho e aos clientes, para serem servidos com profissionalismo. Amor por Deus, pelas pessoas e pelas coisas, exatamente nessa ordem.

Certamente Jesus observava, desde tenra idade, o comportamento e as virtudes de Maria e José. Ele espelhava-se neles e procurava imitá-los em tudo, de acordo com a sua idade, como diz o evangelista: "crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e diante dos homens" (Lc 2, 52). Sendo menino, era natural para ele seguir o pai até a carpintaria, interessando-se pelos vários tipos de trabalho que José fazia, observando com atenção e aprendendo a maneira correta de usar as ferramentas e realizar o trabalho exigido pelos clientes com precisão. E assim aprendeu a profissão de seu pai, merecendo o mesmo título de carpinteiro de José: "Este não é o filho do carpinteiro?" (Mt 13,55); e "Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão?" (Mc 6,3).

O nosso "trabalho" não é a carpintaria, mas o apostolado. Devemos dedicar-nos a ele "com profissionalismo", com o "suor da testa", como se a salvação do mundo dependesse de nós. No entanto, sem arrogância ou má vontade, preguiça e minimalismo. Mas também sem ganância por melhores posições, como nos adverte o nosso Fundador: "À semelhança do grande Patriarca São José, se tu deverás servir a Jesus em trabalhos humildes e inferiores aos de São Pedro, pensarás que o humilde guardião de Jesus tem no céu um posto mais elevado do que o grande Apóstolo" (L 282). Tendo o modelo de São José sempre diante dos nossos olhos, poderemos fazer um grande bem às almas e, em primeiro lugar, às nossas.

Refletir:

Sou prestativo, serviçal, disponível? Ou sou preguiçoso, indolente, pessimista no trabalho que me foi confiado? Ofereço-me eventualmente e de bom grado para ajudar os meus confrades? Sou criativo no ofício que me foi confiado? Trabalho para ser elogiado e ganhar a benevolência dos meus superiores, ou para fazer a vontade de Deus acima de tudo? Estou feliz e alegre no meu ofício? Como é que as pessoas me vêem?



A Festa dos **SANTOS ESPOSOS** no Ano de **SAO JOSÉ**

vivida nas paróquias e em nossas Casas Religiosas

Pe. Alberto Antonio Santiago, OSJ



Todos os anos, no dia 23 de Janeiro é a Festa dos Santos Esposos Maria e José. Nas paróquias fala-se do sacramento do matrimônio, da relação de casal e da religiosidade vivida a dois, tendo como modelo a relação entre Maria e José e a maneira que tinham de viver a fé.

Os pastores tentam reparar os danos após um esquecimento plurisecular, que deixou a presença de José na penumbra, só mais tarde exaltado como esposo de Maria, mas com ênfase no papel de defender sua honra, conduzi-la, prover ao seu sustento, sem nunca considerar o papel de esposo em suas vidas de casal. Nem Nossa Senhora teve melhor sorte, pois entre os seus títulos familiares, desponta sempre o de mãe, por vezes o de filha, e as raras referências ao título de esposa referiam-se sobretudo ao Espírito Santo.

Mas hoje as coisas, se não melhoraram completamente, podemos dizer que pelo menos mudaram de perspectiva, e a Igreja dedica-se à consideração de como e de quanto aquele casal fantástico abriu-se à vontade de Deus e, sem saber, pelo menos a princípio, preparou-se para acolher Jesus.

Em compensação do tempo perdido, é agradável considerar que em muitas paróquias dos Oblatos de São José, mas também em tantas outras, dirigidas seja pelo clero religioso que diocesano, espelhando-se



naquele casamento ideal, os casais renovam os próprios votos matrimoniais.

E dentro do nosso Instituto? Ao longo de sua história quase sesquicentenária, esta festa outrora chamada "do matrimônio de Maria Santíssima" era destinada a uma reflexão sobre a vida comunitária. E tinham visto bem as coisas, os nossos antepassados na vida josefina, dado que, se desconhecemos completamente uma crônica das ações de José e Maria durante o tempo em que eles eram namorados, noivos e finalmente casados, uma vez que o Evangelho não menciona, podemos, no entanto, refletir com fecundidade sobre como eles se comportaram um com o outro e ambos em relação a Deus.

Um testemunho do Pe. Cortona diz-nos que nosso Santo Fundador gostava de entreter os primeiros Oblatos com considerações sobre a vida interior de São José, falando-lhes das muitas coisas belas que tinha aprendido nas obras de São Francisco de Sales, em outros autores comprovados, e a partir das suas reflexões pessoais.

Tudo nos leva a pensar que estes ensinamentos de nosso Pai, por outro lado jamais escritos, foram transmitidos na vida da Congregação, sendo lembrados nas festas de São José. E os que diziam respeito à vida fraterna eram retomados precisamente na Festa dos Santos Esposos.

É preciso lembrar que a noção de vida fraterna em comunidade ainda não se desenvolvera na teologia da vida religiosa, e os princípios da vida comunitária iam pouco além das normas de convivência, vividas como exercício de virtude (prudência, abnegação, obediência, especialmente caridade). Sobre os deveres para com os companheiros, o *Manuale di Pietà per i Carissimi* dizia: "Evita o porte orgulhoso, as piadas mordazes, os apelidos, as palavras pungentes, o desrespeito, a murmuração. Deves evitar também qualquer briga ou discussão exagerada, e qualquer forma de alteração...". Compreende-se então a conhecida frase de São João Berchmans, o santo padroeiro de nossos noviços: "a vida comunitária é para mim a penitência mais difícil".

O peso da ordem hierárquica, que dava aos superiores a autoridade de um abade nos campos da obediência, era equilibrado pelo assim chamado "espírito de família", tema que a seu tempo merecerá uma reflexão à parte. Por agora baste recordar a missão dos superiores daquela época como o verdadeiro exercício de uma paternidade que era tanto mais autêntica quanto mais se estendia aos mínimos detalhes da vida dos religiosos a eles confiados. E, em seu lugar, os religiosos eram tanto mais perfeitos quanto mais dóceis se deixavam guiar em tudo e para tudo pela vontade de seus superiores, já que essa representava a vontade de Deus em todas as circunstâncias. Era inculcada a *oboedientia ac cadaver*, devida ao superior que dizia comandar *auctoritas qua fungor*. As decisões vinham sempre de cima, sem a participação da base. Sobre isso, a frase do Pe. Cortona sobre a obediência é ilustrativa: "nada pedir, nada recusar".

Depois, havia também as relações entre os membros das comunidades, reguladas como já dissemos pela etiqueta, e não raras vezes deram origem a verdadeiras amizades, sob um forte cunho espiritual, esquivando-se das vituperadas "amizades particulares", consideradas um desvio perigoso. Podemos dizer que, via de regra, os membros de uma comunidade chegavam a bem-querer-se e, na ocorrência dos inevitáveis problemas de ciúmes, inveja, aborrecimento, etc., recorriam ao superior.

Comparada à nossa vida de hoje, devemos reconhecer que a vida comunitária do passado era toda mais simples, de uma simplicidade que perdemos sem saber como substituí-la por algo semelhante. Mas, não nos é permitido ser ingênuos ao ponto de nos fecharmos num saudosismo imóvel. Pensar na Festa dos Santos Esposos no ano dedicado a São José obriga-nos a acertar as contas com nossa vida comunitária no contexto social e eclesial de nossos dias. Não podemos pretender continuar vivendo como se não afetasse a nossa vida, muito mais do que podia afetar as gerações passadas, a influência de personagens como: Marx, Freud, Nietzsche, Foucault ..., e acontecimentos como o Concílio Vaticano II com as várias reações desencadeadas, e as denúncias no nosso tempo por abusos de poder, etc...

De uns tempos para cá vem mudando não só o contexto em que vivemos, mas também a nossa própria concepção de Deus e as formas de nos relacionarmos com Ele. Antigamente, a obediência significava submissão incondicional à mediação entre os homens e Deus: a Igreja, os superiores, as diversas autoridades, etc., etc. O modelo era, por assim dizer, o da obediência da criança, ancorado em uma mal compreendida infância espiritual. Hoje, mais do que nunca, somos chamados à obediência inteligente e ativa, o que se traduz em participação responsável. Sejamos humildes em reconhecer que ainda estamos muito longe. Para permanecer com a imagem adotada, já não somos crianças, porque perdemos a nossa inocência: os defeitos encontrados nas pessoas e nas instituições já não nos permitem aceitar acriticamente as mediações do passado, mas por outro lado ainda não nos tornamos adultos, capazes de gerir as nossas relações com maturidade e de assumir as consequências de todas as nossas escolhas. O que somos nós então? Eu diria que somos ... adolescentes: já não somos crianças, ainda não somos adultos. Quando decidimos "ficar no Templo", queremos, é certo, ouvir as palavras de ternura de uma mãe amorosa, mas também queremos ser ouvidos nas nossas razões por um pai silencioso.

Sabemos que um superior tem, sim, a graça do estado, mas isso não faz dele um anjo, não o isenta de ser um homem sujeito às suas falhas e a todo impulso de ambição, de fazer carreira, de desempenhar um papel de liderança, de acumular dinheiro, de adular personagens de alto nível e assim por diante. Por outro lado, mesmo a Igreja, estimulada pelo surto de escândalos como o do "caso Maciel" parece ter repensado a sua prática, outrora consolidada, de estar sempre do lado do superior, como está a demonstrar também um fato de crônica do nosso passado mais recente! Da mesma forma, os membros de uma comunidade são, sim, movidos pelo desejo de servir a Deus com mais autenticidade, mas também eles se vêem impedidos pelo próprio egoísmo, orgulho, individualismo, indiferença para com os outros, etc., e assim por diante. Hoje, sem fideísmo inconsequente, somos chamados a assumir a Vida Religiosa com responsabilidade pessoal.

E como se dá o relacionamento de nós, homens do século XXI, com Deus? Também aqui eu diria que estamos na fase adolescente: superamos a estação do medo do inferno, que nos mantinha bem comportados. O apelo dos pregadores à justiça de Deus com a relativa ameaça de seus castigos implacáveis já não serve de nada, a não ser para produzir futuros sentimentos de culpa, que no entanto não limitam as oportunidades de pecado no presente. Como jovens que estão prestes a se tornar adultos, não queremos pecar, mas experimentar as coisas boas da vida, ousando tocar as fronteiras máximas entre a nossa liberdade e o que é proibido.

No campo sexual, por exemplo, o que a Igreja no passado tentou regular com riqueza de detalhes, hoje nos parece ser uma esfera de gestão puramente pessoal. Por outro lado, somos muito mais sensíveis à dor dos outros, ao respeito, ao sofrimento de certas classes, à discriminação de todos os tipos, ao racismo, à tolerância, às diferenças, à ecologia...

A consciência que temos dos nossos direitos impede-nos de aceitar passivamente quaisquer maus tratos, violência psicológica e humilhação (parte integrante de certa pedagogia do passado), intimidação e exploração por parte de quem quer que seja. E, sobretudo, valorizamos a pessoa pelo que ela é: não importa se tem dinheiro, se é bispo ou cardeal, se tem cartas de recomendação, se representa alguma grande pessoa, se tem nomeações políticas, etc. É por isso que tantas injustiças dentro das nossas comunidades, a princípio consideradas insignificantes, são hoje mal toleradas e tornam-se fonte de insatisfação e causa de abandono da Vida Religiosa.

Percebemos que neste ano de São José, em vista de uma futura recuperação do nosso genuíno espírito de família, temos muito a fazer. O primeiro passo, na minha opinião, é investir tempo e energia não na recuperação do velho molde (como alguns gostariam), mas em acionar aqueles mecanismos de participação (já não tão novos!) previstos em nossas Regras.

(Para não prolongar demasiado este que quer ser um simples artigo, sem outra pretensão que não seja provocar uma reflexão e talvez um debate comunitário), toco ligeiramente, como exemplo, o caso dos nossos Conselhos de Comunidade. Não é verdade que em muitos lugares (não por malícia de ninguém, mas por inexperiência) tornaram-se uma mera reunião programática, onde a partilha de opiniões e a participação nas decisões são consideradas uma perda de tempo? Não é verdade que muitas decisões que afetam a vida pessoal dos membros ainda são tomadas “de cima”, sem a mínima consideração pelas necessidades individuais? Não é verdade que, se por acaso o superior deixa a palavra livre, muitas vezes encontra o silêncio, porque a comunidade não está habituada a esse procedimento que, passados mais de 50 anos do Concílio, continua a ser estranho para nós?

Sim, temos um longo caminho a percorrer para uma vida de verdadeira fraternidade, onde os membros de uma comunidade amem-se, respeitem-se, aceitem-se e cuidem-se uns aos outros, e sejam capazes de correção fraterna. E os superiores exerçam mais autoridade e menos poder. A isto eu chamaria um caminho que promete ser longo, lento e acidentado, cuja não se vê bem com a vista humana, mas – como dizer? – contigo, ó José, temos a certeza de caminhar sempre bem.



PRIMAZIA da VIDA INTERIOR na REDEMPTORIS CUSTOS

Pe. Jan Pelczarski, OSJ



1. NOÇÃO DE "VIDA INTERIOR"

Sem querer entrar nas considerações sobre a história do conceito de "vida interior", parece mais importante dar alguns esclarecimentos sobre o termo que, à primeira vista, pode soar um pouco "antiquado" e, na verdade, agora é pouco usado. De facto, a noção presta-se a mal-entendidos e suspeitas, quer seja entendida como uma fuga à realidade histórica ou como um optimismo que se afasta do contexto histórico e eclesial.

Nos dicionários, o termo "*interior*" geralmente se refere ao que "acontece na alma, na consciência e no íntimo do homem"; e o termo "interioridade" é definido como a esfera do espírito e da consciência, como um complexo de pensamentos, afetos, aspirações, interesses e crenças que constitui a dimensão psíquica e espiritual do homem. Finalmente, um espaço de reflexão e silêncio pessoal, que requer a capacidade de escutar e refletir para encontrar o sentido do que acontece.



Na Bíblia, o sinal da interioridade é o coração, a sede da vontade e da decisão. São Pedro usa uma imagem evocativa quando fala do "homem escondido no coração" (1 Pd 3, 4) e São Paulo põe o homem interior contra o homem exterior (2 Cor 4, 16-18).

A interioridade é um tema que percorre toda a tradição cristã. Retomando o aviso do antigo "Conhece-te a ti mesmo", que se sintetiza no chamado a refletir sobre o sentido da vida, a vida interior elabora o que se vive fora e faz perguntas essenciais: quem sou eu?, de onde venho?, para onde vou?, qual é o sentido do que faço?, quem são os outros para mim? Só através da interiorização pode-se tornar "sujeito" da própria vida (E. Bianchi). Já Santo Agostinho tinha escrito: "Não saias de ti mesmo, está dentro de ti: a verdade habita nas profundezas do homem".

2. A VIDA INTERIOR HOJE

Na sociedade contemporânea, fundada sobre o culto da aparência e do ativismo, muitos vivem fora dela, em busca contínua de estímulos e novidades externas. Nos estudos dedicados à condição do homem atual podemos ver o aparecimento do vazio interior, que leva à busca de compensações no abuso de drogas, álcool e jogos, ou na dependência da Internet e das redes sociais em geral; descobrimos a fragmentação interior com a necessidade de recomposição; destacamos caminhos que tendem a afastar o homem da relação consigo mesmo e a mover para fora o centro de gravidade da pessoa humana; e descobrimos, finalmente, a tentativa de esquecer o mal-estar interior causado pela perda do sentido transcendente da vida humana. O psiquiatra Vittorio Andreoli, em seu livro *L'uomo di superficie* (O homem da superfície), fala de nossa civilização como projetada para o exterior, vivendo da evasão institucionalizada, reduzindo tudo ao que vemos e ao que atrai, e assim gradualmente apaga sua interioridade.

A isto se deve acrescentar outro dado, evidente e ao alcance de todos: o desaparecimento do silêncio, considerado antinatural e supérfluo. O ponto problemático do homem de hoje, portanto, é o coração dilacerado, que perdeu o elemento essencial da vida: a interioridade, a realidade que oferece sentido, inspiração e impulso à existência consciente, e que é o lugar privilegiado do encontro com Deus.

3. SÃO JOSÉ DE NAZARÉ E A VIDA INTERIOR

Para evitar mal-entendidos, é importante ter presente que São José não é um teólogo no sentido literal da palavra, como aquele que se entregou ao estudo teórico da vida interior e suas implicações nas relações com o Absoluto. Nem sequer é um monge de clausura que nos deixou um diário da alma, do qual tirar para conhecer o caminho a seguir na busca de Deus. Apesar de tudo isso, a exortação apostólica *Redemptoris Custos* fala do "perfil interior desta figura" (n. 25) e de sua "insondável vida interior" (ib.). Ele vive "em contato diário com o mistério 'escondido desde todos os séculos' e que 'estabeleceu a sua morada' sob o teto de sua casa". (n. ib).

O texto da exortação apostólica não deixa de sublinhar que é precisamente da sua insondável vida interior, marcada pelo contato diário com o mistério do Verbo encarnado, que "lhe provêm ordens e consolações singularíssimas; dela lhe decorrem também a lógica e a força, própria das almas simples e límpidas, das grandes decisões" (RC 26).

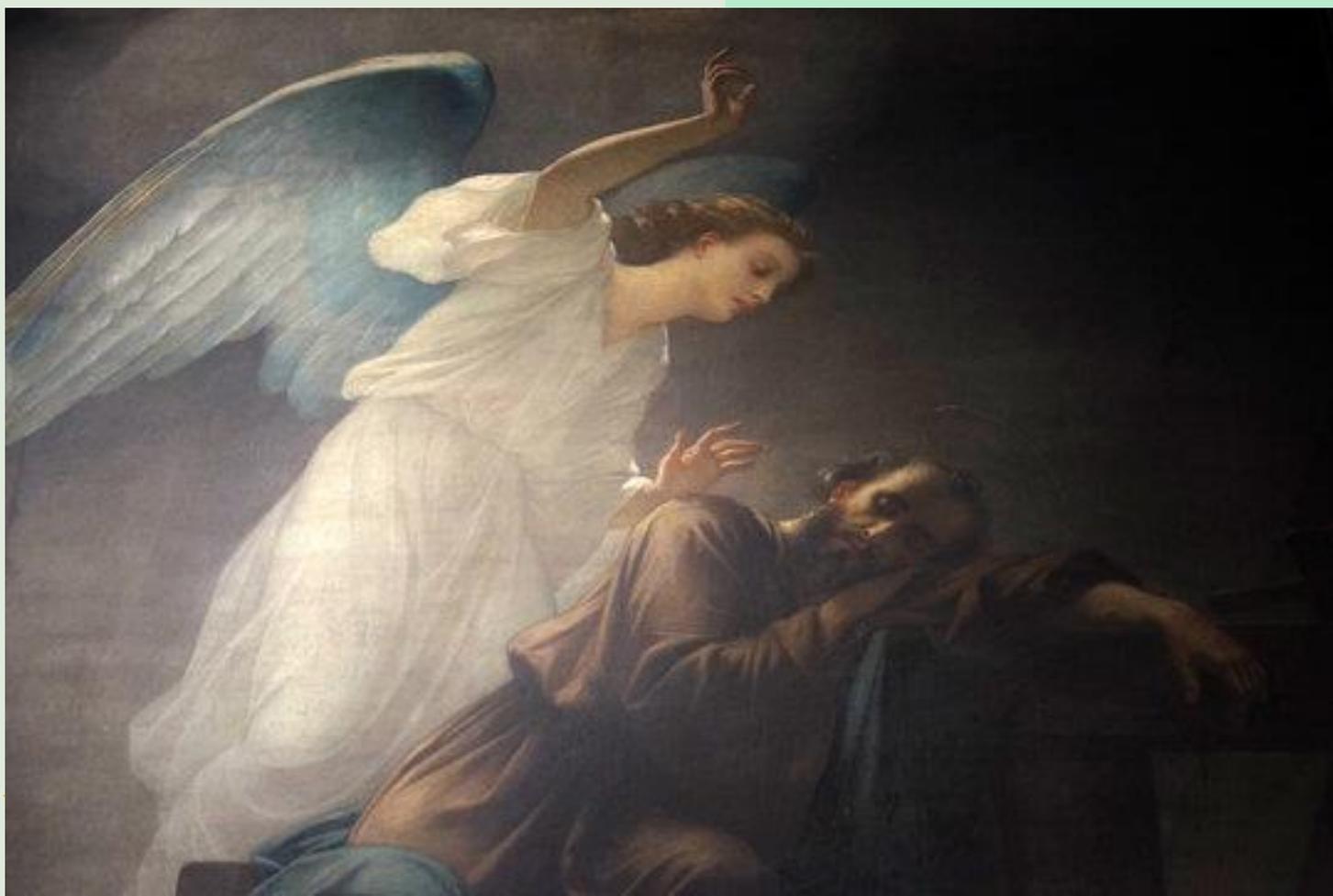
Em última análise, a raiz das grandes decisões que não seguem o cálculo humano, a capacidade de abraçar a vontade de Deus, o sacrifício que José faz de toda a sua existência às exigências da vinda do Messias em sua própria casa, a constante disponibilidade e fidelidade na missão, suas virtudes cotidianas e simples, o estilo de vida admirado pelas fileiras de devotos e santos ao longo dos séculos, tudo isso encontra seu fundamento e raiz em "sua insondável vida interior" (RC 25).

4. ABC DA VIDA INTERIOR DE SÃO JOSÉ

Se por um lado a *Redemptoris Custos* define a vida interior de José como "insondável", por outro destaca alguns de seus aspectos fundamentais, que manifestam sua riqueza e ao mesmo tempo nos desafiam. Concentremo-nos em quatro dimensões, que nos parecem ser as mais distintivas e peculiares no caminho do nosso Santo.

4.1. OUVIR A DEUS, OU SEJA, A PRIMAZIA DA PALAVRA DE DEUS

Ouvir a mensagem de Deus é o primeiro pivô da vida interior e é um mandamento bíblico. Deus exorta o povo escolhido: "Ouve, Israel..." (Dt 6,4-9); e por sua vez o homem, consciente de sua própria vocação e dependência de Deus, responde: "Falai, Senhor, para que o vosso servo vos ouça" (1 Sam 3,10). Essa afirmação exprime bem o fato de que a escuta é o primeiro ato do homem e uma atitude fundamental na antropologia bíblica, já que o homem é um ser chamado a ouvir para entrar em comunhão com Deus.



São José é apresentado no Evangelho como aquele que escuta a mensagem e, sem divagações, atrasos, desculpas e pedidos de explicações e esclarecimentos, a põe em prática. É interessante notar que esta escuta é feita nas circunstâncias da vida cotidiana, no silêncio da noite e através do sonho. Portanto, é claro que a missão de José depende da palavra, e que através da palavra ele entra em uma relação com Deus. A atitude de ouvir é um aspecto essencial de seu modo de vida e envolve sua interioridade: é nela que ele percebe as mensagens e ajusta sua conduta. Por outro lado, a resposta de José não é formulada em palavras, mas se manifesta na ação, de modo que a exortação apostólica reitera que "os Evangelhos falam somente do que José 'fez'" (n.º 25), sem nenhuma palavra sua. Quatro vezes ele sonha, e cada vez que recebe apenas uma mensagem e uma explicação parcial.

José ouve na interioridade de seu ser, isto é, "no coração", que na antropologia bíblica não é sede de sentimentos e emoções, mas do intelecto e da identidade pessoal. Projetos e escolhas amadurecem no coração e decisões e julgamentos brotam dele. O coração é o órgão com o qual Deus é "ouvido": nele se mede a verdadeira dedicação a Deus, e através dele pode-se discernir a ordem do mundo e da vida segundo os ensinamentos divinos (M. Pina Scanu).

4.2. EM PRESENÇA DO MISTÉRIO, SILÊNCIO

O silêncio, pedra angular e guardião da interioridade, é reconhecido pela tradição espiritual como elemento essencial para uma autêntica vida espiritual e de oração.

O nosso santo em silêncio procura discernir a vontade de Deus e depois, sem comentários, deixa Nazaré com a jovem esposa grávida, para ir a Belém; e ali, em silêncio, contempla o milagre do nascimento do Filho de Deus, a chegada dos pastores e a visita dos Magos. Ao lado da manjedoura, depois do nascimento de Jesus, ouvimos não só o cântico dos anjos, a voz dos pastores e as sábias palavras dos que vêm do Oriente, mas também percebemos a presença silenciosa do esposo de Maria. Também ele assume a atitude de Maria que "conservava todas essas coisas, meditando-as em seu coração" (Lc 2,19).

O texto da exortação apostólica acrescenta: "Também quanto ao trabalho de carpinteiro na casa de Nazaré se estende o mesmo clima de silêncio, que acompanha tudo aquilo que se refere à figura de José. Trata-se, contudo, de um silêncio que desvenda de maneira especial o perfil interior desta figura. Os Evangelhos falam exclusivamente daquilo que José «fez»; no entanto, permitem-nos auscultar nas suas «ações», envolvidas pelo silêncio, um clima de profunda contemplação." (25).

4.3. A LUTA INTERIOR

Na interioridade do coração, lugar da luta espiritual, entre as diferentes possibilidades, opções, pensamentos, sugestões e dinâmicas, realiza-se o processo de discernimento de José, uma categoria de espiritualidade inaciana, proposta com nova força no pontificado do Papa Francisco.

No relato de Mateus, o Guardião do Redentor faz sua primeira aparição como um homem em apuros, em busca da resposta para o problema da gravidez da esposa. A manifestação e a proximidade do mistério *fascinans et tremendum* abala a sua vida e provoca o colapso dos seus projectos pessoais, mas Deus, que toma a iniciativa, oferece-lhe um tempo de discernimento para abraçar o incompreensível.

Na sua solidão interior, examina as opções que lhe são apresentadas e amadurece a sua decisão. O discernimento e a luta interior, marcados pelas trevas e pela incerteza sobre o passo a dar, terminam com as palavras reveladoras do anjo: "José, filho de Davi, não tenhas medo de receber Maria, tua esposa, porque o que nela se gera é do Espírito Santo" (Mt 1, 20).

4.4. A SÍNTESE ORIGINAL DE GIUSEPPE: UMA VIDA UNIFICADA

Concordar a vida interior da pessoa com sua necessária atividade externa é um dos maiores problemas e desafios de nosso tempo. Ora, José de Nazaré apresenta-se como um homem capaz de harmonizar a vida quotidiana de um operário com a consciência de viver na presença do Filho de Deus. O seu trabalho quotidiano está em sintonia com a contemplação do mistério "escondido desde todos os séculos", que "estabeleceu a sua morada" na sua casa" (n. 25). Em José, a vida interior nunca se desprende da exterior, mas, pelo contrário, orienta e valoriza a dimensão histórica, cotidiana e concreta.



A insondável vida interior de José, como a exortação apostólica a define, é fonte de motivação, dedicação e zelo no serviço. O texto menciona algumas manifestações externas que derivam da vida interior: "as grandes decisões" (n. 25); "a prontidão da vontade em dedicar-se às coisas que dizem respeito ao próprio serviço" (n. 26); "a força típica das almas simples e claras" (ib.); a vontade de fazer a vontade de Deus e a capacidade de renúncia "por um amor virginal incomparável ao amor conjugal natural que a constitui e alimenta" (n. 27). Além disso, a síntese entre interior e exterior é evidenciada por outras expressões da exortação apostólica: "O trabalho do carpinteiro na casa de Nazaré tem a mesma atmosfera de silêncio" (n. 25) e, mais ainda, pode-se "descobrir em suas ações, envolto em silêncio, um clima de profunda contemplação" (ib.); e finalmente, ele vive "em contato diário com o mistério "escondido desde todos os séculos", que "estabeleceu-se" em sua casa (ib. 25).

Igualmente precioso é o texto da exortação apostólica que indica a fonte da superação das aparentes contradições entre interior e exterior: "a aparente tensão entre a vida activa e a vida contemplativa tem em José uma superação ideal, possível para quem possui a perfeição da caridade" (n. 27). A perfeição da caridade permite a José, e aos que seguem os seus passos, harmonizar e combinar as aparentes contradições entre o fechamento na história, esquecendo a interioridade, ou escapar da história para cair na intimidade.

5. ITE AD JOSEPH

A figura de São José, modelo de vida interior, delineada na exortação apostólica *Redemptoris Custos*, é um apelo ao essencial e restitui o primado a valores que foram obscurecidos e esquecidos nos últimos tempos. Por isso, vale a pena deixarmo-nos inspirar por Ele e recomendarmo-nos "à protecção daquele a quem o próprio Deus 'confiou a custódia dos seus miores e mais preciosos tesouros' (S. Rituum Congreg., "Quemadmodum Deus"). Esta é a lição que o Guardião do Redentor nos deixa: somos chamados a dar testemunho de Cristo e a manter um diálogo constante com Deus, sem negligenciar o nosso compromisso com o mundo.

Nosso santo Fundador recomenda: "Peçamos a São José que seja nosso diretor espiritual". E acrescenta: "São José, protetor da vida interior, sede o meu Mestre".



VIVAMOS O ADVENTO como SAÃO JOSÉ

Pe. Giocondo Bronzini, OSJ



Estamos vivendo com a Igreja o tempo do *Advento*, um momento privilegiado de preparação interior para o Natal cristão. Infelizmente, quando falamos do Natal é obrigatório esclarecer imediatamente.

- Existe, de fato, um Natal sem conotação moral (nem boa nem má), que invariavelmente retorna todo 25 de dezembro: nada mais que uma data, como a fundação de Roma ou o fim da Primeira Guerra Mundial.
- Pior, há um Natal materialista e pagão, preocupado apenas com compras e presentes, jantares e outras despesas voluptuosas.
- E finalmente, menos mal! O Natal cristão, que marca a entrada na história humana do Salvador prometido, o Filho de Deus, que pôs sua morada entre nós e se tornou "*Emanuel, Deus conosco.*"

Qualquer que seja o Natal que se tenha em mente, é necessário prepará-lo: a indiferença e a preocupação pagã estão em como se vestir, o que comer, que presentes fazer e quais desejos satisfazer.

Nós que temos decidido de não unicamente fazer festa, mas celebrar o mistério, a graça e beleza do Natal cristão, também havemos a necessidade de preparar, se não queremos reduzi-lo, como outros fazem a mera data histórica e ocasião para fazer festa. A Igreja leva ao coração esta preparação e codificou-a



ao longo dos séculos através do *advento* e a sua mensagem, com os seus ritos e as suas belas tradições, porém, sobretudo apresenta à imitação a ser seguida nas figuras exemplares de Maria e José "*esperando*".

No *Advento*, diz a *Exortação Apostólica "Marialis Cultus"* de Paulo VI (02 de fevereiro de 1974), a liturgia frequentemente lembra Nossa Senhora – a Mãe, fazendo ressoar as antigas profecias sobre a Virgem Mãe e o Messias, e propõem a meditação dos fiéis episódios do evangelho relacionados ao nascimento de Cristo e seu Precursor.

Desta forma, os fiéis, pensando sobre o amor inefável com o qual a Virgem Mãe aguardava seu Filho, são convidados a levá-la como um modelo e preparar-se para encontrar o Salvador que vem, sendo vigilantes na oração e exultantes no seu louvor.

Entretanto, como discernir a *esperança* de Maria daquela de José? Eles viveram juntos, com o amor e a ansiedade de jovens esposos, de um modo impensável e sobre-humano, para acolher em sua vida o único Filho do Pai.

Meditando sobre a *espera* de José, nós o vemos como um homem de fé vivida e uma serena prontidão a Deus e seu plano; um homem chamado para percorrer estradas semelhantes às de Abraão: estradas humanamente incompreensíveis.

No livro do profeta Miquéias há um verso significativo: "Já te foi revelado, ó homem, o que é bom, o que o Senhor requer de ti: nada mais do que praticares a justiça, amares a lealdade e andares humildemente diante do teu Deus" (Miquéias 6,8). Estas palavras se aplicam plenamente à vida de São José, ele praticou a justiça, ele amava ternamente e caminhou humildemente nos passos de seu Deus. Tentando especificar melhor o conteúdo desta declaração, penso que a partir do versículo bíblico citado existem algumas indicações concretas, válidas também para o nosso *Advento* e para o nosso Natal.

- a. José é um homem que ama o silêncio. E ele me diz: "O silêncio é a melhor voz de Deus e também é a melhor maneira de se comunicar com Ele!"
- b. José tem um profundo senso da missão que Deus lhe confiou. E ele me diz: "Você também tem uma missão na família, na Igreja e no mundo. Reflita sobre sua missão e gaste sua melhor energia nela."
- c. José verdadeiramente confia em Deus e em sua Palavra. E ele me diz: "Não se deixem atrair pelas falsas sereias, que propõem esperanças enganosas. A Palavra de Deus é sua força e sua alegria!"
- d. José está sempre pronto para lembrar a vontade de Deus, sem voltar a ver o que os outros estão fazendo. E ele me diz: "Meça seu amor de sua disponibilidade para obediência e sacrifício".

REFLEXÃO E PARTILHA

- Tem Natal e Natal: concordamos?
- Sem privar-nos do encanto especial deste tempo e das coisas belas que traz consigo (luzes, música, presentes, desejos, etc.), o que devemos fazer concretamente para viver em casa, na igreja e com parentes e amigos o Natal cristão?
- Sugira alguma iniciativa pequena, mas significativa ...

ORAÇÃO FINAL

Através da intercessão da Santíssima Virgem Maria e de São José, seu esposo, o Senhor nos



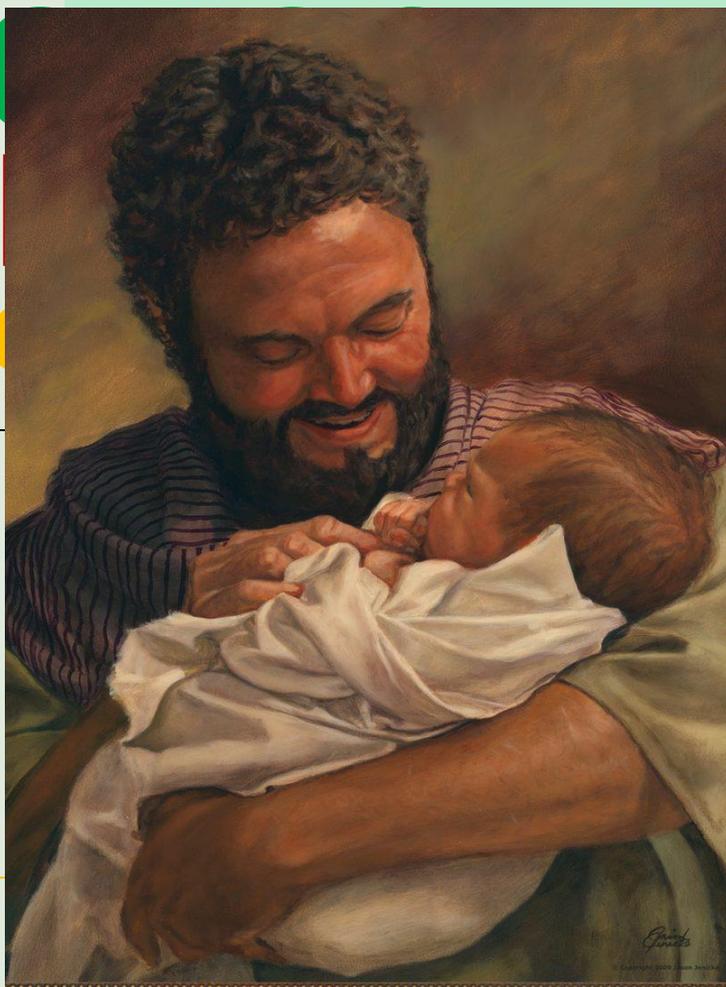
abençoe e nos proteja. Faça seu rosto brilhar sobre nós e nos dê abundantemente seu amor misericordioso. Sua bênção nos permita terminar bem este ano e poder contar com as graças necessárias para viver em paz no próximo ano. Amém.

E stamos em dezembro, o mês do Natal, e este ano no dia 8 deste, celebramos na Igreja o sesquicentenário da proclamação de São José *Patrono da Igreja Católica* (8 de dezembro de 1870), e na nossa Congregação o encerramento do *Ano de São José*, que começou a 19 de março de 2020, e o encerramento adiado a partir de 19 de março deste ano devido à pandemia da qual muitos sofremos.

Estas são as motivações para as reflexões que estamos prestes a fazer sobre a presença de São José no nascimento de Jesus, segundo o Evangelho, o Magistério e o ensinamento do nosso Fundador São José Marelo.

1. "Então foram sem demora e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura" (Lc 2,16).

Esta é a visita dos pastores a Belém e a única vez em que o relato evangélico do nascimento de Jesus apresenta explicitamente São José.



No entanto, as referências que o Evangelho faz a São José para o nascimento de Jesus são diversas. Tomemos algumas de Mateus.

Na genealogia: "... Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo" (Mt 1,16). E no nascimento de Jesus (Mt 1,18-24). José aceita a paternidade: "Ela (Maria) dará à luz um filho, e tu o chamarás Jesus" (Mt 1,21), "(Maria) deu à luz um filho, a quem ele (José) chamou Jesus" (Mt 1,24). Sabemos que para os hebreus dar nome era o reconhecimento da paternidade. Neste caso, porém, a situação é bastante diferente: para José, não se fala nem se trata de geração.

Em Mateus, o anjo diz-lhe claramente: "... o que nela é gerado vem do Espírito Santo" (Mt 1,20). Depois acrescenta: "(José) manteve consigo a sua esposa, que, sem que a conhecesse, lhe deu à luz um filho, a quem ele chamou Jesus" (Mt 1,24). E em Lucas (1,26-35), à pergunta da virgem Maria: "Como é isto possível? Não conheço nenhum homem", responde o anjo: "O Espírito Santo descerá sobre ti, o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Aquele que vai nascer será, portanto, santo e chamado Filho de Deus".

Por conseguinte, o Menino nascido de Maria não provém de nenhum homem. Ele "vem" do Espírito Santo; ele foi concebido pelo poder do Espírito Santo.

No entanto, todas as referências no Evangelho à paternidade de José indicam uma verdadeira paternidade, mesmo que não natural: não é adotiva, porque Jesus não é filho de nenhum outro homem, nem apenas legal ou jurídica, porque é reconhecido como tal pela lei e pelos homens, mas querida por Deus e, portanto, inserida na natureza humana e na família de Jesus, com todos os atributos humanos de um pai para com o seu filho. Por esta razão é simultaneamente uma paternidade afetiva, pelos sentimentos e ações paternas de José em relação a Jesus ("Eu e o teu pai ansiosamente te procurávamos": Lc 2,48), e uma paternidade educativa, pela função educativa de José para com Jesus "o filho do carpinteiro".

2. "Ele (José) teve como esposa a Imaculada Virgem Maria, da qual nasceu pelo poder do Espírito Santo nosso Senhor Jesus Cristo, que entre os homens se dignou ser considerado filho de José, e esteve sujeito a ele."

Assim diz o Decreto "Quemadmodum Deus" de 8 de dezembro de 1870, que, por vontade de Pio IX, declarou *São José Patrono da Igreja Católica*. E todos os documentos do Magistério que falam de São José destacam aquilo que ele foi para Maria, sua esposa, e sobretudo para o seu Filho quando criança e adolescente. Entre os muitos, mencionamos poucos e parciais, mas úteis para a reflexão sobre a relação paterna do Santo com o Filho divino.

O mesmo Decreto acrescenta, diríamos, com emoção: "E Aquele que tantos reis e profetas ansiavam ver, José não só O viu, mas com Ele habitou e com afeto paterno O abraçou e beijou; e mais, alimentou cuidadosamente Aquele a quem o povo fiel comeria como pão descido do céu, para alcançar a vida eterna".

São Paulo VI numa das suas *Alocuções* sobre São José, a de 19 de março de 1964, tem em consideração o fato de que "José deu a Jesus o nome, o estado civil, a categoria social, a condição econômica, a experiência profissional, o ambiente familiar, a educação humana".

São João Paulo II na sua Exortação Apostólica "O Guardião do Redentor" (15 de agosto de 1989), especialmente no n. 8, pára sobre a paternidade de São José: uma paternidade messiânica, humana e autêntica. "José é aquele que Deus escolheu para ser o "ordenador do nascimento do Senhor", aquele que teve a tarefa de providenciar a inserção "ordenada" do Filho de Deus no mundo, no respeito das disposições divinas e das leis humanas. Toda a vida "privada" ou "escondida" de Jesus é confiada aos seus cuidados".

3. Ó glorioso Patriarca José ... Vós que, depois da beatíssima Virgem, foste o primeiro a abraçar ao peito Jesus Redentor, sede para nós o modelo no nosso ministério que, como o vosso, é ministério de relação íntima com o Verbo Divino".

Esta é a oração confiante do nosso Santo Fundador na sua carta n° 37, a padre Giuseppe Riccio, em 19 de março de 1869. A relação de São José com o Menino Jesus, uma relação de intimidade, torna-se "exemplar" para o ministério sacerdotal, mas diríamos para a vida de cada cristão, numa relação pessoal e íntima com Jesus.

Acrescentamos a referência do Fundador à declaração sobre São José como *Patrono da Igreja Católica*. Na carta, n° 64, ao padre Giuseppe Riccio de 17 de março de 1870 "antevigília do nosso Santo Patrono", escrita de Roma (estamos em pleno Concílio Vaticano I), ele sente-se envolvido naqueles "momentos em que a devoção ao Chefe da Sagrada Família está prestes a atingir o seu máximo desenvolvimento graças às petições feitas pela Cristandade aos Padres do Concílio Vaticano". As petições para a proclamação de São José como Patrono da Igreja Universal foram de 38 cardeais, 153 bispos e 43 superiores gerais. Estes "momentos" foram para o jovem padre José Marellino uma ocasião especial para a oração e a devoção a São José "para que, começando a exaltá-lo nos nossos corações, possamos tornar-nos dignos de o ver em breve exaltado por toda a Cristandade com o título que se lhe está preparando de *Patrono da Igreja Universal*". Para ele, a espiritualidade Josefina só pode ser espiritualidade eclesial.

Pensemos no art. 4 das nossas Constituições, o dos "fins apostólicos da Congregação". No apostolado dos Oblatos, São José será "o exemplo no seu ministério"...". A terceira finalidade é "a difusão da espiritualidade e da devoção a São José, com o testemunho de uma vida pobre e laboriosa e com o compromisso de tornar conhecido o Guardião do Redentor entre o povo cristão".

Estas foram as intenções do *Ano de São José* que a nossa Família Josefino-Marelliana está para concluir.



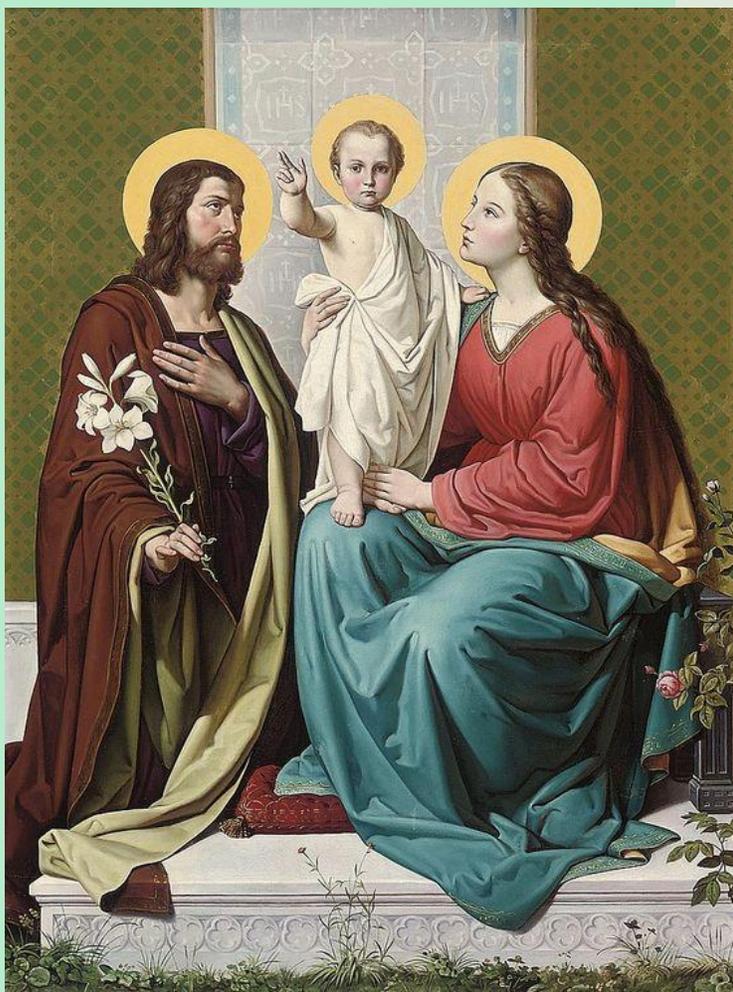
Indica-nos, José, o caminho,
sustenta-nos a cada passo,
conduze-nos para onde a Divina
Providência quer que cheguemos.

A reflexão sobre São José no nascimento de Jesus pode ser uma ajuda válida na celebração do Natal deste ano, enquanto estamos ainda mais confiantes na proteção e intercessão do nosso Santo Patrono também no que diz respeito à trágica pandemia que estamos a viver.

Portanto, como um augúrio e confiança cristã, a exclamação final do Fundador na sua carta de 17 de março de 1870 é sempre oportuna e queremos torná-la nossa: "Viva São José com os seus devotos!".

Ser OBLATOS como SÃO JOSÉ

Pe. Francesco Russo, OSJ



clima do Dia da Vida Consagrada (2 de fevereiro) oferece-nos a oportunidade de refletir sobre nossa consagração pessoal a partir da identidade de "oblatos de São José" e, acrescento, de "oblatos *como* São José".

Queremos realmente vê-lo como um modelo bem sucedido de consagração a Deus.

1. OS PRIMEIROS 3 "OBLATOS" (Maria – José – Jesus)

A leitura semântica de nosso ser "oblatos" remete-nos a esta palavra latina composta de uma preposição e um verbo: *oblatum* = de obfero: levar diante, apresentar (traduzível com oferecer/oferecido). A riqueza deste termo permite-nos compreender que "oblato" é aquele que coloca a sua vida perante Deus ou

que traz perante o Senhor toda a sua experiência existencial feita de sonhos, planos, desejos, sucessos, fracassos, fraquezas...

Neste sentido, podemos entender que os 3 primeiros *oblato*s a quem inspirar-nos são Maria, José e Jesus.

Seguindo uma ordem cronológica, a primeira a oferecer-se é sem dúvida Maria: *Eis-me, sou a serva do Senhor: cumpra-se em mim o que disseste (Lc 1,38)*; por outro lado, do ponto de vista teológico, o primado da oferta é sem dúvida mantido por Jesus: "Ao entrar no mundo, Cristo diz: *Não quiseste vítima nem oferenda, mas formaste um corpo para mim. Não foram do teu agrado holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: "Eis que eu venho para fazer, ó Deus, a tua vontade, como está escrito sobre mim no rolo do livro" (Hb 10,5-7)*.

Maria com seu FIAT leva sua vida a Deus (diante de Deus); ela lhe oferece a coisa mais preciosa que possui: juventude, virgindade, projetos, capacidade de gerar uma vida.

A plenitude da oferenda será encarnada por Jesus porque ele oferecerá até a sua divindade e colocará também o seu corpo (isto é, a sua vida) completamente à disposição dos outros com o sacrifício na cruz: *embora fosse de natureza divina, não se apegou ciosamente a ser igual em natureza a Deus Pai, mas despojou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos seres humanos. Aparecendo como qualquer homem, humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz! (Fl 2, 6-8)*.

Entre estes 2 excelentes modelos de "oferta" encontramos o nosso José, que com o seu FECIT não destoa nem um pouco em termos de generosidade e oblatividade.

2. A OBLATIVIDADE DE SÃO JOSÉ

Na vida de José, seu ser "oblato", traz consigo toda a riqueza de força, planejamento, paixão, determinação que poderia ser típica de um jovem de sua idade, loucamente apaixonado por sua esposa, mas também um homem de fé e "justo", pronto a dobrar a cabeça para que a vontade de Deus tome forma e concretude em sua vida diária.

O relato evangélico de Mateus nos apresenta um homem adulto na fé, no qual o dinamismo operoso não está de modo algum em desacordo com sua rica vida interior; pelo contrário, é dele que ele tira força e esperança para buscar e "fazer" a vontade de Deus e para ser tão merecidamente associado à categoria dos "justos" do Antigo Testamento.

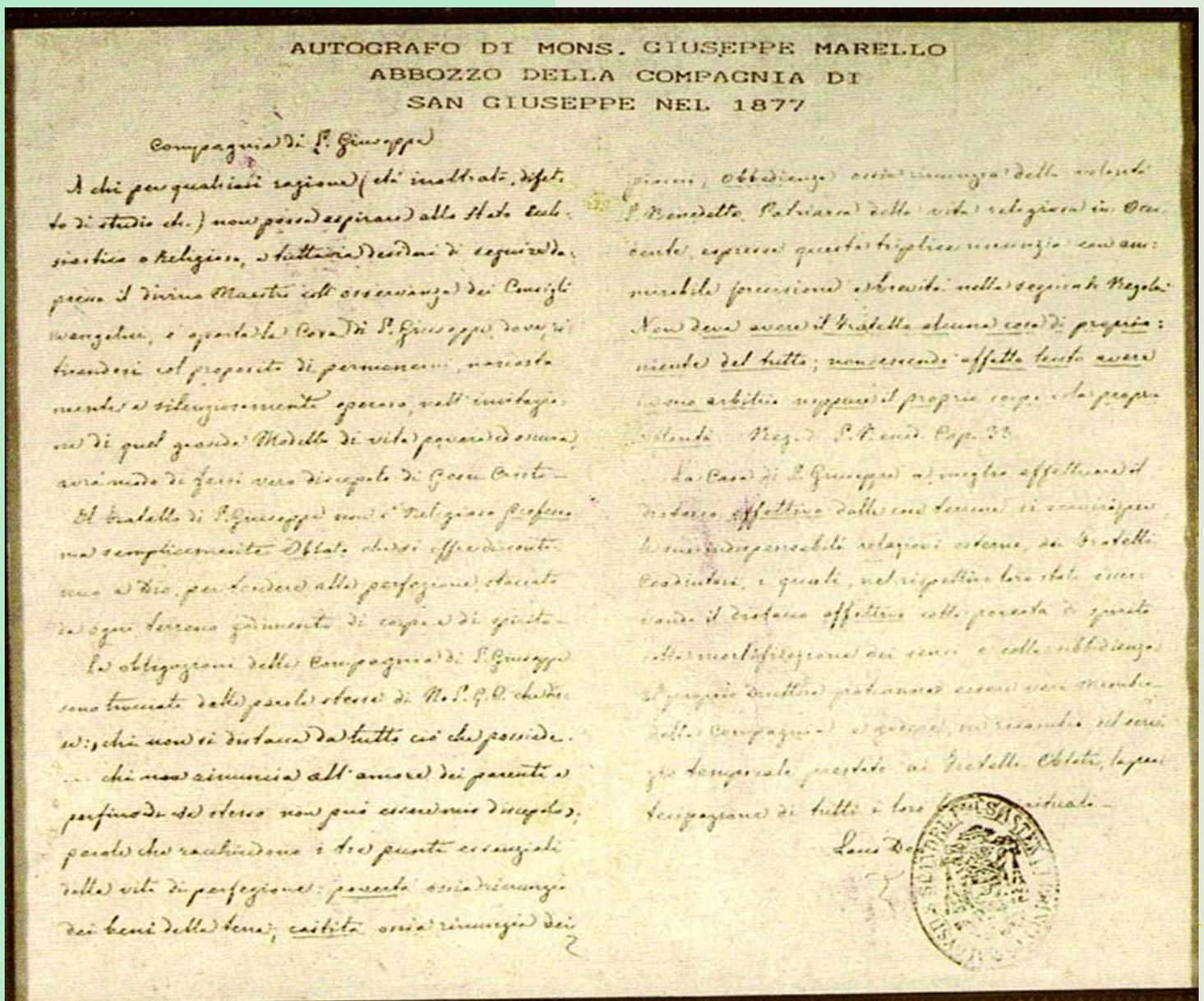
A oblatividade de São José, o seu "apresentar-se diante de Deus" oferecendo-se todo inteiro, não é apenas atribuível a uma "docilitas" (docilidade) subjacente, que corre o risco de apresentar-nos um homem passivo diante do plano de Deus. Falamos antes de uma "docibilitas" que poderia ser traduzida como "educabilidade" ou como a vontade ou liberdade de o sujeito deixar-se instruir, educar ou formar-transformar pela vida, pelos outros, por cada situação existencial, como uma "vida de aprendizagem" e aprender a fazê-lo por toda a vida.

José decidiu entregar a sua vida nas mãos de Deus para se deixar moldar por Ele, encarando todos os acontecimentos que mais tarde marcariam a sua existência, como pistas para crescer, amadurecer, transformar-se. Até mesmo renúncias, adversidades, perigos e transtornos espirituais tornaram-se oportunidades para ele crescer. E isto não só no início do seu percurso vocacional, mas ao longo de toda a sua vida.

Neste processo de *docibilitas* (educabilidade), José está ativa e responsabilmente envolvido: ele é o verdadeiro protagonista da mudança, porque presta atenção a cada evento que pode se tornar formativo, realiza seu discernimento ("*enquanto pensava nessas coisas*" - Mt 1,20), e decide "fazer" (fecit) a Vontade de Deus em total obediência à voz divina.

O ser "oblato" para São José narra não tanto sua renúncia a seguir seus próprios planos, mas sua profunda liberdade interior em deixar-se "instruir" por qualquer fragmento de verdade e beleza ao seu redor, nas coisas e nas pessoas, confiando totalmente no plano de felicidade que Deus lhe oferece: "*na tua vontade está minha alegria... grande paz para aqueles que amam tua lei*" (Salmo 118).

3. SER SIMPLEMENTE OBLATI



Em 4 de novembro de 1877, Marelló escreveu uma carta ao Pe. Cesare Rolla (um de seus filhos espirituais), na qual apresentava "o primeiro rascunho da Regra Fundamental" da Companhia de São José, expressando ainda mais claramente seu desejo de inspirar-se no modelo de São José.

Esta é a Carta 108 que, com razão, pode ser considerada como a verdadeira carta de fundação da nossa Congregação.

Ao apresentar o projeto, após o preâmbulo já bem conhecido de todos nós ("A quem, por qualquer motivo..."), o Fundador usa algumas palavras às quais, talvez, nem sempre tenhamos dado a devida importância.

Ele escreve: "**O Irmão de São José não é um Religioso *Professo*, mas simplesmente um Oblato que se oferece continuamente a Deus...".**

Embora Marelló tivesse previsto uma vida de marcada pobreza e humildade para os Oblatos, no entanto aqui o advérbio "simplesmente" tem tudo menos valor redutor! Pretende-se antes indicar a essência de ser Oblatos, rede de todas as situações contingentes que podem ser dadas por papéis, situações apostólicas, estados de espírito ou condições externas...

Quem entra na Congregação e escolhe São José como seu modelo e mestre espiritual, pensa apenas no completo dom de si ao Pai, como o carpinteiro de Nazaré se entregou concretamente a Deus para servir Jesus e Maria. A vida do oblato de São José não tem sentido se não se baseia exclusivamente na sua "oblatividade", na sua oferta total, como foi para Jesus Cristo, como foi para Maria e José. Em essência, trata-se de "trazer tudo o que somos diante de Deus": sonhos, ideais, planos, sucessos, fracassos, decepções, fragilidades, pecados... Nossa consagração como "oblato" tomou tudo isso e fez disso um holocausto agradável ao Senhor.

Além disso, a oferta de si mesmo deve ser feita "continuamente", para o resto de nossas vidas. Não se trata de um ato transitório ou bem colocado em uma determinada fase da nossa vida, talvez rastreável até o dia de nossa profissão religiosa. Deve ser, ao contrário, uma disposição constante da alma, vivida no momento presente, bem consciente de que cada momento é diferente do outro. Por isso devo poder oferecer-me a Deus no entusiasmo da minha juventude e no cansaço da velhice, na gratificação dada pelos objetivos que alcancei e na desilusão dos fracassos que amadureci, na alegria de sentir-me "todo" de Deus e no sofrimento de não poder dar ao Senhor senão a pior parte de mim... As situações e as circunstâncias mudam e por isso também muda o espírito da nossa oblatividade; Mas o desejo de oferecer tudo a Deus, e de fazê-lo para o resto de nossas vidas, não deve ser perdido porque, como nos ensinou o Pai Fundador, nossa salvação é decidida a cada momento... cada momento é um elo da corrente que nos conduz a Deus... cada momento que passa é uma nova oportunidade que devemos aproveitar e da qual deveremos um dia responder a Deus" (carta 54).

Para continuar a reflexão pessoal e comunitária:

Leia os primeiros 7 artigos das Constituições (nova edição).

TOTUS TUUS

Um aprofundamento do Ato de Entrega
escrito pelo nosso Pai Fundador

Pe. Francesco Russo, OSJ

ATO DE ENTREGA A SÃO JOSÉ

Fis-nos todos para Vós, o São José, e Vós sede todo para nós.



*conduzi-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos.
Seja longa ou curta a estrada, plana ou acidentada,
vejamos ou não a meta com os nossos olhos,
depressa ou devagar, nós convosco estamos seguros de ir sempre bem.*

Recitado centenas de vezes, escandiu os dias deste Ano especial dedicado ao nosso Santo Padroeiro; encerrou as emoções e os estados de ânimo com que nos dirigimos a ele... Mas o que representava realmente esta oração para o nosso Fundador? O que está por trás de cada frase e de cada imagem contida nela?

Usando, com as devidas distinções, um método típico da nossa fé, poderíamos dizer que é necessário fazer uma transição da *lex orandi* para a *lex credendi* e a *lex vivendi*: a *lex orandi*, representada pela oração recitada muitas vezes, deve agora tornar-se *lex credendi*, através de um aprofundamento que facilite a sua compreensão, a fim de torná-la *lex vivendi*, fazendo nossas as atitudes que este texto desperta.

O título dado a esta reflexão poderia realmente tornar-se o novo nome com o qual indicamos esta oração de hoje: o *totus tuus* josefino (a par do mariano), pois da primeira à última palavra, como veremos, há uma atitude de total e confiante entrega à proteção e guia de São José.

1. O CONTEXTO EM QUE NASCEU ESTA ORAÇÃO

Esta oração pode ser encontrada na Carta 237, escrita pelo nosso Pai Fundador a Pe. Cortona no dia 8 de março de 1891. A data desta carta (4 anos antes de morrer) já nos faz compreender que estamos lidando com um Marellino maduro, humana e espiritualmente, que faz certas afirmações sabendo muito bem que ele transmite não um ensinamento teórico, aprendido do estudo de algum livro devocional, mas uma experiência de vida direta e real.

A ocasião que gera esta carta é uma situação de contingência prática. O Pe. Cortona tinha apresentado ao Pai Fundador uma série de projectos relativos à expansão da Casa de Santa Chiara em Asti para responder às crescentes necessidades da Congregação. Havia certa soma de dinheiro disponível, o que gerava entusiasmo no Pe. Cortona e nos outros Irmãos; mas era, no entanto, insuficiente para cobrir todas as despesas orçamentadas, e outras que poderiam surgir imprevistas. Por isso, Marellino, que em outros momentos se mostrara corajoso e empreendedor, apoiado e animado pela confiança que depositava em Deus, neste caso desaconselhava a realização do trabalho se não fosse encontrada a cobertura financeira necessária, também para não manchar a imagem de confiabilidade e pobreza que precisava transmitir aos cidadãos de Asti. Todavia, o seu raciocínio, inspirado por grande sabedoria e prudência, termina com estas palavras: *Paremos e esperemos que São José nos faça ouvir a sua voz*. A entrega total a São José convida-nos a não ter pressa, mas a esperar com confiança a resposta da Providência divina, através da mediação do Santo Patrono: *São José, que até agora providenciou, certamente providenciará também para o porvir*, escreverá o Pai numa carta posterior (L 240).

O texto da carta prossegue destacando o momento de grande fermento vivido em Santa Chiara naqueles dias: *Estamos no seu belo mês; Pe. Cortona prega as suas glórias; os Irmãos e toda a casa invocam de corações unidos a sua proteção: Ir. Stefano oferece-lhe em homenagem as suas tribulações, e o Ir. Massimo, se em nome de Deus Ele o pedir, também o sacrifício – doloroso mas ao mesmo tempo glorioso – de sua própria vida.* Até mesmo o sofrimento de dois Irmãos (que em breve irão morrer) torna-se uma homenagem ao Santo Patrono.

Neste contexto de "dores e alegrias", preocupações e gratificações, eis que o Fundador conclui sua carta, colocando-se idealmente ao lado de seus Filhos e convidando-os à extrema confiança na guia de São José: *Diremos ao nosso Grande Patriarca: Eis-nos todos para Vós, e Vós sede todo para nós. Marcaí para nós o caminho, sustentai-nos em cada passo, conduzi-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos. Seja longa ou curta a estrada, plana ou acidentada, vejamos ou não a meta com os nossos olhos, depressa ou devagar, nós convosco estamos seguros de ir sempre bem.*

2. A“TEOLOGIA JOSEFINA” DO FUNDADOR

Na oração que estamos examinando, emerge imediatamente o conceito e o papel de "guia" que o Fundador atribui a São José. Esta idéia está associada ao fato de que Marelló entende a vida espiritual como um "itinerário", que, portanto, precisa de alguém que faça as vezes do guia.

Ora, para o Fundador, não há dúvida de que o guia por excelência é o Espírito Santo. No-lo diz em uma bela homilia (19 de maio de 1889, *Scritti* p. 344) que é um testemunho vigoroso da ação de "guia" que o Espírito tem em nossas vidas. Desse texto recuperamos também aquela invocação ao Espírito que estamos habituados a usar nas nossas reuniões, mas Marelló associa outrossim a Virgem Maria e São José ao Espírito Santo na tarefa de guia.

Em particular, poderíamos dizer que ele escolhe São José por pelo menos 3 razões fundamentais.

a) São José é guia na “relação íntima com o Verbo Divino” (L 37)

A carta 37, escrita em 19 de Março de 1869 ao seu amigo "homônimo" Pe. José Riccio, apresenta um belo paralelismo entre a missão de José e o sacerdócio:

Ó glorioso Patriarca José, não vos esqueçais de nós que vamos arrastando estas míseras carnes em dura terra de exílio. Vós que, depois da Santíssima Virgem, fostes o primeiro a abraçar ao peito Jesus Redentor, sede para nós o exemplo no nosso ministério que, como o vosso, é um ministério de relação íntima com o Verbo Divino; ensinai-nos, assisti-nos fazei de nós dignos membros da Santa Família. O paralelismo diz respeito às relações de São José com o Menino Jesus e de São José com o ministério sacerdotal ("ministério de relações íntimas" com Jesus). Algo semelhante pode ser encontrado no *Esboço de uma Companhia de São José*, na Carta 83: *Todos se inspiram em São José, que foi o primeiro na terra a zelar pelos interesses de Jesus.* Não estrapolaremos se imaginarmos a mesma semelhança aplicada, em geral, à consagração religiosa: que mais seriam os votos de castidade, pobreza e obediência se não uma "relação íntima" com o próprio Jesus?

b) São José é o guia no cuidar dos “interesses de Jesus” (L 83)

Esse é um conceito-chave na espiritualidade de José Marelló e, poderíamos dizer, fulcro de toda a carta de fundação. De fato, a expressão retorna várias vezes e sempre em passagens fundamentais:

- Acolha-me na sua igreja nova, com alguns amigos meus que partilham o mesmo espírito de união sob os auspícios de São José, para servirmos aos *interesses de Jesus*
- Esboço de uma Companhia de São José promotora dos *interesses de Jesus*
- Ela tem uma espécie de direito inato² de residir na casa e officiar na Igreja *del Gesù*
- Cada um toma as próprias inspirações do seu modelo São José, que foi o primeiro na terra a cuidar dos *interesses de Jesus*
- Todos podem fazer parte da companhia; bastando para a agregação o secreto propósito de ter com ela a *comunhão dos interesses*
- Quem se decide a participar da Companhia deve, porém, fazer diante do Senhor a promessa sincera de empenhar-se, na medida de suas forças, para promover os caros *interesses de Jesus*
- Não há tempo nem lugar em que não se possa fazer alguma coisa. Cada palavra, cada passo, cada desejo ... pode ser a matéria prima dos *interesses de Jesus*.

A expressão *interesses de Jesus* tem a sua referência bíblica na Carta de São Paulo aos Filipenses, com a forte afirmação: "Cada um procura na realidade os seus próprios interesses, não os de Jesus Cristo" (2, 21). Padre Marelló dava uma importância capital a esta frase, mas sem se deter a precisar em detalhes o sentido e a amplitude em que a entendia. Ele fala dela sempre por acenos, como de coisa conhecida, óbvia, de intuição imediata. Ele estava convencido de que *o reino de Deus é demolido de uma variedade assustadora de maneiras*, então, torna-se necessário *fazer em toda parte o nosso trabalho de restauração com a ajuda do céu*.

E São José é nisto o modelo indiscutível: *Todos se inspiram no seu Modelo São José que foi o primeiro na terra a zelar pelos interesses de Jesus* (L 83).

c) São José é um guia na atitude de confiança que sustentava os seus passos (L 185)

A carta escrita a Pe. Cortona, em 23 de setembro de 1889, está cheia de preocupações materiais, especialmente por causa das difíceis condições econômicas. O Pai tem os pés no chão, por isso tenta lidar com o problema de maneira muito concreta, oferecendo também sugestões para recuperar os fundos necessários para levar adiante a complexa realidade de Santa Chiara. A certa altura, porém, emerge toda a sua espiritualidade e grandeza de espírito que o leva a dizer: *A questão do dinheiro já nos manteve demasiadamente em baixo e é tempo de dizer o “sursum corda”. Corações ao alto, e que na ocasião dos exercícios espirituais, Deus os preencha com a confiança que sustentava nosso Santo Padroeiro em todos os passos de sua vida. Naqueles dias santos, com o espírito de piedade, desça sobre os Irmãos de São José, “Spiritus consilii et fortitudinis”. Que a luz celestial os faça ver “quae agenda sunt”, e a graça divina os ajude a “quae recta sunt complere valeant”³. São José é um modelo porque, diante das*

preocupações humanas e materiais (acolhimento de Maria, fuga para o Egito, etc...), mergulha sem cálculos e sem meias medidas no mistério que Deus lhe propõe, acolhe Maria e começa o seu "prergrinar na fé", com uma confiança inabalável na Providência.

A razão da fé incondicionada na Providência é um tema recorrente na espiritualidade de Marelo, precisamente porque vem da imitação de São José; ainda na Carta 83, o Pai escreveu: *As obras dos Santos, que os séculos respeitaram, sempre foram marcadas por esta característica de simplicidade [...] esta força motriz que, no final, nada mais é do que uma fé incondicionada na Providência, mas só é afastada de toda a preocupação humana.*

O tema da "peregrinação na fé", por outro lado, é bem descrito por São João Paulo II na *Redemptoris Custos* nº 4; o Papa cita primeiro o Concílio Vaticano II sobre a fé de Maria: *A Santíssima Virgem avançou na peregrinação da fé e conservou fielmente a união com seu Filho até a Cruz;* e depois acrescenta: *Ora, no início desta peregrinação, a fé de Maria encontra a fé de José. [...] O que ele fez foi pura "obediência da fé" (cf. Rm 1, 5; 16, 26; 2 Cor 10, 5-6). Pode-se dizer que o que José fez o uniu de maneira muito especial à fé de Maria: aceitou como verdade de Deus o que ela já havia aceitado na Anunciação. O Concílio ensina: "A Deus que revela é devida "a obediência da fé", pela qual o homem se entrega total e livremente a Deus, dando-lhe "o pleno respeito do intelecto e da vontade" e dando-lhe voluntário assentimento à sua revelação (Dei Verbum, 5). A frase acima, que toca a própria essência da fé, aplica-se perfeitamente a José de Nazaré.*

3. EXEGESE DO TEXTO

Depois dessas premissas necessárias, é agora possível tentar fazer uma análise mais profunda do texto da oração, captando o que poderia ter sido o significado espiritual que o Pai queria expressar. Já dissemos que poderia tornar-se a oração do "totus tuus" josefino: há o abandono total do Marelo a São José, porque ele é o homem da interioridade profunda, mas também um homem "prático", todo de Deus e todo dos homens.

a) Eis-nos todos para vós, o José, e vós sede todo para nós.

Antes de tudo, uma referência ao “eis-me” de figuras importantes na Bíblia: Abraão, Isaías, Maria... Uma expressão que exprime a plena aceitação, a partilha do plano divino uns com os outros, a colaboração mais inteligente e operativa.

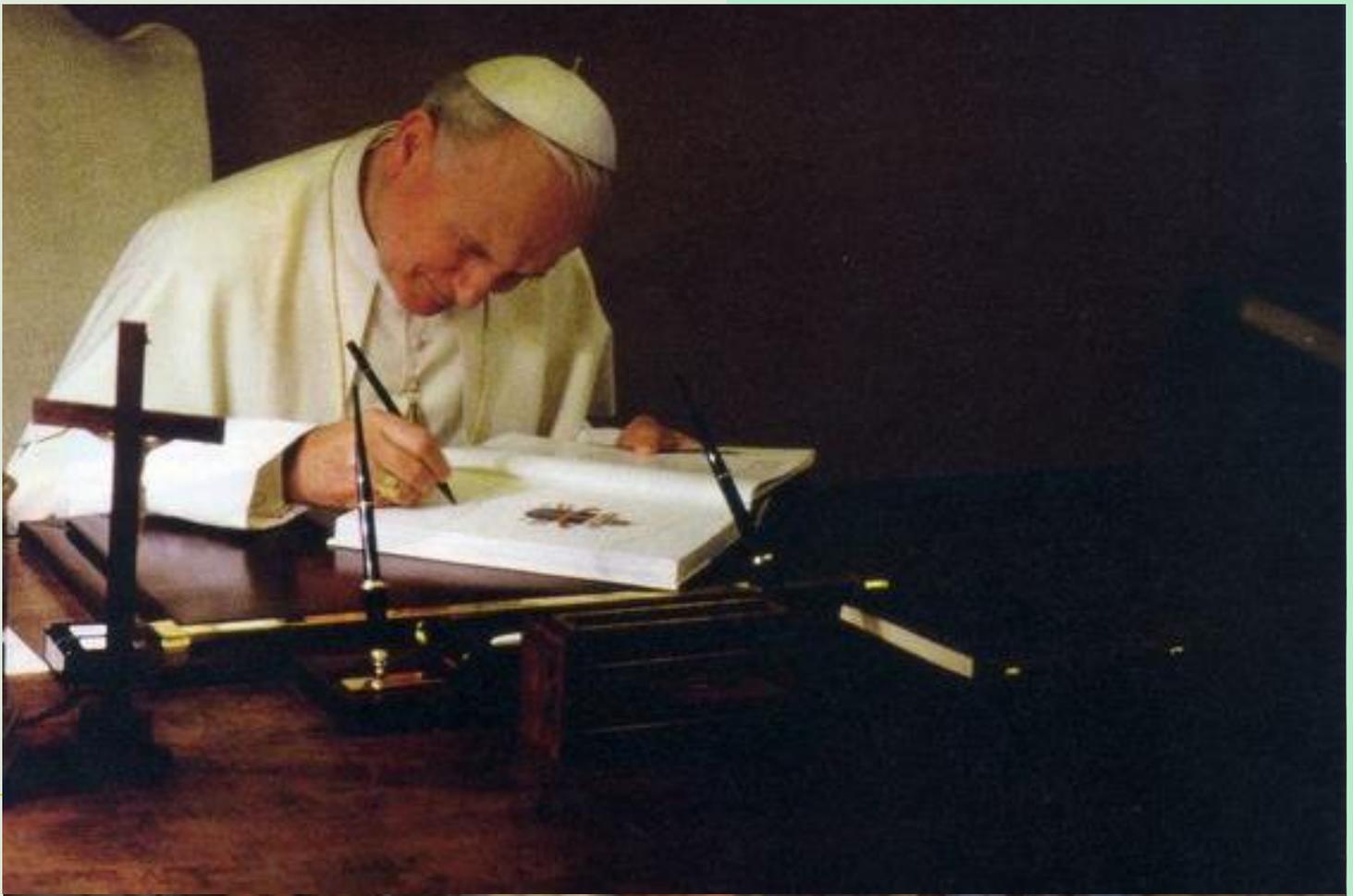
São José é modelo de consagração e de missão, síntese perfeita de contemplação e de ação; em nosso "eis-nos" encontramos a força de seu "eis-me" que nos ensina a santificar todas as realidades terrenas (família, trabalho, instituições). Para José cada ação é importante e torna-se parte da história da salvação. Não há lugar para "meias medidas": a totalidade desta consagração, oferta, "oblatividade", permite-nos fazer um só corpo com a santidade de José, gozando plenamente da sua protecção, assim como da sua exemplaridade.

b) Ensinai-nos o caminho

José é um mestre porque ele aponta o caminho a seguirmos. O verbo *segnare la via*, em italiano, lembra o que os guias de montanha fazem quando "marcam" as sendas por onde passam, indicando o tipo de caminho, as dificuldades do percurso, os lugares de refúgio... tudo para que o resto do grupo possa caminhar em segurança mesmo não conhecendo o caminho.

c) Sustentai-nos em cada passo

Como não ver nesta expressão a atitude "paterna" de José para com o pequeno Jesus? É a atitude daquele que sustenta, enquanto infunde confiança, quando se tenta dar os primeiros passos; cuidando para que a criança não tropece; e se ela cai, o pai está pronto para pegá-la.



d) Levai-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos.

José tornou-se o perito da Providência. Ele que por primeiro tateou na escuridão, depois aprendeu a reconhecer sua voz, ou melhor, seus sussurros, suas inspirações; e acima de tudo aprendeu a confiar nela, a rever suas idéias e projetos, a enxertar seu discernimento nela ("enquanto pensava nessas coisas..."), "entregando-se" à suprema Vontade de Deus.

e) Seja longa ou curta a estrada

José nos ajuda a ter uma concepção diferente do "tempo de viagem", porque em sua vida há um contínuo "recálculo do percurso": Deus nunca é previsível e justamente quando você parece tê-lo compreendido, ele está pronto para surpreendê-lo e "estragar-lhe os planos".

f) Plana ou acidentada

A experiência de vida do Pai Fundador era agora tal, que ele podia olhar para o caminho espiritual como a um misto de situações, algumas bonitas e outras difíceis, estradas planas e sendas acidentadas. Por outro lado, atambém a vida do seu escolhido Padroeiro São José tinha sido uma alternância de "dores e alegrias". Por isso, Marelló olha "*para o nosso bom papai José que é o patriarca do povo em apuros e o consolador secreto em nossas dúvidas - (ele que esteve em tantos apuros)*" (L 86).

g) Vejamos ou não a meta com nossos olhos

Esta expressão põe em crise a nossa pretensão de "ter sempre ideias claras", e fazer projetos bem detalhados, para saber aonde queremos ir... No Evangelho, José sonha quatro vezes, mas a cada vez o anjo traz um anúncio parcial, cada vez uma profecia curta, demasiado curta; e no entanto, para partir e partir novamente, José não pretende ter tudo claro, e ver o horizonte completo, mas apenas "toda a luz que for necessária para o primeiro passo" (H. Newman), toda a coragem que for necessária na primeira noite, toda a força que for necessária para começar.

h) Depressa ou devagar

Trata-se de medir os nossos tempos com o relógio de Deus!

As "peregrinações" de José, primeiro com Maria grávida e depois com o Menino Jesus, nunca parecem ter tempos marcados. São "fugas" mas têm a "lentidão" dos tempos de Deus.

O Fundador também começou a "sonhar" com o nascimento da *Companhia de São José* já em 1872 (data da primeira carta ao Cônego Cerruti), mas teve de esperar mais 6 anos antes que Deus decidisse fazer com que ela "viesses à luz".

i) Nós convosco estamos seguros de ir sempre

São João Paulo II bem.

É o culminar da profissão de confiança em São José: ele nunca trai as expectativas. Ele que conseguiu "guardar", proteger e guiar Jesus e Maria, saberá fazer o mesmo conosco.

O Pai respirava o entusiasmo que circulava na Igreja a respeito de São José, especialmente graças aos dois Papas de seu tempo: Pio IX e Leão XIII.

O Papa João Paulo II, na *Redemptoris Custos*, recorda com particular veneração a oração que Leão XIII havia colocado na conclusão de sua encíclica, na qual se pede a São José que continue sua missão de protetor, afastando de nós "a peste do erro e do vícios", ajudando-nos "nesta luta com o poder das trevas", defendendo-nos "das ciladas do inimigo e de toda adversidade". *Ainda hoje - assegura-nos o Santo Padre – temos inúmeras razões para rezar da mesma maneira [...]. Ainda hoje temos razões duradouras para recomendar todos os homens a São José*"(RC 31).

4. CONCLUSÃO

Para confirmar e concluir o que temos escrito até agora, gostaríamos de recordar as últimas palavras do Pai aos Oblatos, contidas na última carta escrita a seus filhos em Santa Chiara, dois meses antes de morrer: é como se fosse seu "testamento espiritual" para nós Oblatos.

É a Carta 321, escrita de Acqui ao Pe. Cortona, a 4 de março de 1895. Mais uma vez, estamos na presença de uma situação muito difícil. Além dos graves problemas que existiam com a *Pequena Casa do Cottolengo* de Turim, o maior sofrimento para os Irmãos de São José devia-se ao clima de fofocas e críticas que se haviam espalhado pela cidade e que agora serpeavam inclusive entre o povo, alimentado pela parte do clero que se aliara às razões da Pequena Casa. As dificuldades econômicas eram sempre maiores porque entre os colegiais e caríssimos, residentes em Asti e Frinco, o número tinha chegado a 200. Os benfeitores, dada a situação e considerando a distância física de Marengo, preocupados, retiravam os empréstimos que haviam depositado. Chegaram ao ponto de acusar os Irmãos de usar para si mesmos as ofertas destinadas aos pobres.

Pois bem, em todo este clima de incerteza, preocupação e angústia, o Pai Fundador reconhece que "os Irmãos de São José, no mês dedicado ao seu Patrono, mais do que em qualquer outra época do ano, imitando-o, *miscent gaudia fletibus*"⁴. Mas não devem desanimar! Aqueles que escolheram São José como seu Guia e Modelo de vida espiritual sabem que alegrias e tristezas são os ingredientes com os quais a vontade divina é empastada. Por isso, imaginando saudar seus filhos definitivamente, o Pai deixa para eles e para cada um de nós sua última recomendação: *Estai todos de bom ânimo sob o manto paterno de São José, lugar de refúgio seguro "in tribulationibus et angustiis"*.

Mais uma vez, a confirmação de uma vida e de uma espiritualidade totalmente entregue nas mãos do grande Patriarca São José. *Totus tuus!*

O TRABALHO tem um lugar especial no EVANGELHO JESUS TRABALHOU NA CARPINTARIA DE SEU PAI

extrato de

San Giuseppe e la redenzione del lavoro

Pe. Tarcisio Stramare, OSJ

*Jesus não desdenhou o trabalho na carpintaria de seu pai
e quis consagrar o trabalho humano com o seu suor divino."*

Pio XII

Encíclica *Fulgens radiatur*

21 de Março, 1947

Nunca meditaremos o suficiente sobre o mistério da Encarnação.



"No crescimento humano de Jesus 'em sabedoria, em idade e em graça' a virtude da laboriosidade desempenhou um papel notável, sendo 'o trabalho do homem' o que 'transforma a natureza' e torna o homem 'de certa forma mais humano' (*Redemptoris custos*, n. 23).

Considerando a importância do trabalho na vida e na transformação do homem, é compreensível que 'o trabalho humano e, em particular, o trabalho manual encontre no Evangelho um acento especial'. Juntamente com a humanidade do Filho de Deus, o trabalho foi recebido no mistério da Encarnação, assim como foi especialmente redimido. Graças ao seu banco de trabalho, junto do qual exercitava o próprio ofício juntamente com Jesus, José aproximou o trabalho humano do mistério da Redenção" (*Redemptoris custos*, n. 22).

Na realidade, ao lado de José, Jesus não só aprendeu o ofício do seu pai, mas também partilhou e assimilou aquela dimensão humana e concreta que caracteriza o mundo do trabalho: “o estado civil, a categoria social, a condição econômica, a experiência profissional, o ambiente familiar, a educação humana” (Paulo VI, Alocução de 19 de Março de 1964). A participação de Jesus no trabalho de José, portanto, foi muito além de qualquer atividade ocasionalmente realizada ao lado de outra. É uma submissão cujo sentido qualifica e define toda a vida de Jesus.

Quando Lucas, depois do episódio da permanência de Jesus no templo, afirma que “partiu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso” (2,51), com esta expressão não pretende simplesmente concluir uma fase da vida terrena de Jesus, preparatória à do ministério público.

Uma exegese feita “em computador”, hoje cada vez mais na moda, em busca de quantas vezes recorre usar uma palavra no texto sagrado para deduzir daí a sua importância, poderia subestimar, com base na frequência, o participio médio hypotassómenos, usado por Lucas para definir toda a vida oculta de Jesus. O Catecismo da Igreja Católica interpreta o texto de forma magistral: “Na submissão de Jesus à sua mãe e ao seu pai legal, realiza-se a perfeita observância do quarto mandamento. Essa submissão é a imagem no tempo da obediência filial ao seu Pai celeste. A submissão diária de Jesus a José e Maria anunciou e antecipou a submissão da Quinta-Feira Santa: “Não ... a minha vontade...” (Lc 22,42). A obediência de Cristo no cotidiano da vida oculta já ia inaugurando a obra de restaurar o que a desobediência de Adão havia destruído” (n. 532).

A Exortação Apostólica *Redemptoris custos* segue a mesma linha de explicação, desenvolvendo o tema da “submissão” em nível histórico. “Esta ‘submissão’, ou seja, a obediência de Jesus na casa de Nazaré, é entendida também como participação no trabalho de José. Aquele que era designado como o ‘filho do carpinteiro’ tinha aprendido o ofício de seu putativo ‘pai’ putativo. Se a Família de Nazaré, na ordem da salvação e da santidade, é exemplo e modelo para as famílias humanas, também é-o analogamente também o trabalho de Jesus ao lado de José carpinteiro. Na nossa época, a Igreja pôs em realce isto mesmo, também com a memória litúrgica de São José Operário, fixada em 1º de Maio” (n. 22). Assim, para esta “submissão”, necessária na economia da salvação, a presença de José ao lado de Jesus não é somente decorativa.

Em relação à redenção do trabalho, José foi minister salutis, isto é, ministro da salvação a duplo título. O primeiro é mais conhecido. Trata-se do trabalho, considerado por João Paulo II como expressão de amor, o trabalho “através da qual José procurou assegurar a manutenção da Família”. Este título já merece para ele, da parte da Igreja, a memória no sacrifício eucarístico, juntamente com a da sempre gloriosa Virgem Maria, porque José “sustentou Aquele que os fiéis deviam comer como Pão da vida eterna” (*Redemptoris custos*, n. 16; cf. n. 6).

O segundo título, mais estreitamente ligado ao trabalho “assumido” por Jesus, consiste no fato de que “Graças ao seu banco de trabalho, junto do qual exercitava o próprio ofício juntamente com Jesus, José aproximou o trabalho humano do mistério da Redenção” (*Redemptoris custos*, n. 22). Nesta afirmação está claro que, com base no princípio “aquilo

que foi assumido está redimido", Jesus quis submeter-se pessoalmente à lei do trabalho para "purificá-lo e santificá-lo", servindo-se para este propósito do ministério de José: "Por sua parte, Jesus 'era-lhes submisso' (Lc 2,51), correspondendo com o respeito às atenções dos seus 'pais'. Dessa forma quis santificar os deveres da família e do trabalho, que ele próprio executava ao lado de José." (*Redemptoris custos*, n. 16). Não havendo dúvida de que se trata de pura teologia, é surpreendente que não esteja presente e valorizada nos catecismos e nos textos escolares que tratam do mistério da Encarnação, ao qual pertence diretamente. Isso vale para a presença de São José na vida de Cristo, aspecto posto em particular evidência na Exortação apostólica *Redemptoris custos*, que se centra inteiramente no mistério da Encarnação.

Mas, o que dizer da presença de São José em relação ao trabalho no que diz respeito à vida da Igreja? Em outras palavras, o que diz a figura de São José aos cristãos de hoje?

Pio XII, em 1º de Maio de 1955, por ocasião do décimo aniversário das Associações Cristãs de Trabalhadores Italianos (ACLI), propôs de novo São José como patrono e modelo dos trabalhadores e instituiu a festa litúrgica de "São José Operário". A sua importância naquele momento histórico particular é sublinhada pelo facto que, a 24 de Abril de 1956, um decreto da Congregação dos Ritos substituiu com ela a solenidade de São José, atribuindo-lhe o duplo rito de primeira classe. As coisas mudaram no Calendário promulgado por Paulo VI em 1969: o dia 1º de maio foi reduzido a "memoria ad libitum", ou seja, facultativa.

A celebração de São José Trabalhador deriva da consideração, sempre válida, de que nenhum dentre os homens, depois de Maria, esteve tão perto das mãos, da mente, da vontade, do coração de Jesus como São José. Como bem afirmava Pio XII, São José foi aquele em cuja vida mais penetrou o espírito do Evangelho. Se este espírito, de fato, fluiu do coração do Homem-Deus para todos os homens, "é certo que nenhum trabalhador foi tão perfeita e profundamente penetrado quanto o pai putativo de Jesus, que viveu com ele na mais estreita intimidade e comunhão da família e do trabalho". Daí o convite permanente do mesmo Papa aos trabalhadores: "Se quereis estar perto de Cristo, 'Ite ad Ioseph' (Gn 41,45). Ide a José! O humilde artesão de Nazaré não só personifica diante de Deus e da santa Igreja a dignidade do trabalhador braçal, mas também é sempre o guardião providente de vós e das vossas famílias".



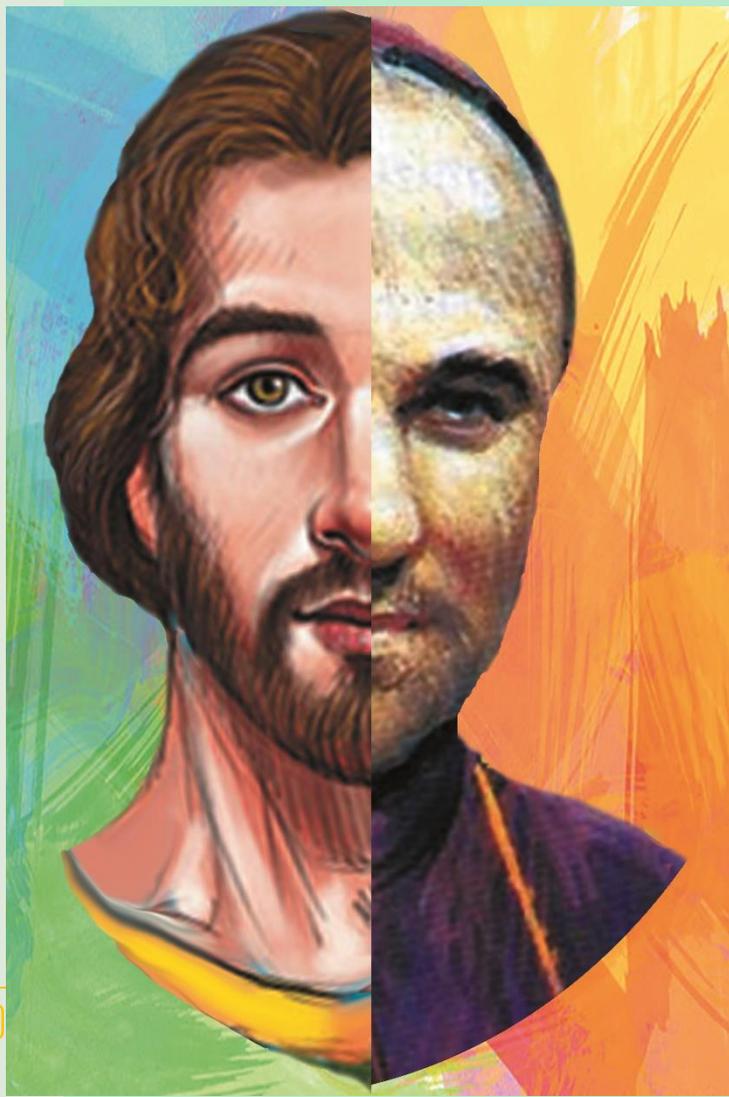
SAÃO JOSÉ, & SAÃO JOSÉ MARELLO

Pe. Paolo Re, OSJ

Nosso Santo Fundador não nos deu um guia estranho à sua vida interior, mas o que tinha de mais profundo no seu coração. Quando instruiu os primeiros irmãos sobre as virtudes próprias de São José, nada mais fez do que retratar a si mesmo e a sua vida espiritual. Ele dava aquilo que ele era, o de que vivia.

Padre Cortona, o primeiro discípulo do Fundador, tinha razão ao escrever: "O recolhimento de São José produzia na alma de Dom Marelo uma paz inalterável e uma tranquilidade tal, que reduzia todas as suas potências à calma mais perfeita. O grande Patriarca nunca esteve nem abatido, nem na tristeza, nem desanimado nas suas tribulações, nem levado demais pela alegria". Imitando e repondo em si mesmo a vida de São José, era fácil para os primeiros Irmãos admirar no Fundador as mesmas virtudes que ele atribuía a São José.

As características espirituais da nossa Família Religiosa podem resumir-se no abandono à Divina Providência, imitando assim São José que viveu na escuta contínua da Palavra de Deus e escondido na vida de intimidade com Jesus. Essas virtudes tinham em São José Marelo uma especificidade e uma forte acentuação, porque eram vividas à escola de



Maria e José, no estilo das virtudes da Casa de Nazaré. São virtudes que também nós devemos viver à escola de São José, Pai e Modelo, se quisermos ser fiéis à nossa identidade.

Para o nosso Fundador, a devoção a São José era mais do que uma devoção: era um estilo de vida, era uma fisionomia espiritual *totalizante*. Ele vivia esta devoção, esta relação íntima com São José, com um sentido de totalidade que causa grande admiração. Não se encontra em nenhum outro santo, nem sequer em Santa Teresa d'Ávila, que é considerada a maior devota de São José. Ela "ama" São José, mas não repete a sua vida.

Pensemos numa expressão de São José Marelllo, lapidar e definitiva, como esta: "Portanto, diremos ao nosso Grande Patriarca: Eis-nos todos para vós, e vós sede todos para nós" (L 237 in: San Giuseppe Marelllo, *Epistolario*). Não há meio termo, não há descontos, não há mediações: todos para vós, e todo para nós.

Este cunho josefino sempre foi preservado e está bem enraizado na nossa Congregação. Cabe a nós defender, aliás, tornar mais clara e eficaz em nossa vida pessoal e comunitária, e em nossa presença na Igreja, esta "josefinidade" institucional.

Intimidade filial. Desta característica totalizante da relação de São Giuseppe Marelllo com o Guardião do Redentor nascia este outro aspecto da sua devoção: a intimidade filial com Ele e a confiança incondicional que depositava em todos os momentos da sua vida e da Congregação. Pensemos em invocações como esta: "Vós, ó José, marcai para nós o caminho, sustentai-nos em cada passo, levai-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos". (ibidem).

Assim, o "piloto" que "marca para nós o caminho" é São José. Mas é também ele que dá força a quem precisa de sustento porque sozinho não consegue: "sustentai-nos". E isso todos os dias, aliás, em cada momento. E o guia é tão seguro, que nos faz chegar à meta estabelecida pela Providência.

S. José, para o nosso Fundador, era "guia e mestre da vida espiritual, modelo inatingível de virtudes interiores e escondidas". Com efeito, acrescentava com uma familiaridade comovente: "é o nosso bom Papai", "o primeiro na terra a cuidar dos interesses de Jesus".

Um guia seguro. Ele concebia a vida espiritual como um caminho, ou seja, um contínuo avançar e crescer para realizar "o desígnio espiritual que o Senhor traçou sobre nós" (*Ensinamentos. Conselhos espirituais e homilias recolhidas por Bice Graglia e Ir. Albertina Fasolis*, in Studi Marelliani 9 [2017], p. 282).

Obviamente, para o nosso Santo Fundador, guia por excelência é o Espírito Santo, a quem ele se submete com extrema docilidade: pensemos na frase: "Não devemos mover a língua, o coração, ou as mãos, sem primeiro consultar o Espírito Santo" (ibid., p. 146).

Mas com o Espírito Santo, quase como um modelo de fidelidade ao Espírito, ele toma São José. Este permeia toda a sua vida espiritual, seus pensamentos e sentimentos, sua atividade e seu estilo de vida. São José torna-se o motivo inspirador de tudo: "Cada um toma as próprias inspirações do seu Modelo, São José, que foi o primeiro na terra a cuidar dos interesses de Jesus" ... (L 83 in *Epistolario*, p. 275).

São José torna-se o guia seguro do nosso Fundador, em quê? Exatamente em tudo, por aquele princípio de totalidade que ele adotou... Mas analiticamente eu veria três áreas em particular: 1) guia nas relações com Jesus; 2) guia na vida espiritual (ou religiosa) propriamente dita; 3) guia na atividade apostólica.

1) Guia nas relações com Jesus.

Há nem mesmo um ano da sua ordenação sacerdotal, São José Marelo escrevia numa carta maravilhosamente reveladora: "Ó glorioso Patriarca São José, não vos esqueçais de nós. Vós que, depois da Santíssima Virgem, foste o primeiro a abraçar Jesus Redentor ao teu peito, sede para nós o exemplo no nosso ministério que, como o vosso, é um ministério de relacionamento íntimo com o Verbo Divino. Ensinai-nos, assisti-nos, fazeis de nós membros dignos da Santa Família" (L 37, in *Epistolario*, p. 157). Ordenado sacerdote a 19 de setembro de 1868, escreve essas palavras ao seu amigo Pe. Giuseppe Riccio, em meados de março de 1869, ou seja, seis meses mais tarde. E destas palavras nasce toda a alma da sua devoção a São José. Aqui, irmãos, paremos um momento para meditar sobre a grandeza do coração de São José sob o aspecto desta relação íntima com Jesus: uma relação que é comunhão de vida, partilha de intenções, troca de afetos sublimes, serviço de amor. São José Marelo intuiu todas essas coisas nos primeiros meses do seu sacerdócio, compreendendo bem que através deste sacerdócio também ele deve viver uma *relação ministerial de relação íntima com o Verbo Divino*. É a vida sacerdotal intuída na própria missão de José: *ministério de relação íntima com Jesus*.

Hoje, bem mais de cem anos depois, este ensinamento e este convite a viver dessa maneira o nosso sacerdócio é dirigido a cada Oblato de São José, sacerdote ou irmão.

2) Guia na vida religiosa

O Santo Fundador escolhia, dez anos depois (ordenado sacerdote em 1868 - fundador em 1878, aos 34 anos de idade), para si e para os seus filhos, o modelo de vida religiosa: "o serviço de Deus na imitação de São José". Ele expressou-se da seguinte forma: "Recomendemo-nos ao glorioso São José, guia e mestre de vida espiritual, modelo inatingível de vida interior".

Mas, se quisermos, encontraremos nas suas expressões um aceno muito claro às virtudes próprias dos votos religiosos. **À castidade**, na sua carta 254, escrevendo a Don Cortona, ele convida os Irmãos "a aprender a linguagem dos santos, a não perder a pureza da vida, a não



negligenciar as flores da piedade e da decência". A castidade como limpidez de pensamento, de palavras, de pureza de vida. **À pobreza**, ele recorda muitas e muitas vezes a pobreza de São José, mesmo nas coisas pequenas, aquelas que dizemos de pouca importância. Mesmo na colocação de uma estátua de São José, na colocação de uma pequena capela. Os seus escritos estão cheios de frases suas sobre a pobreza. **À obediência**, choca-nos aquela frase em que fala da sua grandeza e, ao mesmo tempo, também do temor e da tristeza de que venha a ser negligenciada. É o temor de um pai que vê a ruína de alguns filhos: "Ah, a obediência (não aquela que quer abrir, por vezes, um olho para ver um pouquinho a sua vantagem, mas aquela que é chamada de cega), quantas graças atrai para nós do céu... Lamentemos que não poucos irmãos tenham deixado secar esta virtude, que São José queria bem enraizada nos seus corações; deploremos o seu destino e façamos disso objeto de meditação para nós. (L 263 in *Epistolario*, p. 646).

E recomendava a imitação de São José nas "**virtudes ordinárias e comuns**", escrevendo: "Ele era todo dedicado ao trabalho e às ocupações externas para sustentar a Santa Família, e por isso podia rezar pouquinho [...]. Ele praticava as virtudes humildes e escondidas, sempre calmo, sereno e tranquilo mesmo em meio aos cuidados externos; em perfeita conformidade com a vontade divina [...]. Aprendamos também nós com este belo modelo, a ser totalmente abandonados à vontade divina, certos de que Deus permite todas estas coisas para o maior bem da nossa alma" (*Insegnamenti. Consigli spirituali e omelie*, p. 62).

3) Guia na atividade apostólica

São José Marelló vê o Guardião do Redentor inserido profunda e realisticamente no mistério e na história da Salvação: "Ele foi o primeiro na terra a cuidar dos interesses de Jesus, aquele que o guardou para nós quando criança, protegeu-o quando menino, e fez-lhe as vezes de pai nos primeiros trinta anos de sua vida aqui na terra" (L 83, in *Epistolario*, p. 275).

A Igreja, para se opor aos seus inimigos (anticlericais, liberais, maçons, etc.), começa um despertar sob a insígnia da figura de São José, que Pio IX declara solenemente Padroeiro da Igreja Universal. Cada igreja particular tem o seu próprio santo padroeiro, de acordo com a tradição. Mas a Igreja na sua totalidade e universalidade tem apenas um único Padroeiro: São José.

São José Marelló, em 1872, ainda muito jovem, só quatro anos após a sua primeira Missa!, quer fundar, para os leigos, a Companhia de São José "promotora dos interesses de Jesus" (ver o projeto na carta 83, ao Cônego Giovanni Cerruti), a fim de iniciar na diocese um apostolado de vida e de testemunho cristão. O Senhor vai chamá-lo, em seguida, para começar em nome de São José a fundação da Congregação que gravita inteiramente ao redor da figura e da imitação do Grande Patriarca. E isto será com dois impulsos muito claros: vida interior e vida apostólica. É o momento dos "Cartuxos em casa e Apóstolos fóra". É a imitação do ânimo e da vida de São José: o santo que contempla os mistérios de Deus e da Encarnação e Redenção ("tu lhe darás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados") e que trabalha para salvar, defender e preparar o seu filho Jesus para a sua missão.

Agora, perguntemo-nos: tudo isto acontece realmente na vida da congregação, nas nossas Províncias e na nossa vida pessoal? Esta é uma pergunta difícil, à qual somos chamados a responder.

“ ET VOCAVIT AD SE EOS... UT ESSENT CUM ILLO ET UT MITTERET EOS PRAEDICARE ”

Pe. Michele Piscopo, OSJ



Uma reflexão em preparação ao XVII Capítulo Geral

No versículo evangélico podemos identificar quatro elementos importantes:

- 1) Chamou-os a si (a Vocação, o Chamado)
- 2) Para estarem com ele (a Intimidade com Jesus)
- 3) Para viver em comunhão no Colégio Apostólico (a Vida Comunitária)
- 4) E para enviá-los a pregar (a Evangelização e a Promoção Humana)

Nós, Oblatos de São José, devemos viver tudo isso no Carisma e na Espiritualidade josefino-marelliana. Como filhos de São José Marelllo, queremos seguir Jesus, vivendo uma contínua intimidade com Ele, numa vida fraterna em comunidade, para depois irmos às periferias existenciais e geográficas, para viver o Evangelho e testemunhar Aquele que nos escolheu. Queremos aprofundar e revitalizar a nossa identidade humana, religiosa e de Oblatos de São José. É uma "refundação" pessoal e comunitária de nossa existência, a fim de reviver um profundo senso de pertença a Ele e à nossa Família Religiosa.

Proponho a mim e a você algumas reflexões.

1) A Vocação, a Escolha, o Chamado

- Eu sou um "sonho de Deus": "façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gn 1,26)
- Como Isaías: escolhido desde o seio materno para ser luz das nações (Is 49, 1-6)
- Como Jeremias: escolhido antes do meu nascimento. (Jr 1,4-11)



- Ele ama-me e quer que eu também o ame; aprecia-me, estima-me, confia em mim e pede-me algo grande: que seja seu amigo e seu Profeta. Para ele, eu sou importante.
- *"Escolheu-nos n'Ele antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados aos seus olhos na caridade"* (Ef 1,4).
- *"Fitando-o, amou-o"* (Mc 10, 21): é um amor sponsal, ciumento, que não quer ser compartilhado com outros ou com outras coisas. Estar com Ele é compartilhar sua vida, suas escolhas, seus amores.
- *"Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e constitui..."* (Jo 15,16).
- A Vida Consagrada: *"É um dom precioso de Deus que escolhe, chama e envia"* (R G 52)
- Ele me escolheu dentre o povo para o bem dos povos (Hb 5,1-4)
- Consagrou-me, isto é, "separou-me" para seu "uso" exclusivo
- Nossas imperfeições não devem desencorajar-nos, não devem ser uma desculpa para negarmos o Seu chamado. Devemos destruir aquilo que em nós é ateu ou anti-evangélico, para sermos dignos do seu Chamado.
- *"Eu estou contigo"* (Jr 1,8): quem é "chamado" é guiado, protegido por Deus.
- *"Não tendais medo, eu estarei convosco todos os dias até o fim do mundo"* (Mt 28, 20). É a nossa certeza.
- Em momentos importantes para a história da humanidade, Cristo chama as pessoas certas a responder aos sinais dos tempos. Você é uma pessoa "necessária" para os tempos atuais.

Refletir:

- Deus ama e estima você. Em que momentos de sua vida você experimentou isso?
- Quando, onde e como você sentiu que Seus olhos o fitavam, e ouviu o seu Chamado?
- Qual o papel da Congregação para "entender e discernir" o seu Chamado?

2) Estar com Ele

- *"É Cristo que vive em mim"* (Gl 2,20)
- *"Para mim, viver é Cristo"* (Fl 1,21)
- *"Não vos chamo servos, mas amigos"* (Jo 15,16)
- *"Sede perfeitos como vosso Pai"* (Mt 5,48)
- *"Não vos conformeis com este mundo"* (Rm 12,2)
- *"Tende os mesmos sentimentos de Cristo"* (Fl 2,5)
- Somos chamados à santidade: confira Mt 5,48 / Lc 19,2 / Lc 11,44-45 / IPd 1, 15-16 / Tg 1,4.
- *"A Congregação tem por fim a Glória de Deus, através da santificação de seus membros"* (C 2).
- *"Os Oblatos ... são chamados a reproduzir em suas próprias vidas ... o mistério cristão ..."* (C 3). Escolhidos para reproduzir, através dos Conselhos Evangélicos, os traços característicos de Jesus virgem, pobre e obediente.
- Somos Oblatos, propriedade exclusiva e permanente de Deus. Todos os dias devemos oferecer a Deus um coração não de "segunda mão", usado ou sujo ... Ele é o único amor, a única riqueza, a única aspiração. Pertencem só a ele.
- Existo para o uso exclusivo de Deus, coloquei minha vida totalmente a seu serviço. Sou propriedade sua, direito seu. Ele deve ser o único necessário para mim. Pertencem a ele totalmente, tenho que doar-me a Ele constantemente, a todo momento
- Chamados a viver o Evangelho nas extremas consequências. É um ligar-se mais íntima e exclusivamente a Cristo.

- Nossa vida tem uma dimensão escatológica: realizar aqui na terra aquilo que será depois no céu.
- Somos consagrados: o nosso é um "*amor especial*" também em vista de uma "*missão especial*".
- Para estar com Ele, deixo as relações familiares: "*quem ama seu pai e sua mãe ...*" (Mt 10,37), deixo os bens materiais: "*Vai vende tudo o que tens, dá aos pobres, depois vem e segue-me*" (Mt 19,21).
- A vida consagrada é um dom que Deus me deu, é o modo de vida que Jesus abraçou e propôs aos seus discípulos.
- A alegria é a característica dos seguidores de Jesus, mesmo nas dificuldades: "*A minha alegria é plena*" (Jo 3, 9).
- O amor de Jesus Cristo é, portanto, o ponto de partida e também o fim da nossa vida religiosa.
- Mesmo se estamos imersos num mundo agitado, distraído e absorvido por muitas coisas, é Ele o meu tudo. Sou chamado a experimentar e mostrar que Deus é capaz de preencher meu coração e fazer-me feliz, sem procurar alhures a minha felicidade
- Papa Francisco: "As pessoas consagradas não devem ter rostos tristes; não devem ser pessoas descontentes e insatisfeitas, porque "uma sequela triste é uma triste sequela".
- Eu tenho que encontrar o equilíbrio adequado e frutífero entre a atividade e a contemplação, entre a oração e caridade para com os outros, entre o compromisso concreto na história da vida cotidiana e a aspiração escatológica.

Refletir:

- Vivo o Evangelho radical e sinceramente?
- Hoje Jesus ainda é meu primeiro e único amor, como prometi quando professei os Votos pela primeira vez?
- O meu ideal ainda é Cristo e tenho por ele um amor apaixonado?
- Vivo com alegria (como o Papa Francisco diz) minha Vida Consagrada e manifesto a beleza de viver o Evangelho?

3) Nossa Espiritualidade

- "*São José Marelllo, dócil ao impulso do Espírito Santo, fundou a Congregação ...*" (C 2), dando à Igreja uma Família Religiosa nova em sua espiritualidade e em seu carisma apostólico e colocando-a a serviço do Evangelho.
- O primeiro motivo de nossa fundação não foi pastoral (a escassez do clero na diocese de Asti), mas teológico e cristológico.



• *"Quantos hoje são verdadeiros discípulos de Jesus nesta Itália, que durante muitos anos foi a terra clássica do monaquismo? Quase ninguém mais pensa na prática dos conselhos evangélicos... Os noviciados dos conventos estão agora desertos... Os Conselhos evangélicos devem ser praticados por um certo número de cristãos em todos os tempos, senão Jesus Cristo teria falado em vão... então vamos trabalhar para facilitar ... o estado de vida mais perfeito"* (L 107)

• *"A quem quiser seguir de perto o Divino Mestre com a observância dos Conselhos Evangélicos está aberta a Casa de São José, onde, retirando-se com a intenção de permanecer ali, escondida e silenciosamente operoso na imitação desse grande modelo de vida pobre e obscura, terá a oportunidade de tornar-se um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo"* (L 108)

• **Fundamentos bíblicos da nossa espiritualidade:**

- *"Vida escondida com Cristo em Deus"* (Col 3,1-3).

São Paulo nos coloca, com esta expressão, no coração do mistério pascal de Cristo, que é o mistério de sua morte e ressurreição, mistério fundamental de toda a vida cristã. Devemos ser capazes de relacionar o pensamento pascal da vida escondida com Cristo em Deus com a espiritualidade de São José. Não devemos ver a vida escondida como uma atitude de escondimento exterior, como algo obscuro e negativo, mas como uma espiritualidade bíblica de altíssimo valor para nossa vida religiosa, se soubermos lê-la à luz da vida de São José.

- Ter a peito os interesses de Jesus (cf Fl 2,19-22) ... como fez São José.

- *"Imitar a São José: porque ele foi o primeiro modelo da vida religiosa, porque ele tinha continuamente sob seu olhar aquele Exemplar Divino, que o Pai Eterno por sua misericórdia quis enviar ao mundo, para ensinar o caminho para o Céu"* (Regras de 1892)

4) **São José**

• São José Marelló queria que seus seguidores vivessem a experiência de Deus, o amor de Deus, consagrando-se a Ele, abandonando-se em suas mãos, numa vida de consagração total, à imitação de São José.

• Nós, Oblatos São José, devemos contemplar o rosto de Jesus com os olhos de São José, que assim se torna o modelo carismático para a realização da *"Sequela Christi"*. Em São José vemos:

- a disponibilidade para cumprir a vontade de Deus, e assim ele se torna um modelo de quem *"faz dia por dia o que a Providência indica"*.

- o seu silêncio operoso na casa de Nazaré e nós aprendemos com ele a sermos operosos e a não perder tempo atrás de coisas inúteis e prejudiciais

- a sua intimidade com Jesus e Maria, e é um exemplo para nossa vida de oração e de união com o Senhor.

- o seu abandono à vontade de Deus, que o movia a fazer sempre o que o Anjo do Senhor lhe sugeria,

- uma vida de dores e alegrias, no pleno e contínuo cumprimento da vontade de Deus.

- um guia para podermos escolher *"servir a Igreja em atividades e lugares humildes, contentes de fazer os trabalhos mais simples e comuns com amor extraordinário"* (C 58).

• Eis como São José Marelló apresenta nossa espiritualidade e também o estilo de nosso trabalho apostólico. Devemos entrar na *"Casa de São José, onde, retirando-nos com o propósito de permanecer ali, escondida e silenciosamente operosos, na imitação daquele grande modelo de vida pobre e obscura, teremos os meios para tornar-nos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo"*.

- Nosso Fundador propôs a seus filhos uma espiritualidade especial, descrita por Don Cortona em seus escritos.
 - Entretinha seus filhos na meditação da vida escondida de São José; apresentava-o ao lado de Maria e de Jesus, juntos os três.
 - Costumava repetir a frase de São Paulo: "*Nossa vida está escondida com Cristo em Deus, à imitação de São José*"
 - Na Igreja, existem Congregações cujo propósito particular é meditar as dores de Maria (Servos de Maria), outros para meditar a Paixão do Senhor (Passionistas); então os Oblatos de São José devem esforçar-se para imitar mais de perto a vida escondida de São José.
 - Dizia também: afortunados os que entendem o valor da vida escondida, certamente darão grande glória a Deus, porque uma alma desejosa da vida escondida, ignorada pelo mundo, toda intenta em servir a Deus e em buscá-lo só a Ele, dá-Lhe certamente a máxima alegria.
- Nós, Oblatos, devemos estar "*com os quadris cingidos, o bastão na mão, e as sandálias nos pés*", em um contínuo estado de êxodo de empenho permanente, sem nunca diminuir, em nossas consciências, o sentido de nossa consagração.
- Também nós vivemos entre as dificuldades deste mundo, feito de superficialidade e de costumes secularizados, onde não é fácil viver a interioridade, de acordo com as diretrizes de nossa espiritualidade.
- Devemos redescobrir o valor de nossa "cartusianeidade"
- Devemos adquirir um verdadeiro espírito eclesial e uma boa identidade josefina, que saiba resistir a toda tentação de secularismo.
- Vivemos com o risco de desperdiçar o tempo na internet ou de qualquer outra forma, de não saber como administrar o nosso tempo livre, e assim esvaziar-nos espiritualmente, perdendo aquela característica que deve ser própria da nossa espiritualidade ... viver "*escondida e silenciosamente operosos à imitação de São José*", como nosso Fundador nos ensina (L 108).
- "Digamos, portanto, ao nosso grande patriarca: Eis-nos todos para ti e tu sê todo para nós ... Ensina-nos o caminho, sustenta-nos em cada passo, guia-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos ... Contigo estamos certos de ir sempre bem" (L 237).

5) Nosso Carisma apostólico

- "*O fundador, São José Marelló, queria que os Oblatos fossem 'apóstolos em casa' e levassem Cristo ao mundo com a dedicação com que São José, chamado pelo Pai Eterno a fazer isso, guardou Jesus e preparou-o para o seu ministério de salvação*" (C 57).
- "*O que caracteriza o apostolado dos Oblatos de São José é o espírito com que cada ministério é realizado. Imitando São José, o Santo da vida e da confiança na providência divina, humilde e escondido, os Oblatos servir a Igreja em atividades e lugares humildes, contentes de fazer os trabalhos mais simples e comuns com amor extraordinário*" (C 58).
- "*O apostolado dos religiosos é principalmente o testemunho de sua vida consagrada, que eles devem nutrir pela oração e pela penitência (Can. 673); e também é um chamado à construção do Corpo místico de Cristo. Por conseguinte, é essencial, no trabalho pastoral, aceitar e harmonizar a variedade de dons concedidos aos Irmãos e a diversidade de possíveis métodos de ação. Trabalha-se por uma única causa. O verdadeiro apostolado cria união. É responsabilidade dos Superiores assegurar sua continuidade com a escolha cautelosa dos Confrades*" (C 59)

- “No âmbito das atividades apostólicas para os Oblatos de São José, um setor privilegiado é o da educação cristã dos jovens. Se é dever de todos interessar-se pelos jovens, para o Oblato é uma exigência de fidelidade ao espírito do Fundador” (Custo 60)
- A operosidade de São José traduz-se na palavra “serviço às necessidades mais urgentes da Igreja”, dedicando-se à “pobre juventude tão abandonada” e às formas de apostolado destinadas a compensar, de todas as maneiras possíveis, as deficiências da pastoral diocesana: suplência à pastoral diocesana.
- Não existem muitas questões sobre esses princípios. As dúvidas e as dificuldades surgem no campo prático das realizações.
- Há uma dificuldade quando, em nossa história passada ou presente, confundimos as formas de apostolado adequadas aos tempos e lugares, como se fossem um fim apostólico nosso. Ou seja, os tipos de apostolado locais ou temporais passaram a ser fins apostólicos da Congregação.
- Por exemplo: o cuidado da juventude é um fim, mas no ato prático tem que se adaptar ao modo como Deus dispõe, nas circunstâncias dos tempos e dos lugares.
- Devemos mudar as formas, mas deve permanecer inalterado o duplo fim ministerial dos inícios: o cuidado da juventude, especialmente com a catequese, e o apostolado de suporte
- Nosso carisma, dom do Espírito Santo recebido por São José Marelló, não é uma realidade estática, mas dinâmica e existencial, que deve acompanhar a vida da Congregação e deve encarnar-se nas situações históricas do momento.
- Nós, Oblatos de São José, devemos sempre *atualizar* nosso Carisma apostólico. Devemos sempre perguntar-nos: aqui e agora, como podemos educar melhor a juventude, e como desenvolver nosso ministério apostólico? Devemos estar atentos aos sinais dos tempos, descobrir os impulsos que o Espírito nos dá de tantas maneiras, estar familiarizados com as pessoas e o território onde somos chamados a viver, conhecer a cultura, a história, a idiossincrasia do povo.



- Em nosso apostolado, não podemos limitar-nos a manter o que já existe, mas devemos abrir-nos para a missão. De fato, hoje não é tempo de manutenção. Diante de situações que parecem mostrar uma fé letárgica, repetitiva, ou acomodada sobre si mesma, deve aumentar a consciência de que não pode é possível continuar a contentar-se com aquilo que sempre foi feito, sem perguntar-se se o Espírito do Senhor não nos está chamando para empreender novos caminhos. É preciso novas estradas pastorais no sentido missionário, capaz de testemunhar com vigor e convicção a verdade do Evangelho. Precisamos ampliar os horizontes e alcançar novas intuições apostólicas
- O Papa João Paulo II, no documento Vita Consecrata, diz que devemos ter uma *"fidelidade criativa"* (= "fazer, dia por dia, o que a Providência indicar" Regras de 1892, capítulo 1)
- Devemos discernir continuamente o que é bom e o que é superado; procurar aperfeiçoar o que o Fundador nos deixou, mantendo vivo o espírito primitivo de laboriosidade humilde e silenciosa, que se torna zelo e amor pelo próprio trabalho e a vontade continua de melhorar.
- O discernimento contínuo é importante para evitar que morra algum dos pontos fundamentais de nossa espiritualidade e de nosso carisma apostólico.
- Hoje, há necessidade de novidade na fidelidade aos princípios marellianos: confronto contínuo com os textos de nossa tradição, com as exigências do mundo de hoje e com os documentos da Igreja.
- "São José, guardião de Jesus e nosso protetor, recebei-nos como vossos companheiros nos ministérios que merecestes cumprir na terra" (L 83)

6) **Conclusão**

- *"Vocês não têm apenas uma história gloriosa para lembrar e contar, mas uma grande ótima história para construir. Olhem para o futuro, no qual o Espírito os está projetando para fazer ainda grandes coisas com vocês"* (São João Paulo II, Vita Consecrata).
- Olhem para o passado com gratidão, viva o presente com paixão, abracem o futuro com esperança.
- Perguntemo-nos:
 - Estamos lendo com os olhos da fé os sinais dos tempos, e respondendo criativamente às necessidades presentes da Igreja?
 - Nosso apostolado atual responde ao que o Espírito pediu ao nosso Fundador?
 - Estamos continuamente enriquecendo e adaptando o Carisma sem perder o seu caráter genuíno, para colocá-lo a serviço da Igreja?
 - Estamos convencidos de que viver o presente com paixão significa: ter um relacionamento sério, pessoal e íntimo com Jesus; viver o espírito de comunhão na comunidade; dar-se alma e corpo para a construção do Reino?

Como SAO JOSÉ MARELLO pregava a SAO JOSÉ?

Pe. Guido Miglietta, OSJ



Repassamos o *Epistolário* de São José Marelllo, o *Magistério* e os *Ensinamentos* (Conselhos espirituais e homilias recolhidas por Bice Graglia e Ir. Albertina Fasolis), e encontramos 12 orações a São José distribuídas da seguinte maneira: 5 do *Epistolário*, 5 dos Conselhos à Irmã Albertina Fasolis e 2 nas comunicações de atos pontifícios durante o seu ministério pastoral em Acqui.

As três primeiras orações a São José, presentes no *Epistolário*, estão contidas nas cartas aos seus amigos sacerdotes Stefano Delaude e Giuseppe Riccio. Todas foram escritas no primeiro ano do seu sacerdócio. O Pe. Marelllo tem 24 anos, sacerdote há alguns meses, e surgiu nele a devoção a São José.



A primeira oração, na qual ele se dirige também a São José, é uma oração comum que faz eco ao seu desejo de santidade, juntamente com a inquietação da busca da santidade. Na verdade, ele escreve: *Jesus, Maria, José, Anjos e Santos, nossos protetores, queremos ir convosco – qual o caminho mais seguro?* Estamos na carta 26 para o Pe. Stefano Delaude, seu amigo. É a primeira vez que São José Marelllo menciona São José e se dirige a ele. Era 11 de Janeiro de 1869.

Existe – pode-se dizer – uma descoberta de São José por parte do padre Marelllo? Certamente sim, e acontece gradualmente, como se pode ver em muitos outros elementos, não só nas orações, mas também nas intenções de oração que ele dirige a este santo; da mesma forma, nos seus documentos – *Epistolario, Ensinamentos* – é

delineado o estilo de vida de São José, que ele irá propor a si mesmo e aos seus amigos, aos seus Oblatos, bem como nos testemunhos da direcção espiritual.

Pela segunda vez na sua correspondência, dirige-se a São José com uma oração nos dias anteriores à festa de 19 de março de 1869, numa carta ao seu amigo Pe. Giuseppe Riccio [L 37]: *Ó glorioso Patriarca José, não vos esqueçais de nós que vamos arrastando esta carne miserável em dura terra de exílio. Vós que, depois da Santíssima Virgem, fostes o primeiro a abraçar estreitamente ao peito o Redentor Jesus, sede o modelo no nosso ministério que, como o vosso, é um ministério de relação íntima com o Verbo Divino; ensinai-nos, ajudai-nos e fazei de nós membros dignos da Santa Família [...].* É uma oração que certamente faz parte da nossa herança espiritual: iluminou gerações de Oblatos de São José. É a oração fundacional da espiritualidade josefina marelliana, porque estabelece a essência de termos São José como exemplo: São José, como recita a oração, é o exemplo no ministério que, como o seu, é ministério da relação íntima com a Palavra de Deus feita homem, Jesus. Precisamente por isso – em perfeita simetria – São José é o nosso Mestre, assiste-nos, protege-nos e introduz-nos dignamente na vida da Santa Família de Nazaré, isto é, na plenitude da Sua Casa. E tudo isso é "relação íntima", uma intimidade emocional "Vós que, depois da Santíssima Virgem, fostes o primeiro a abraçar estreitamente ao peito o Redentor Jesus", e intimidade espiritual pelo que dissemos acima.

A terceira oração não é mais que uma invocação a São José, uma jaculatória: *Sancte Joseph, ora pro nobis*, na carta 41 sempre ao seu amigo Pe. Giuseppe Riccio, escrita alguns dias depois – a 28 de março de 1869.

A quarta oração é como um selo, a tudo o que ele escreveu na sua extensa carta de 25 de Outubro de 1872 ao Cônego Giovanni Cerruti [L 83] sobre a fundação da Companhia de São José – vem depois de todas as intenções e explicações dadas ao Cônego – os interesses de Jesus em particular, a construção do Reino, os meios, as virtudes, os princípios – no fim vem a oração, o aspecto teológico que resume e compreende tudo: *Sancte Joseph Custos Jesu et Protector noster accipe nos comites tuos in ministeriis quae in terris persolvere meruisti* – São José, guardião de Jesus e nosso protetor, acolhei-nos como vossos companheiros nos ministérios que merecestes cumprir nesta terra.

A quinta oração de São José Marelllo a São José, contida no *Epistolário*, é para nós Oblatos de São José: escrita ao Pe. Giovanni Battista Cortona, é uma invocação a São José em preparação à festa do santo no dia 19 de março. Em 8 de março de 1891, São José Marelllo, Bispo de Acqui, escreveu: "Portanto, diremos ao nosso Grande Patriarca: *Eis-nos todos para vós, e vós sede todo para nós. Indicai-nos o caminho, sustentai-nos em cada passo, conduzi-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos. Seja longo ou curto o caminho, plaino ou acidentado, quer vejamos ou não a meta com nosso olhar humano, depressa ou de vagar, convosco, ó José, estamos seguros de ir sempre bem.*" É a entrega a São José, e esta



oração acompanha-nos ao longo do Ano de São José que estamos a viver. "O mérito desta oração é que Dom Marelo se coloca ao nosso lado, seus filhos, para dizer a São José que estamos unidos ao seu redor e que esperamos que ele nos guie com segurança. Ele é o nosso Grande Patriarca!" (Pe. Severino Dalmaso).

Depois temos mais 5 orações a São José, que nos oferece a Irmã Albertina Fasolis do Instituto Milliavacca, onde o Cônego José Marelo foi diretor espiritual. A religiosa relata que a segunda, terceira e quarta orações foram sugeridas a ela pelo próprio Marelo. Vamos vê-las.

A primeira oração da Irmã Albertina Fasolis é por ocasião dos exercícios espirituais pregados pelo Cônego Marelo às irmãs do Instituto Milliavacca, começando como indicado, no dia 8 de outubro de 1881, e está no *sermão sobre a Encarnação*, o nono dos dezoito pregados pelo santo: *E vós, São José, tão humilde e presente em todas as ações de Jesus, falai ao meu coração, deixai-me aprender tudo dessa vida tão santa que devemos imitar* (cf. *Ensinamentos*, p. 234). O pensamento corresponde plenamente ao pensamento de São José Marelo, como pode ser visto de outras fontes.

A segunda, terceira e quarta oração são sugeridas pelo Marelo à Irmã Albertina, e estão aqui abaixo. A primeira delas está contida numa *Oração a Maria para uma boa confissão*, e diz o seguinte: *Meu grande São José, sede meu Protetor na vida e na morte, no tempo da tentação e do discernimento* (sem data, p. 209). A segunda, mais extensa, tem o título: *Ao patrocínio de São José: Ó São José, sede meu protetor na vida e principalmente na hora da morte e que eu possa invocar o teu nome com o de Jesus e Maria, dai-me o desejo de imitar-vos, a força na humildade, a perfeita resignação à vontade divina, da qual virá aquele espírito de oração e aquela caridade, que iguala em mérito São Vicente e São José. Fazei com que eu vos imite e tenha grande gratidão pelos favores que me fizestes. São José, eu realmente quero que estejais presente em todos os momentos e ações da minha vida, nas circunstâncias, em suma, para dizer como São José se comportava, e assim invocá-lo para que eu faça o mesmo, ofício, palavras, ações [...]* (sem data, p. 209). A terceira deste grupo tem a data de 1º de Julho de 1886 com o título: *Oração pedida a ele*, isto é supostamente pedida ao director espiritual, e é uma oração dirigida ao Coração de Jesus, ao Coração de Maria SS. e ao Coração de São José; nesta última parte diz: *Ó Coração de São José, unido aos Corações de Jesus e de Maria, venero-vos e entro nestes três Corações para nunca mais sair, assim como na vossa casinha de Nazaré, e com estes Corações puríssimos quero voar para o Céu para vos agradecer por todos os favores e benefícios a mim concedidos, e por aqueles que me alcançastes da Santíssima Trindade* (p. 211).

A última das cinco orações a São José relatadas pela Irmã Albertina é muito concisa e essencial: *São José, padroeiro da vida interior, sede o meu Mestre* e corresponde plenamente ao pensamento de São José Marelo, como pode ser visto de outras fontes. O Conselho Espiritual foi dado por ele à religiosa em 14 de março de 1889 (cf. *Ensinamentos*, p. 204). São José Marelo, já ordenado bispo, tinha regressado a Asti e estava à espera de se separar dos seus para proceder ao ingresso na diocese de Acqui, que teve lugar a 16 de Junho de 1889.

No seu *Magistério Episcopal*, São José Marelo sugere duas invocações a São José, quando no dia 25 de janeiro de 1893 promoveu com uma carta circular aos párocos a *Pia Associação das Famílias Cristãs*, projetando a espiritualidade que se refaz a São José no mundo dos leigos. As duas orações a São José estão aqui elencadas: "... *E também vós, ó glorioso Patriarca São José, sustentai-nos com a vossa poderosa mediação, e ofereci, pelas mãos de Maria, os nossos votos a Jesus*"; a segunda invocação inclui a Santa Família: *Jesus, Maria, José, iluminai-nos, socorrei-nos, salvai-nos. Assim seja.*

OBLATOS de SÃO JOSÉ

Pe. Guido Miglietta, OSJ



a) Qual o significado do nosso nome?

Para mim, pessoalmente.

Cada um pode traçar a história de sua vocação.

Nosso nome, *Oblatos de São José*, para mim significa o lugar real e concreto que Deus me deu para eu estar ali, a família de confrades Oblatos onde queremos construir o Reino de Deus, começando já agora. Todos pudemos encontrar exemplos nos confrades que conhecemos desde o início e nos ajudaram, e nos confrades que agora ajudamos na vocação e na missão: experiências da Casa de São José, onde está presente o Senhor Jesus e, portanto, o Reino de Deus, experiências apostólicas, e queremos fazê-las ainda...

Para nós, comunitariamente.

“Há cento e quarenta anos, em 4 de novembro de 1877, festa de São Carlos, Pe. José Marelló escrevia uma carta de Fundação, notando a festa de São Carlos Borromeu, patrono de sua paróquia de San Martino, que o trouxe de volta a uma antiga devoção aprendida na sua infância; era também o patrono especial de seu bispo Dom Carlo Savio, que tinha tanta parte na obra que ele estava prestes a realizar; por fim, o santo arcebispo de Milão foi também o fundador dos ‘Oblatos dos Santos Ambrosio e Carlos’, e poderia, portanto, tornar-se a inspiração da nova congregação que levaria o nome de “Oblatos de São José”. (P. Severino Dalmaso, biografia do beato Giuseppe Marelló em 3 vols, Cidade do Vaticano, 1997, p. 643).



Companhia de São José. Para quem, por qualquer razão (idade avançada, deficiência nos estudos, etc.), não puder aspirar ao estado eclesiástico ou religioso, e ainda assim quiser seguir de perto o divino Mestre com a observância dos Conselhos Evangélicos, está aberta a Casa de São José onde, retirando-se com a intenção de permanecer ali, escondida e silenciosamente operoso, imitando esse grande modelo de vida pobre e obscura, terá modo de tornar-se um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo.

O Irmão de São José não é religioso professo, mas simplesmente oblato, que se oferece continuamente a Deus, para tender à perfeição, desapegado de todo gozo terreno do corpo e do espírito (San G. Marelllo, Epistolario, Acqui Terme 2010, Carta 108 a Don Cesare Rolla, 4 de novembro de 1877, p. 327).

Da história à realidade de hoje. Referimo-nos a São José Marelllo, nosso Fundador, che introduziu o nome "Oblatos de São José".

Para o Pe. Marelllo, também foi claro, desde a fundação, que seus religiosos, no seguir os conselhos evangélicos, deviam inspirar-se em São José, modelo sublime de homem inteiramente consagrado ao Senhor, numa vida escondida, pobre, trabalhadora e orante, cheia de confiança em sua proteção - e comprometido por sua vez para torná-lo conhecido e amado - e tornar-se verdadeiros discípulos de Jesus -. É por isso que ele os chamou de "Oblatos de São José" ou mesmo mais simplesmente "Irmãos de São José", porque de início, ele pensava apenas em irmãos leigos. Da mesma forma, ele chamou sua comunidade de "Casa de São José" porque tinha que se parecer com a pequena casa de Nazaré, na qual havia o bem supremo, Cristo, Senhor. (Pe. Severino Dalmaso, Biografia, página 646).

O nome do objeto é repetido duas vezes: Mestre Divino, Jesus Cristo: a quem quiser (na intenção), um verdadeiro discípulo (na execução), para evidenciar que o verdadeiro fim da vida religiosa é o seguimento de Cristo. A Casa de São José aparece como o lugar onde é possível realizar a seqüela, e os advérbios de modo (escondida e silenciosamente) combinados com os adjetivos (operosa, vida pobre e obscura) confirmam e explicam as modalidades de serviço a Jesus, na imitação de São José. Essa frase contém o significado da vida religiosa (o seguimento de Cristo) e o carisma próprio da Congregação (a imitação de São José). No início, o Fundador não pensava em sacerdotes, mas apenas em irmãos.

A palavra *oblato* não era nova na terminologia religiosa e tinha a vantagem de apresentar a vida religiosa numa nova realidade, que não era mais a das antigas ordens medievais, mas sim ao modelo das congregações pós-tridentinas. Embora emprestada dos *Oblatos de São Bento*, uma espécie de ordem terceira beneditina, assumia agora outras configurações nos *Oblatos dos santos Ambrósio e Carlos* (século 18), sacerdotes dedicados ao serviço da diocese ambrosiana e tinha sido utilizada por vários fundadores de Congregações Religiosas: fóra da Itália, pelos *Oblatos de Maria Imaculada* (1816) e pelos *Oblatos de São Francisco de Sales* (1871); na Itália, durante o breve período de restauração, em Bobbio, pelos *Oblatos de Sant'Alfonso dei Liguori de Sant'Antonio Maria Gianelli* (1789-1846), em Turim pelos *Oblatos da Virgem Maria do Padre Pio Brunone Lanteri* (1759-1830). (P: Severino Dalmaso, Carta 108, em San G. Marelllo, Epistolario, p. 330)

No epistolário, São José Marelo usa a expressão: *Oblatos de São José*, ou simplesmente *Oblatos*, 14 vezes: 10 vezes ao apresentar os destinatários de sua carta - aos Oblatos de São José, duas vezes no texto das duas letras de fundação [108, 109] e duas vezes no mesmo texto de duas cartas dirigidas a Don Giovanni Battista Cortona: [222] - oblatos de s. Giuseppe -, [239] - oblato.

As Regras de 1892, escritas por D. Médico, D. Cortona, D. Carandino e D. Baratta e aprovadas pelo Fundador, são muito claras sobre o nome [de: introdução ao atual Regulamento Geral]:

"A Congregação tem como Patrono São José, portanto, seus membros são chamados OBLATOS DE S. JOSÉ e fazem todo o esforço para honrá-lo e amá-lo como pai, imitando suas virtudes e propagando a sua devoção".

Da mesma forma, as Constituições de 18 de março de 1901 aprovadas pelo bispo de Asti Dom Giacinto Arcangeli: "1. A Congregação dos *Oblatos de São José* tem como objetivo propagar a glória de Deus" e o decreto do bispo intitulado *In Aedibus Sanctae Clarae*: "Na casa de Santa Clara desta cidade, habitada no passado por virgens monjas, encontra-se uma associação formada por clérigos e coadjutores leigos, chamada *Oblatos de São José*".

Chegamos às Constituições de 1º de dezembro de 1929, as primeiras Constituições aprovadas como Instituto de direito pontifício, sendo nossa congregação tornada de direito pontifício em 11 de abril de 1909: começa o Decreto do Cardeal Alexis Henri M. Lépiciér, prefeito da Congregação dos Religiosos: "*Institutum Oblatorum a S. Joseph*, vulga Congregação dos Josefinos de Asti [...]".

Também nas constituições vigentes, no artigo 2º: "São José Marelo, dócil também ele ao impulso do Espírito Santo, fundou a Congregação dos Oblatos de São José. Inserido na Igreja como uma Congregação de direito pontifício, é de natureza clerical, composta por Sacerdotes e Irmãos. Tem por finalidade a glória de Deus, através da santificação de seus membros e do exercício do apostolado, com o testemunho dos conselhos evangélicos".

Com relação ao **fim apostólico**, é interessante vê-lo emergir em progressão.



Nas Regras de 1892: "Os membros da Congregação ... têm como objetivo a *educação cristã da juventude*, da maneira que Deus irá dispor: seja recebendo-a em casas apropriadas, ou assumindo o cargo de professores primários nos municípios, ou atuando como catequistas nas paróquias sob a direção dos párocos. Os sacerdotes, além disso, sob a obediência ao Bispo, atuarão como *Administradores Espirituais, Vicecurados Festivos, Capelães, pregadores*, e naquelas coisas que, dia a dia, a Divina Providência indicar".

Em nossas Constituições de 18 de março de 1901, como congregação de direito diocesano, o fim apostólico é: "[Capítulo I, I.] A Congregação dos Oblatos de São José ... consagra todas as suas atividades nas *obras do sagrado ministério*, que são: *fazer missões, ajudar os párocos nos dias feriados e em todas as ocasiões de trabalho, receber dos bispos economias espirituais de paróquias, dar catecismo, mantendo escolas de religião, internatos para vocações eclesíásticas, bem como qualquer outra obra boa que as circunstâncias exijam*, e que, longe de ser uma pedra de tropeço para o exercício do ministério sagrado, favoreçam sua prática e desenvolvimento".

As Constituições de 1º de dezembro de 1929, as primeiras Constituições aprovadas como Instituto de Direito Pontifício, dizem: "O propósito especial é *proporcionar a salvação do próximo através do exercício do ministério sagrado em paróquias e missões, e educando jovens com oratórios festivos, escolas de religião, colégios, internatos, repúblicas para, orfanatos e escolas profissionais*".

A congregação, 51 anos depois de sua fundação, desenvolveu-se: começou a assumir paróquias, abriu missões (Filipinas, Brasil, Estados Unidos) e educava a juventude, indicando precisas estruturas educacionais e sociais de acolhida.

Nas constituições atuais: "[Art. 3] Os Oblatos de São José, fiéis ao carisma do Fundador, são chamados a reproduzir em suas vidas e no apostolado o mistério cristão como o viveu São José: na união com Deus, na humildade, no escondimento, na laboriosidade, na dedicação "aos interesses de Jesus". Eles se dedicam ao serviço da Igreja nas formas de apostolado ministerial que "dia por dia a providência indica", prestando especial atenção aos mais necessitados.

Em particular, aplicam-se: - à educação moral e religiosa dos jovens nas diversas atividades sugeridas pelos tempos e lugares; - ao ministério pastoral nas Missões e nas paróquias, também em auxílio ao clero diocesano; - à difusão da devoção a São José".

b) Fundamentos bíblicos da nossa espiritualidade

É justamente a Sagrada Escritura o fundamento da nossa espiritualidade oblata. Em particular, nós que nos referimos a São José, como poderíamos não lembrar os Evangelhos da Vida Escondida de Jesus (T. Stramare) - ou chamados de "Evangelhos da Infância", os dois primeiros capítulos de Mateus, os dois primeiros capítulos de Lucas, e as chamadas em outras partes do Evangelho a Jesus, filho de José, filho de Davi. Se o propósito de nós, Oblatos de São José, é tornarmo-nos "verdadeiros discípulos de Jesus", não podemos negligenciar nada do seguimento de Jesus, do discipulado atrás dele, juntamente com *todos* os mistérios da redenção: a paixão, a morte e a ressurreição, a efusão do Espírito e mandato missionário. Também os textos que

concernem nossa espiritualidade eucarística e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, ou os textos que recordam nossa devoção e espiritualidade mariana: especialmente Maria sob a cruz de Jesus (João 19,25-27) tão intimamente ligada à nossa tradição.

Há duas citações bíblicas do Novo Testamento, ambas das cartas de São Paulo (Cl 3,3b e Fl 2,21), que são de particular valor para nós: não são o resultado de uma profunda exegese no tempo de Marelo, nem de uma exegese atual, mas são dois *núcleos de referência dos conteúdos espirituais apresentados por San Giuseppe Marelo no momento da fundação*, são "fundacionais". Destacados por Pe. Dalmaso, os dois núcleos devem ser referidos, de acordo com a apresentação de São José Marelo, *ao Mistério de Cristo, como o viveu São José*: a vida escondida com Jesus - "a nossa vida está escondida com Cristo em Deus!" (Cl 3,3b) - e os interesses de Jesus: "Todos na realidade buscam seus próprios interesses, não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21).

- **Colossenses 3,3b: “e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus!”**

Um comentário ao versículo é oferecido por Don João Battista Cortona, que ele atribui ao próprio São José Marelo ao apresentar os primeiros conteúdos espirituais da formação que o Fundador oferecia aos primeiros Oblatos de São José. Nós seguimos o Manuscrito de Breves Mamórias, não o texto impresso, mas aquele escrito pelo Autor que está em três folhas [chamados *I* incluso A, *I* incluso B, e *I* incluso C].

"Mas o ponto da vida de São José, onde [o Fundador, Pe. José Marelo] entretinha mais os seus filhos amados, era a vida escondida deste grande Patriarca com o seu amado Jesus:

- Sua vida estava completamente escondida com Jesus em Deus. Aqui está toda a sua grandeza e todos os seus méritos, tal é a sua vida verdadeira. E precisamente porque é assim, Deus o propõe como modelo a toda a Igreja. Mas, mais e amiúde repetia o pai que, assim como na Igreja havia congregações religiosas cujo propósito era meditar as dores de Maria Santíssima, como o Servos de Maria, e outros para meditar sobre a paixão de Jesus Cristo, como os Passionistas, assim os Oblatos de São José deviam dedicar-se intensamente a imitar, o melhor que pudessem, a vida escondida de São José: "*e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*" [Col 3,3b].

- Felizes aqueles, dizia ele, que compreendem o valor da vida escondida, certamente darão grande glória a Deus -.

Deus propõe São José como modelo a toda a Igreja, mas principalmente às almas devotas, das quais o fez patrono e pai; e adentrando-se cada vez mais na vida oculta, nosso Fundador mostrava São José com Jesus e Maria sozinhos no estábulo de Belém, onde ficaram por quarenta dias, conforme prescrito pela lei.

- São José viveu muitos anos no Egito, escondido e desconhecido de todos, e depois em Nazaré, quase enterrado com Jesus e Maria -.

- Tal é a vida de São José: uma solidão contínua, solitário no início de sua vida, solitário no meio, solitário até o fim dela. Aliás, por quinze séculos, Deus dispôs que quase ninguém pensasse nele, sem render a ele um culto solene.

- Estejamos, portanto, escondidos dos homens, mas sob os olhos de Deus, dizia ele com tanto fervor, como estranhos dos homens, enquanto somos conhecidos por Deus; como mortos no mundo, desde que vivamos em Deus; sejamos também somos considerados como a rejeição do mundo, desde que preciosos diante de Deus. Se formos realmente humildes, seremos beneficiados do desprezo que fazem a nós, porque uma alma ansiosa pela vida oculta, ignorada pelo mundo, com toda intenção de servir a Deus e buscar somente a ele, certamente lhe dá a

mais alta glória. De fato, Jesus Cristo, a Sabedoria eterna que veio a esta terra para glorificar seu eterno Pai Divino, passou a maior parte de sua vida escondido, dando à vida pública o suficiente para propagar sua doutrina e fundar a Igreja. Em segundo lugar, considerando a nossa fraqueza e o desejo inato que temos de aparecer, a vida oculta é a maneira mais segura de alcançar a perfeita retidão de intenção, condição indispensável para trabalhar com mérito.

- A humildade atrai a bênção de Deus sobre nós e sobre as nossas obras, e é isso que edifica o nosso próximo, uma vez que a modéstia agrada a todos, até aos vilões.

No começo, aqueles nossos bons irmãos entendiam bem pouco, e alguns deles nunca entenderam a preciosidade da vida escondida; então eles deixaram a Congregação para entrar no seminário, mas aqueles que, com a ajuda do Senhor, começaram a entender e a saborear a beleza desta vida escondida com São José e Jesus e Maria, tanto a apreciaram, que a preferiram a tudo o que o mundo poderia dar a eles. Esse era o pensamento que, como dito no início, amiúde repetia o pai: que ... os Oblatos de São José haviam de dedicar-se com empenho a imitar mais de perto a vida escondida de São José: "*et vita vestra abscondita cum Christo in Deo*".

As referências à vida oculta podem ser encontradas no Manuscrito de Don Cortona também em 5 outras páginas: II 8, II 10, II 11, III 13, IV 18.

- **Filipenses 2,21: “todos na verdade buscam os próprios interesses, não os de Jesus Cristo”**

São Paulo, escrevendo aos filipenses (2,21), diz que Timóteo cuidava, realmente, dos interesses de Jesus, preocupando-se com a Igreja que estava em Filipos.

São José Marelló introduz a expressão "interesses de Jesus" na carta [83] ao cônego Giovanni Battista Cerruti, em Asti, 25 de outubro de 1872, que contém "o esboço de uma companhia de São José promotora dos interesses de Jesus". O mesmo nome "Compagnia di S. Giuseppe" será usado na carta de fundação (108.109). O Pe. Severino Dalmaso apresenta a carta - e a expressão 'interesses de Jesus' - como a inspiração proveniente da "fusão de três" altos momentos "vividos por Marelló durante o Concílio Vaticano I, em Roma: o encontro privado com Pio IX na véspera de Natal de 1869, a proclamação da infalibilidade papal, a exaltação de São José [...]. ao serviço de toda a Igreja, como o Papa deseja e como fez São José com Jesus "[in: *Biografia*, pp. 490-491].



A expressão "interesses de Jesus" está presente sete vezes: Vossa senhoria Veneratíssima acolha a mim e a alguns dos meus amigos num mesmo espírito de união sob os auspícios de São José para *servir os interesses de Jesus* em sua nova igreja [...] Esboço de uma companhia de São José *promotora dos interesses de Jesus* [...] Todos se inspiram no modelo de São José, que foi o primeiro na terra a *cuidar dos interesses de Jesus*, que no-lo guardou criança, protegeu-o menino e ocupou o lugar de pai para ele nos primeiros trinta anos de sua vida aqui na terra ... todos podem fazer parte da companhia; bastando para a agregação o secreto propósito de ter com ela a comunhão de interesses [...] Aqueles que se decidirem a participar da Companhia devem, no entanto, fazer perante o Senhor uma promessa sincera de trabalhar na medida de suas próprias forças para *promover os queridos interesses de Jesus*. [...] Cada palavra - cada passo, cada desejo - pode ser a *matéria-prima dos interesses de Jesus*. Numa espantosa variedade de maneiras, o Reino de Deus é demolido. Tentemos fazer nosso trabalho de restauração em todos os lugares, com a ajuda do céu. [...] Toda obra, por mais bela e santa que seja em si, pode transformar-se em detrimento comum, se não for provada pela obediência; de mil maneiras o diabo pode meter-se, mesmo com a *aparência de favorecer os interesses de Jesus*. O único e infalível controle é a obediência. [...] fazer um Empório católico que de alguma forma possa *promover os interesses de Jesus* e repetir a obra de São José, que teve a custódia e o patrocínio da Sua humanidade Sacratíssima.

O Pe. Marello adotava uma expressão ascética e pastoral amplamente utilizada, para *buscar e cuidar dos interesses de Jesus* em Filipenses 2, 21; A frase já tinha uma história - Santo Agostinho usa-a no Discurso 46 aos Pastores - e foi bastante utilizada no século XIX por vários autores espirituais, precisamente no sentido de zelar pelos interesses da Igreja, em um momento de perseguição. A novidade de São José Marello em 1872 é que, como fundador, enxertava-a na devoção a São José, que era sua inspiração, seu modelo em "*cuidar dos interesses de Jesus*". Pe. Segneri (1624-1694), jesuíta celebrado como orador sacro, já havia escrito no tratado ascético de 1673, o *Maná da Alma* (Exercício II): "*Os sacerdotes procuram apenas seus próprios interesses e não os do Senhor. São José não buscava senão os interesses de Jesus e Maria, de quem era o segundo na vida e na morte*". Dois santos fundadores contemporâneos de Marello fazem a mesma conexão: São Enrique Antonio de Ossó e Cervelló (1840-1896, canonizado em Madri, em 16 de junho de 1993), escrevendo em 1876 *coliga São José aos interesses de Jesus e Maria*; São Daniel Comboni (1831-1881), canonizado em 5 de outubro de 2003, fundador dos Missionários Combonianos do Coração de Jesus e das Mães Pias da África, em uma carta do Cairo (Egito) de 1880 liga o Sagrado Coração e São José aos *interesses de Jesus* e a Igreja na África.

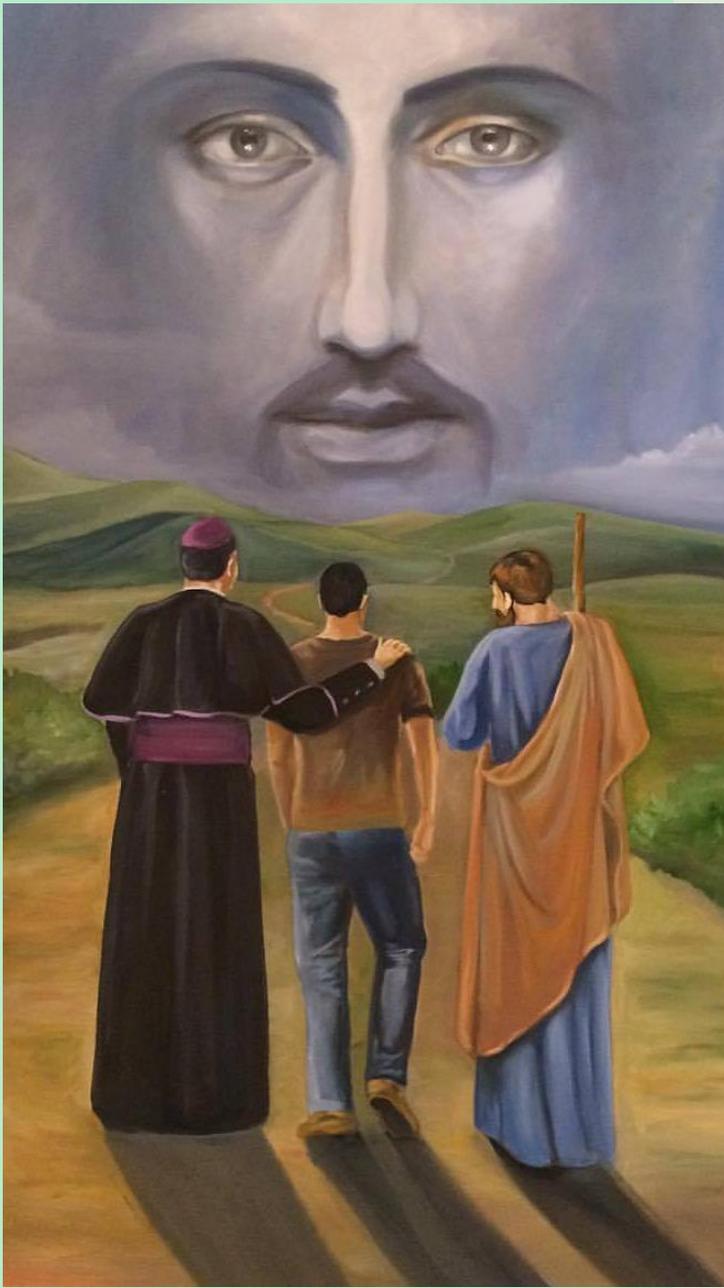
c) Escritos carismáticos de um Fundador

Escritos carismáticos de um Fundador são os que expõem o "carisma fundacional e a consequente herança espiritual de cada Instituto" (São João Paulo II, *Vita Consecrata*, 36). "É precisamente nesta fidelidade à sua inspiração, que é "um dom do Espírito Santo, que os elementos essenciais da vida consagrada são mais facilmente redescobertos e vivificados" (ibid.); esses escritos foram as fontes de nossa pesquisa. Incluem no sentido estrito as cartas citadas da Fundação [107], [108], [109], juntamente com a carta [83], o Esboço de uma Companhia de São José, depois as 113 cartas escritas aos Oblatos de São José entre 1889 e 1895; as Regras de 1892; o manuscrito e o texto publicado das breves memórias de Don Giovanni Battista Cortona, e outros escritos de Don Cortona sobre a fundação; em um sentido amplo, incluem todo o *Epistolario*, todos os escritos espirituais (alográficos de Bice Graglia e de Albertina Fasolis) e todos os *Ensinamentos* (editado por M. Pasetti) e de seu *Magistério pastoral* (editado por A. Santiago) como Bispo de Acqui.

O CARISMA JOSEFINO MARELLIANO no SEGUIMENTO de CRISTO



Pe. Severino Dalmaso, OSJ



1. O documento *Perscutai* da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica apresenta “a visão do carisma como originado pelo Espírito, orientado à conformação a Cristo, marcado pelo perfil eclesial comunitário, em dinâmico desenvolvimento na Igreja” (n.5). Esse texto põe em primeiro lugar a inspiração do Espírito Santo, que suscita na Igreja as vocações ao seguimento total di Cristo. É importante partir de Cristo quando nós falamos da vida consagrada, e também quando nos metemos a explicar o carisma próprio da Congregazione. São José Marellano era claro sobre esse ponto, quando escrevia: “Não se deve supor que em meio ao povo cristão faltem aquelas almas que também hoje estariam prontas a desapegar-se do mundo por amor a Jesus Cristo” (L 107). O amor a Jesus Cristo é, portanto, o ponto de partida e ao mesmo tempo o fim da vida religiosa. Também no esboço da Companhia de São José, o ponto de partida era o desejo de “seguir de perto o divino Mestre com a observância dos conselhos evangélicos”, para realizar o objetivo de “tornar-se verdadeiro discípulo di Jesus Cristo” (L 108).

Padre Cortona nas *Breves Memórias* punha claramente em foco o primado de Cristo na imitação de São José, escrevendo: “O ponto da vida de São José sobre o qual o Pai Fundador mais entretinha seus amados filhos era a vida escondida daquele grande Patriarca com o seu amatíssimo Jesus. Eis toda a sua grandeza e todos os seus méritos... Os Oblatos de São José deviam esforçar-se para imitar o mais próximo que pudessem a vida escondida de São José com Jesus. ‘A vossa vida está escondida com Cristo em Deus’”. Também o Regulamento de 1892 indica a mesma finalidade à Congregazione: “imitar São José que foi o primeiro modelo da vida religiosa, pois ele teve continuamente sob os olhos aquele Exemplar Divino, che o Pai Eterno por sua misericórdia quis enviar ao mundo, para que ensinasse o caminho do Céu”.

2. Nas palavras acima o nosso carisma encontra o seu fundamento teológico e escriturístico, quando sabemos olhar para Jesus com os olhos de São José, que se torna para nós o grande modelo na realização da “sequela Christi”. São José Marelllo apresenta São José como “exemplar no nosso ministério que, como o seu, é ministério de relações íntimas com o Verbo Divino” (L 37). Nasce daqui o discurso programático da nossa espiritualidade, que devemos saber apresentar de modo justo e bem articulado: em primeiro lugar Jesus, que é o fim da vida consagrada; depois a figura de São José, que nos guia para irmos a Jesus e o servirmos. Essa visão clara do nosso modo de ser Oblatos de São José, ajuda-nos a compreender os passos seguintes, que são as características da nossa espiritualidade: viver na “Casa de São José, ... com o propósito de aí permanecermos escondida e silenciosamente operosos, na imitação daquele grande Modelo de vida pobre e obscura” (L 108). A série de qualidades como: o escondimento, o silêncio, a operosidade, a pobreza, o abandono à vontade de Deus, não mais nos causam medo, porque recopiam aquilo que São José fazia na casa de Nazaré, no serviço a Jesus e a Maria.

3. Costumamos condensar a espiritualidade josefina com as palavra que o nosso Fundador repetia amiúde: “Vida escondida com Cristo em Deus, à imitação de São José”; e ainda: “Cuidar dos interesses de Jesus, à imitação de São José”. Esses dois pensamentos resumem bem seja a espiritualidade, seja o carisma apostólico, se os fizermos penetrar no coração e na vida. Procuremos colher o seu sentido profundo, partindo do significado que lhes dá São Paulo. Na carta aos Colossenses lemos: “Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus; cuidai das coisas do alto, não do que é da terra. Pois morrestes, e a vossa vida está esondida com Cristo em Deus.” (3,1-3). Estimo no coração do mistério pascal, que é misterio de morte e de ressurreição, mistério fundamental de toda a vida cristã, suficiente em si para dar um tom de intimidade à nossa vida spiritual e de total adesão a Cristo crucificado e ressuscitado. É um discurso dirigido a todos os cristãos, mas para nós trata-se de apresntá-lo em chave josefina, como o apresentava o Fundador, e para isso precisamos olhar para vida de São José, que foi uma vida de dores e alegrias, no pleno e contínuo cumprimento da vontade de Deus. Evitaremos, assim, que a vida escondida seja considerada como algo de obscuro e de negativo, como por vezes acontece, ao passo que se trata de uma espiritualidade pascal de altíssimo valor para a vida cristã, que nós lemos à luz de São José.

4. A exortação a “cuidar dos interesses de Jesus”, tão cara a São José Marelllo, provém da Carta aos Filipenses, na qual São Paulo escreve: “Espero, no Senhor Jesus, que eu em breve vos possa enviar Timóteo, para que eu também me reconforte com as notícias que tiver de vós. Não tenho nenhum outro com iguais disposições a vosso respeito e que tão sinceramente como ele se interesse por vós. Os outros buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo” (2,19-21). Quais eram os sentimentos de Paulo, senão os de Cristo e de Cristo crucificado? E quais são

os fins ministeriais da nossa Congregação senão os de tornar Jesus Cristo conhecido e amado? Jesus é sempre o fim ao qual deve apontar a nossa espiritualidade e o nosso apostolado. Há, nesse ensinamento, uma ligação estreita entre a espiritualidade e o carisma apostólico: isso é possível, se o apostolado é sustentado pela oração e se a espiritualidade guia as particulares finalidades apostólicas no estilo próprio da Congregação. Quem professa os conselhos evangélicos é, por definição, um cristão que abriu o coração à plenitude da fé vivida na humilde realidade da vida cotidiana. O Oblato escolheu livremente seguir o Senhor na escola de São José irá imitar São José na vida escondida de Nazaré, dando à própria vida um significado eclesial de pessoa que busca em tudo “os caros interesses de Jesus”.

5. A identidade do Oblato de São José é esboçada assim: ele é sempre humilde e laborioso, seja quando faz apostolado, seja quando vive em união com o Senhor no silêncio da cela ou no trabalho da própria casa a serviço da Comunidade. Não há mais distinção entre espiritualidade e carisma apostólico, porque tornam-se uma coisa só, no espírito de São José. A nossa espiritualidade ilumina-se e adquire um significado à luz do Evangelho. São José torna-se o nosso guia para seguirmos Jesus em todos os momentos da vida: seja quando rezamos, seja quando trabalhamos, em casa ou fóra de casa. Aprendemos com São José a servir a Igreja “nas formas de apostolado ministerial que dia após dia a Providência indica, prestando especial atenção aos mais necessitados” (C3). O abandono à vontade de Deus, que levava São José a fazer sempre aquilo que o Anjo do Senhor lhe sugeria, há de guiar também a nós para escolhermos “poder servir a Igreja em atividades e lugares humildes, contentes de fazer os serviços mais simples e ordinários com amor extraordinário” (C 58).

6. Papa Francisco, na Carta aos consagrados de 21 de novembro de 2014, diz: “A pergunta que somos chamados a dirigir-nos neste ano da Vida Consagrada é se e como também nós nos deixamos interpelar pelo Evangelho; e se ele é deveras o manual prático para a vida de cada dia e para as escolhas que somos chamados a fazer”. Eis a nossa resposta, se sabemos de verdade olhar para Jesus com os olhos de São José e se sabemos trabalhar para Jesus como fazia São José. Também nós vivemos entre as dificuldades deste mundo, feito de superficialidade e de hábitos secularizados, onde não é fácil viver a interioridade, segundo as linhas mestras da nossa espiritualidade. Mas a lembrança do Papa no ano da Vida Consagrada ajuda-nos a deixar-nos interpelar pelo Evangelho e a olhar para São José como Mestre e Guia rumo a Jesus. “Diremos portanto ao nosso grande Patriarca: eis-nos todos para Ti e Tu sê todo para nós. Ensina-nos a estrada, sustenta-nos a cada passo, conduze-nos aonde a Divina Providência quer que cheguemos ... Contigo estamos seguros de caminhar sempre bem” (L 237). O Papa que nos convida a “despertar o mundo” diz-nos também que devemos “despertar a Congregação”, com um forte chamado à santidade de vida e a um alto nível de nossa espiritualidade.



Oblatas de São José cuidam dos interesses de Jesus a imitação de **MARIA & JOSÉ**

Sr. Marianna Cortellino, OSJ



As Oblatas de São José nasceram como a coroação do sonho de São José Marellino, que tentou fundar, ao lado do ramo masculino, uma congregação feminina com a mesma espiritualidade. Seu projeto foi bloqueado pela nomeação como Bispo, o que o impediu de realizar essa intuição, mas ele colocou tudo nas mãos da Divina Providência. E assim em 1994, com o XIII Capítulo Geral dos Oblatos, o nascimento das Oblatas de São José foi oficializado como ramo feminino da Congregação “para que a espiritualidade Josefina-Marelliana também possa ser vivida por mulheres consagradas, enriquecendo a Igreja com este dom de santificação e do apostolado, que se inspira em São José Custódio do Redentor”. Várias experiências de vida comunitária entre jovens que desejavam viver a espiritualidade Josefina-Marelliana haviam começado e se consolidado no Brasil (1987), Filipinas (1990), Peru (1994) e o XIII Capítulo Geral dos Oblatos quis dar forma jurídica a essas experiências e uma formação unitária para as jovens. Em 1997, as primeiras irmãs de diversas nações foram chamadas a Roma e assim se concretizou este projeto de unidade e consolidação.

Em nossas Constituições, muito semelhantes às dos Oblatos, está escrito: “As Oblatas de São José têm como propósito principal a glória de Deus e sua própria santificação. Inspirados no carisma de São José Marellino, pretendem reproduzir o mistério de Cristo em sua vida e apostolado, como São José viveu ao lado de Maria: na intimidade com Deus, na fé, na humildade, na vida simples e escondida no mundo, na laboriosidade, na 'dedicação aos interesses de Jesus'. Zelam pelos interesses de



Jesus, prestando o seu serviço à Igreja nas formas de apostolado que «dia a dia a Providência indica», com atenção especial aos mais necessitados e preferencialmente nas situações e nos lugares mais desfavorecidos.

Em seu apostolado, trabalham preferencialmente em colaboração com os Oblatos de São José, dedicando-se em particular: à educação moral e religiosa dos jovens, especialmente através da catequese; as formas de apostolado sugeridas pelos tempos e lugares, especialmente a pastoral paroquial, escolar e missionária, com particular atenção à promoção da mulher e ao serviço dos pobres, dos idosos e dos enfermos; à difusão da devoção a São José, que eles propõem como modelo e patrono da Igreja e das famílias cristãs”. (art.3)

Este artigo resume a espiritualidade e o carisma da Congregação, retomando as notas principais do carisma e da espiritualidade dos Oblatos, revelando, por assim dizer, o rosto feminino de uma única medalha.

As Oblatas de São José procuram cuidar dos interesses de Jesus, imitando Maria Santíssima e São José. Para entender esta missão confiada aos Oblatos, é necessário fazer uma premissa importante. Maria e José estavam, como indivíduos e como casal, estendendo-se a Jesus e sua relação com Jesus era única e, poderíamos dizer, irrepetível. Ambos tiveram um papel específico para com o Senhor: eles eram os pais. Maria Santíssima como Mãe e São José como Pai foram chamados a amar e servir a Jesus nesta função. O amor de um pai e de uma mãe é grande e gratuito. Como filhas, todas experimentamos esse amor, pelo menos de um dos pais, se não de ambos. O amor de nossos pais, por maior que tenha sido, não está isento de limites e erros. O amor de Maria e José ainda é um amor diferente daquele de um pai e uma mãe comuns. Maria Santíssima, embora criatura Imaculada, por isso o seu amor era muito puro, São José, pela especial missão que lhe foi confiada, recebeu as graças necessárias para poder responder à sua vocação, pela qual a sua capacidade de amar também era diferente de qualquer outro pai terreno. Partindo dessas premissas, podemos começar a ver como as Oblatas de São José cuidam dos interesses de Jesus, na imitação de Maria e José.

Se permanecermos unidos a São José, poderemos aprender a viver uma relação profunda com Jesus e Maria e a dar em comunidade e no apostolado o que vivemos escondidos, com o Esposo



Amado. José nos acompanhará e nos ensinará a sermos fiéis aos nossos votos, a confiar na Providência divina e a zelar pelos interesses de Jesus, porque com José “temos a certeza de que sempre vamos bem”.

Se permanecermos unidos a Maria, poderemos experimentar o que Isabel viveu, ser cheios do Espírito Santo para exclamar em alta voz: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre!" Maria nos ensinará a agir como “mães”, a doar-se sem buscar a realização.

Ela nos acompanhará na vida diária e nos repetirá para fazer o que Jesus nos diz.

Para Maria e José não era fácil ser pais do filho de Deus, isso envolvia um despojamento de si mesmo, para centralizar em Jesus.

Oblatas significa oferendas, somos chamados a oferecer nossa vida, nossa vontade, nossos sonhos, nós mesmos a Deus, pelas mãos de José e Maria. Somos chamados a não mais pensar no que queremos, mas no que é melhor segundo a vontade de Deus, vivendo para ele e nele, na Igreja.

Assim como Maria e José cuidaram de seu Filho unigênito, dando a vida com amor, ensinando-o a se tornar uma pessoa madura, de princípios e valores sólidos, também somos chamados a cuidar da Igreja, dando vida espiritual aos outros, sem fingir ser sua patrões, no espaço da gratuidade, e indicando o caminho certo, o caminho da Vida. Imitando Maria e José, as Oblatas são chamados a gerar vida espiritual na Igreja, ou seja, a dar o Salvador. Pelo Voto de Castidade servimos os outros sem pedir reciprocidade, pelo Voto de Obediência optamos por obedecer as superiores, não pensando mais em nós mesmos, mas no que Deus quer, pelo Voto de Pobreza compartilhamos os bens materiais, visando o essencial, não procurando os nossos interesses. Maria e José trataram Jesus com muito amor e nós, Oblatas, também somos chamados a servir aos outros com amor.

Maria e José antes de tudo "guardaram" Jesus. Também nós, de modo especial como mulheres consagradas, somos chamadas a guardá-lo. Maria e José reconheceram no Senhor o seu maior bem e, como qualquer bom pai estaria disposto a fazer, eles teriam dado suas vidas para proteger Jesus. Nós também recebemos este Bem, que consideramos o bem mais precioso, o bem a ser cuidado ao custo de nossa própria vida. E como cuidamos de Jesus? Cada uma de nós é chamado pessoalmente a cuida-lo, mantendo viva a sua presença divina no seu coração e na sua vida. Cada uma de nós é chamado a viver uma relação pessoal e contínua com o Senhor, afastando tudo o que põe em perigo a Sua presença: cuidandoos nossos olhos, os nossos ouvidos, os nossos sentidos e o nosso coração, os nossos sentimentos e afetos. Mantendo-nos em estado de graça e evitando todo aquele secularismo e mundanismo, contrastam com a pureza do coração e do corpo. Crescendo cada vez mais na devoção à Eucaristia e ao Sagrado Coração. Esta é a primeira maneira pela qual nós, Oblatas de São José, chamados a ser a Casa de Nazaré para ele, cuidamos pessoalmente dos interesses de Jesus.

De forma comunitária, entendendo a casa de Nazaré não só o templo do nosso coração, mas também a comunidade, a custódia de Jesus consiste em garantir-lhe um ambiente onde estes valores possam ser cuidados e aumentados, através da oração comunitária atenta e fervorosa, diligentemente distribuída. no quotidiano, uma vida fraterna vivida num ambiente sereno e

cordial, num apostolado dirigido a todos quantos encontramos, indiferentemente, crianças, adultos, imigrantes, pobres, ricos, cristãos, muçulmanos, como Maria e José se ocuparam de Jesus em todos os lugares por onde passaram: em Belém, Jerusalém, Nazaré e até no Egito, continuando a ser luz para todos, porque providenciaram o cuidado, o alimento e o crescimento de Jesus. Isso significa também ajudar os outros a cuidar do Senhor, prover as necessidades espirituais e materiais daqueles que encontramos: dê um pedaço de pão a quem o pedir, roupas ou uma palavra de consolo e esperança. Podemos fazê-lo em qualquer lugar, mesmo no centro de Roma, onde não faltam os que vêm bater ao convento para comer uma refeição quente, os que param para rezar na Igreja de São Lourenço em Fonte ou se hospedam no hostel Marelllo.

Nosso apostolado ocorre principalmente nas escolas e paróquias dos Oblatos, por meio da educação religiosa e moral dos jovens, mas cada momento da vida é uma oportunidade para manter Jesus em nós ou nos outros. O apostolado inspira-se e fortalece-se na vida de oração e de união com Deus: a própria vida consagrada é uma missão, como o foi a vida de Jesus.

O serviço que prestamos nas escolas e nas paróquias pretende ser um sinal deste cuidado pessoal e comunitário e deseja também dar atenção ao cuidado do aluno, porque para nós representa Jesus, para nós, cuidar dos interesses de Jesus é cuidar do verdadeiro bem de quem está diante de nós, porque é do interesse de Jesus o bem da pessoa, da criança, do adolescente que frequenta o catecismo, ou que participa das aulas na escola, da família, com a qual procuramos manter uma relação, um diálogo contínuo, dos enfermos a quem levamos a Eucaristia, do grupo de jovens que dirigimos. Em todas as nossas realidades, além da casa de formação, existe pelo menos uma comunidade que atua no campo pastoral junto com os Oblatos: no Brasil, em Apucarana, as irmãs colaboram nas pastorais, no centro de espiritualidade, e no acompanhamento vocacional na paróquia liderada pelos Oblatos; em Londrina, dirigem uma casa de encontros, e colaboram nas pastorais da paróquia dirigida pelos Josefinos de Murialdo; nas Filipinas, algumas irmãs ensinam nas escolas dos Oblatos de São José, outras ensinam catequese; no Peru, em Manzanilla-Lima, as irmãs animam vários grupos de jovens e catequese para crianças e adultos na paróquia dos Oblatos, uma irmã ensina religião em uma escola dirigida pelos Oblatos e há alguns anos em Lima abrimos uma comunidade que colabora em um paróquia e em uma escola diocesana. Na Nigéria, as irmãs colaboram na paróquia na pastoral catequética, juvenil e vocacional, na família, no hostel e na clínica, guiadas pelos Oblatos de São José. Na Itália, além de cuidar da recepção no hostel Marelllo e da Liturgia na Igreja de San Lorenzo in Fonte, em Bari (Ceglie del Campo), eles colaboram na paróquia dos Oblatos através da catequese, da orientação dos coroinhas, da pastoral dos enfermos e famílias.

É claro que a gratuidade e a pureza de coração e de intenção desempenham um papel decisivo no cuidado dos interesses de Jesus, porque é assim que Maria e José cuidam dele.

Como Maria e José, somos chamados a alimentar Jesus e sabemos que o Senhor tem fome e sede de almas. Como Oblatas de São José, somos chamados a compartilhar com o Senhor o propósito pelo qual ele mesmo veio entre nós. Em tudo o que fazemos, para com todos aqueles que encontramos, não nos deixando levar por gostos ou desgostos, entre afinidades ou não com o caráter das pessoas, devemos cuidar dos interesses de Jesus, cuidar da salvação das almas, que era o interesse principal de Jesus, no estilo de José e Maria, com sua doçura, atenção, preocupação, estando também dispostos a sofrer, "enquanto o Senhor for feliz".

Maria e José fizeram tudo para o crescimento de Jesus. Como Oblatas, seguindo o exemplo e no estilo de Maria e José, queremos que Jesus cresça, para que Seu reino se espalhe. Através da catequese para crianças, adultos, casais, famílias, portanto, nossa colaboração nas paróquias e nas demais atividades pastorais e apostólicas dos Oblatos é muito importante para o desenvolvimento de nossa espiritualidade comum. Naturalmente, a primeira evangelização é o exemplo de vida, que deve ser coerente com o Evangelho que proclamamos.

Antes mesmo da chegada de Jesus, Maria e José estavam construindo sua família, com simplicidade e humildade. Nós Oblatas somos inspirados pela Sagrada Família, mesmo que a nossa não seja perfeita e nossos limites sejam sentidos e vistos; porém, a nossa é uma família forte, porque é reforçada pelos laços que o próprio Senhor estabeleceu entre nós, quando nos escolheu de diferentes partes do mundo. A razão pela qual vivemos a vida fraterna em comunidade é Jesus e pedimos-lhe que nos ajude a construir a nossa família, procurando viver de forma autêntica o espírito da casa de Nazaré. Se pudermos ajudar-nos, servir-nos na caridade, nos perdoarmos, nos ouvir e nos falar, nos fazer cotidianamente simples, comuns a cada família, com um amor "extraordinário", salvaguardar a própria família, criar a união e a harmonia entre nós, construiremos uma comunidade que imite a Sagrada Família de Nazaré e assim poderemos estendê-la a quem encontrarmos: no do Marello, na paróquia, na escola, nas missões, apesar das dificuldades que possamos encontrar. Desta forma, poderemos construir uma família maior e ajudar os leigos a construir suas famílias. Desta forma, o sonho de Maria e José e os interesses de Jesus seriam plenamente realizados.

O espírito de família é uma característica da nossa espiritualidade e se o cuidarmos com seriedade e empenho, dando-lhe a devida importância, olhando sempre para a Sagrada Família, será um dos pontos fortes da Igreja. Hoje a família é prejudicada e ameaçada em várias frentes e nós, Oblatas, temos a tarefa de "vivê-la plenamente", na simplicidade, na humildade, na misericórdia, na laboriosidade, na colaboração, no respeito pelos serviços, na partilha e no amor fraterno. Se "vivemos" a família, por exemplo da Sagrada Família, seremos aquele fermento que faz ferver toda a massa e dela beneficiará a Igreja, toda a sociedade.





PASTORAL JUVENIL OSJ

Continuar a PRESENÇA PATERNO- EDUCATIVA de SAO, JOSÉ

Pe. Alfie Polistico, OSJ

I. Introdução

Esta é uma reflexão sobre a Pastoral Juvenil dos Oblatos de São José à luz da figura de São José como um judeu “temente”. A passagem de Mateus 1,18-25 será o ponto de referência bíblica para nossa reflexão. Para a interpretação da perícópe vou usar a chamada *Theory of Religious Awe* (Teoria do “temor religioso”), com a qual poderemos descobrir as virtudes que ajudaram a São José a cumprir sua missão de pai de Jesus. Depois disso, vou tentar mostrar que as mesmas virtudes são necessárias a nós Oblatos, para que possamos continuar a missão de São José como *pai e educador* para os nossos jovens e como verdadeiras testemunhas de fé.



II. “Temor” de São José: raiz de sua justiça, sabedoria e obediência

Mt 1, 1-19 diz: José, “porque era um homem justo e não queria acusá-la publicamente, decidiu despedi-la em segredo”. Este texto de Mateus sobre a decisão de São José de despedir Maria em segredo teve muitas interpretações. Três são as mais conhecidas: “Presunção de adultério”, “Incompreensão”, “fascínio religioso”¹.

a. Seu temor expressa justiça

Nil Giullemette SJ, um renomado biblista de hoje, apoia o argumento da "teoria do fascínio religioso" (teoria da experiência religiosa). Esta teoria sustenta que São José estava ciente da concepção virginal de Maria *antes* de o Anjo do Senhor revelar-lhe este mistério. E de acordo com a tradição dos judeus o "fascínio" ou "temor religioso" provoca em quem se encontra na presença de Deus o instinto de voltar atrás². Este gesto manifesta claramente a justiça e a equidade de São José.

Este tipo de justiça impede São José de considerar-se é digno de ter consigo Maria, sua esposa, e de apropriar-se do Messias como um pai³. É por isso que ele decidiu afastar-se de Maria; não porque ele pensasse que ela fosse uma adúltera, mas porque diante dela sente fortemente "o temor de Deus." Esta seria também a razão pela qual o anjo do Senhor lhe diz para não ter medo de tomar Maria, sua esposa, porque "a criança que nela foi gerada, de fato, vem do Espírito Santo" (Mt 1, 20).

b. Seu temor é o "princípio da Sabedoria" (Pv 1,7)

Em *Provérbios 1,7* encontramos o princípio-chave para compreender a sabedoria – o fundamento religioso de todos os caminhos espirituais: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; os insensatos desprezam a sabedoria e a instrução"⁴. O termo "princípio" pode significar "a parte essencial." Aqui, o temor não deve ser considerado no seu sentido usual, como um medo existencial; mas como fascínio profundo e suma reverência por Deus: aquilo que todos devem ter para manter-se vivo. Cada qual deve estar ciente de que há um Deus e que Ele considera cada pessoa responsável por suas ações⁵.

O temor de São José reflete claramente o temor de *Provérbios 1,7*. Este seu temor se manifesta sobretudo na sua justiça, que é precisamente o princípio da sabedoria. São José é o homem justo que conseguiu ver a ação de Deus em sua vida e, portanto, o seu agir será de acordo com a vontade de Deus. Esta conformidade com a vontade divina é um abandono radical de sua vida, no silêncio. Em Mt 1,19-20 encontramos a conexão com o "silêncio": "em segredo" (v.19) e "em sonho" (v.20). Estas palavras são usadas quando José se prepara para fazer uma escolha decisiva. Assim, podemos dizer que São José é um homem muito cauteloso, porque deixou que o Senhor falasse com ele no silêncio do coração.

c. Seu temor encontra cumprimento em sua obediência

"Quando acordou do sono, José fez como lhe havia ordenado o Anjo do Senhor" (Mt 1,24). São José aceitou o plano que Deus tinha preparado para ele. Sua obediência mostra que ele vive sua vida em obediência à vontade do Senhor. Aqui se pode dizer também que Jesus, como homem, aprendeu a obediência com José; e, conseqüentemente, isso significa que Jesus aprendeu com ele o caminho da justiça e da sabedoria, porque essas virtudes em São José estão intimamente ligadas à obediência.

São José não viu Jesus obediente até à morte na cruz, para cumprir a vontade do Pai. Mas talvez ele o tenha previsto e tenha-se unito à angústia e à dor do Filho: "Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! No entanto, não se faça como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26,39). Inspirado pelo exemplo de José, seu pai terreno, Jesus obedeceu à vontade do Pai no céu. Com sua presença e sua orientação paternal, José conseguiu transmitir a Jesus as virtudes da justiça e sabedoria, com as quais Jesus realizou o plano salvífico de Deus seu Pai.

III. Oblatos hoje: pais e testemunhas

a. Falando de forma aleatória?

Também os jovens de hoje precisam do catecismo, mas a nossa forma de ensinar-lhes é muito distante do mundo deles. E assim, muitos jovens ficam entediados quando falamos com eles sobre Deus. Para ajudá-los em suas vidas diárias, não precisa de grandes explicações doutrinárias ou de exegeses profundas. É muito mais valiosa a nossa presença: o nosso estar com eles, como figuras paternas e pontos de referência sinceros, verazes e credíveis.

b. Pais "como São José"

Quando estamos com eles, quando lhes falamos, ou vamos jogar e rezar com eles, podemos entender melhor as suas experiências, os seus problemas e dificuldades, os seus sonhos e desejos⁶. A nossa presença entre os jovens dá vitalidade e constrói a base do nosso



apostolado. Esta presença paterna torna-se educativa, porque está ancorada nas necessidades dos jovens deste tempo: "O homem contemporâneo escuta os testemunhos atuais e concretos muito mais do que as lições dos professores: escuta os professores apenas quando eles são verdadeiras testemunhas"⁷. Assim, para sermos verdadeiros apóstolos entre os jovens devemos primeiro tornarmo-nos testemunhas sinceras e coerentes.

Como Oblatos, para sermos verdadeiras testemunhas devem ser fiéis ao nosso carisma: servir aos interesses de Jesus como São José. Quero enfatizar a expressão "como São José". Se levamos a sério este carisma, devemos também ter o *temor* como São José. Ter esse temor significa imitar as virtudes de nosso santo patrono: justiça, sabedoria e obediência.

IV. Conclusão: A filosofia da educação de São José

Tudo isso sugere que a filosofia da educação de São José é baseada na *praxis*, na vida atual e prática. Mas isso não implica que não precisamos mais de teorias para educar os jovens: precisamos de teorias, é claro, mas o desafio para nós reside na forma como podemos transmitir e aplicar essas teorias na realidade da vida destes jovens. Teremos alcançado o verdadeiro sucesso no nosso apostolado se o testemunho de nossa presença servir para torná-los "virtuosos": jovens de fé, cheios de santo temor de Deus; jovens justos e obedientes. Se conseguirmos formar jovens assim, poderemos dizer que a nossa pastoral (feita de presença educativa) deu os seus frutos. Isso vai indicar que temos entre nós pessoas dispostas a servir os interesses de Jesus como São José.

NOTAS

¹ Para maior compreensão desta teoria, veja Nil Guillemette, *Your Heart's Treasure: Exploring Difficult Bible Texts*

(Pasay City: Paulines, 2010), pp. 73-98.

² *Ibidem*, p. 87.

³ *Ibid.*, p. 88.

⁴ Anthony R. Ceresko, *Introduction to Old Testament Wisdom: A Spirituality for Liberation* (Quezon City: Claretian Publications, 2000), 55.

⁵ Barry L. Bandstra, *Reading the Old Testament: An Introduction to the Hebrew Bible*, 3rd ed. (Wadsworth: Thomson, 2004), 442.

⁶ *Ibid.*

⁷ Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi* [Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Moderno], 8 de Dezembro de 1975, n. 41.

— S U M Á R I O —



**UM TEMPO DE OUVIR...
JOSÉ DE NAZARÉ NO SUSSURRO DE DEUS**

Pe. Michele Fiore, OSJ

9

**FÉ
A FUNDAÇÃO DO ESPÍRITO DE FAMÍLIA**

Pe. Gregory Finn, OSJ



JOSÉ: UM DE NOS

Pe. Alberto Barbaro, OSJ

12

**JOSÉ: SERVUS SERVORUM DEI
UM MODELO DE VIDA SACERDOTAL
& CONSAGRADA DE SERVIÇO**

Pe. Michael Odubela, OSJ



SÃO JOSÉ: O HOMEM LABORIOSO

Pe. John Atulli, OSJ

19

SÃO JOSÉ: ESPOSO DE MARIA

Pe. Matthew Spencer, OSJ

25



**SÃO JOSE: PROTETOR DA IGREJA UNIVERSAL
SESQUICENTENÁRIO DO DECRETO DE
“QUEMADMODUM DEUS”**

Pe. Sebastian Jacobi, OSJ



SÃO JOSÉ: MINISTRO DA SALVAÇÃO

Pe. José Antonio Bertolin, OSJ



SÃO JOSÉ: O EDUCADOR

Pe. Maximo Sevilla, Jr., OSJ



SÃO JOSÉ como GUARDIÃO

Pe. Aldrich Gamboa, OSJ



SANCTE JOSEPH: CUSTOS MISERCORDIAE

Pe. Alberto Antonio Santiago, OSJ



“CHAMA-LO-ÁS JÉSUS!”

Pe. Mauro Negro, OSJ





ESSE GRANDE MODELO DA VIDA POBRE & ESCURA

Pe. Mario Guinzoni, OSJ

58



FÉ, OBEDIÊNCIA, TRABALHO VIRTUDES DE UM FILHO DE SÃO JOSÉ

Pe. Alvaro De Oliveira, OSJ

69



A FESTA DOS SANTOS ESPOSOS NO ANO DE SÃO JOSÉ

vivida nas paróquias e em nossas casas religiosas

Pe. Alberto Antonio Santiago, OSJ

73



PRIMAZIA DA VIDA INTERIOR NA REDEMPTORIS CUSTOS

Pe. Jan Pelczarski, OSJ

77



VIVAMOS O ADVENTO COMO SÃO JOSÉ

Pe. Giocondo Bronzini, OSJ

83



SÃO JOSE NO NATAL DE JESUS

Pe. Ferdinando Pentrella, OSJ

85



SER OBLATOS... COMO SÃO JOSÉ

Pe. Francesco Russo, OSJ

88

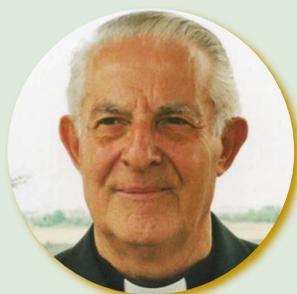


TOTUS TUUS

Um aprofundamento do Ato de Entrega escrito pelo nosso Pai Fundador

Pe. Francesco Russo, OSJ

92



O TRABALHO TEM UM LUGAR ESPECIAL NO EVANGELHO /

JESUS TRABALHOU NA CARPINTARIA DE SEU PAI

extrato de San Giuseppe e la redenzione del lavoro

Pe. Tarcisio Stramare, OSJ

100



SÃO JOSÉ & SÃO JOSÉ MARELLO

Pe. Paolo Re, OSJ

103



“ET VOCAVIT AD SE EOS. . . UT ESSENT CUM ILLO ET UT MITTERET EOS PRAEDICARE”

Pe. Michele Piscopo, OSJ

91

114

COMO SÃO JOSÉ MARELLO PREGAVA A SÃO JOSÉ?

Pe. Guido Miglietta, OSJ



117

OBLATOS DE SÃO JOSÉ

Pe. Guido Miglietta, OSJ

124

O CARISMO JOSEFINO MARELLIANO NO SEGUIMENTO DE CRISTO

Pe. Severino Dalmaso, OSJ



127

OBLATAS DE SÃO JOSE CUIDAM DOS INTERESSES DE JESUS A IMITAÇÃO DE MARIA & JOSÉ

Sr. Mariana Cortellino, OSJ

132

PASTORAL JUVENIL OSJ: CONTINUAR A PRESENÇA PATERNO- EDUCATIVO DE SÃO JOSÉ

Pe. Alfie Polistico, OSJ



APRESENTAÇÃO

— As Cartas do Padre Geral —

CARTA DE INDICÇÃO DO ANO DE SÃO JOSÉ

MENSAGEM DE INÍCIO DO ANO DE SÃO JOSÉ

CARTA PARA A SOLENIDADE DE SÃO JOSÉ MARELLO

St. Joseph - A Contemplative not just in Action

CARTA PARA A SOLENIDADE DO ESPOSO DA VIRGEM MARIA

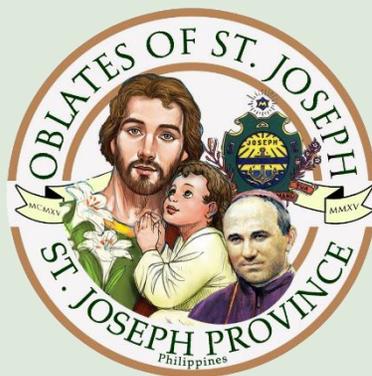
O Ano de S. José continua até 8 de Dezembro de 2020

CARTA PARA O ENCERRAMENTO DO ANO DE SÃO JOSÉ

ORAÇÃO DE SÃO JOSÉ MARELO A SÃO JOSÉ

*Diremos, portanto,
ao nosso Grande Patriarca:
Eis-nos todos para Ti
e Tu sê todo para nós.
Ensina-nos Tu o caminho,
sustenta-nos a cada passo,
conduze-nos
aonde a Divina Providência
quer que cheguemos.
Seja longo ou breve
o caminho,
plaino ou acidentado,
vejamos ou não
com nossos olhos a meta,
depressa ou devagar,
contigo estamos seguros
de andar sempre bem*





Accese este livro eletrônico através de

<http://osjphil.org>

o site oficial

dos Oblatos de São José

Provincia de São José

As Filipinas



*Confiemo-nos ao glorioso
São José, guia e mestre da
vida espiritual, modelo
inalcançável de vida
interior e escondida.*

Giuseppe Morillo